



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES – PPGEduc**

**CURSO PREPARATÓRIO SOCIAL NOVA IGUAÇU: MOBILIDADE  
SOCIAL, EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS.**

**FABIANA BARBOSA FERREIRA**

*Sob a Orientação do Professor*  
**Máximo Augusto Masson**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ  
Abril de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383c Ferreira, Fabiana Barbosa , 1983-  
Curso Preparatório Social Nova Iguaçu: mobilidade social, educação e políticas públicas / Fabiana Barbosa Ferreira. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2024.  
199 f.: il.

Orientador: Máximo Augusto Masson.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2024.

1. Nova Iguaçu. 2. Política Social. 3. Preparatório. 4. Mobilidade Social. 5. Educação. I. Masson, Máximo Augusto , 1957-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

**"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"**

**"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 402 / 2024 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.027035/2024-02

Seropédica-RJ, 07 de junho de 2024.

FABIANA BARBOSA FERREIRA

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/04/2024

Membros da banca:

MAXIMO AUGUSTO CAMPOS MASSON. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

RAMOFLY BICALHO DOS SANTOS. Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

FLÁVIA MONTEIRO DE BARROS ARAÚJO. Dra. UFF (Examinadora Externa à Instituição).

*(Assinado digitalmente em 09/06/2024 18:39 )*

FLÁVIA MONTEIRO DE BARROS ARAUJO  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 572.776.727-04

*(Assinado digitalmente em 07/06/2024 15:51 )*

RAMOFLY BICALHO DOS SANTOS  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)  
Matrícula: 1426576

*(Assinado digitalmente em 07/06/2024 16:14 )*

MAXIMO AUGUSTO CAMPOS MASSON  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 424.720.087-91

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>  
informando seu número: **402**, ano: **2024**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **07/06/2024** e o  
código de verificação: **3cde2604e1**

## **Dedicatória**

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que entendem a Educação como uma política de mudança social.

## AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos, tantas foram às pessoas que tiveram participações diretas ou indiretamente na construção dessa pesquisa, mas eu não poderia deixar de agradecer primeiramente a Deus pela oportunidade de está aqui e ter encontrado tantas pessoas em meu caminho que me promoveram felicidades, crescimentos e desafios. E, muitos outros virão, assim espero.

Agradeço aos meus amados pais Glória e Roosevelt por terem cuidado de mim (e ainda cuidam) durante todos os anos que estivemos juntos. À luz da minha vida, minha pequena Giovanna que veio junto ao percurso do Mestrado me mostrar que era possível ter tudo que queria de uma só vez!

Agradeço, também, ao professor Máximo Augusto Masson, a quem devo a gênese da minha atividade de pesquisa acadêmica, ao apoio e orientação que ofereceu para a construção do projeto cujo resultado se materializa aqui.

Aos surtos, conversas, catarses e lanches compartilhados com Ariane e Jane companheiras desses 24 meses. À Tatiane por no momento mais crítico ter segurado minha mão e dito, vamos lá, você não vai desistir!

À minha família, agradeço por ser meu porto seguro em tempos de tempestade. Do mais antigo laço de sangue ao mais recente laço familiar, meu profundo obrigado.

## RESUMO

FERREIRA, Fabiana Barbosa. Curso Preparatório Social Nova Iguaçu: Mobilidade Social, Educação e Políticas Públicas. 2024. 199p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

A pesquisa se concentra no Curso Preparatório Social Nova Iguaçu (CPSNI), examinando sua jornada na preparação para o ensino superior. Estabelecido em 2006 como uma iniciativa de política pública municipal, o CPSNI tem como objetivo ampliar o acesso ao ensino superior. A metodologia empregada inclui análise sociológica e investigação documental. O estudo procura entender o contexto político local e o desenvolvimento do projeto ao longo do tempo, fornecendo uma visão mais abrangente das políticas educacionais municipais e explorando a interação entre desigualdade social e acesso à educação em Nova Iguaçu. Por meio da aplicação de conceitos de Bourdieu, examinam-se as lacunas na formação e o impacto das políticas públicas na mobilidade social. Entrevistas e análise de documentos são empregadas para avaliar o impacto do CPSNI na comunidade.

**Palavras-chave:** Curso Preparatório Social Nova Iguaçu, desigualdade, educação, políticas públicas e acesso ao ensino superior.

## ABSTRACT

FERREIRA, Fabiana Barbosa. **Nova Iguaçu Social Preparatory Course: Social Mobility, Education and Public Policies.** 2024. 199p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

The research focuses on the Social Preparatory Course Nova Iguaçu (CPSNI), examining its journey in preparing students for higher education. Established in 2006 as a municipal public policy initiative, CPSNI aims to expand access to higher education. The methodology employed includes sociological analysis and documentary investigation. The study seeks to understand the local political context and the project's development over time, providing a more comprehensive view of municipal educational policies and exploring the interaction between social inequality and access to education in Nova Iguaçu. Through the application of Bourdieu's concepts, gaps in education and the impact of public policies on social mobility are examined. Interviews and document analysis are used to assess the CPSNI's impact on the community.

**Keywords:** Nova Iguaçu Social Preparatory Course, inequality, education, public policies, and access to higher education.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ANTF - Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários  
ARENA - Aliança Renovadora Nacional  
CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados  
CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro  
Cidadania - Cidadania  
CMNI - Câmara Municipal de Nova Iguaçu  
CPSNI - Curso Preparatório Social Nova Iguaçu  
ENCCEJA – Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos  
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
FAETEC – Fundação de Apoio à Escola Técnica  
IERP - Instituto de Educação Rangel Pestana  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IHGNI – Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu.  
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
MDB - Movimento Democrático Brasileiro  
MPE - Micro e Pequenas Empresas  
ONG – Organização Não Governamental  
PCdoB - Partido Comunista do Brasil  
PFL - Partido da Frente Liberal (atual DEM - Democratas)  
PHS - Partido Humanista da Solidariedade  
PL - Partido Liberal  
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PPS - Partido Popular Socialista (atual Cidadania)  
PR - Partido da República (atual Republicanos)  
PRB - Partido Republicano Brasileiro  
PROUNI - Programa Universidade para Todos  
PRTB - Partido Renovador Trabalhista Brasileiro  
PSB - Partido Socialista Brasileiro  
PSD - Partido Social Democrático  
PSDC - Partido Social Democrata Cristão  
PSL - Partido Social Liberal  
PSP - Partido Social Progressista

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado  
PT - Partido dos Trabalhadores  
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro  
PTC - Partido Trabalhista Cristão  
PTN - Partido Trabalhista Nacional (atual Podemos)  
PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira  
PV - Partido Verde  
Republicanos – Republicanos  
RPG – Role Playing Game (Jogo de Interpretação de Papéis)  
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
SEMED - Secretaria Municipal de Educação  
Solidariedade – Solidariedade  
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
UFF – Universidade Federal Fluminense.  
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
UNIG – Universidade Iguazu  
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
URG – Unidades Regionais de Governo  
UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação.

## LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

<b>Gráficos e Quadros</b>	<b>Página</b>
<b>Quadro 1- Divisão dos bairros da Cidade de Nova Iguaçu por URG</b>	<b>20</b>
<b>Quadro 2- Municípios e regiões limítrofes com Nova Iguaçu</b>	<b>24</b>
<b>Gráfico 1- Evolução populacional do município de NI entre 1779 a 1980</b>	<b>28</b>
<b>Gráfico 2 - Pirâmide etária do município</b>	<b>31</b>
<b>Quadro 3 – População economicamente ativa na cidade de Nova Iguaçu</b>	<b>32</b>
<b>Gráfico 3 – Emprego por setor econômico</b>	<b>33</b>
<b>Gráfico 4 – Vagas ofertadas</b>	<b>34</b>
<b>Gráfico 5 – Remuneração média</b>	<b>35</b>
<b>Gráfico 6 – Empregos por sexo e faixa etária</b>	<b>36</b>
<b>Quadro 4 – Prefeitos de Nova Iguaçu anteriores ao Regime Militar</b>	<b>38</b>
<b>Quadro 5 – Prefeitos após a redemocratização</b>	<b>40</b>
<b>Quadro 6 – Coligações e alianças partidárias</b>	<b>45</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA</b>	<b>Página</b>
<b>Figura 1- Mapa da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro</b>	<b>18</b>
<b>Figura 2- Mapa do Caminho da Terra Firme</b>	<b>23</b>
<b>Figura 3- Mapa dos municípios que se originaram de Nova Iguaçu</b>	<b>30</b>
<b>Figura 4 - Organização do PVSNI em 2006</b>	<b>74</b>
<b>Figura 5 - Estrutura interna de funcionamento do PVSNI em 2006</b>	<b>75</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. BAIXADA FLUMINENSE.....</b>	<b>17</b>
1.1 – Nova Iguaçu: Características históricas, demográficas e econômicas.....	21
<b>2. POLÍTICA IGUAÇUANA.....</b>	<b>37</b>
2.1- A influência do Chaguismo e Brizolismo no “jeito” de fazer política.....	41
2.2- O posicionamento da Igreja católica em Nova Iguaçu.....	43
2.3 – A criação do PT.....	46
2.4 – A ascensão do PT em Nova Iguaçu.....	48
<b>3. ESTADO, ESTRUTURA E POLITICA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU E CLAUS OFFE. CONTEXTO PARA CRIAÇÃO DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL NOVA IGUAÇU .....</b>	<b>54</b>
<b>4. REFLEXÕES SOBRE O CURSO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL NOVA IGUAÇU.....</b>	<b>71</b>
4.1 – Estrutura e Equipe do PVSNI.....	73
4.2 – Entrevista com ex-coordenadores.....	77
4.3 – A localização do PVSNI.....	83
4.4 – Entraves burocráticos.....	89
4.5 – Entrevista com egressos do curso.....	92
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>120</b>
<b>APENDICES.....</b>	<b>125</b>
Roteiro de Entrevista .....	126
Entrevista com coordenadora 1.....	127
Entrevista com coordenadora 2.....	133
Entrevista com coordenadora 3.....	145
Entrevista com aluno egresso 1.....	153
Entrevista com aluno egresso 2.....	160
Entrevista com aluno egresso 3.....	162
Entrevista com aluno egresso 4.....	167

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho almeja investigar a trajetória de um projeto de política pública municipal: o Curso Preparatório Social Nova Iguaçu - CPSNI. Um apoio pedagógico no formato de preparatório para participação em processos seletivos ao ensino superior e técnico de nível médio. A pesquisa que desenvolvemos se atém apenas à atuação do Curso na preparação para processos seletivos para ingresso no ensino superior.

O processo investigatório se relaciona às minhas memórias e vivências enquanto estudante e trabalhadora. Durante minha escolarização fui estudante da rede pública e apesar da qualidade encontrada na unidade em que estudava no ensino médio, Instituto de Educação Rangel Pestana - IERP, meu curso, Magistério, não me embasava o suficiente para prestar o vestibular.

Paralelamente ao terceiro ano do ensino médio, foi ofertada uma bolsa em curso pré-vestibular, a fim de melhor preparação para o vestibular. Estudava de manhã, realizava estágio remunerado à tarde e participava do curso preparatório à noite. Essa rotina durou três meses quando sucumbi ao cansaço e vi a universidade pública se distanciar da minha realidade, pois, enquanto estudante vinda de família sem grandes aportes financeiros, estar apta ao mercado de trabalho era prioridade, visto que poderia posteriormente realizar minha graduação em uma instituição privada, fato que veio a ocorrer. Após concluir o ensino médio, fui contratada em uma grande empresa do ramo educacional na Baixada Fluminense e tive a oportunidade de me graduar nesta mesma instituição, sob-regime de bolsa, em um curso correlato a minha atuação profissional: Pedagogia.

Após o término da graduação, por cinco anos busquei ingressar no funcionalismo público, obtendo a primeira matrícula com orientadora educacional no município de Araruama. Entre muitas idas e vindas, ainda moradora da Baixada Fluminense, em 2015 fui aprovada e chamada em concurso público do município de Nova Iguaçu, assumindo as atribuições de regente de turma. Em 2017 fui convidada a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação – SEMED, o que contribuiu para permanecer com ambas as matrículas.

Em Nova Iguaçu a minha atuação inicial na Secretaria foi no programa federal Mais Educação, em seguida participei da equipe de Orientação Educacional. No ano de 2021, fui desafiada ao novo, sendo apresentada e convidada a compor a equipe do Curso Preparatório Social Nova Iguaçu. Apesar de estar na rede desde a data citada acima e ter sido sempre moradora da Baixada Fluminense, desconhecia a atuação e alcance do projeto. Ao longo do

ano letivo de 2021 e início de 2022<sup>1</sup> me encontrei na condição de “entender” a trajetória do projeto e auxiliar na execução dele.

Pensar em atuar de forma que pudesse auxiliar os jovens e demais moradores a alcançarem o acesso à universidade pública trouxe um novo fôlego ao nosso trabalho. Ao desvendarmos um melhor detalhamento das características do projeto e seu desenvolvimento, verifiquei a existência dele há mais de 10 anos e apesar das mudanças no quadro político municipal e alterações na sua organização, tornou-se claro, para mim, que mais que um projeto pontual, a proposta do curso, na verdade se constituiu como política pública.

Ao longo das leituras dos relatórios e memórias das equipes que por ali já haviam passado e dado sua contribuição para a realização e manutenção do curso, veio à curiosidade de reconstruir, à luz da pesquisa, a trajetória do que estava conhecendo, considerando a minha anterior experiência de vestibulanda. Via a possibilidade de compreender às engrenagens políticas que em grande medida impactam na vida dos iguaçuanos, principalmente os advindos de classes populares.

O Preparatório Social Nova Iguaçu tem seu ato de criação no ano de 2006 e surge para complementar as ações afirmativas que já estavam em curso nas esferas estadual e federal. Ao mesmo tempo em que o município de Nova Iguaçu realizava um convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, para ofertar uma alternativa na preparação para as seleções ao ensino superior, o governo municipal também criava uma alternativa para os alunos ingressantes das universidades públicas, cotistas, se mantivessem em seus respectivos cursos recebendo uma bolsa auxílio pela atuação enquanto tutor/professor(a) do preparatório<sup>2</sup>.

No decorrer da trajetória do curso (e governos), a parceria com a universidade é rompida. Em 2009 a Secretaria Municipal de Educação – SEMED assume a organização administrativa e pedagógica do preparatório. A fim de compreender como o projeto se tornou uma política pública, buscamos analisar o contexto histórico, enfatizando as relações mais estritamente pertinentes ao campo político, além de acompanhar as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Para tal foi traçado como objetivo geral: Analisar o Curso Pré-Vestibular Social de Nova

---

<sup>1</sup> Em março de 2022 fui reconduzida a outra equipe, deixando de atuar com o Preparatório.

<sup>2</sup> À frente descrevemos as relações entre a concessão dessa bolsa e a participação dos beneficiados nos programas educacionais da prefeitura local.

Iguaçu (CPSNI) a partir de uma perspectiva sociológica, abordando diversos aspectos do programa, desde sua criação e parceria entre a UFRJ e a Prefeitura de Nova Iguaçu até as dinâmicas internas do curso. Como objetivo específico: Investigar a história de criação do município de Nova Iguaçu e sua política partidária ao longo do tempo e explorar a política pública: PVSNI como uma ferramenta de acesso à Educação Superior das classes menos favorecidas, compreendendo as estratégias, desafios e impactos sociais envolvidos.

Buscamos realizar breve contextualização histórica do município de Nova Iguaçu, empregando os dados referentes ao município de ordem econômica, demográfica, educacional a partir de fontes como órgãos públicos locais e nacionais. Com a intenção de caracterizar o quadro das relações políticas locais, em especial após o fim da ditadura militar, atentando particularmente para o ano de 2006, quando foi instituído nosso objeto de pesquisa.

Para além da revisão bibliográfica, realizamos uma abordagem documental, pois utilizaremos documentos específicos que versam sobre o preparatório sob as perspectivas de Minayo (2009). Como técnica de coleta de dados, utilizamos a amostragem por bola de neve, tendo em vista que estamos lançando mão de entrevistas mistas com sujeitos que participaram do Curso Social Preparatório Nova Iguaçu.

Deliberamos pela metodologia bola de neve por ser um método de amostragem orientada conhecida também por Snowball (LALLINDE, HERNAZ, SABOYA, 2004). Uma técnica utilizada para se transmitir informações e para obtenção de dados (VINUTO, 2014; LALLINDE, HERNAZ, SABOYA, 2004). A utilização mais comum ocorre em pesquisas ligadas ao campo de saúde para alcançar grupos de difícil acesso e/ou grupos em que não é possível precisar estatisticamente a quantidade. Não tão fácil de encontrá-los se não for por indicação, mas é tangível, devido à reação em cadeia utilizada para se chegar até a amostra de análise.

Esse tipo de método baseado na indicação de um indivíduo de um ou mais outros indivíduos é também conhecido como método de cadeia de referências. O processo começa de um certo número de sementes, pessoas selecionadas de alguma forma pelo pesquisador e fazem parte da população-alvo. Essas pessoas, por sua vez, são incumbidas de indicar a partir de seus contatos outros indivíduos para amostra. Segue-se assim sucessivamente, até que se alcance o tamanho amostral desejado. (Coleman, 1958 e Goodman, 1961)

A metodologia proposta para a execução em campo se deu após a leitura dos relatórios da UFRJ sobre os anos a frente do Curso Preparatório. Compreendemos que para completar

as lacunas que iam surgindo sobre o funcionamento nos recortes temporais, era necessária a visão dos sujeitos envolvidos no processo de construção e realização de cada etapa. Passamos então para a tentativa de conexão com os primeiros nomes constantes nos relatórios, que na metodologia bola de neve, intitulamos de *semente*, após algumas negativas, conseguimos que o antigo coordenador geral do curso conversasse conosco e ao término da entrevista, indicasse outro nome, assim, gerando a onda um, onda dois, etc.

Para tal, realizamos uma pesquisa na plataforma Lattes, chegando assim ao e-mail dos primeiros participantes. Ao descrever sobre o objeto da pesquisa, tivemos uma negativa e um aceite. O ex-coordenador que aceitou realizar a entrevista, auxiliou com contatos de outros atores sociais participantes do curso. No entanto, apesar do aceno positivo em participar, após diversas tentativas por dificuldades em conciliar agendas, a entrevista acabou não ocorrendo.

No entanto, a indicação realizada gerou uma entrevista com aluno(a) e outra com uma ex-coordenadora e assim, seguimos com os demais entrevistados. Devido a entraves burocráticos e apesar de diversas tentativas não foi possível entrevistar o antigo prefeito e atual deputado federal Lindbergh Farias – PT, bem como coordenadores do curso durante o período em que o PT esteve à frente do município.

Para atingir os objetivos da pesquisa elaboramos roteiros de entrevista que foram direcionados aos ex-alunos(as), e coordenadores, a fim de conhecer o PVSNI a partir do olhar e da experiência daqueles que vivenciaram o preparatório. Ocorreram também dificuldades em encontrar documentações do todo o período pesquisado.

Outra questão importante a ser pontuada é que nosso recorte temporal foi do ato de criação do preparatório (2006) até o final de 2022.

No primeiro capítulo, traremos um pouco da Baixada Fluminense e suas características, pensando sobre o macro da região. Seguido da história de criação do município de Nova Iguaçu, sua importância e versatilidade na migração dos ciclos de atividade econômicas ao longo do tempo, bem como o crescimento de sua população o que ocasionou a luta por melhorias e emancipações.

No segundo capítulo, retrataremos a história política do município de Nova Iguaçu, dando uma maior ênfase no período de “abertura política”, após o golpe militar, as alianças e formas de vivenciar a política, até a chegada do Partido dos Trabalhadores em Nova Iguaçu.

O terceiro capítulo é dedicado em pensarmos a pesquisa sob a ótica dos sociólogos Pierre Bourdieu e Claus Offe que contribuirão com conceitos, a fim de identificarmos as engrenagens que levaram a tomada de decisões e criação da política pública: PVSNI.

O quarto capítulo é dedicado a apresentar as entrevistas realizadas, o ponto de vista de cada participante e a importância que o PVSNI teve na trajetória individual de cada um. Realizada uma análise sobre o contexto e posicionamento desses sujeitos.

No quinto e último capítulo apresentamos a conclusão da pesquisa, correlacionando toda a trajetória apresentada desde a pesquisa bibliográfica até os dados obtidos nas entrevistas. Esperamos contribuir com uma análise dessa política pública que tem sobrevivido pelos diferentes governos municipais e que pode inspirar outros, novos, projetos para o município ou até mesmo melhorar a sua execução do presente. Não menos importante, que os demais municípios da Baixada Fluminense possam criar mecanismos eficazes em prol dos egressos do ensino médio.

## **1 - A BAIXADA FLUMINENSE**

Para o entendimento deste texto reunimos estratégias que pudessem direcionar os nossos olhares para diferentes aspectos da Baixada Fluminense, até que possamos apontar estes mesmos olhares para a cidade de Nova Iguaçu, sendo parte do pano de fundo na nossa pesquisa.

Na tentativa de apresentar um conceito sobre a Baixada Fluminense, não vimos um consenso sobre esta, onde os autores (AMARO, 2012; RODRIGUES; MAIA, 2009; MARQUES, 2002) não engessam a sua definição. Segundo Marques (2002, p.7), o conceito de Baixada Fluminense constitui-se em “expressão polissêmica e, de um modo geral, confunde-se a região com os conceitos elaborados”. A região pode ser tida de diferentes formas, dependendo do olhar da pesquisa ou do sujeito.

Entretanto, em uma perspectiva etimológica o dicionário Aurélio traz uma definição mais cerceada (MARQUES, 2002, p. 7):

Segundo o dicionário Aurélio, baixada significa “planície entre montanhas, já fluminense origina-se do latim, flumen, que significa “rio”; designação muito próxima da de “iguassu”, que em tupi significa “muita água”. Esta designação já era utilizada pelos nativos da região antes da chegada dos europeus e, provavelmente, pelo Rio Iguaçu contar, em seu entorno, com muitas áreas alagadiças.

Percebemos assim que antes da divisão da Baixada que apresentaremos a seguir, a região já possuía uma memória histórica pautada na geografia local devido às suas características peculiares.

Em consonância para, Santana *et al* (2013, p. 4) a região batizada como Baixada Fluminense está “relacionada a própria configuração do relevo da região. Uma área plana, rebaixada em relação ao nível do mar ou quando comparada com o seu entorno, com grandes quantidades de água, se localizando da Serra do Mar”

Atualmente a Baixada Fluminense integra a região metropolitana do Rio de Janeiro ficando a uma distância de 20,4 km da capital (em linha reta). Sua composição conta com 13 municípios. São eles: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti, e Seropédica (SEBRAE, 2016, p. 8).

Vemos no mapa abaixo a divisão atual da região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e mais à frente vamos atentar para a seção da Baixada Fluminense:

Figura 1: Mapa da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/docannexe/image/13591/img-2.jpg>

Podemos observar por meio do mapa que dentre os municípios que compõem a região da Baixada, em extensão territorial Nova Iguaçu tem a maior área, ficando em segunda posição o município de Duque de Caxias. Tais municípios se destacam pela sua dimensão geográfica e apresentam respectivamente uma área de 520.581 km e de 467.319km (IBGE, 2021).

Acerca da sua população, a região da Baixada em 2016 era estimada em 3,7 milhões de pessoas, o que significava 23% da população do estado do RJ. (SEBRAE, 2016, p.8). Após quatro anos, em 2020, a população cresce para 3.908.510 pessoas o que significa um aumento de 5,33%. Podemos avaliar como um crescimento baixo, contudo, devemos aqui compreender que esse baixo crescimento, significa mais 208.510 habitantes na região (OBSERVATÓRIO DO TRABALHO, 2021).

Contudo, queremos chamar a atenção para as características de cunho social, que de alguma maneira justificariam a iniciativa governamental de criação do Curso de Pré-Vestibular Social a ser mencionado mais à frente.

Santana *et al* (2013), se refere à Baixada como espaço abandonado pelo setor público, constituindo-se em cenário com características bastante peculiares de pobreza e baixo desenvolvimento.

Em relação aos aspectos sócios econômicos, há um longo e persistente histórico de abandono, falta de condições básicas de sobrevivência e o difícil acesso as necessidades essenciais para o desenvolvimento da população e isso tem feito com que alguns municípios dessa região apresentem os piores níveis de desenvolvimento de todo o Estado do Rio de Janeiro.

Tal descaso com a Baixada Fluminense que existe desde outrora favorece a propagação de violência. As demais motivações, dentre a falta de acesso às condições dignas oportuniza a entrada em ações criminosas, o que contribui para caracterização da região de forma emblemática como aparece em manchetes de jornais e chamadas de telejornais, ou seja, como uma área pobre, violenta e perigosa, como as periferias de capitais como o Rio de Janeiro.

Enfatizamos que enquanto o centro dos municípios que compõem a Baixada Fluminense, conta com uma melhor estrutura de serviços (saneamento básico, hospitais, escolas, pavimentação, entre outros), e habitados em sua maioria por camadas baixas de pequenos burgueses, servem tão somente como passagem para os demais moradores que realizam baldeações retornando assim para suas residências, em bairros mais afastados. Estes além de mais populosos apresentam uma situação inversa favorecendo dicotomia interna aos próprios municípios.

Notícias de violência veiculam as mídias e trazemos como exemplos: referente à Duque de Caxias: “Conhecida pelos altos índices de criminalidade, município registra três vereadores assassinados neste ano”, publicada na revista digital Isto É (2021); Acerca de Belford Roxo, “Dono de Barbearia é morto a tiros em Belford Roxo” publicado no Jornal

Digital Notícias de Belford Roxo (2022); Sobre Nova Iguaçu: “Homem é assassinado após discussão em Nova Iguaçu, PM é investigado por suspeita de crime” (2022).

Em análise Alves (2019) salienta a Baixada como palco de violência e também fundamenta suas pontuações na condição periférica da metrópole ressaltando a política e a violência como termos indissociáveis. Ainda acrescenta que a população da região da Baixada Fluminense reside em cidades tidas como dormitórios, ou seja, é preciso deslocar-se “pra fora” dos municípios que compõem a Baixada para melhores oportunidades. Não obstante, Alves (2019) nos propõe a pensar sobre a cidade de Nova Iguaçu que é atravessada pela linha ferroviária Central do Brasil, a qual é o principal meio de deslocamento da população da classe popular até a capital.

Hoje a cidade de Nova Iguaçu conta com nove Unidades Regionais de Governo (URG) divididas da seguinte maneira, como no quadro abaixo:

<b>URGs</b>	<b>BAIRROS</b>	<b>Área Total</b>
I – Centro	Bairro da Luz, Califórnia, Caonz, Centro, Chacrinha, Engenho Pequeno, Jardim Iguaçu, Jardim Tropical, Moquetá, Prata, Rancho Novo, Santa Eugênia, Viga, Vila Nova, Vila Operária	40,0877 km
II – Posse	Ambaí, Bairro Botafogo, Carmary, Cerâmica, Kennedy, Nova América, Parque Flora, Ponto Chic, Posse, Três Corações	15,8682 Km
III – Comendador Soares	Comendador Soares, Danon, Jardim Alvorada, Jardim Nova Era, Jardim Palmares, Jardim Pernambuco, Ouro Verde, Rosa dos Ventos	13,089 km <sup>2</sup>
IV – Cabuçu	Cabuçu, Campo Alegre, Ipiranga, Lagoinha, Marapicu, Palhada, Valverde	74,56 km <sup>2</sup>
V – KM 32	Jardim Guandu, Km 32, Paraíso, Prados Verdes	30,4140 km <sup>2</sup>
VI – Austin	Austin, Cacua, Carlos Sampaio, Inconfidência, Riachão, Rodilândia, Tinguazinho, Vila Guimarães	33,8348 km <sup>2</sup>
VII – Vila de Cava	Corumbá, Figueiras, Iguaçu Velho, Rancho Fundo, Santa Rita, Vila de Cava	30,8867 km <sup>2</sup> .
VIII – Miguel Couto	Boa Esperança, Geneciano, Grama, Miguel Couto, Parque Ambaí	16,6876 km <sup>2</sup>
IX – Tinguá	Adrianópolis, Jaceruba, Montevidéu, Rio d'Ouro, Tinguá	253,294 km <sup>2</sup>
Fonte: <a href="http://www.cmni.rj.gov.br/wp/nova-iguacu/mapa-da-cidade/">http://www.cmni.rj.gov.br/wp/nova-iguacu/mapa-da-cidade/</a>		

As 9 microrregiões de Nova Iguaçu têm por objetivo oficial possibilitar melhor atendimento às necessidades da população das respectivas áreas pelos serviços públicos e, a princípio, permitir que todos tenham acesso mais igualitário a esses serviços.

Apesar de ainda ser o maior município da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu já possuiu uma maior extensão. Podemos dizer que o desmembramento de Nova Iguaçu apresenta duas fases. Uma ainda na primeira metade do século XX, quando surgiram os municípios de Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti e outra a partir das duas últimas décadas do século XX quando se tornaram independentes os antigos distritos de: Belford Roxo, Mesquita, Queimados, Japeri e Paracambi.

### **1.1 – Nova Iguaçu: Características históricas, demográficas e econômicas.**

As ocupações das margens do rio Iguaçu, remontam a meados do século XVI (1565), quando “Estácio de Sá<sup>3</sup> doou uma sesmaria às margens do rio Iguaçu a Cristóvão Monteiro, primeiro ouvidor geral do Rio de Janeiro, por este ter se destacado na luta para a expulsão dos franceses” (RODRIGUES, 2006, p.23 *apud* LAZARONE, 2001; PRADO, 2000). Contudo, com o falecimento de Cristóvão Monteiro, sua esposa doa aos padres beneditinos as terras herdadas.

Os religiosos foram ampliando sua aquisição de terras ao entorno da doação recebida, aumentando assim seu território, originando a fazenda Iguassú. O território passa a ser explorado mediante o cultivo da cana-de-açúcar, para produção de açúcar e aguardente e o plantio de produtos para a subsistência regional, como cita Oliveira, (2010, p.29).

Tendo tido seu território ocupado por colonizadores portugueses a partir da segunda metade do século XVI, ainda durante a guerra luso-francesa pela posse da Baía do Rio de Janeiro, a região do rio Iguaçu, no Recôncavo da Guanabara, na qual viria a se localizar a hoje extinta freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçu, foi dividida em sesmarias, distribuídas a partir de 1565 [...]. Desde então, serviu aos propósitos dos portugueses e descendentes com duas funções estratégicas: abastecimento de alimentos e outros artigos necessários à cidade do Rio de Janeiro.

A ocupação da região era definida pela produção de cana de açúcar, a qual exigia número expressivo de trabalhadores devido ao curto período entre plantio e colheita da

---

<sup>3</sup>Apesar de Rodrigues, 2006, trazer Estácio de Sá como doador das terras Sesmarias, os ANAIS da Biblioteca Nacional (1973), anunciam como doador Mem de Sá.

produção. Como em outras áreas de produção canavieira esses trabalhadores eram escravos, indígenas ou africanos.

Acerca das atividades econômicas, segundo João Fragoso (OLIVEIRA, 2010), o século XVII foi marcado pela continuidade da produção agrícola, todavia, destacamos o protagonismo do transporte fluvial, devido à distribuição das mercadorias por meio de embarcações que atracavam as margens do rio Iguaçu.

Devido à extensão territorial e a ocupação dos religiosos, no início do século XVIII, Iguassú passa a ser considerada Freguesia<sup>4</sup> curada, que significa, um distrito sob a tutela de padres regulares. No século XVIII, como em grande parte do que é hoje o Estado do Rio de Janeiro, a Freguesia, que em meados do século passou a ficar sob a administração da Cúria da cidade do Rio de Janeiro devido à expulsão dos jesuítas, permaneceu tendo como principal produto econômico a cana de açúcar. Rodrigues (2006) apresenta um panorama acerca da distribuição desta produção em 1799, tendo ela: 616 engenhos de açúcar e 253 engenhos de aguardente, localizados entre Recôncavo da Guanabara, Baía da Ilha Grande, Cabo Frio e Campos dos Goitacazes.

É importante ressaltar que devido à produção canavieira grande parte da população local era escrava, apesar da existência de trabalhadores livres atuando em determinadas atividades de maior especialização, conforme aponta Oliveira (2010):

De qualquer modo, apesar das divergências, estima-se que na freguesia de Iguassú, em fins do século XVIII, houvesse uma população considerável de escravos (26.5% a mais que livres), ainda que não sejam conhecidos os verdadeiros números. Da mesma forma, sobre os forros há o mesmo problema de quantificação, uma vez que estavam incluídos, sem distinção, na contabilização dos livres. Além disso, ao contrário da maioria dos cativos, que trabalhavam nas fazendas e que, em geral, em virtude de suas atividades agrícolas, permaneciam estacionados nas terras onde viviam, com algumas exceções, obviamente, os forros tinham uma liberdade de locomoção mais facilitada por sua condição de libertos, se deslocando de acordo com as necessidades da realização de suas atividades e ofícios.

Os trabalhadores livres, com maior capacidade de movimentação por diferentes espaços, estavam distribuídos por diversos ofícios, fossem em portos – como marinheiros, carregadores e outros trabalhos, em engenhos como mestres e outras funções especializadas.

No início do século XIX, quando da independência brasileira, se iniciou a construção da Estrada Real do Comércio (1822), para escoamento da produção do interior fluminense,

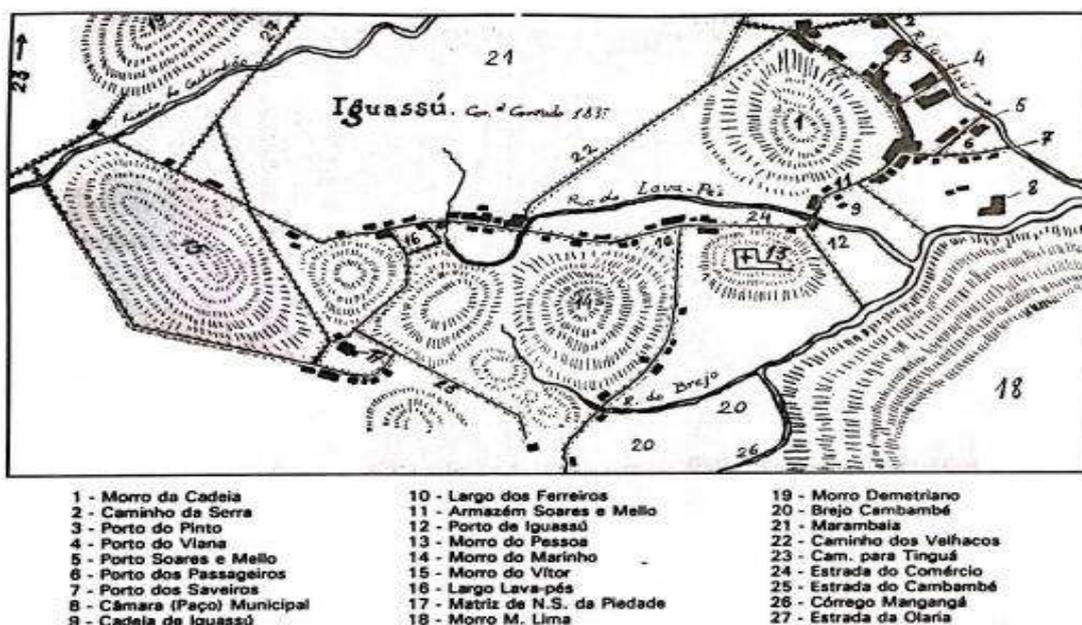
---

<sup>4</sup> Em algumas literaturas a Freguesia é nomeada sendo Nossa senhora da Piedade (CMNI, 2000).

inclusive café que passaria a ser o principal produto agrícola. Através dela era possível realizar a distribuição interna, bem como a exportação.

Em 1833 ocorre um importante marco histórico para a região, às margens do Rio Iguassú é criado o município Iguassú, através do documento nº 10, assinado por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (CMNI, 2000, documento on-line); “Ele surgiu a partir da Vila de Iguassú – uma localidade que desde o século XVIII era utilizada como pouso de tropeiros que faziam o Caminho de Terra Firme” (NOVA IGUAÇU, 2022, documento on-line; CMNI, 2000, documento on-line). Este era um dos “Caminhos” que ligavam o Rio de Janeiro, através da Serra do Mar, à região de exploração aurífera em Minas Gerais. O Caminho da Terra Firme passava pelo Engenho de Maxabomba, onde hoje fica a sede do município de Nova Iguaçu. Alguns dos pontos de parada usados pelos viajantes que se dirigiam a Minas foram posteriormente utilizados pela ferrovia Central do Brasil já em meados do século XIX.

O mapa abaixo ilustra o caminho:



Fonte: CMNI, 2000, p.13

Sinalizamos ainda que o *status* de Vila para Município se deu a partir do destaque na hidrovia e ferrovia (que veremos mais adiante) (IPATRIMÔNIO, S/D). Não obstante, ressaltamos que o território era dividido da seguinte forma: a sede (freguesia de Iguaçu), Inhomirim, Pilar, Santo Antônio da Jacutinga, São João de Meriti e Marapicu

(RODRIGUES, 2006). Acerca dos espaços limítrofes, podemos acompanhar no quadro abaixo os municípios por regiões:

Quadro 2: Municípios e regiões limítrofes com Nova Iguaçu.

<b>Municípios</b>	<b>Regiões</b>
Paraíba do Sul; Freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Alferes e de Sacra Família de Tinguá (integrantes do município de Vassouras)	Norte e Noroeste
Freguesias de Irajá e de Campo Grande	Sul
Baía da Guanabara ou Baía do Rio (flumen) de Janeiro; Freguesias de São Nicolau de Suruí (Sururuí) e de Nossa Senhora da Guia Pacobaíba (integrantes do município de Magé)	Leste
Município de Itaguaí	Oeste

Fonte: CMNI, 2000, p.11 *apud* FORTE, 1933.

A primeira estrada ferroviária (Estrada de ferro Mauá) veio a ser implantada em 1854, ela tinha como objetivo reduzir o tempo gasto na escoação da produção no percurso de 14,5 km entre a região de Porto Mauá à Frágoso, localizado no município de Magé. Além disso, a partir de então a Estrada de Ferro Mauá favorece a ampliação da malha ferroviária e em paralelo há a ocupação da população urbana as suas margens. Acerca da ampliação da malha ferroviária queremos chamar atenção para a Estação Ferroviária D. Pedro II concluída em 1858, onde ligava o Rio de Janeiro a Queimados (ainda pertencente à Nova Iguaçu), posteriormente, sendo chamada de Estação Ferroviária Central do Brasil (ANTF, 2022).

“Fatores como crescimento da produção e exportação de café, aumento populacional e expansão ferroviária tornaram-se elementos indissociáveis, formando um espiral crescente: otimização do frete, intensificação da produção, ampliação da mão de obra escrava”, segundo Augusto (2018, p. 1155). Passando assim a produção cafeeira fluminense por um período áureo, o que é reforçado por Oliveira (2006, p.31): “[...]foi o resultado da boa combinação da abundância de terras de boa qualidade, bem localizadas e associada a uma oferta ilimitada de mão-de-obra, inicialmente escrava e posteriormente livre com salários relativamente baixos”.

Essa situação apresenta pontos positivos, embora posteriormente mudanças estruturais venham a ocorrer na região. De toda maneira, encontramos diferenciações crescentes no interior da região, conforme assinala Amaro (2012): “Foi um momento de decadência em várias áreas por onde o trem não passava, mas foi também o começo do processo de surgimento de vilas e povoados que se organizaram ao redor das estações ferroviárias, origem de muitos bairros e de cidades atuais da Baixada Fluminense”.

A presença da ferrovia foi fator importante para a transferência da sede do município para Maxambomba, região da Estrada de Ferro Central do Brasil no final do século XIX, deixando as proximidades do rio Iguaçu (RODRIGUES, 2006). O Ato ocorreu no paço da intendência municipal em 20 de junho de 1891, quando o então governador do estado do Rio de Janeiro, Francisco Portella instala a cidade de Maxambomba, como sede do município. Segundo Rodrigues (2006, p. 38):

Fatores entre os quais a falta de mão-de-obra, pois os produtores fluminenses, diferentemente dos produtores do Oeste paulista, não encontraram uma solução de curto prazo para substituir a mão-de-obra escrava que rareava e também tornara-se inviável economicamente e o desgaste do solo que afetou a agricultura de modo geral.

Nesse sentido, a produção econômica da região, particularmente de Nova Iguaçu, em crise com o declínio do café progressivamente terá novamente um período de crescimento a partir do início do século XX quando as terras da região serão ocupadas por laranjais. Contudo, a mudança no cultivo de café para laranjas não se deu de forma repentina, houve um período de decadência econômica relativamente prolongada, de aproximadamente 30 anos. Segundos Rodrigues (2016, p.39): *“quando este [ o café] entrou em decadência, as fazendas que abrigavam as plantações substituíram essa cultura por outras de subsistência, como feijão, a mandioca e o milho, ou foram abandonadas”*.

O cultivo de laranjas seria favorecido pelas condições de relevo e clima e fatores relacionados às possibilidades de escoamento da produção. Segundo Souza (2016), variáveis como a textura arenosa do solo, o terreno não acidentado, temperatura e pluviosidade adequadas contribuíram para a peculiaridade no sabor, coloração e aroma. Por sua vez, Rodrigues (*opus* citado), além de informar que o plantio de laranjas já era anterior no Rio de Janeiro, iniciado em áreas hoje pertencentes ao município de São Gonçalo, passou a crescer em Nova Iguaçu a partir dos últimos anos do século XIX e para isto além dos aspectos mencionados por Souza, contribuiu para o desenvolvimento dos laranjais a presença de uma rede de transporte já existente e o apoio governamental:

Fatores logísticos como a proximidade com os principais mercados consumidores (os do Rio de Janeiro e São Paulo), e a proximidade com a estrada de ferro, que possibilitava o escoamento da produção e o apoio governamental tanto à produção como à exportação, fez com que a região fosse considerada ideal para o seu plantio.

Embora não tenha havido grandes alterações estruturais quanto à propriedade fundiária, mantendo-se o tradicional predomínio da grande propriedade, algumas mudanças ocorreriam em função inclusive do abandono de partes das antigas fazendas do período da cafeicultura ou mesmo da cana de açúcar pelos seus antigos proprietários, originando áreas devolutas que décadas depois seriam objeto de grilagem. Assim, os mesmos territórios que foram utilizados para o plantio de cana e depois do café, seriam destinados ao cultivo das laranjas. Mas dado o anterior período de declínio anterior da região, o estabelecimento da produção de laranjas ensejou o arrendamento pois nem todos os proprietários das grandes fazendas possuíam recursos suficientes para o desenvolvimento da nova lavoura, o que contribuiu para um novo movimento populacional em direção à região, algo também favorecido pela, a princípio, possibilidade de ocupar áreas abandonadas.

As novas relações econômicas oriundas do cultivo de frutas cítricas foi um novo fôlego para o desenvolvimento da região, atraindo novos trabalhadores para a citricultura e, conseqüentemente, aumentando a população de forma expressiva.

Devemos ressaltar que a citricultura trouxe impactos positivos na economia para além de Nova Iguaçu. Ou seja, o município foi protagonista no desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro no campo da agricultura das laranjas, quando os portos do Rio de Janeiro passam a escoar o produto produzido nas terras de Nova Iguaçu. Tal destaque na produção compreendeu o período entre 1920 a 1940 que ficou conhecido como idade de ouro na cidade.

Como menciona Souza (2016, p. 173) “a laranja definitivamente entrou na lista de consumo das famílias, no Brasil e no exterior”. Entretanto, inicialmente, o seu plantio ocorria “nos arredores da cidade, estendendo-se pelas encostas da Serra de Madureira, desde Mesquita até Cabuçu, Ipiranga e Marapicu, e pela grande planície até as proximidades da Serra de Tinguá” (RIBEIRO, 2021, p. 460).

Durante a “idade do ouro” o cultivo dos laranjais ocorria predominantemente nas seguintes fazendas: Madureira, Morro Agudo, Tinguá e São José, que por seguinte desdobraram-se em porções menores denominadas de chácaras (BRITO, 2016, p.3). Os hectares eram destinados ao plantio dos pomares, entretanto, segundo Souza (1992) havia

ocasiões em que o empregado tinha a permissão para morar e cultivar na propriedade desde que fosse apenas para consumo.

Durante esse período, o município buscou organizar a infraestrutura com o objetivo ter melhor escoamento do produto e, oferecer melhores condições aos moradores. Entre os investimentos eram levados em conta a construção de estradas bem como a sua manutenção, como por exemplo, a construção da Rodovia Washington Luís (BR 135); a estrada Rio São Paulo (BR 116); Avenida Automóvel Clube (RODRIGUES, 2006). Junto a isso se considerava também o acesso ferroviário.

A expansão do cultivo nas chácaras demandava maior número de mão de obra, que por consequência aumentava o conjunto populacional, exigindo assim a valorização do território. Sobre a mão de obra, Souza (1992, p. 61) menciona que “os chacreiros<sup>5</sup> empregavam a parceria e trabalhadores assalariados, temporários e permanentes”. Com a grande produção de laranjas na cidade, Nova Iguaçu chegou a representar 34% da produção nacional no ano de 1938 (CASTRO, 2012). Com esta produção expressiva queremos direcionar o olhar para a contribuição na expansão demográfica no município.

Compreendemos que devido ao crescimento dos laranjais em Nova Iguaçu, os trabalhadores que atuavam no cultivo bem como no processo industrial em grande medida residiam em distritos da cidade. As atividades ligadas à monocultura não eram restritas apenas ao plantio do fruto, muitos trabalhadores atuavam na segunda etapa da produção que seria o *packing houses* (SOUZA, 2016, p.186)

Os Packing Houses eram barracões onde se estabelecia um interessante e importante processo da produção citrícola, o beneficiamento dos frutos. Operavam em média, cerca de cem pessoas, entre homens, mulheres e crianças, constituindo um importante mercado de trabalho para a cidade (SOUZA, 1992, p. 58). Nessas instalações, a laranja era processada e beneficiada, ato que começava desde a lavagem dos frutos (alguns frutos chegavam bastante sujos, devido ao manuseio da colheita e transporte), onde depois de lavados, eram secos pela ação de poderosos ventiladores. Após esses processos iniciais, a laranja era escovada por uma maquinaria apropriada e por fim, separadas, classificadas de acordo com seu aspecto, tamanho e qualidade, para assim serem embaladas e encaixotadas.

Devido a excelente fase econômica do município em função da citricultura, ocorre um processo migratório em busca de oportunidades de trabalho. Existia diversos postos de trabalho nos diferentes setores da produção.

---

<sup>5</sup> Chacreiros eram os produtores locais de médio e pequeno porte, entretanto, também se denominavam chacreiros não só os proprietários, mas sim os arrendatários e parceiros “que viviam com suas famílias 2.5 chácaras de laranja, cujas dimensões variavam de 2,5 a 100 hectares, variando [...] (SOUZA, 1992, p.60 apud MENDES, 1950).

O período da idade de ouro dos laranjais sofre influências de acontecimentos históricos mundiais, impactando diretamente no desenvolvimento econômico. Segundo Rodrigues (2006) a interrupção no escoamento do produto mediante os possíveis ataques decorrentes da segunda guerra mundial, contribuiu significativamente para o declínio da citricultura.

Em decorrência, podemos citar a falta de embarcações frigoríficas, devido a possibilidade de ataque, esses navios eram equipados com máquinas de refrigeração que mantinham a carga na temperatura ideal até que chegasse ao seu destino, armazenando o produto durante o trajeto marítimo; Outro fator que contribuiu foi a deficiência no transporte rodoviário devido à crise do combustível. Tais situações contribuíam para que as laranjas apodrecessem no pé e posteriormente, sofressem com a praga da “mosca do mediterrâneo”, uma praga que atacou os laranjais devido à sobrecarga nos mesmos e, por conseguinte apodrecimento da fruta. Os agricultores sem conhecimento técnico não sabiam como prevenir e combater a praga, impedindo a recuperação dos pomares mesmo ao fim da segunda guerra. (RODRIGUES, 2006). Ainda podemos elencar a concorrência de países produtores da zona do Mediterrâneo, no pós-guerra (países africanos ainda colônias europeias), além da distância entre o Brasil e a Europa ocidental principal mercado consumidor de laranjas.

Retomando ao crescimento populacional, devido à demanda por a mão-de-obra para os laranjais, o gráfico abaixo demonstra o expressivo aumento demográfico, o que requeria um planejamento por parte do município sobre condições mínimas de acesso e permanência da população na localidade.

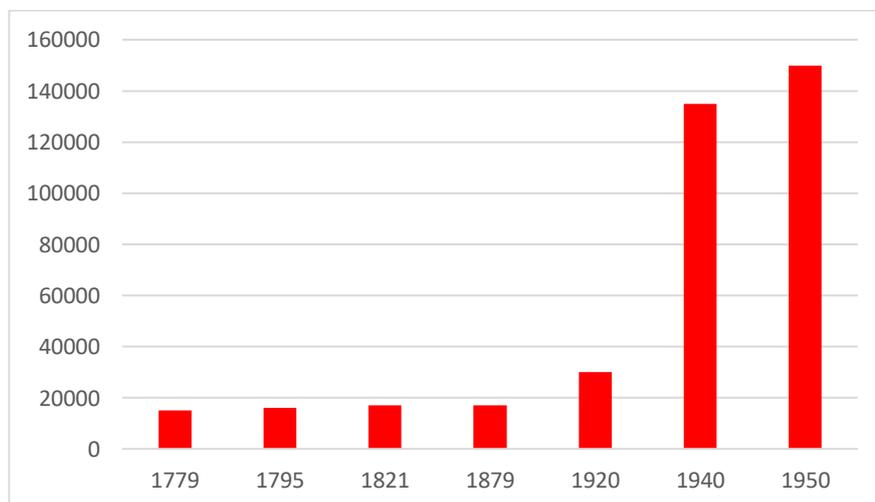


Gráfico 1 – Evolução populacional do município de Nova Iguaçu, 1779 – 1950.  
Fonte: PEREIRA, 1977.

Em observância aos anos de 1920 e 1940 temos um crescimento populacional aproximado de 78%, ou seja, uma população de 30.000 passa para 135.000 habitantes. Compreendemos que os trabalhadores em grande medida eram obrigados a cumprir uma extensa carga horária de trabalho<sup>6</sup>, logo se tornaram moradores da região.

Maia e Rodrigues (2016) salientam que devido ao crescimento populacional na região de Nova Iguaçu e à falta de estrutura básica nos bairros mais afastados ensejaria a onda emancipatória que levou a transformação dos distritos de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis iniciou a partir de 1943, em novos municípios da Baixada.

Em 1950 a população apresenta acréscimo de 15.000 habitantes, em relação a década anterior, efeito da intensificação do processo de industrialização do país, especialmente na região sudeste no triângulo São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Com os postos de trabalho avançando no setor industrial, como por exemplo, a instalação da indústria Bayer na mesma década, cresce o interesse pela cidade como passou a ocorrer em toda Baixada Fluminense, região que se tornaria local de moradia para os numerosos segmentos de trabalhadores urbanos ligados diretamente ou indiretamente às novas indústrias que se instalavam. Como assinala Rodrigues (2006, p. 56-57):

a década de 50 marca também a vinda de uma massa de migrantes que teve como destino os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, na procura das oportunidades oferecidas por esses empreendimentos. Essa massa populacional buscou moradia na periferia imediata dados os altos preços impostos pelo mercado imobiliário nas capitais. No caso fluminense a exclusão desta população de baixa renda fez com que ela se dirigisse às cidades da Baixada Fluminense transformando-as em cidades dormitório.

Considerando o declínio da citricultura e as alternativas para uma nova economia, esta passaria a se basear no setor industrial, devido ao município de Nova Iguaçu ter sua localização geográfica muito próxima do Rio de Janeiro. Como antes mencionado, os distritos mais afastados da sede passam a reclamar por serviços públicos que atendessem à demanda social local, por exemplo: saneamento básico e saúde. Nova Iguaçu se configurava uma estrutura municipal do tipo núcleo-periferia, onde a maior parte dos recursos disponíveis estaria a disposição da sede enquanto a periferia (distritos e bairros mais distantes) se tornaria cada vez mais carente dos serviços essenciais. Devido ao não atendimento a demandas das populações de alguns distritos, Nova Iguaçu vivenciou sua

---

<sup>6</sup>A carga horária de trabalho era de 12 horas ou mais antes do início da década de 1930, ou seja, antes da instituição da reforma trabalhista feita pelo governo varguista (SENADO, 2007).

primeira onda emancipatória política-administrativa, surgindo através de seu território outros três municípios: Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. Em 1947, são criados dois novos municípios: São João de Meriti e Nilópolis.

Já a segunda onda de emancipações foi iniciada por Belford Roxo em abril de 1990, seguido de Queimados, que se emancipou em dezembro do mesmo ano. Japeri, por sua vez, emancipou-se de Nova Iguaçu em dezembro de 1991. E por fim, Mesquita findou a onda de emancipações em setembro de 1999 (CMNI, 2000). Esta segunda onda emancipatória não resulta de processo de crescimento econômico nacional ou local. Ao contrário, o processo recessivo que marcaria a década de 1980 implicaria em maiores dificuldades de atendimento a demandas da população possibilitando que grupos políticos presentes nos distritos do município apresentassem a “bandeira da emancipação” como meio para a elevação da condição de vida da população desses distritos, algo que não veio concretamente a ocorrer, mesmo após a criação dos novos municípios.

Dessa maneira, sete novos municípios se originam de Nova Iguaçu conforme o mapa descrimina na Figura abaixo:

Figura 3: Mapa dos municípios que se originaram de Nova Iguaçu.

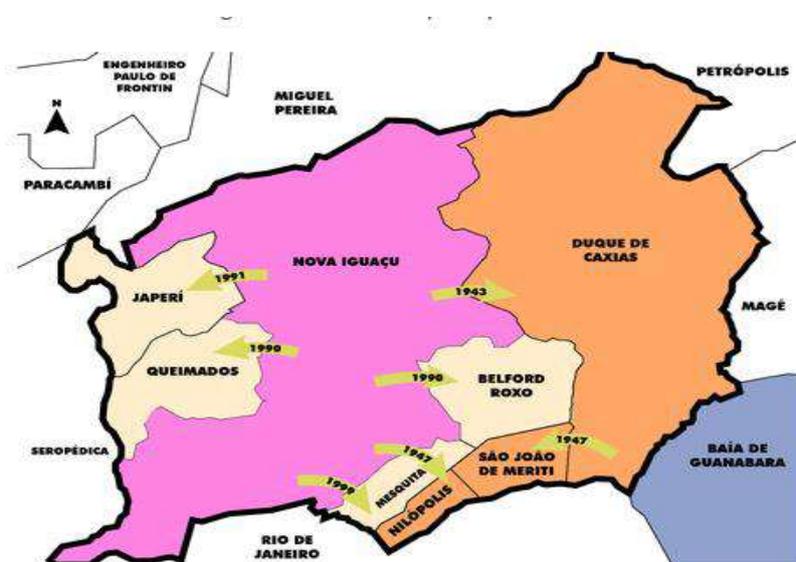


Figura 1 Mapa com territórios perdidos após emancipações.

Fonte: Jornal *Extra*, Nova Iguaçu: conheça a história da origem da Baixada. 31 jul 2018. Disponível em: <https://www.jornaldestaquebaixada.com/2018/04/saiba-historia-da-origem-de-nova-iguacu.html>. Acesso em 24 Out 2022.

Tais divisões levaram Nova Iguaçu a ter nova extensão territorial (520.581Km<sup>2</sup>). Ainda assim é o município com a maior área territorial da Baixada Fluminense. Apesar das

emancipações, de acordo com os dados do Censo realizado pelo IBGE em 2010, o município possui o quarto contingente populacional do Estado do Rio de Janeiro, chegando a marca de 796.257 habitantes (IBGE, 2010) e com a estimativa de aumento para 825.388 habitantes (IBGE, 2021).

Apesar da continuidade do crescimento, vale mencionar projeções realizadas pela Secretaria Estadual do Meio ambiente, órgão oficial do governo estadual para as próximas décadas, que indicam uma estabilidade populacional, com crescimentos menos expressivos: chegando a 1.020.263 habitantes em 2022, e em 2030 possivelmente a 1.069.064 iguaçuanos.<sup>7</sup>

Compreender o desenho da população municipal é fundamental para a criação do perfil iguaçuano. Os dados referentes ao censo do IBGE divulgados em 2010 são especialmente importantes para nós, pois eles indicam o quadro da população que podemos categorizar como potencialmente ativa economicamente.

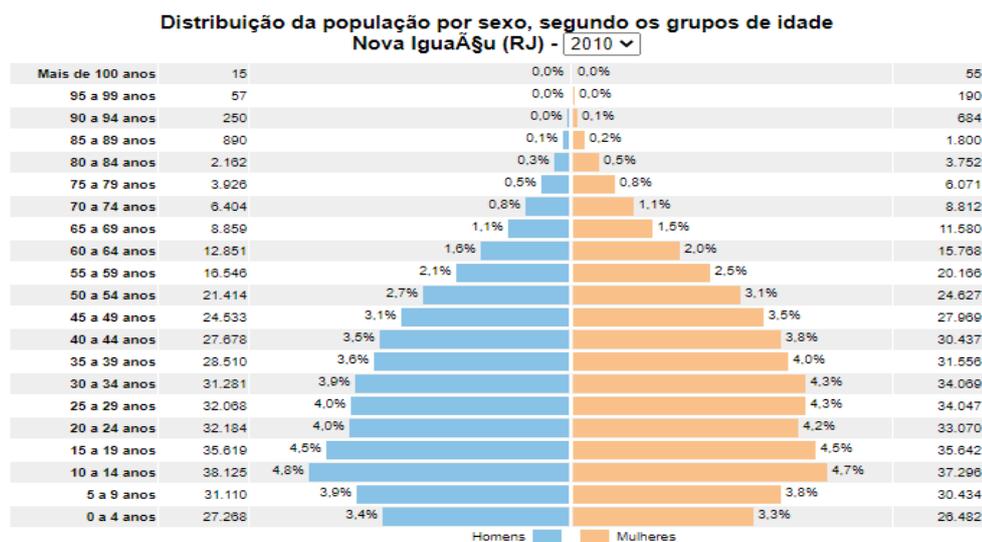


Gráfico 2 – Pirâmide etária do município de Nova Iguaçu, 2010.  
Fonte: IBGE / Censo 2010.

Ao observarmos a pirâmide etária de Nova Iguaçu podemos perceber que o maior contingente populacional do município está concentrado nas faixas de “10 a 14”, “15 a 19”, “20 a 24” e “25 a 29” anos. Entretanto, comparando o gráfico acima com os dados da

<sup>7</sup>RIO DE JANEIRO, Secretaria de Estado de Meio-ambiente. Plano Municipal de Saneamento Básico – Água e Esgoto – do município de Nova Iguaçu, p. 336, (Quadro 60). Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnncbjpcjglclefindmkaj/http://200.20.53.7/guanabara/Content/DOWNLOAD/Planos%20completos/PMSB-NOVA%20IGUA%C3%87U.pdf>

população economicamente ativa no IBGE (2010) representado na Figura 4, a cidade possuía 359.970 habitantes economicamente ativos. Ao observarmos por grupos de faixas etárias, percebemos que o grupo maior é o que têm idade entre 30 a 49 anos sendo estes um total de 176,532 pessoas economicamente ativas. Contudo nos chama atenção o expressivo número de 112.222, no grupo de 16 a 29 anos. Essa faixa etária corresponde ao término do Ensino Médio, início de graduação, bem como a vida adulta. Seria ainda potencialmente demandante principalmente de escolarização e não de vagas no mercado de trabalho, no entanto já se encontram na segunda posição no “ranking” de trabalhadores.

Quadro 3: População economicamente ativa na cidade de Nova Iguaçu (2010)

**TABELA - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA**

Divisões Territoriais	2010	16 a 29 anos, 2010	30 a 49 anos, 2010	50 a 59 anos, 2010	55 anos ou mais, 2010	60 anos ou mais, 2010
BRASIL	91.548.924	31.855.117	42.580.932	11.689.416	10.195.782	5.423.459
NOVA IGUAÇU	359.970	112.222	176.532	49.293	42.052	21.922

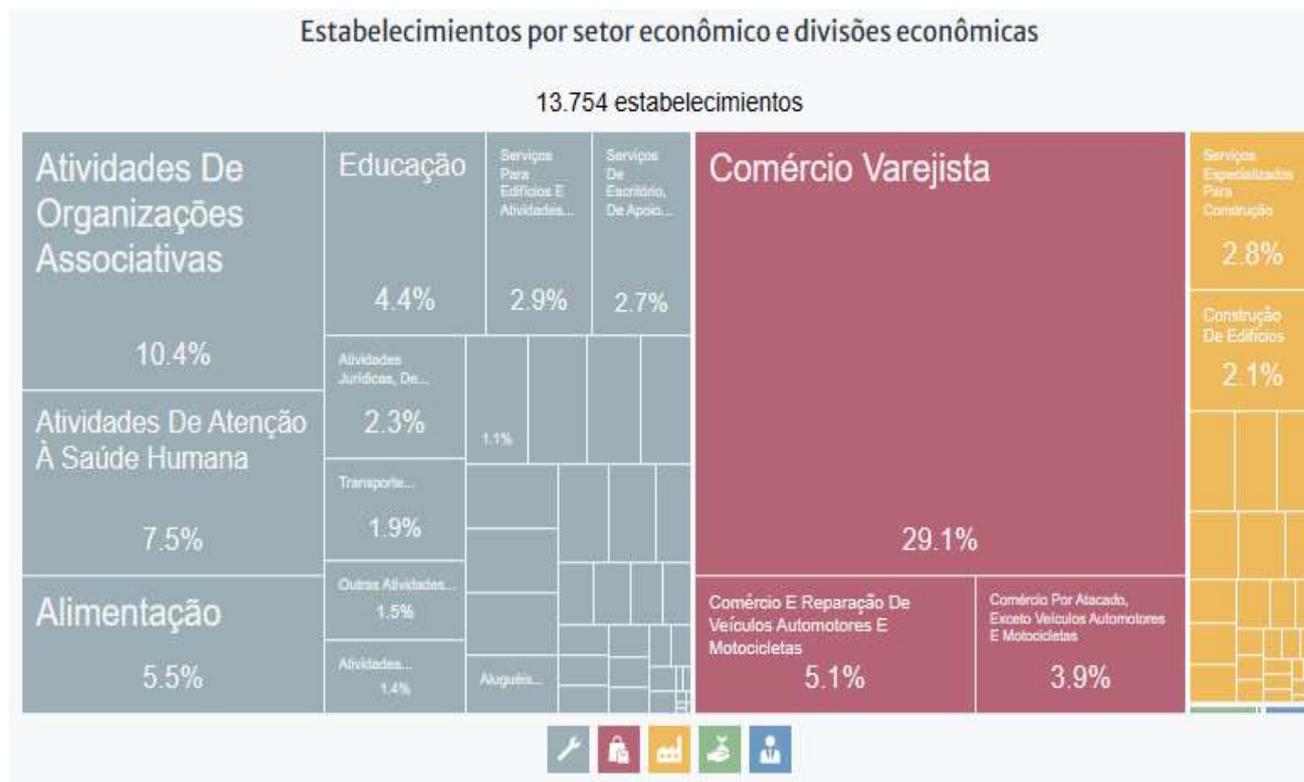
Fonte: IBGE (2010)<sup>8</sup>

Com o intuito de demonstrar de maneira mais clara os setores econômicos do município, e como a população ativa se divide nas oportunidades dentro do próprio município, além da divisão por sexo, apresentamos os gráficos abaixo produzidos pelo SEBRAE, ano de referência 2021, a partir dos dados da RAIS<sup>9</sup>. Ressaltamos ainda que os dados encontrados dizem respeito apenas aos trabalhos e trabalhadores formais, devidamente registrados. Entretanto, existe uma grande parcela de trabalhadores informais, os quais não conseguimos dados específicos tendo em vista as dificuldades de produção e divulgação de dados por órgãos governamentais seja em função da pandemia, seja em função das diretrizes adotadas pelo governo Jair Bolsonaro.

<sup>8</sup><https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,330350&cat=-1,-2,-3,99,11,100,101,60,8,128&ind=4726>

<sup>9</sup> RAIS – Relação Anual de Informações Sociais.

Gráfico 3 – Emprego por setor econômico.



Legendas:



FONTE: DATA MPE BRASIL – Disponível em: [Nova Iguacu: Emprego, ocupações, empresas, dados demográficos e educação | Observatório Data MPE Brasil | Observatório Data MPE Brasil \(sebrae.com.br\)](http://Nova Iguacu: Emprego, ocupações, empresas, dados demográficos e educação | Observatório Data MPE Brasil | Observatório Data MPE Brasil (sebrae.com.br))

No gráfico acima, referente ao ano de 2021, torna-se perceptível que o setor de atividade econômico mais executado dentro do município é o comércio varejista com 29,1%, seguido o de atividades de organizações associativas<sup>10</sup>, entre os quais se aloca as de educação, com 10,4% e em terceira posição atividades de atenção à saúde humana com 7,5% (SEBRAE, 2022). Os dados do gráfico acima representam a abertura e consolidação de “estabelecimentos econômicos” no município.

<sup>10</sup> Entendemos como organizações associativas: CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas, Sistema FIRJAN-SESI unidade Nova Iguacu, Associação Brasileira de Odontologia, entre outros.

Gráfico 4 – Vagas ofertadas



Legendas:



FONTE: DATA MPE BRASIL – Disponível em: [Nova Iguçu: Emprego, ocupações, empresas, dados demográficos e educação | Observatório Data MPE Brasil | Observatório Data MPE Brasil \(sebrae.com.br\)](https://sebrae.com.br/observatorio-data-mpe-brasil)

O gráfico mostra a distribuição dos empregados em 2021 por porte de empresa e setor econômico na cidade de Nova Iguçu. Em 2021, 33,1% dos funcionários pertenciam a pequenas empresas, 13,9% dos funcionários pertenciam a médias empresas, 21,9% dos funcionários pertenciam a microempresas e 31% dos funcionários pertenciam a grandes empresas.

A remuneração média do trabalhador (ano referência 2021) era de R\$ 1.864,01 nas pequenas empresas, R\$ 2.116,23 nas médias empresas e R\$ 1.592,58 nas microempresas. (SEBRAE, 2023). Ressaltamos aqui que apesar da apresentação de quantitativos e percentuais relativos a funcionários por setor econômico e “tamanho” das empresas, não foi apresentada a divisão por sexo.

Gráfico 5 – Remuneração média.



Legendas:

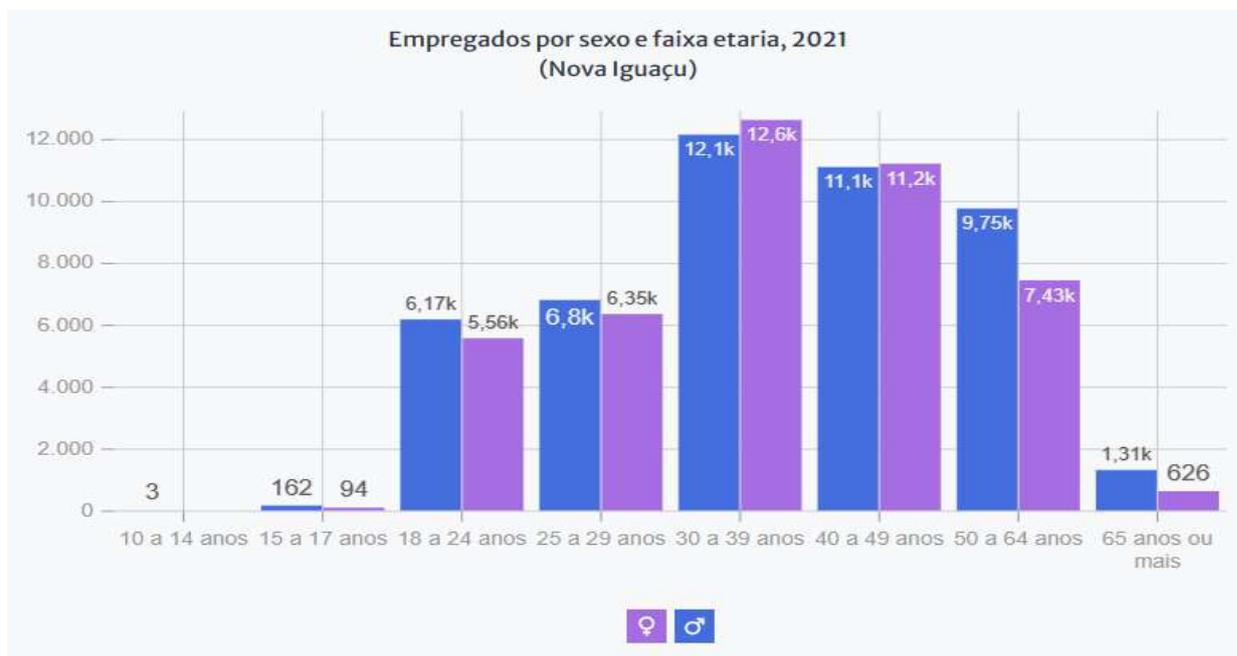


FONTE: DATA MPE BRASIL – Disponível em: [Nova Iguaçu: Emprego, ocupações, empresas, dados demográficos e educação | Observatório Data MPE Brasil | Observatório Data MPE Brasil \(sebrae.com.br\)](#)

Em 2021, as ocupações com melhores salários eram Procurador do Município (R\$ 29.413,11), Pesquisador de Engenharia Elétrica e Eletrônica (R\$ 28.528,07), Diretor de Recursos Humanos (R\$ 24.705,44), Operador de Central Hidrelétrica (R\$ 18.638,18) e Engenheiro Eletricista de Manutenção (R\$ 18.056,51). (SEBRAE, 2022).

No gráfico 5 surge uma informação que consideramos importante dada sua possível relação com demandas por maior escolarização: salário mais alto reconhecido na cidade, se refere a uma categoria de servidores públicos. Até esse momento, é a primeira vez que atividade na administração pública municipal se colocava à frente de atividades dos demais setores, inclusive os da iniciativa privada. A ocupação no setor público, sobretudo se o ingresso se faz por concurso, exige maior escolarização o que impulsiona demandas sobre o poder público no sentido de assegurar o acesso a níveis mais altos de escolarização.

Gráfico 6 – Empregados por sexo e faixa etária



Legendas:



FONTE: DATA MPE BRASIL – Disponível em: [Nova Iguaçu: Emprego, ocupações, empresas, dados demográficos e educação | Observatório Data MPE Brasil | Observatório Data MPE Brasil \(sebrae.com.br\)](#)

Outro aspecto significativo é que ao verificarmos o gráfico relativo aos trabalhadores pela faixa etária e sexo, percebemos que os dados são genéricos. Não especificam as áreas de trabalho. De acordo com o SEBRAE, (2022) no ano de 2021, 48,1% dos trabalhadores eram mulheres, com uma remuneração média individual de R\$2.092,22; 51,9% correspondiam a homens com a remuneração média individual de R\$2.159,42.

No entanto, ao comparamos o quantitativo de pessoas por sexo na idade economicamente ativa, verificamos que o sexo feminino é predominante (vide gráfico 2- Pirâmide etária), no entanto sua média salarial é menor do que a masculina, como vem a ocorrer em todo o país.

Ao longo da busca por dados que nos auxiliassem a compreender a inserção no mercado de trabalho do iguaçuano pelos diversos setores econômicos (aqui nos atendo as vagas dentro do próprio município), não conseguimos dados referentes aos cidadãos excluídos do mercado de trabalho. No entanto, conseguimos detectar a quantidade de trabalhadores desligados de seus empregos formais no ano de 2022. Segundo o cadastro geral de empregados e desempregados – CAGED, neste ano ocorreram 39.519 admissões e

35.554 desligamentos, permitindo um saldo positivo de 3.965 postos de trabalho, quantitativo pequeno se considerarmos a população potencialmente ativa do município.

As atividades agrárias foram sucumbindo devido às mudanças econômicas de Nova Iguaçu, ficando restritas a bairros mais distantes do centro do município, como por exemplo, Tinguá reconhecido pelo plantio de aipim ou o bairro Jaceruba pelo de banana. Ambos os bairros possuem também vocação turística devido às cachoeiras e festas anuais enaltecendo a produção agrícola local.

Nova Iguaçu tenta diversificar seu desenvolvimento comercial, investindo em atividades como citado acima. Todavia, permanece importância de seu centro comercial econômico, que reúne uma grande gama de serviços e produtos, atraindo inclusive a população dos municípios ao seu redor.

## **2 – POLÍTICA IGUAÇUANA.**

Para compreendermos o processo de implantação do Curso Preparatório Social Nova Iguaçu é fundamental adentrarmos nos meandros da política partidária. Assim, faz-se necessário um breve histórico do quadro político desde a criação municipal e um aprofundamento no período final dos anos 1980, quando o Brasil vivenciou o período de reimplantação política, onde a população de Nova Iguaçu, em particular, pode voltar a escolher diretamente representantes através do voto direto.

A Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu criada por decreto em 1919, assinado por Raul de Moraes Veiga, que nomeia o médico sanitário Mário Pinotti como interventor e primeiro prefeito da cidade. Posteriormente Pinotti ascenderia em sua carreira médica, assumindo o cargo de ministro da Saúde durante as gestões de Getúlio Vargas (1954) e Juscelino Kubitschek (1958 – 1962).

Anteriormente ao decreto, a administração municipal permanecia a cargo do presidente da câmara dos vereadores, este eleito pela votação dos demais vereadores que portavam mandato por delegação dos eleitores da cidade. Após o decreto, evidencia-se a separação entre os poderes executivos e legislativos dentro do município.

O Poder Executivo Municipal, sendo sinônimo de prefeitura e exercido pela figura do prefeito, é uma novidade do regime republicano, que não se estabeleceu imediatamente após sua instauração, em 1889. Com a República, algumas experiências de separação de poderes municipais vão surgindo ao longo do tempo e, no caso do estado do Rio de Janeiro, só seriam desenhadas na última década da Primeira República. (MORAES, 2016, p.17)

Ainda de acordo com Moraes (2016), os mandatos tinham duração de 03 anos, estimando um total de onze legislaturas. No entanto, não foram encontrados registros referentes ao período 1903 a 1916. A indicação de Pinotti gerou um desconforto aos membros da câmara, o mesmo considerado “forasteiro” por ser distanciado das questões locais.

O cotidiano político administrativo do município, existente desde sua criação em 1833, foi alterado a partir do momento em que um elemento externo – o presidente do estado do Rio de Janeiro - nomeia pessoa para ocupar a função de administrador da cidade, que antes era exercida pelo chefe da vereança. Dessa forma, por ser fruto da delegação do Poder Executivo estadual, o prefeito nomeado podia ser quase um estrangeiro na localidade, ou seja, alheio a qualquer filiação, coligação ou grupo político de Nova Iguaçu. (MORAES, 2016, p.20)

A insatisfação dos políticos locais culminou em uma “*ação judicial por parte do presidente da câmara*” que declarava pós-nomeação de Pinotti, estar impedido de desempenhar suas funções legislativas. Constituiu-se advogado e impetrou um habeas corpus com a finalidade de que não ocorresse a separação dos poderes. Alegavam uma inconstitucionalidade na indicação de Pinotti. No entanto, foi negada em todas as instâncias a solicitação da câmara na figura do seu presidente o Coronel França Soares.

Apesar de interventor e ter sofrido reações contrárias à sua nomeação, Mário Pinotti gozou de grande apoio por parte da população iguaçuana, recebendo diferentes homenagens em localidades do município, conforme noticiado no periódico local Correio da Lavoura... Durante os meses em que Mário Pinotti esteve à frente do Poder Executivo local, o jornal enalteceu diversas ações do prefeito... (Moraes, 2016 p. 30)

Nesse momento da história municipal, as informações tornam-se genéricas e não conseguimos de maneira precisa coletar os dados políticos referentes a 1919 até meados de 1960. O que encontramos disponíveis nos materiais que retratam e pesquisam o período específico, a saída de Pinotti que alcança outras posições, deixando assim o município. Todavia aparece disponível a listagem de prefeitos do período, bem como a relação dos vereadores.

<b>PREFEITO</b>	<b>PERÍODO</b>
Mário Pinotti	1919 a 1920
Ernesto França Soares	1920

Octavio Áscoli	1920 a 1922
Manuel Francisco Sales Teixeira	1922 a 1924
Octavio Áscoli	1924 a 1927
João Telles Bittencourt	1927 a 1929
Alberto Soares de Sousa e Melo	1929 a 1930
Sebastião de Arruda Negreiros	1930 a 1936
Ricardo Xavier da Silveira	1936 a 1937
Amaral Peixoto	1937 a 1943
Bento Santos de Almeida	1943 a 1945
Getúlio Barbosa de Moura	1945 a 1947
Humberto Berutti Augusto Moreira	1947
Sebastião de Arruda Negreiros	1947 a 1951
Luís Guimarães	1951 a 1955
Ary Schiavo	1955 a 1959
Sebastião Arruda Negreiros	1959 a 1963

Fonte: <https://bravabaixada.com.br/municipios/nova-iguacu/>

Allofs (2014) traz um dado histórico interessante que fornece um panorama posterior à tabela acima, “entre 1964 a 1985 a prefeitura da cidade recebeu 15 prefeitos, o que já seria uma média consideravelmente alta de um prefeito a cada 16,8 meses. Tomando por recorte os anos de 1964 a 1975 serão 12 prefeitos em 11 anos”. Olhando mais

atentamente verificamos que ocorria transições frequentes durante o período militar, um total de nove prefeitos. Essas transições foram espaçando até atingir a estabilidade através do processo eleitoral em 1977.

Abaixo apresentamos o quadro de prefeitos, respectivamente seu período a frente da prefeitura e partidos.

	<b>PREFEITOS</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>PARTIDO</b>
1º	Aluizio Pinto de Barros	31/01/1963 - 26/08/1964	Eleito PTB
2º	João Luiz do Nascimento	27/08/1964 - 14/09/1966	Vice Prefeito PSD/ARENA
3º	José de Lima	15/09/1966 - 16/10/1966	Presidente da Câmara ARENA
4º	Joaquim de Freitas	17/10/1966 - 30/01/1967	Interventor ARENA
5º	Ary Schiavo	31/01/1967 - 09/07/1967	Vice Prefeito MDB
6º	Antônio J. Machado	10/07/1967 - 14/08/1967	Presidente da Câmara ARENA
7º	Nagi Almawy	17/10/1968 - 24/02/1969	Presidente da Câmara MDB
8º	João Ruy de Queiroz Pinheiro	25/02/1969 - 31/01/1971	Interventor ARENA
9º	Bolivard Gomes de Assumpção	31/01/1971 - 30/01/1973	Eleito ARENA
10º	Joaquim de Freitas	31/01/1973 - 20/10/1975	Eleito ARENA
11º	João Batista B. Lubanco	21/10/1975 - 31/01/1977	Vice Prefeito ARENA
12º	João Ruy de Queiroz Pinheiro	01/02/1977 - 31/01/1983	Eleito ARENA/PDS
13º	Paulo Antônio Leone Neto	01/02/1983 – 1985	Eleito PDT

Ao fim de mais de duas décadas de ditadura civil-militar, a abertura com eleição para cargos políticos, por parte dos governos militares, após anos em que a participação do pleito, e o poder era dividido apenas por dois partidos políticos: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido de base que “legitimava” o Regime Militar, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido que fornecia uma “oposição tolerável” ao regime.

Mudanças significativas começam a surgir no campo sociopolítico brasileiro, com o surgimento e fortalecimento do Partido Democrático Trabalhista (PDT) sob o comando da importante figura política Leonel de Moura Brizola.

Faz-se necessário citar dois nomes de relevância política na história do estado e sua repercussão nos municípios: “*Chagas Freitas, governador da Guanabara (1971-75) e Leonel Brizola, governador do estado do Rio de Janeiro (1983-87 e 1991- 95).*” Motta, (2000). Esses personagens são responsáveis pela forma peculiar de fazer política, logo popularizada sob os termos: Chaguismo e Brizolismo.

## **2.1 – A influência do Chaguismo e Brizolismo no “jeito” de fazer política.**

Antônio de Pádua Chagas Freitas, jornalista nascido em Brasília, apresenta relevância no cenário político a partir de 1946 quando auxilia a fundação do Partido Social Progressista (PSP). Candidatou-se a câmara federal em 1950 não conseguindo se eleger. Fundador do Jornal O Dia (1951), inicia sua consolidação política quando concorre e vence as eleições em 1951 e se reelege em 1954 como deputado federal pelo estado da Guanabara. Em 1964 filia-se ao MDB e em 1970 torna-se governador do estado da Guanabara, sendo eleito de forma indireta<sup>11</sup>.

Diferente também é o lugar ocupado por Chagas Freitas na memória política do Rio de Janeiro. Ao contrário de Lacerda e Brizola, considerados políticos com p maiúsculo – não teriam compromisso com a política ‘miúda’ do clientelismo e do caciquismo –, Chagas encarnaria o político ‘antigo’, com p minúsculo, comprometido com a estruturação – primeiro na Guanabara, e depois no estado do Rio de Janeiro – de uma máquina política clientelista baseada na prática do favor, a que se convencionou chamar de máquina chaguista. (Motta, 2000, p.2).

Chagas apresentava uma forma distinta, no entanto bastante conhecida de fazer política, o famoso: “clientelismo” alinhando a administração pública com os interesses

---

<sup>11</sup> Sua indicação foi apoiada pelo ministro do Exército da época, Orlando Geisel. A eleição indireta ocorreu em 1970, e Chagas Freitas foi eleito pelos membros da Assembleia Legislativa da Guanabara para assumir o cargo de governador.

políticos, transformando assim o Estado em uma *Máquina política*. Através de uma extensa rede de apoio, onde favores políticos e benefícios aconteciam em troca de lealdade e apoio político. Organizou alianças estratégicas com líderes locais, religiosos e associações sociais, estabelecendo uma base sólida ao seu governo.

Outro fator que auxiliou a manutenção de sua administração foi o “apoio” do Regime Militar, uma relação controversa, onde o governo estadual cooperava com as diretrizes do Governo federal, enquanto este permitia uma estabilidade e recursos para sua gestão.

No entanto, com a abertura política e a reorganização partidária, o chaguismo enfrentou desafios crescentes. A fusão da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro em 1974 marcou o fim desse período político, com Chagas Freitas perdendo espaço para lideranças como Leonel Brizola.

Leonel de Moura Brizola aparece no quadro político em 1945 filiando-se ao PTB, concorrendo e sendo eleito como Deputado Estadual, dois anos após é eleito como Deputado Federal mais votado; em 1956 é eleito como prefeito de Porto Alegre e posteriormente governador do Estado. Brizola era conhecido por suas ideias progressistas e suas políticas voltadas para a defesa dos direitos trabalhistas e sociais.

Considerado um político populista e de opiniões fortes devido as políticas adotadas em sua gestão despertava diversos sentimentos na população, fosse de simpatia ou repúdio. Seu estilo de “fazer política” se tornou imortalizado sob o termo: Brizolismo. “*O discurso de Brizola traz, sem dúvida, uma surpresa, uma vez que sua imagem está diretamente associada ao líder de esquerda, ao criador de células políticas armadas, a um dos mais veementes críticos ao regime anterior a 1964.*” (Quadros, 2001, p.9). Podemos aqui citar o enfoque de sua plataforma política nos seguintes eixos: defesa aos direitos dos trabalhadores, valorização do trabalho e justiça social (sob a influência de Vargas), educação pública de qualidade, reforma agrária e redistribuição de renda. Além de possuir um discurso direto e acessível à camada com menor escolarização o que concedia a ele um status de carismático junto ao seu eleitor.

Em 1961 denuncia a possibilidade de um golpe e acaba por se exilar no Uruguai por ser considerado um inimigo do Regime Militar. Retorna ao país em 1979, onde funda o

PDT, muda-se para o Estado do Rio de Janeiro, onde em 1982 concorre e vence as eleições para governador do Estado, tornando o partido um grande “influenciador” no jogo político do período.

## 2.2 – O posicionamento da igreja católica

A Igreja Católica frequentemente exerce sua influência em questões ligadas a educação, moral, ao campo social e político. Através da Caritas Diocesana<sup>12</sup> assumiu posição de destaque durante o período, pois em grande medida reunia fiéis ligados ao “pensamento católico de esquerda”, conhecida como *Teologia da libertação* (corrente que surge em meados da década de 1960 e propõe a libertação social dos menos abastardo e dos grupos sociais oprimidos). Camilo, 2011 detalha sobre o nascimento do movimento:

Junto aos problemas socioeconômicos brasileiros da primeira metade do século XX, cresceu também o envolvimento dos religiosos católicos com o cotidiano de seus fiéis, estando eles em contato com o sofrimento e as dificuldades de uma parcela importante da população brasileira. Mas foi a partir da década de 1960 que dois acontecimentos importantes influíram para um maior envolvimento de uma parte do clero católico com a questão social no Brasil: o Concílio Vaticano II e o Golpe Militar de 1964. Esse segmento dentro da Igreja Católica brasileira passou a se posicionar mais firmemente contra os problemas econômicos e sociais que estavam atingindo o país e, quando os militares tomaram o poder e implantaram um regime autoritário dentro do país, passaram a ser duramente perseguidos. Assim foi que surgiu uma relação dialética no Brasil entre os religiosos envolvidos com a questão social e a realidade brasileira: quanto mais eles denunciavam e agiam em relação aos problemas no país como a fome, o desemprego, a questão agrária e a repressão dos militares, mais perseguidos eles eram, situação que ao invés de diminuir o ímpeto dessas pessoas, aumentava sua determinação em combater aquela situação. Foi nesse contexto do aumento do envolvimento da Igreja Católica com a realidade de seus fiéis, no processo de agionamento em relação ao secular, com o agravamento das questões sociais na América Latina e o surgimento dos opressivos regimes militares na América Latina que se organizou dentro da Igreja Católica o movimento da Teologia da Libertação. O envolvimento pastoral com a questão social já vinha se organizando em boa parte do mundo católico mesmo dentro da doutrina social da Igreja, mas em 1968 durante a Conferência de Medellín (II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano) esse envolvimento ficou mais sistematizado com uma diretriz básica: a opção preferencial pelos pobres. (CAMILO, 2011, p.2)

Em Nova Iguaçu, “*as ações populares da diocese acontecem no período do governo religioso de Dom Adriano Hypólito (1966 a 1995) contribuíram de maneira relevante para a estruturação social da comunidade*”. (Reis, 2013, p.44)

---

<sup>12</sup> A Caritas Diocesana Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. Disponível em: <https://diocese-sjc.org.br/caritas-diocesana/>

Os fiéis-militantes que apresentavam formação na área de saúde passaram a atuar, a partir de abril de 1975, na prestação de atendimentos médico-ambulatoriais para a população carente da Baixada Fluminense, historicamente carente de serviços públicos mínimos (JUNIOR, 2007, p.131). Os atendimentos ocorriam na sede da Diocese e nas paróquias, comumente associando as doenças às condições de habitação, assim como as péssimas condições de saneamento básico e acesso a água potável: “o programa passou a se desdobrar, realizando trabalhos de assistência à maternidade, cursos de educação para a saúde, sempre reforçando em suas iniciativas as questões de caráter político”. Esse trabalho realizado pelos grupos da Caritas de Nova Iguaçu, em pouco tempo assumiu uma nova organização: um rejuvenescimento do Movimento de Amigos de Bairro (MAB), como iniciativa capaz de catalisar lutas gerais, quase sempre ligadas a melhorias na condição sanitária, urbanização, melhoria nos serviços saúde e educação.

A robustez desses movimentos sociais ligados à Igreja Católica na Baixada Fluminense, e em particular em Nova Iguaçu, se manifestou nas eleições de 1982, quando o eleitorado do Rio de Janeiro foi às urnas para eleger governador, deputado estadual, deputado federal, e senador. Aquele pleito demonstrou a abertura política, frente ao enfraquecimento da ditadura que durava quase duas décadas. Ou seja, para as lideranças desses movimentos as eleições eram uma oportunidade de obter conquistas, intensificando as mobilizações e as pressões sobre os governos municipal e estadual.

Como sinalizado anteriormente, em 1982, o Partido Democrático Trabalhista (PDT) conquista o Executivo do Estado através de Leonel Brizola. O resultado das eleições municipais reflete bem a força política momentânea do PDT, além de eleger Paulo Leone, rompendo com a longa permanência de arenistas que governaram o município ininterruptamente de 1969 até 1983, dominou também o legislativo municipal conquistando 15 das 33 cadeiras na Câmara de vereadores. Para termos uma ideia, as outras duas bancadas empataram com 8 vereadores, com políticos do Partido Democrático Social (PDS), que em seus quadros concentrava um número considerável de antigos arenistas e interventores, e do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), formado pelos antigos emedebistas (MDB).

Por duas décadas, entre 1982 e 2002, a política em Nova Iguaçu foi ocupada basicamente por candidatos ligados a três partidos políticos. Sendo o PDT, o partido que por mais tempo ocupou a prefeitura, foram doze anos de mandatos, entre 1983 a 1996, com uma breve interrupção entre julho e dezembro de 1988. O Partido da Social Democracia

Brasileira (PSDB), por seis anos, iniciando em 1993. E o PMDB, com um mandato curto, no segundo semestre de 1988, e entre 2002 e 2004.

Vale notar que a nível estadual os pleitos também envolviam disputas acirradas entre PDT e PMDB, e que a hegemonia do PDT, construída em torno da figura de Leonel Brizola (eleito governador do Rio de Janeiro por dois mandatos 1982-1987 e 1991-1994). Tendo o PDT conquistado novamente o executivo estadual em 1999-2002, dessa vez com Anthony Garotinho.

“as coligações eleitorais no Brasil foram celebradas pela primeira vez nas eleições parlamentares de 1950. Elas foram permitidas até 1962. Com o advento do golpe militar em 1964 e a fixação do novo código eleitoral em junho de 1965, foi suprimida a possibilidade dos partidos políticos se coligarem. Após 20 anos de proibição, as coligações eleitorais voltaram a ser permitidas com a Lei 7454 de 1985...” (SILVA, 2014, p.26)

A eleição de Garotinho pelo PDT é um exemplo da importância das coligações ocorridas, a mudança partidária é uma forte característica da "vida política" brasileira, de acordo com Gadotti e Pereira (1989):

“Na República Brasileira, notadamente a Segunda, alianças partidárias e subpartidárias têm surgido sobre tudo com fins eleitoreiros ou como estratégias descartáveis de partidos que, após cumpridas ou esgotadas suas finalidades momentâneas, tem recaído no desgaste e se dissolvido com facilidade. Às vezes até partidos com princípios idênticos, que anteriormente se uniram para determinados objetivos, tornam-se depois inimigos ferrenhos na arena política”. (GADOTTI e PEREIRA, 1989, p.89)

Tais mudanças e acordos expressam importantes alterações nas conjunturas (não só locais como nacionais) e mais ainda que "acima dos partidos" existem os grupos políticos locais representantes de determinados interesses. No quadro abaixo, podemos observar os principais nomes da política municipal com os respectivos partidos e período de mandatos.

Nome	Partido	Período de mandato	Coligações partidárias
João Ruy de Queiroz Pinheiro	ARENA	1977-1980	-
João Ruy de Queiroz Pinheiro	PDS	1980-1983	-
Paulo Antônio Leone Neto	PDT	1983-1988	-
Francisco de Assis Amaral	PMDB	1988-1988	Interventor estadual
Alúcio Gama de Souza	PDT	1989-1992	-
Altamir Gomes Moreira	PDT	1993-1996	-
Nelson Bornier	PSDB	1997-2000	PFL e PSDB
Nelson Bornier	PSDB	2001-2002	PFL; PSDB; PTB
Mário Marques*	PMDB	2002-2004	-
Lindbergh Farias	PT	2005-2008	“Hora da Mudança”

			PMDB; PTB; PR; PV; PL; PHS; PSB; PCdoB; PSDC; PTdoB; PAN; PSL; PTN; PP.
Lindbergh Farias	PT	2009-2010	<b>“Frente Popular”</b> PDT; PSB; PCdoB; PHS; PTN; PRB; PR; PSC; PMN; PTdo B.
Sheila Gama*	PDT	2010-2012	-
Nelson Bornier	PMDB	2013-2016	<b>“União por Nova Iguaçu”</b> PDT; PTB; PRTB; PRP; PSDB; PSDC; PSL; PPS; PTC; PTdoB.
Rogério Lisboa	PR	2017-2020	<b>“A mudança que o povo quer”</b> PMDB; PP; PTB; PRB; PHS; PDT; PSB; PSC; PSDC; PSL; Solidariedade
Rogério Lisboa	PL	2021-Atual	<b>“Juntos Podemos Mais”</b> PSDB; Republicanos; Solidariedade; Cidadania; Patriota; PRTB

\* vice-prefeito (a) eleito (a).<sup>13</sup>

A nível municipal o predomínio pedetista só foi alterada a partir de 2004, com a eleição de Lindbergh Farias para a prefeitura de Nova Iguaçu. O PT, impulsionado com o protagonismo nacional que o partido conquistara após as eleições de 2002, onde Luiz Inácio “Lula” da Silva foi eleito pela primeira vez para ocupar a presidência da República.

### 2.3 – A criação do PT

Em 1978, em meio à intensificação das lutas sindicalistas por todo o Brasil surge a figura pública de Luís Inácio da Silva como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. O mesmo se descrevia como apolítico conforme entrevista concedida ao *jornal Pasquim* em 24 de março de 1978 e preferindo “preparar a classe trabalhadora para saber optar”. O primeiro anteprojeto do Partido dos Trabalhadores (PT) foi divulgado às

<sup>13</sup> Fonte: [Câmara Municipal de Nova Iguaçu \(cmni.rj.gov.br\)](http://cmni.rj.gov.br). Acesso em: 21 de Out. de 2022.

vésperas do dia 01 de maio de 1979, com a preocupação que fosse confundido os pilares políticos do partido com o movimento sindical.

A consciência política de Lula parece seguir a mesma trajetória e o mesmo ritmo da própria classe trabalhadora da década de 70, superando a primeira posição, apartidária, pela tomada de consciência da necessidade de participar da organização partidária e intervir decididamente na construção de uma sociedade sem exploradores. (GADOTTI e PEREIRA, 1989, p.21)

Apenas em 1980, após a aprovação do manifesto e programa em reunião, o Partido dos Trabalhadores (PT) é criado com a proposta de *fazer a classe trabalhadora participar da vida política brasileira*. Meneguello (1989), em sua pesquisa sobre a formação do Partido dos Trabalhadores (PT) sintetiza o contexto como:

O estabelecimento do pluripartidarismo e a ampliação do projeto do novo sindicalismo com novos conteúdos reivindicativos, (...) levaram a que se elaborasse uma proposta concreta de participação no sistema político, a qual se edificasse sobre uma estrutura capaz de englobar a diversidade de setores e o caráter amplo das reivindicações: a proposta de um partido de trabalhadores. (MENEGUELLO, 1989, p.56)

Ou seja, diante de um ambiente político favorável de distensão política, múltiplas demandas e interesses de variados grupos de trabalhadores, deram novo fôlego aos movimentos, englobando tais demandas na decisão de criar um partido político, baseado nos seguintes pilares: justiça social, reforma agrária, igualdade de gênero, democracia participativa, entre outras questões ligadas à transformação social e à defesa dos direitos dos trabalhadores.

Abaixo elencamos as disputas eleitorais mais significativas do partido:

**1982:** Lula concorreu ao governo do estado de São Paulo, mas foi derrotado por Franco Montoro (PMDB).

**1986:** Disputou novamente o governo de São Paulo, mas foi derrotado por Orestes Quércia (PMDB).

**1989:** Participou de sua primeira eleição presidencial. Lula ficou em segundo lugar, perdendo para Fernando Collor de Mello (PRN) no segundo turno.

**1994:** Candidato à presidência, Lula foi derrotado por Fernando Henrique Cardoso (PSDB) no primeiro turno.

**1998:** Lula concorreu novamente à presidência, mas perdeu para Fernando Henrique Cardoso (PSDB) no primeiro turno.

**2002:** Lula foi eleito presidente em sua quarta tentativa, com a seguinte coligação: "Lula Presidente"- Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido Popular Socialista (PPS) e Partido Republicano Progressista (PRP), entre outros, derrotando José Serra (PSDB) no segundo turno.

**2006:** Conseguiu a reeleição com a seguinte Coligação "Por um Brasil Decente" - PMDB, PL (atual Partido Liberal), PCdoB, PSB, PDT, PTB, PRB e outros, derrotando Geraldo Alckmin (PSDB) no segundo turno.

FONTE:<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>

Com a chegada do PT na esfera federal e à possibilidade de Antony Garotinho ser uma opção "popular" que disputaria em 2006 com Lula e aliados a presidência da república, (o que acabou não ocorrendo, o partido terminou apoiando Lula em 2006). Se tornou necessário um planejamento tático aumentando o alcance do partido em capitais e cidades estratégicas.

#### **2.4 – A ascensão do PT em Nova Iguaçu**

A capilarização do PT em Nova Iguaçu demonstra a intencionalidade do partido (e aliados no campo da esquerda) em se contrapor a dois adversários locais que ocupavam regionalmente o predomínio político regional visto que o trabalhismo de Brizola estava em declínio e crescia tanto a direita manifesta no governo municipal do Rio de Janeiro (César Maia, PFL e depois PTB) e Paulo César Conde (PFL) como o populismo conservador de Garotinho, na época que elegeu em 2002 Rosinha Garotinho governadora, sendo Vice Paulo César Conde. Em vista deste quadro e da importância do Rio de Janeiro e da impossibilidade de vencer na capital, ocupar a prefeitura de um município da região metropolitana como Nova Iguaçu era estratégico. O PT tinha perdido a eleição para governador em 2002 com Benedita da Silva e o desempenho nas eleições municipais foi muito aquém do esperado (4º lugar com Jorge Bittar).

A pré-candidatura de Lindbergh<sup>14</sup> à prefeitura de Nova Iguaçu, objetivava aumentar a influência do partido em grandes cidades, obtendo êxito por exemplo nas prefeituras de Osasco, Diadema e Santo André (todas em SP), Cariacica (ES), Contagem (MG), Nova Iguaçu e Niterói (ambas no RJ) e Londrina (PR), visando a reeleição presidencial nas eleições de 2006. Assim, ocupar a prefeitura de Nova Iguaçu consistia em um passo estratégico.

Nova Iguaçu tornara-se um dos principais cenários das eleições municipais de 2004, de não apenas no estado do Rio de Janeiro. Um grande investimento (político e econômico) dos governos federal, de um lado, e estadual, de outro, resultou não apenas na atenção da mídia, mas hiper-dimensionou a publicidade local, bem como a de algumas de suas personalidades, como o candidato Lindbergh Farias – e, no polo oposto, também o candidato Mário Marques, essencialmente devido à “guerra” travada entre o governo federal e o então Secretário de Segurança do ex-governador do estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho. (BARRETO, 2006, p.244)

A atenção dedicada da imprensa demonstrou a importância que a cidade adquiriu para o processo eleitoral daquele ano. Nesse sentido, também para os planos políticos do ex-governador Anthony Garotinho (presidente regional do PMDB), manter o controle eleitoral da cidade consistia em garantir parcela significativa de votos seja em Nova Iguaçu, ou em demais municípios da região.

Apesar da projeção estadual e nacional, sobretudo com destaque em sua atuação em Brasília, era fato que o candidato possuía um distanciamento em relação a Nova Iguaçu. Ainda assim, buscando reverter a situação, o Lindbergh estabeleceu residência em Nova Iguaçu às vésperas da eleição, mesmo enfrentando resistência do próprio diretório municipal.

Os adversários no pleito, aproveitando-se da escolha de Lindbergh Farias por parte do PT, realizaram duros ataques, buscando salientar a narrativa de alcunha que o candidato era um “forasteiro”, tendo vindo de fora de Nova Iguaçu, não possuindo raízes no município, portanto alheio aos reais problemas da cidade. Ou ainda que o adversário, como alguém vindo de fora, roubaria os cofres municipais, pois não teria compromisso com o desenvolvimento e crescimento do município. Em plena campanha eleitoral, por exemplo,

---

<sup>14</sup> Nascido em 8 de dezembro de 1969, em João Pessoa (PB), Luís Lindbergh Farias Filho, filho de uma professora e um médico. Seguindo a carreira profissional do pai, Lindbergh inseriu-se na vida universitária como acadêmico de medicina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde permaneceu por apenas dois anos, sendo levado a participar da vida político-partidária após atuação de destaque no movimento estudantil durante as manifestações públicas pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo. Em 1994, foi eleito deputado federal pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B) em 1994, com uma votação expressiva. Passou ainda pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), até filiar-se ao PT em 2001. Sendo eleito novamente para ocupar assento na Câmara dos deputados em 2002, recebendo o terceiro maior número de votos entre os eleitos pelo Rio de Janeiro.

ocorreu a “*distribuição de panfletos apócrifos por toda a cidade, com dizeres como ‘Trate bem o turista, mas não vote nele’*” (BARRETO, 2006, p. 229).

Ao reforçarem a posição de “forasteiro”, a oposição política do município, desconsiderava a própria composição populacional da Baixada Fluminense – em sua maioria de migrantes da região nordeste. Em contrapartida, ressaltamos a habilidade política do próprio, manifestada, sobretudo na escolha do vice de sua chapa, o experiente Itamar Serpa (PFL), nome tradicional da política iguaçuana, que teve papel importante na formação de uma vasta coligação de partidos políticos. A campanha petista utilizou-se da origem nordestina de Lindbergh Farias para aproximar o candidato da população local.

De um lado, a oposição (os candidatos Fernando Gonçalves e Mário Marques) o acusava de forasteiro, “paraíba”; de outro, Lindbergh – e sua equipe de assessoria – defendia-se, criando estratégias como a da alegação de uma origem social comum entre ele e a maioria da população da Baixada Fluminense e de Nova Iguaçu – ele era “um nordestino com muito orgulho!”. (BARRETO, 2006, p. 229 – 230).

A estratégia surtiu o efeito esperado pela campanha petista, e avançou de forma considerável nas sondagens eleitorais. Com o *slogan* “É hora de mudar, para ser feliz”, a campanha buscou incutir nos eleitores dois elementos da candidatura. Primeiramente, a proposta de um novo nome no jogo político municipal – Lindbergh Farias; O choque frontal com o caráter de permanência da campanha dos adversários, especialmente de Mário Marques – por sua longa vida política construída em Nova Iguaçu, e também por ter assumido a prefeitura após a renúncia de Bornier.

Nesse sentido, outra estratégia da campanha que o petista fez uso foi a numerosa população jovem do município. Os dados citados anteriormente na pirâmide etária (gráfico 2) nos ajudam a observar a realidade municipal, quando da eleição municipal. Nele, podemos inferir que as faixas mais extensas são justamente da juventude (entre 15 e 30 anos), público participante da eleição, e principal alvo da campanha petista. Com 35 anos em 2004, a própria trajetória de Lindbergh favorecia sua identificação com setores da sociedade mais jovens. Valendo-se de sua participação no movimento estudantil e no movimento dos “caras pintadas” – para o *impeachment* de Collor –, sua atuação política como deputado por dois mandatos, indicavam experiência e renovação para administração pública.

Em contraste, Mário Marques, que em 2004 possuía 64 anos, carregava a forte identificação com setores conservadores, estando ligado ao partido vinculado a ditadura civil-militar, e a elites empresariais e políticas de Nova Iguaçu.

A campanha realizada por Lindbergh apontava os governos anteriores, como uma oligarquia local compreendendo que sempre as famílias “tradicionais” estavam a frente do poder legislativo, apontando assim para os “caciques” da política iguaçuana como ineficientes ou inaptos no trabalho junto às habilidades inerentes ao município e aos munícipes. Ainda, colocava-se como agente transformador capaz de dar as condições para que a população iguaçuana pudesse se desenvolver com aquilo “que tem de bom”. Barreto (2006).

Entre as propostas de campanha estava “um projeto de reconstrução da cidade, não apenas um projeto urbanístico como o das administrações anteriores, mas um projeto *novo*, de uma *nova* cidade, uma *nova* Iguaçu”. (BARRETO, 2006, p.253). Assim sendo, a cultura tinha posição de relevância, especialmente a valorização da cultura local. Unindo a essa ideia, a ecologia – a preservação do meio ambiente, que se justifica por Nova Iguaçu possuir um terço de seu território coberto por florestas – e o trabalho – com uma economia dinâmica, com geração de empregos e aumento na renda da população.

O projeto que teve maior repercussão foi sem dúvida o de implantação da Universidade Pública da Baixada Fluminense. Tal iniciativa não se tratava de uma novidade, já tendo sido fruto de promessa eleitoral em 1992, não concretizada, pelo candidato a reeleição Aluísio Gama (PDT).

A vitória do candidato petista ocorreu no segundo turno com um pouco mais de 57% dos votos válidos. Uma das primeiras políticas posta em prática na área de Educação foi o programa “Bairro-Escola”, ainda não seja nossa intenção nos determos a respeito deste programa, brevemente cabe explicar que consistia em iniciativa que propunha a educação de forma integral, valorizando a cultura local, e considerando que a educação:

“acontece também nas casas, nas ruas, nas organizações comunitárias, nos clubes, nas igrejas, nas ONGs e tudo mais. A educação acontece, então, na cidade. Por isso, acreditamos na ideia de uma cidade educadora. Nela as pessoas aprendem no cotidiano, de formas muito variadas, cada um do seu jeito, em diferentes tempos e lugares”. (SILVA e GOULART, 2011, p.18)

Tal programa foi implementado logo nos primeiros dias de governo, teve sua coordenação entregue à primeira-dama, Maria Antonia Goulart. Em uma publicação sobre o programa “Bairro-escola”<sup>15</sup>, Lindbergh retrata a importância das transformações

---

<sup>15</sup> Muitos trabalhos acadêmicos se dedicaram ao programa, entre eles estão: SANTOS, Thiago Luiz Alves dos. *Inovações e desafios do programa Bairro escola de Nova Iguaçu/RJ*. Dissertação (mestrado em educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010; OLIVEIRA, Priscila Martins de. *O projeto Bairro-escola em Nova Iguaçu: Análise da implementação e da descontinuidade em Miguel Couto*. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2022.

urbanísticas, especialmente as realizadas pelo seu governo em Nova Iguaçu com a finalidade de “adequar” a cidade para a proposta do programa: “Para garantir o exercício da educação como direito, era fundamental adequar a estrutura urbana de modo a garantir o direito de circulação, de ir e vir”. Na percepção de Lindbergh manifestada no prefácio da publicação, a educação é um direito que deve ser garantido a partir da associação de políticas públicas amplas, como o direito de ir e vir, o saneamento básico, acesso a alimentação de qualidade, etc. Ainda segundo sua visão, “apenas desse modo é possível ampliar as possibilidades de encontro, de troca de saberes”.<sup>16</sup>

A percepção de educação como direito, e como instrumento de ascensão social perpassa pelos princípios e propostas do partido.

“É preciso garantir uma formação integral com idêntico incentivo ao desenvolvimento cognitivo, a uma prática pedagógica que compreenda a criança em sua totalidade e valorize a abordagem interdisciplinar dos conteúdos, assegurando acesso, permanência, e terminalidade para todos (crianças, jovens e adultos) (Gadotti, 1989, p.196)

Em âmbito nacional, vigorava o programa de transferência de renda Bolsa Família, criado em 2003, onde famílias que se encontravam em situação de vulnerabilidade social, recebiam um valor por filho que deveria estar devidamente matriculado e frequentando unidades escolares (além de manter a caderneta de vacinação em dia). Ambos os programas, em consonância, auxiliaram Nova Iguaçu ganhar destaque na mídia e em 2006 a cidade em parceria com a UNDIME<sup>17</sup> recebe o Fórum Mundial de Educação, com a temática: “*Educação Cidadã para uma Cidade Educadora*”.

“acontecerá nos dias 23, 24, 25 e 26 de março, em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, Brasil. O tema será abordado em três grandes eixos - Educação, Cultura e diversidade; Ética e Cidadania em Tempos de Exclusão; e Estado e Sociedade na Construção de Políticas Públicas, em conferências proferidas por especialistas brasileiros e estrangeiros e inúmeras atividades autogestionadas. O Fórum Mundial de Educação - Nova Iguaçu será apresentado oficialmente durante o Fórum Social Mundial, em Caracas (Venezuela), nos dias 23 e 24 de janeiro. O lançamento internacional do evento contará com a participação de importantes educadores brasileiros.

Além das conferências, o FME - Nova Iguaçu promoverá palestras, oficinas, seminários, debates e mesas-redondas organizados e coordenados por instituições. Haverá ainda um espaço para exposições de trabalhos científicos e pesquisas e uma vasta programação cultural. As inscrições podem ser feitas na página [www.forummundialeducacao.org/ni](http://www.forummundialeducacao.org/ni).

A cidade de Nova Iguaçu está se preparando para receber mais de 15 mil pessoas para o encontro, muitas são participantes de outros países. Esta é a primeira vez no Brasil que o FME não acontece em uma grande capital. As outras três edições foram realizadas em Porto Alegre e São Paulo”. (UNDIME, 2006)

<sup>16</sup> FARIAS, Lindbergh. *Prefácio*. In SILVA, Jailson de Souza e.; GOULART, Maria Antonia. *Bairro escola: experiência da educação integral em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2011, p. 9.

<sup>17</sup> União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, fundada em 1986.

O final da nota divulgada no site da instituição auxilia no dimensionamento das políticas implantadas pelo partido no município e a divulgação/forma como a mesma era vista pelo público em geral. Esse evento em específico, do qual participei ainda em formação estando no Ensino Médio, conseguiu articular todos os centros culturais da cidade, espaços formais de formação e sindicatos. Com uma extensa programação o centro de Nova Iguaçu e bairros adjacentes respiraram educação e cultura ao longo desses 4 dias.

Tratando de educação ao nível superior, mais especificamente, três frentes principais foram encaminhadas durante o primeiro mandato do governo do PT, tendo Lula à frente da presidência da República: Acesso, expansão dos programas de extensão, e a criação/ampliação de universidades<sup>18</sup>. Nessa pesquisa iremos nos ater no acesso à universidade.

A ampliação no acesso de estudantes aos cursos universitários previa um maior número de estudantes provenientes de famílias ligadas às classes trabalhadoras, que historicamente foram excluídas do ensino superior – especialmente do ensino público, quase sempre marcado por uma lógica elitista, excludente, antidemocrática e sem a mínima representatividade social. Nas raras exceções que os filhos e filhas dos trabalhadores “conseguiram ingressar em uma instituição de nível superior, fruto de um imenso esforço pessoal e familiar, não permaneciam nela por falta de apoio institucional. ” (SILVA e GOULART, 2011, p.15)

A percepção de que a universidade era um ambiente elitista, quase inacessível aos estudantes mais pobres era reforçada pela postura de afastamento do universo acadêmico da interlocução direta com a sociedade. Tendo como prioridade a excelência do ensino e da pesquisa, essas instituições estavam fechadas em seus muros.

De acordo com os dados fornecidos pelo INEP<sup>19</sup> (2022): *“75,7% dos jovens dessa faixa etária (18 a 24 anos) não ultrapassaram a educação básica, sendo que 43,4% conseguiram concluir o ensino médio. Isso significa que, em média, 3 em cada 4 jovens brasileiros não têm acesso a uma formação superior.*

Outra ação municipal que complementa a política educacional que se consolidava sob a gestão do PT, foi a criação de curso preparatório. Em 2006, a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu firma uma parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) através da coordenação de extensão, com a finalidade de implantar um curso preparatório

---

<sup>18</sup> Como por exemplo, o Programa Universidade para Todos (PROUNI).

<sup>19</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

para que o cidadão iguaçuano possa melhorar suas chances de acesso a Universidade Pública.

No documento é concedida a responsabilidade e autonomia à universidade para que ocorra a gestão geral e pedagógica do curso, pelo prazo de um ano. Devendo a mesma ofertar um total de 450 vagas, divididas em nove turmas. Os alunos optariam entre dois polos e horários alternativos (de segunda a sexta das 18h às 22h0 ou aos sábados de 08h as 12h. O primeiro foi estabelecido em 19 de maio de 2006, e a contrapartida da prefeitura junto à instituição seria um montante no valor de R\$ 220.483,64 (duzentos e vinte mil quatrocentos e oitenta e três reais e sessenta e quatro centavos).

Adiante verificaremos como de fato ocorreu a implantação do curso, com base nos relatórios gerados pela própria universidade ao final de cada período, bem como “ouvindo” a voz dos atores que participaram da trajetória do curso.

### **3. ESTADO, ESTRUTURA E POLITICA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU E CLAUS OFFE. CONTEXTO PARA CRIAÇÃO DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL NOVA IGUAÇU.**

Este estudo tem como pano de fundo a desigualdade social e as relações sociais que as reproduzem. Analisar uma instituição de ensino que tem por objetivo preparar os iguaçuanos, em situação de vulnerabilidade, para concorrer a uma vaga na universidade e também refletir sobre a desigualdade social, os fatores que operam para sua produção e manutenção.

No capítulo anterior, o histórico do município de Nova Iguaçu foi retratado de uma forma geral. Neste, a História será usada para compreender as lacunas na educação do iguaçuano que ao se candidatar ao vestibular concorre em desvantagem com aqueles que cresceram em cidades ou bairros que tem uma infraestrutura que colabora com o bom desempenho dos seus moradores que pretendem ter uma formação universitária.

Partindo do pressuposto, que o local onde vive tem forte influência na vida dos seus moradores, e, portanto, interfere em seu futuro. O objetivo deste capítulo é identificar os variáveis presentes nesse município que indicam a necessidade da criação de um pré-vestibular social, como ocorre há décadas na cidade. E, as relações políticas que permitiram a Prefeitura, através de políticas públicas, inaugurasse o PVSNI. Para analisar isto, serão empregados as contribuições dos sociólogos Pierre Bourdieu e Claus Offe.

Para Bourdieu, a desigualdade social é construída socialmente e é transmitida e conservada pela sociedade através de instituições socializadoras como: família, escola e igreja. Nesse estudo, o foco está na família e na escola porque são instituições que não prepararam adequadamente o estudante para escolher livremente sua profissão.

Com base na teoria Bourdieusiana é possível identificar como as lacunas na formação do público-alvo do PVSNI foram criadas ao longo do tempo e o impacto que isso teve na trajetória dele. A partir dos seguintes conceitos do autor: ilusão naturalista violência simbólica, habitus, campo e capital.

Essas ferramentas serão utilizadas para identificar: o problema que gera a condição de desvantagem de determinados candidatos ao curso superior; compreender as forças que sustentam a desigualdade entre concorrentes; ver como essas forças atuam para deixar fora da universidade determinados cidadãos e para concluir, a descrição das estratégias utilizadas por eles para obter o diploma de nível superior.

As contribuições de Claus Offe (1984), em especial, seu conceito de Estado e política social, ajudará a entender a relação entre o município de Nova Iguaçu e a implementação desse curso preparatório.

A partir dos conceitos desses autores, apontaremos as lacunas presentes na formação do iguaçuano, que mobilizou a prefeitura, responsável pela educação de base<sup>20</sup>, a investir na implementação de um curso preparatório para o vestibular/ENEM. Além disso, será possível descobrir as relações políticas que produziram as condições necessárias para a inauguração do PVSNI.

Bourdieu ressalta que a estrutura social, embora pareça natural, é construída socialmente. E o que parece natural favorece aos interesses de um determinado grupo. Observando as disposições acerca da educação presentes na Constituição Brasileira de 1988, e verificando como isso é estruturado na sociedade; constata-se que as diferenças são reproduzidas na base da sociedade. A lei, como citada abaixo, garante educação para todos os brasileiros:

---

<sup>20</sup> A Educação Básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/96), passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental de nove anos e o Ensino Médio. No Brasil, os municípios são responsáveis por fornecer a educação de base, ou seja: creches (até 3 anos), pré-escolas (educação infantil; 4 e 5 anos) e o ensino fundamental (7 a 14 anos). \*inserir no anexo a lei citada acima.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Conforme observado, é assegurado pelo Estado, por meio da legislação, o direito de todos a educação, utilizando seus recursos para promover a inserção das crianças à escola. Nas últimas décadas, por exemplo, foram instituídas políticas públicas como o programa “Bolsa família<sup>21</sup>” destinado a famílias de baixa renda com crianças em idade escolar.

As famílias cadastradas nesse programa recebem um valor mensal para matricular seus/suas filhos(as) na escola e assegurar que eles frequentem as aulas, caso o número de faltas ultrapasse o limite estipulado, a família deixa de receber o benefício.

Para garantir o acesso à educação há duas redes de ensino: a pública e a privada. De forma geral, as escolas particulares oferecem ao corpo discente uma educação de qualidade enquanto as públicas têm um ensino de baixa qualidade. Mas, a literatura a respeito\* aponta que há escolas boas e ruins nas duas redes, e isso muitas vezes está associado ao local onde elas estão sediadas.

Muito se fala que o ensino público tem baixa qualidade, e os dados disponibilizados pelo Ministério da Educação e as pesquisas produzidas pelas universidades apontam que há muitas escolas com problemas de infraestrutura, falta de professor entre outros problemas. Porém isso não descreve toda rede de ensino, há escolas públicas de excelência tais como: o Colégio Militar, Pedro II e os Colégios de Aplicação.

Poucas são as escolas públicas que oferecem um ensino de qualidade como as mencionadas, por isso o número de vagas é pouco em relação à demanda. Para ocupar as vagas disponíveis nessas escolas é aplicado prova de conhecimento, quando são classificados os mais preparados ou sorteio de vagas para os inscritos.

---

<sup>21</sup> O Programa Bolsa Família contribui no combate à pobreza. Além de garantir renda básica, o Bolsa Família busca integrar políticas públicas, e fortalecer a proteção destas famílias para que alcancem autonomia e superem situações de vulnerabilidade social. O núcleo básico do Bolsa Família é composto por 4 benefícios: 1. Primeira Infância: para famílias com crianças de 0 (zero) a 6(seis) anos. O benefício será de R\$ 150 por criança nessa faixa etária. 2. Benefício de Renda de Cidadania: pago para todos os integrantes da família, no valor de R\$ 142 por pessoa. 3. Benefício Variável Familiar: pago às famílias que tenham em sua composição gestantes e/ou crianças, com idade entre 7 (sete) e 12 (doze) anos incompletos, e/ou adolescentes, com idade entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos incompletos, no valor de R\$ 50 por pessoa que atenda aos critérios. 4 . Benefício Complementar: pago às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, caso o Benefício de Renda de Cidadania não seja suficiente para alcançar o valor mínimo de R\$ 600 por família. O complemento é calculado para garantir que nenhuma família receba menos que o valor de R\$ 600. \*Fonte: site Assistência Social: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/receber-o-auxilio-brasil-pab> Acesso em: 12 mar 24.

A maior parte do corpo discente é da classe média. Isso pode estar associado a uma série de fatores, como por exemplo: a escola está sediada nos bairros de classe média, favorecendo acesso à escola; mais conhecimento sobre a instituição e as modalidades de seleção. Além disso, convocar os alunos com as melhores notas na prova de conhecimento indica que os escolhidos tiveram acesso a uma boa educação. E, o sorteio, que é mais democrático, não garante vagas para alunos(as) das classes populares.

A mesma lógica pode ser empregada às escolas particulares. Frequentar esse tipo de escola não garante uma boa educação. Na periferia, há escolas que cobram uma baixa mensalidade a seus/suas alunos(as) e ainda assim não conseguem entregar uma educação de qualidade. Por não ter orçamento suficiente para sustentar tudo que envolve assegurar uma educação de qualidade aos seus/suas alunos (as).

As tradicionais, cuja mensalidade escolar é cara, onde estudam os filhos das famílias abastadas, tendem a oferecer uma ótima educação. Essas instituições de ensino tem os melhores professores, boa equipe, boa infraestrutura, materiais adequados para as aulas e a possibilidade de promover atividades culturais. Portanto, as condições necessárias para oferecer uma ótima formação aos alunos matriculados em uma de suas unidades de ensino.

Assim sendo, todos tem direito a educação, os responsáveis pelas crianças têm obrigação de matriculá-las na escola; as famílias em situação de vulnerabilidade recebem o bolsa família para garantir a frequência dos(as) filhos(as) as aulas. Então, como explicar que esses alunos (as), quando decidem fazer um curso superior precisem de um preparatório como o PVSNI?

Embora seja um direito, poucos têm o privilégio de ter uma educação que o prepare para estar no topo da pirâmide social. Normalmente, as novas gerações herdaram a posição dos pais. Por exemplo, uma pessoa que pertence à classe tende a permanecer nela, isso não quer dizer que não possa desfrutar de condições superiores às da família de onde veio. Porém, é raro ir para outra classe social.

Isto porque o processo de socialização de cada camada social é diferente. Isto se evidencia na educação e nível de escolaridade da família; local de moradia; vizinhança; acesso a bens culturais e o tipo de escola que frequenta entre outros fatores. Essas variáveis dão origem a interações sociais que por sua vez deixam marca no indivíduo, e com base

nessas informações que foram interiorizadas no corpo do indivíduo, ele forma sua visão de mundo e fundamenta sua interação social.

Para Bourdieu (2007) o que diferencia a visão de mundo e estilo de vida é a experiência social.

Tendo por objetivo determinar como a disposição culta e a competência cultural apreendidas através da natureza dos bens consumidos e da maneira de consumi-los variam segundo as categorias de agentes e segundo os terrenos aos quais elas se aplicam, desde as domínios mais legítimos, como a pintura ou a música, até os mais livres, por exemplo, o vestuário, a mobiliário ou o cardápio e, no interior dos domínios legítimos, segundo os "mercados", "escolar" ou "extra-escolar", em que são oferecidas, estabelece-se dois fatos fundamentais: por um lado, a relação estreita que une as práticas culturais (ou as opiniões aferentes) ao capital escolar (avaliado pelos diplomas obtidos) e, secundariamente, a origem social (apreendida através da profissão do pai); e, por outro, o fato de que, no caso de capital escolar equivalente, aumenta o peso da origem social no sistema explicativo das práticas ou das preferências quando nos afastamos dos domínios mais legítimos. (Bourdieu, 2007, p.18)

Como mostra Bourdieu, a interação social acontece em espaços diferentes, influenciado por elementos distintos, isso resulta na desigualdade social. Quanto mais tempo uma família fica sujeita as mesmas influências, mais sua condição de vida vai parecer natural. Quando experiências são compartilhadas criam uma identificação entre o indivíduo e o grupo a que pertence, o que acaba fortalecendo as características que o tornam semelhante a esse grupo. Esses traços são então passados as gerações futuras, que tem a tendência de seguir uma vida semelhante à de seus ancestrais por compartilhar a mesma história.

Essa dinâmica é chamada de ilusão naturalista, conceito utilizado por Bourdieu para evidenciar a diferença que separa os cidadãos entre dominados e dominantes. Os primeiros se posicionam na base da pirâmide social, enquanto os últimos no topo. O problema é que a ilusão naturalista consolida essas posições, à medida que a maioria reconhece a desigualdade social como legítima, e conseqüentemente, não age de forma coletiva para reduzi-la. Dessa maneira, os dominados contribuem para conservação de uma estrutura social que o afeta.

Como será abordado com mais detalhes nos próximos capítulos, os iguaçuanos oriundo das escolas públicas da cidade, geralmente, pertencem a família da classe popular. E, portanto, com baixa escolaridade, poucos recursos para oferecer aos filhos(as) acesso a bens culturais, e tem pouca ou nenhuma relação com universidade. O oposto de concorrente que teve acesso a esses privilégios.

Desta forma, verifica-se que a sociedade é estruturada para que os dominantes tenham acesso a maior parte dos bens produzidos pela sociedade. A família e a escola distribuem esses bens para os seus, de acordo com seus recursos. Todo o poder - entre eles: conhecimento, recursos... - que as famílias possuem, são transferidos para seus/suas filhos(as), através do que Bourdieu define como capital.

Bourdieu divide o capital que uma pessoa pode acumular em: financeiro, cultural, social e simbólico. É com base nesses capitais, que os indivíduos são posicionados na sociedade. Ou seja, quem tem mais capital, tem maior probabilidade de ser bem-sucedido. Sendo que o poder de cada capital é relativo, variando de acordo com o “campo” que o indivíduo está inserido.

Campo é mais um conceito de Bourdieu. A partir dessa ferramenta é possível dividir a sociedade em campo. Dessa forma, é possível estudar e identificar a relação de força que atua em determinado campo. Esse dado aumenta a probabilidade de um indivíduo entender a relação de força que permeia o campo e assim elaborar estratégias para adquirir os capitais necessários para entrar, permanecer e se destacar em um determinado campo.

No caso, dos(as) alunos do(a) do PVSNI eles ingressam nesse preparatório para adquirir o capital necessário para ingressar numa universidade. Para ter condições de fazer uma graduação eles precisam, por exemplo, dos seguintes capitais: capital cultural (ter estudado em bons colégios, acesso a notícias...); capital social (possibilidade de interagir com pessoas que circulam na universidade, e assim obter conhecimento sobre o campo); capital financeiro (dinheiro para custear as despesas do curso) e capital simbólico (as regras para ingressar na universidade e posteriormente sair formado favorecem aos dominantes). Sendo assim, o pré-vestibular social e as ações do governo para ampliar o número de universitários oriundos da classe popular é uma forma de compensar o capital que os alunos não receberam.

As famílias que pertencem à classe popular, majoritariamente, não têm membros com curso superior. E, essa é uma das variáveis que afetam os interessados em ter uma graduação, pois é mais difícil para ele escolher o curso e ser selecionado para uma universidade. Porque escolha e a seleção requer conhecimentos, tais: o repertório de profissões, vivenciar algo relacionado a ela, inteirar-se das habilidades necessárias para atuar na área e onde cursar.

Ou seja, é necessário um preparo que se inicia na infância. Isso como veremos não é um impedimento, mas um facilitador.

Desde cedo, ele tem contato com as profissões ligadas a classe trabalhadora. Então, essas profissões são mais conhecidas, e por isso é mais fácil ingressar nela e ser bem-sucedido. Já que conhecem os caminhos para se profissionalizar e terá quem os ajude seja para ensinar a profissão, seja para obter uma colocação no mercado de trabalho. Ou seja, embora haja competição nesse campo, ele terá mais facilidade para entrar e se estabelecer.

A probabilidade de ser bem-sucedido nas profissões que estão destinadas à sua classe são maiores. Se quiser, como o(a), aluno(a) do preparatório quer, terá que investir muito mais e por muito tempo. Porque os que estão no campo que ele pretende entrar, não o querem lá. No caso, do vestibulando isso se materializa na falta de boa educação e dinheiro para se manter no curso. Esses, entre outros elementos os pressionará a não entrar no campo.

É possível observar isto na educação oferecida no município de Nova Iguaçu. As escolas públicas destinadas aos alunos(as) de baixa renda é um indicador dessa realidade. Estas escolas geralmente não têm a estrutura adequada para oferecer um estudo de qualidade para que os(as) alunos(as) possam escolher o curso universitário de sua preferência. E, sua família de baixa renda não tem dinheiro para custear um pré-vestibular e a graduação.

A cidade também não tem o número de bens culturais para que os jovens tenham acesso a outras atividades e descubra suas habilidades e preferencias. Os moradores de bairros que oferecem teatro; cinemas; quadras para prática de esporte, por exemplo, com preços acessíveis, tem uma socialização que promove o sucesso profissional.

Assim, quando os dominantes e dominados concorrem a uma vaga na universidade é mais provável que o dominante fique com a vaga. E, isso seja considerado aceitável porque o dominante demonstrou mais competência para ganhar a vaga, não porque ele seja melhor que o dominado, e sim porque foi “preparado” a vida toda para isso.

Então, é esse processo que permite que um grupo tenha mais capital que o outro e, portanto, mais chances de ter um diploma de curso superior. Essa vantagem é garantida, segundo Bourdieu, pela violência simbólica. Ou seja, não é assegurada pela força física, mas pela maior quantidade de oportunidades, capital, que os dominantes possuem que por parecer natural, é pouco confrontada e, portanto, resistente a mudança.

Bourdieu afirma também, que essa dinâmica que constitui a desigualdade social, deixa marcas no corpo, que são os *habitus*. Então, o *habitus* é o jeito que o indivíduo se apresenta e vê o mundo. Logo, o *habitus* é resultado das interações sociais, sendo incorporado, tendencionando a determinar o modo como o indivíduo compreende o mundo e a forma como ele interage socialmente e apreende diversos tipos de poder.

Um município que ao longo da história, como exemplificado no capítulo anterior, prosperou economicamente, mas os recursos gerados pela classe trabalhadora não se converteram em bens coletivos e não promoveu a mobilização social daqueles que dedicaram seu tempo para gerar as riquezas produzidas no período.

As características do município indicam apesar dos períodos de riqueza, a maneira de administrar os recursos continuou o mesmo. Os impostos foram investidos majoritariamente na área central, enquanto a periferia continuou com os mesmos problemas de infraestrutura.

Para os bairros periféricos a herança desse período foi o aumento da população, já que alguns trabalhadores se mudaram para o município, atraídos pelas oportunidades de trabalho, com suas respectivas famílias, e não deixaram a cidade quando ficaram desempregados. Aqueles que o mercado local dispensou, buscaram empregos em outras cidades. Saíram de Nova Iguaçu, também, os profissionais mais qualificados, em buscar de melhores oportunidades em outros lugares.

É nessa cidade que é construída o PVSNI para preencher as lacunas na educação do iguaçuano. Como já mencionado, o curso preparatório para o vestibular/ENEM não é uma novidade, uma vez que outras iniciativas já haviam sido executadas - pré-vestibulares idealizados por movimentos sociais, igrejas e universidades, por exemplo. Mas, este preparatório, por ser uma iniciativa da Prefeitura, teve mais acesso a investimentos e contou com a parceria da UFRJ. O projeto ofereceu mais que conteúdo para os alunos, como veremos mais a frente, o que o torna peculiar.

Ser socializado numa cidade com estas particularidades deixa marcas no corpo. Como afirma Bourdieu (1996):

os *habitus* são diferenciados; mas também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em práticas princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comum. (Bourdieu, 1996, p. 22)

Sendo assim, o *habitus* – que o coloca em desvantagem, por não conter a quantidade de capital capaz de favorecer o ingresso ao campo universitário – terá que ser compensado. A História mostra que o nivelamento ocorre de diversas formas: através de ações individuais – quando a pessoa com recursos próprios investe tempo e dinheiro em um pré-vestibular e consegue uma vaga na universidade - ação coletiva, como é o caso do pré-vestibular social.

O(a) aluno(a) tem que ter estratégias para conseguir o capital que precisa para atingir seu objetivo. E, o preparatório de Nova Iguaçu disponibiliza conhecimentos dos conteúdos exigidos nas provas; contato com o campo universitário através dos monitores(as), estímulo para continuar investindo na realização do sonho de ser um(a) universitário(a), apontando que o sonho pode ser transformado em realidade através da disciplina e dedicação ao estudo. Ser aluno (a) de um pré-vestibular social não tem o poder de transformar o seu *habitus*, mas tem potencial de mudar o suficiente para que o vestibulando ingresse na universidade.

Segundo Bourdieu, a estratégia é uma maneira de o indivíduo agir, nem sempre consciente, para alcançar os objetivos através de seus próprios recursos. Ou seja, não teve acesso a uma educação privilegiada, então se matricula num cursinho para se apropriar dos conhecimentos necessários para atuar no mercado como profissional de nível superior. Que se configura numa estratégia de mobilidade social, à medida que aumenta as chances de atuar numa profissão mais valorizada do que as exercidas por outros familiares. E, assim com o potencial de mudar também o *habitus* da própria família, à medida que está concretizado, com sua experiência, na trajetória profissional de um familiar a possibilidade de exercer profissões que exige o curso superior.

O mercado de trabalho está mudando e por isso necessita de profissionais mais qualificados para trabalhar. As Inovações que estão cada dia mais presente na vida do cidadão de baixa renda, o que aumenta a demanda por um número maior de profissionais de mais alta escolaridade.

O jovem que pertence à classe trabalhadora tem uma necessidade maior de se profissionalizar devido ao baixo capital econômico. Não contam com herança e muitos contribuem com as despesas da casa, quando os responsáveis não são capazes de fazê-lo. Precisam se profissionalizar e, muitas vezes escolhem um curso superior a fim de garantir

sua subsistência e melhorar sua condição financeira. E, por isso precisam de algo que o ajude a ter o capital suficiente para entrar na universidade.

O sistema escolar age como o demônio de Maxwell: à custa do gasto de energia necessária para realizar a operação de triagem, ele mantém a ordem preexistente, isto é, a separação entre alunos dotados de quantidades desiguais de capital cultural. Mais precisamente, através de uma série de operações de seleção, ele separa os detentores de capital cultural herdados daqueles que não o possuem. Sendo as diferenças de aptidão inseparáveis das diferenças sociais conforme o capital cultural herdado, ele tende a manter as diferenças sociais preexistentes. (Bourdieu, 1996, pág. 37.)

Uma vez que os pais dos estudantes da elite têm uma boa educação, profissões valorizadas e convivem com familiares e amigos que também tem capital equivalente, eles já chegam à universidade com uma posição privilegiada. O esforço dos oriundos dessa classe é menor e o resultado é maior ao comparar com o universitário de baixa renda.

Isto faz com que a sociedade apoie esta iniciativa e justifique o investimento da Prefeitura de Nova Iguaçu na criação e no desenvolvimento desse curso preparatório numa área da educação que não é da sua responsabilidade.

Esses elementos nos mostram a relação do governo de Nova Iguaçu e seus moradores. Mas, apesar de necessidade do PVSNI, as relações políticas também favoreceram a sua constituição, como veremos na próxima seção.

Muitos iguaçuanos sabem que sua socialização tem essas lacunas. Eles entendem que os estudantes de escolas particulares ou “boas” escolas públicas tem um diferencial e, portanto, mais chances de ingressarem numa universidade de prestígio e tornarem-se profissionais reconhecidos.

Geralmente, os(as) alunos(as) oriundos de boas escolas também procuram um curso pré-vestibular para se preparar para o vestibular/ENEM, mas estes já entram na disputa com a vantagem de ter tido uma socialização que o prepara para vencer na sociedade em que vivem.

Então, todos têm acesso à educação, mas não recebem a mesma educação. Sendo assim, quando os dominantes e os dominados disputam uma vaga na universidade os primeiros têm mais chance de conseguir. Como não há vagas para todos e o critério de seleção é classificatório, os mais preparados ficam com a vaga. Com o conceito de ilusão naturalista de Bourdieu, é possível dizer que esse critério não é justo porque os concorrentes

não partiram do mesmo ponto. E, isso justificaria a criação do pré-vestibular social, para de alguma forma preencher a lacuna da trajetória do dominado.

A partir de Offe é possível compreender as relações que torna possível o desenvolvimento de uma política pública que cria PVSNI. Como já mencionado, esse pré-vestibular/ENEM, tem suas particularidades, mas não é algo inédito e único em Nova Iguaçu. Entre outras iniciativas<sup>22</sup>, há Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e o Pré-ENEM da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) é resultado de movimento popular e relacionado à Igreja Católica<sup>23</sup>.

Assim, a proposta inicial na Baixada Fluminense baseou-se em duas constatações: a péssima qualidade do ensino médio nas escolas públicas e privadas da Baixada Fluminense, o que reduz drasticamente as possibilidades de acesso do estudante ao ensino superior e a verificação do baixo percentual de estudantes negros nas universidades (CANDAU, 2002). Aliado a isso, não podemos desconsiderar a situação de pobreza do público alvo interessado nesse projeto. (Brito, 2018.p 281)

O Pré-ENEM é um projeto de extensão universitária oferecida pela UFRRJ em Nova Iguaçu. Sua equipe é formada por professores e alunos da Rural (UFRRJ). Do mesmo modo PVSNI, o curso é gratuito e tem por objetivo oferecer mais que o cursinho tradicional, como consta em seu site<sup>24</sup>:

O objetivo central do programa é preparar para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), assim como promover atividades interdisciplinares nos formatos de oficinas, cursos e eventos ultrapassando os limites das diretrizes do ENEM e ofertando uma educação cidadã. O Público-alvo da ação de extensão são candidatos que tenham concluído ou estejam concluindo o ensino médio, que residam, preferencialmente, no Estado do Rio de Janeiro, município de Nova Iguaçu e municípios limítrofes a Nova Iguaçu e que desejam se preparar para o ingresso no ensino superior através do Exame Nacional do Ensino Médio. (ENEM). Portal da UFRRJ.

---

<sup>22</sup> Para mais informações sobre pré-vestibular. ver: MITRULIS, Eleny; PENIN, Sônia Teresinha de Sousa. Pré-vestibulares alternativos: da igualdade à equidade. Cadernos de Pesquisa, v.36, n 128, p.269-298, maio/ago.2006.

<sup>23</sup>Ver Rodrigues Junior. Nilton. A Presença da Religião na Educação Popular: O Caso do Pré--Vestibular para Negros e Carentes. Revista Contemporânea de Educação, vol. 9, n. 17, janeiro/junho de 2014

<sup>24</sup> Fonte: <https://portal.ufrrj.br/pro-reitoria-de-extensao/pre-enem-nova-iguacu/>. Acesso em: 27 mar. 24

Esses cursos como outros semelhantes, tem o mesmo público-alvo PVSNI, e todos tem sua contribuição na mudança do perfil de alunos(as) das universidades do Rio de Janeiro. Com as mudanças na legislação que favorecem o acesso desse público ao diploma de nível, o impacto nos últimos anos tem sido bem maior<sup>25</sup>.

Sendo assim, embora nem todos tenham conhecimento do processo que gera a desigualdade social, experiências individuais revelaram ser possível a entrada de indivíduos que não são perfil esperado a universidade. Isso resulta em novas iniciativas como o pré-vestibular social, descrito anteriormente.

Quando o Estado entra – portanto a ida do indivíduo da classe popular para a universidade sai da iniciativa individual – porque a história é repleta de indivíduos que ousaram ir, ocupar espaços que não estava destinado a eles – e sua trajetória mostra que é possível mesmo com a violência simbólica, não é fácil, mas a trajetória desses aponta que não é natural e sim construída as diferenças, E, também as iniciativas como os pré-vestibulares sociais que também atinge o mesmo objetivo, mas beneficiando um número maior de pessoas.

O PVSNI é inserido nesse contexto, de criar condições para o jovem ir para universidade. Um preparatório criado pela Prefeitura de Nova Iguaçu – na gestão do PT – remete a seguinte questão tratada nesse trabalho: se a população já demandava e acreditava em pré-vestibular social, por que só em 2006 a Prefeitura inaugura PVSNI?

Isso aponta para outra dimensão do PVSNI, a participação do Estado. Isto porque o que torna esse projeto possível são as políticas públicas que antecederam sua criação, tais como: a política de cotas. E, todo investimento do Governo Federal – gestão do PT - em abertura de universidades e escolas técnicas. Ações que continuam<sup>26</sup> agora que o PT assume novamente a Presidência da República. Isso remete a questão do Estado, pois a necessidade

---

<sup>25</sup> Sobre o desempenho dos cotistas. Ver: Impactos das cotas no ensino superior: um balanço do desempenho dos cotistas nas universidades estaduais <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260020>

<sup>26</sup> Ver no portal do *Ministério* dos Direitos Humanos e da Cidadania: Sancionada pelo presidente Lula, nova Lei de Cotas amplia vagas nas universidades públicas. Publicado em 13/11/2023 17h23. Atualizado em 14/11/2023 11h22. Ver também: portal da Câmara dos Deputados: [https://www.camara.leg.br/noticias/1032389-sancionada-lei-que-cria-incentivo-financeiro-ao-estudante-do-ensinomedio/#:~:text=Foi%20publicada%2C%20no%20Di%C3%A1rio%20Oficial,escola%20e%20conclu%C3%ADrem%20o%20curso](https://www.camara.leg.br/noticias/1032389-sancionada-lei-que-cria-incentivo-financeiro-ao-estudante-do-ensinomedio/#:~:text=Foi%20publicada%2C%20no%20Di%C3%A1rio%20Oficial,escola%20e%20conclu%C3%ADrem%20o%20curso.). 17/01/2024 - 19:40. Fonte: Agência Câmara de Notícias

já existiu e já havia estratégias para utilizadas por esses indivíduos para superar as dificuldades que o separava do diploma de nível superior.

Para refletir sobre a questão acima, será utilizada as contribuições do sociólogo Claus Offe, que diferente de outros autores aborda conceitua o Estado a partir das descrições de formas e procedimento; Offe apresenta o conceito de Estado a partir da função do Estado, relação de interesse e resultados, ou seja, para que o Estado existe? A partir dessa definição, será possível compreender as relações políticas que a criação do PVSNI.

Como apresentado, Bourdieu trabalha com as relações de interesses uma vez que a constituição da estrutura social é construída para beneficiar a classe do dominante. Offe ao definir Estado diz que sua função não é privilegiar uma classe. Embora, para atingir sua função uma classe possa ser beneficiada manter o mercado funcionando.

O Estado nem está a serviço nem é "instrumento" de *uma* classe contra outra. Sua estrutura e atividade consistem na imposição e na garantia duradoura de regras que institucionalizam as relações de classe específicas de uma sociedade capitalista. O Estado não defende os interesses particulares de uma classe, mas sim os interesses *comuns* de todos os membros de uma *sociedade capitalista de classes*. (OFFE, RONGE, 1984. p.123.)

Então, sendo o Estado Capitalista seu principal objetivo é acumulação de riqueza. Essa riqueza é resultado da produção de bens que é feita através do trabalho assalariado. Sendo assim, a função do Estado é criar políticas públicas para fazer a relação de troca ser bem-sucedida, sem esse resultado sua existência não faz sentido.

A função é defender o interesse de toda população, à medida que atua para impulsionar o desenvolvimento do Estado Capitalista, em outras palavras, estimular a acumulação de capital. Para isso, ele tem que ter estratégias para que todos os cidadãos estejam inseridos no mercado, participando do sistema de trocas.

E, o Estado como não gera riqueza, e por isso precisa que o mercado funcione bem. Pois através dos impostos produzidos nas trocas que acontecem no mercado, e posteriormente recolhido pelo Estado que pagam as despesas geradas pelas políticas públicas. Offe defende que:

Estado capitalista não visa em absoluto a uma proteção especial a um certo interesse de *classes* mas *sim* ao interesse geral em todas as classes, na base das relações de troca capitalista. Por isso seria equivocado - como fazem ocasionalmente certas análises marxistas da economia da educação - interpretar a política educacional do Estado como tendo por objetivo qualificar a força de trabalho necessária para certas indústrias ou formas de emprego. Pois ninguém (e muito menos a burocracia estatal) pode saber que capitalista necessitará de que tipos de qualificações, e em que

quantidades. Parece ser mais fecundo interpretar a política educacional estatal sob o ponto de vista estratégico de estabelecer um máximo de opções de troca para o capital e para a força de trabalho, de modo a maximizar a probabilidade de que membros de ambas a classe possam ingressar nas relações de produção capitalistas. Da mesma forma, as políticas de "pesquisa e desenvolvimento" do Estado não são concebidas tendo em vista as indústrias usuárias, que aplicam os resultados da pesquisa financiada com recursos públicos; elas têm o objetivo de abrir novos mercados, de proteger o sistema econômico nacional contra a competição estrangeira, de promover o crescimento, de melhorar as posições de competitividade no exterior. Em suma, seu objetivo é criar e \*preservar as condições sob as quais possa perpetuar-se o processo de troca através do qual todos os valores da sociedade capitalista são reproduzidos. O fato de que certos grupos capitalistas (ou categorias da força de trabalho) sejam mais favorecidos que outros, não é o objetivo, mas o sub-produto necessário de uma política que está voltada, de forma abstrata, para a conservação e a universalização da forma mercadoria. (OFFE, RONGE, 1984. P.128-129.)

Aponta duas perspectivas distintas sobre o Estado, mesmo ressaltando que ambas são insuficientes mediante a complexibilidade do aparelho de Estado frente ao Capital. Na primeira, denominada pelo autor como teoria da influência, o Estado é visto como um instrumento da classe dominante. Através de prestígio e influências internas e externas, a classe burguesa acessaria uma atuação governamental que favoreceria seus interesses e nada mais. Tendo a atuação do Estado, a classe dominante conseguiria assentar a dominação existente, social e política, de forma pacífica, mesmo não correspondendo aos interesses e à realidade social da maior parte dos indivíduos.

Na segunda perspectiva, denominada como teoria dos fatores limitativos, ao contrário da primeira, o Estado é visto como um instrumento que defende os interesses comuns de todos os membros da sociedade, não favorecendo os interesses específicos de uma classe. Promove o desenvolvimento do sistema capitalista, inserindo todos nessa estrutura, ou seja, o Estado estabelece sua posição como poder público na promoção do acúmulo do capital, "auxiliando" o desenvolvimento desse sistema através da inserção dos sujeitos.

As duas linhas de argumentação são inadequadas para demonstrar o caráter classista do Estado. Elas se limitam a analisar as relações de determinação externa que dão ao processo político um conteúdo de classe. (Offe, 1984, p.142)

Comprovando a inadequação das teorias, Offe nos apresenta os seguintes argumentos. Primeiro, frequentemente tomamos conhecimento de atos políticos que aparentemente afirmariam a correção da teoria da influência, todavia os resultados obtidos através desses não podem ser atribuídos de forma unívoca a um "interesse global" capitalista

(p.145), ou seja o resultado de tais atos demonstraria uma contradição entre as decisões políticas e os resultados obtidos de fato:

É maior a probabilidade de que os interesses da classe dominante sejam neutralizados por pressões particularistas e até diretamente violados, ou pelo menos que as decisões negociadas sejam relativamente irrelevantes para o capital global[...], em condições pluralistas (Offe, 1984, p.145).

O segundo argumento diz respeito ao conceito de poder do Estado. Para que este efetivamente tenha validade, é necessário existir uma relação de reciprocidade entre dois elementos: o agente que executa uma ação e aquele que tem o poder de conceder o direito de realizar tal ação. Por consequência, só se possui poder sobre aquele ou aquilo se houver uma força que autoriza, permita exercer tal posição de poder e de agentes que concretamente se submetam dentro de uma dada ordenação social. Assim:

A comprovação de caráter de classe, capitalista de uma organização de poder estatal depende, por isso, da explicitação das analogias estruturais entre o Estado e a economia organizada sob forma capitalista. (Offe, 1984, p. 146)

Mas para Offe (1994) ainda se faria necessário indagar como a “*relação objetiva de complementaridade entre o poder político e econômico*” ocorre. Apesar do posicionamento “neutro” que o Estado tenta manter, as ações são concebidas para que todos sejam inseridos efetivamente nas relações de trabalho, seja na condição de proprietários dos meios de produção, ou seja, como vendedores de força de trabalho. Ao se desenvolver uma política educacional, o que está em jogo não é o desenvolvimento de um setor ou classe específica, mas todo o sistema. Dessa maneira, o Estado fornece à classe trabalhadora capacitação e formação para o melhor desenvolvimento das forças produtivas, culminando na possibilidade, não necessariamente concretizável, de acumulação de capital e mobilidade social. Ao mesmo tempo, disponibiliza ao capital uma mão-de-obra qualificada, atendendo a demanda deste último.

A partir dos conceitos de Bourdieu: campo, habitus e capital, compreendemos que a classe trabalhadora chega à vida adulta sem os capitais necessários para competir com os oriundos da classe dominante. Sendo assim, a capacitação, apontada por Offe (1984), privilegia a classe dominante, mais preparada para ocupar as melhores posições no campo profissional. Para classe trabalhadora ficam as posições menos disputadas, apenas uma parcela reduzida desse grupo consegue atingir os postos de trabalho mais cobiçados. A possibilidade de atingir este lugar incentiva muitas pessoas a se qualificarem para competir.

E, os que não conseguem ou mesmo não lutam pela melhor posição no campo são preparados para ocupar as posições que a classe dominante descarta por ter menor capital simbólico.

Seguindo nessa perspectiva, mesmo que o(a) aluno(a) não consiga atuar na sua profissão, com o diploma de nível superior ele estará mais qualificado para concorrer a uma vaga no serviço público, para cargos que oferecem melhores salários e com menor concorrência se comparados com os de nível médio. Nesse contexto, mesmo que concorra com os candidatos de nível médio, muitos concursos oferecem, dependendo do edital, mais pontos na classificação. Ele acumula mais capital para ter uma vida mais confortável do que a dos seus pais.

Para Offe (1984), o Estado não possui uma posição estática, pelo contrário, existe uma conexão direta com a força econômica e a organização da vida social. Observando mais de perto esses dois eixos, o Estado age de forma reativa a fim de garantir a subsistência (mesmo que precária) de seus cidadãos, ampliando as ações destes últimos, ao mesmo tempo em que gera nestes uma dependência dessas ações sociais do Estado.

A iniciativa do preparatório vem retratar o que nos aponta Offe (1984) a classe trabalhadora, cansada de baixos salários e grandes cargas de trabalho, busca galgar oportunidades e encontra através da educação uma perspectiva para obter as possibilidades mais favoráveis para seu ingresso e permanência no mercado de trabalho. Essa “busca” foi captada pela prefeitura de Nova Iguaçu que despontou como único município da Baixada Fluminense a oferecer um instrumento para obtenção de maior escolarização, mediante preparação para processos de acesso ao ensino superior. Existiam e existem outras iniciativas semelhantes, porém que se ligam diretamente a movimentos sociais e igrejas, por exemplo, o Preparatório para Negros e Carentes da igreja católica, ou seja, não são iniciativas “estatais”. Nesse sentido, considerando as características econômicas acima mencionadas de Nova Iguaçu, sobretudo a predominância do setor de serviços, podemos dizer que a iniciativa do Curso Preparatório se insere dentro do que Offe conceituou como política social, visto que boa parte dos possíveis futuros profissionais de nível superior tende a se inserir no mercado de trabalho como assalariados; *“A política social é a forma pela qual o Estado tenta resolver o problema da transformação duradoura de trabalho não assalariado em trabalho assalariado.”* (Offe, 1984, p.15)

A partir da conceituação de Estado de Offe, o curso preparatório é uma política social que compensa as lacunas produzidas na escolarização. A falha que dificulta a entrada de individuais da classe trabalhadora no ensino superior. Isto porque, o número inferior de trabalhadores qualificados para executar as demandas do mercado de trabalho geraria problemas para a sociedade capitalista e o Estado não pode deixar acontecer. Sendo assim, o Estado dificulta ou facilita o acesso da classe trabalhadora à universidade de acordo com as demandas do mercado, assumindo o controle sobre essa.

Utilizando a definição de política social elaborada por Offe, para compreender o que acontece em Nova Iguaçu, um município, como mencionado anteriormente, em que o número de moradores aumentou para atender as demandas do mercado de trabalho. Os trabalhadores tinham uma jornada de trabalho longa, então muitos optaram por morar mais próximo do local do trabalho, tornando o que Nova Iguaçu é hoje, uma cidade dormitório.

O notável crescimento econômico de Nova Iguaçu não promoveu o crescimento planejado do município. A cidade viveu um ciclo de economia pujante, mas isso não fez com que a cidade crescesse de forma estruturada. Apesar da oferta de emprego, que atraiu trabalhadores, a cidade não se desenvolveu a ponto de oferecer para esses profissionais uma boa infraestrutura para que eles pudessem morar na cidade em condições adequadas para construção de uma vida confortável e com possibilidades reais de mobilidade social.

Tais características atravessam os sucessivos governos. Muitos bairros ainda sofrem com os problemas de infraestrutura de um município que obriga seus moradores que buscam melhores salários ou instituições educacionais de prestígio a se deslocarem para a capital a fim de ter sua demanda atendida.

Resumidamente, ao empregar os conceitos de Bourdieu e Offe para analisar nosso objeto de pesquisa, foi possível descrever os obstáculos que impedem o ingresso de mais jovens da classe popular a universidade, entendendo que embora pareça natural que os universitários sejam de classes mais abastadas e que também pareça natural que haja mais motoristas, garçons, gari, pedreiros, comerciários oriundos da classe popular, não é natural, como a primeira vista pode-se acreditar, mas sim um conjunto de ações humanas que levam a essa configuração de sociedade.

Essa mudança mais expressiva quando o Estado ao cumprir sua função de manter o mercado funcionando adequadamente entra em ação, com o desenvolvimento de políticas

públicas para suprir as necessidades do mercado. Que nos leva a hipótese de que a criação do PVSNI, resultado de política pública do município de Nova Iguaçu seja mais uma ação do governo para formar os profissionais que o mercado precisa.

#### **4 – REFLEXÕES SOBRE O CURSO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL NOVA IGUAÇU.**

A literatura dedicada aos estudos sobre desigualdade social, mobilidade social e temas afins, aponta para o fato de que os problemas enfrentados pela classe trabalhadora têm origem na forma com que a sociedade é organizada. Feita de forma a preservar os privilégios da classe dominante. Essa estrutura que o município de Nova Iguaçu apresenta, limita as possibilidades de ascensão social da classe popular. É preciso força e ajuda externa para que haja mobilidade social. É da identificação desta necessidade que surgem na região, por iniciativa dos movimentos sociais, cursos preparatórios destinados à população negra e pessoas carentes, para que estes possam acessar as melhores universidades. Como política pública, em Nova Iguaçu, surgiu no governo do Partido dos Trabalhadores (PT).

O PVSNI foi construído num momento propício para o ingresso de mais alunos(as) na universidade. Podemos verificar isto a partir das políticas educacionais implementadas na época, políticas estas, que mudaram o perfil do universitário.

Na esfera federal, houve iniciativas para atender aos alunos(as) que buscavam uma universidade de prestígio para estudar. Estas ações também atenderam aqueles que optaram ou foram admitidos nas universidades ou faculdades privadas à medida que facilitaram o pagamento delas.

Na esfera Estadual<sup>27</sup>, a UERJ foi pioneira na implantação da política de cotas. Em 2000, passou a reservar 50% das vagas para estudantes egressos de escolas públicas. No ano seguinte, a Lei 3.708 destinou 40% das vagas para candidatos autodeclarados negros.

---

<sup>27</sup> Para saber mais sobre cotas na UERJ, acesse o site da instituição: [https://www.vestibular.uerj.br/?page\\_id=10607](https://www.vestibular.uerj.br/?page_id=10607). Em 2000, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) aprovou a Lei 3.524, que passou a reservar 50% das vagas para estudantes egressos de escolas públicas. Já em 2001, a Lei 3.708 destinou 40% das vagas para candidatos autodeclarados negros.

Essas associações, ligadas a outras distribuídas pelo Brasil como a inauguração de universidades e escola técnicas, tornam mais atraente para classe trabalhadora investir no pré-vestibular/ENEM e na formação universitária como uma estratégia de mobilidade social.

Nesse sentido, PVSNI é um bom modelo para entender as relações políticas que permitiam que esse projeto existisse e que se tornasse uma política pública ligada a prefeitura e não a um partido político. À medida que a política educacional muda, aumentando as chances de acesso à universidade, é provável que a procura por este tipo de curso também aumente, justificando o investimento da prefeitura de Nova Iguaçu nesta área.

A criação do PVSNI foi possível porque é resultado de um momento político específico em que o prefeito de Nova Iguaçu, Lindbergh Farias, era do mesmo partido do Presidente da República, Lula, como apresentado anteriormente, que objetivava enquanto estratégia política de manutenção, que as políticas educacionais possibilitassem a mudança no perfil do universitário brasileiro.

O jovem que vem da classe trabalhadora geralmente convive com pessoas que não se profissionalizaram através de curso superior. Alguns herdam, por exemplo, a profissão dos pais aprende com os profissionais mais antigos ou no próprio trabalho com a colaboração do chefe ou colegas mais experientes.

É comum na classe trabalhadora que os pais não tenham muitos anos de estudos, embora valorize o estudo as circunstâncias não permitem que eles ofereçam uma boa educação para o(a) filho(a). Não têm condições de auxiliá-los nos deveres de casa, não têm recursos para contratar um professor(a) particular que cumpra esse papel e nem tão pouco de matriculá-lo em uma escola que ofereça um ensino de qualidade.

A falta de recursos financeiros, pouca familiaridade com o mundo acadêmico torna a possibilidade de cursar uma graduação algo muito distante desse jovem e de sua família. Diferente do que acontece com o jovem de classe média que estuda nos melhores colégios e tem recursos, caso julgue necessário, de estudar em um dos melhores preparatórios da cidade, reunindo condições de concorrer às vagas mais disputadas nas universidades públicas.

Os jovens da classe média sempre tiveram como uma das opções fazer uma graduação. Eles convivem com familiares e amigos que tiveram experiência universitária e muitos atuam na área de formação. Assim, ir para universidade torna-se um caminho natural.

Quando concluem o ensino médio, a questão é escolher se vai fazer uma graduação e se sim, qual o curso.

A sociedade civil através da Igreja Católica, das ONGs, das universidades, entre outros está a algum tempo se organizando para oferecer pré-vestibular para jovens carentes. Um trabalho bem-sucedido que vem inspirando outras iniciativas nessa área.

Há um interesse em promover mobilidade social através da educação formal. E, por isso essa iniciativa se propaga. E, nas últimas décadas vimos iniciativas também da parte do governo federal e estadual no sentido de abrir espaços nas universidades públicas para os jovens egressos de escola pública. Por isso, há uma série de ações para facilitar o acesso das pessoas de baixa renda a universidade pública e escola técnica, ou seja, instituições educacionais de nível médio e superiores gratuitas e de qualidade.

Nessa onda de ações para promover maior acesso do jovem da classe popular surge o PVSNI para atender ao público de baixa renda e situação de vulnerabilidade. Um preparatório que visa atenuar as brechas que a educação básica deixou, preparando os estudantes para conseguir uma vaga numa universidade pública e de qualidade.

Será apresentada a percepção das ex-coordenadoras entrevistadas a respeito do curso, depois a avaliação dos ex-alunos e para concluir, a análise de documentos.

#### **4.1 - Estrutura e equipe do PVSNI**

*O saber como arma de transformação para a classe trabalhadora*

PVSNI

A epígrafe acima consta do “Relatório de Atividades e resultados do Projeto Curso Pré-vestibular de Nova Iguaçu”, produzido pela equipe gestora do PVSNI ao fim do primeiro semestre de 2006, e tenta dar conta dos primeiros meses de funcionamento do Curso Pré-Vestibular. Apoiando-se na ideia de que o saber é instrumento de transformação da classe trabalhadora, a equipe do PVSNI indicava, minimamente, o espírito que permeava o trabalho realizado pela própria junto aos municípios da cidade. Podemos observar total conexão entre a ideia de ascensão social através do conhecimento, ou seja, os estudantes teriam acesso a uma ferramenta para a mudança de suas vidas.

De acordo com o registro no relatório de atividades e resultados, a ideia principal era, segundo a equipe de gestão, que o PVSNI servisse de “estímulo a criação de novos

espaços de formação e de acesso a bens culturais e educacionais” (Jan-Jun,2006, p.4). E que, portanto, visava possibilitar que os municípios fossem atendidos por esses “novos espaços de formação” desfrutando de melhores resultados nos processos seletivos para acessar ao ensino superior nas universidades públicas.

Podemos observar no gráfico abaixo que na dinâmica de criação do PVSNI, cabia à prefeitura do município assumir os custos de implantação e manutenção do projeto. Tais recursos eram repassados para a Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), ligada a UFRJ, a instituição sem fins lucrativos tem por objetivo operacionaliza recursos ligados a aplicação de projetos ligados ao ensino, pesquisa, cultura, e extensão universitária.

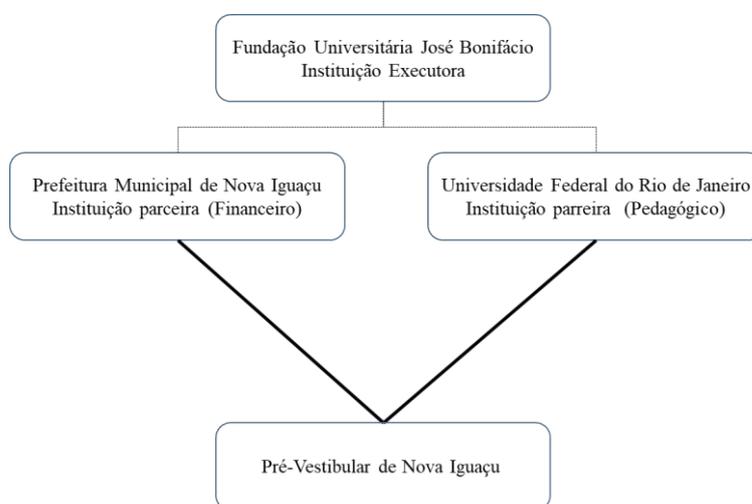


Figura 4 - Organização do PVSNI, 2006  
Elaborado pela autora a partir do Relatório de Atividades e Resultados

A gestão do projeto cabia inteiramente à UFRJ. Assim sendo, todos profissionais que atuaram no PVSNI possuíam vínculo com a instituição: sejam como aluno de graduação ou pós-graduação, ou mesmo professores. A equipe era composta por dois coordenadores gerais, um coordenador pedagógico e um coordenador cultural. Dez professores orientadores e dois supervisores auxiliavam no acompanhamento das turmas, junto com outros 32 monitores.

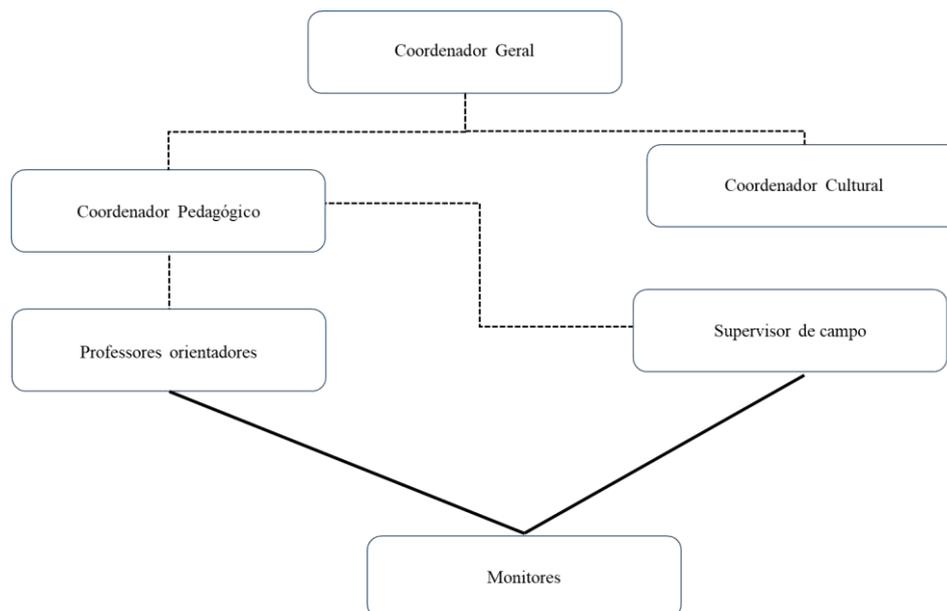


Figura 5 - Estrutura interna de funcionamento do PVSNI, 2006.  
Elaborado pela autora a partir do Relatório de Atividades e Resultados

Os alunos que compunham a monitoria, por sua vez, integravam o corpo de discentes da UFRJ e pertenciam aos variados cursos universitários correlatos aos exames vestibulares. Havendo entre esses ainda, profissionais responsáveis pela orientação vocacional dos alunos do PVSNI. A ideia era promover trocas importantes tanto para os alunos do pré-vestibular quanto para os monitores que tinham a oportunidade de se capacitar profissionalmente. (Relatório semestral, Jan-jun. 2006).

Do ponto de vista dos profissionais da UFRJ envolvidos no projeto havia a possibilidade de atuar diretamente com a sociedade, uma vez que o PVSNI estava ligado à Diretoria da Divisão de Integração Universidade Comunidade da Pró-Reitoria de Extensão. Ou seja, se constituía em uma oportunidade de

ser um elo de comunicação entre a Academia e os espaços populares, numa tentativa concreta de desconstruir os muros que historicamente separam tais espaços da educação de ensino superior, e contribuir, ao mesmo tempo, na capacitação daqueles que formamos. (Relatório semestral, 2006, p.4)

Essa estrutura foi alterada ao longo do desenvolvimento do projeto. Durante o período de convenio entre a Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu, com a UFRJ, a mesma tornava-se responsável pelas ações pedagógicas e administrativas do preparatório. Enquanto a prefeitura disponibilizava a estrutura física e investimentos para a realização do curso. De forma gradativa foi aumentando o número de alunos atendidos, bem como de unidades escolares oferecidas. Em 2006, foram atendidos 400 alunos, em duas unidades escolares,

ambas no bairro Centro; Em 2007, 600 alunos, em três unidades escolares, mantendo o atendimento no centro, mas contemplando também o bairro Cerâmica – URG II; Em 2008, foram atendidos 675 alunos, em 4 unidades escolares, sendo três no centro e uma no bairro Cerâmica. Importante também destacar que nesse período os alunos podiam escolher entre estudar de segunda a sexta no período noturno ou aos sábados de forma integral. Também existia passe livre, uniforme (blusa) e alimentação para os estudantes. Tal parceria durou apenas três anos (2006, 2007 e 2008).

Apesar de nossa busca, não encontramos nenhum documento que deixasse claro o motivo da parceria de não ter permanecido. A partir do ano de 2009, a administração pedagógica e administrativa do PVSNI passa a ser exclusivas da Prefeitura através da Secretaria Municipal de Educação – SEMED.

Não conseguimos dados sobre os anos de 2009 e 2010. No entanto, através das entrevistas conseguimos identificar a organização dispensada ao funcionamento do curso. Agora equipe do PVSNI é formada por um coordenador (a) que administra o projeto e faz a interlocução entre os(as) monitores(as), estudantes e a Prefeitura de Nova Iguaçu. Os dados apontam que geralmente é um(a) servidor(a) do município que ocupa este papel, sendo assessorado por alguns estudantes universitários contratados.

Os monitores são universitários que recebem uma ajuda de custo para atuar como professores no preparatório. Eles são escolhidos a partir de um processo de seleção. Este edital é publicado em diário oficial do município. No início os candidatos tinham que atender a três critérios: ser morador de Nova Iguaçu, cotista e aluno(a) da UERJ, depois através de um adendo abriram espaço para cotistas de outras universidades.

Dessa forma, a equipe é composta por um coordenador, assistente(s) de coordenação e monitores, tendo o suporte da Secretaria de Educação do Município de Nova Iguaçu.

Ao longo da nossa busca por dados percebemos que durante a troca de governos, diversos dados foram perdidos. Conseguimos verificar o pleno atendimento do preparatório por mais 03 anos (2011, 2012 e 2013). Após, esse período existe uma lacuna nos documentos oficiais do setor. Na parte da SEMED destinada ao curso, encontramos diversos cadastros de contrato dos monitores e escopos de processos de pagamento de bolsa auxílio. No entanto, relação de alunos atendidos, o trabalho desenvolvido ao longo dos anos letivos, relatórios de ações, PPP, simplesmente parecem não existir.

Ressaltamos ainda que tivemos acesso tanto aos computadores do setor (2 unidades), bem como o e-mail, criado no ano de 2019, o drive, e o armário com diversas caixas box que continham os documentos citados acima.

Retornando aos dados de “ampliação” foi verificado que no ano de 2011, o PVSNI atendeu um total de 1.200 alunos, divididos em seis escolas, três unidades no centro do município, um no bairro Cerâmica, um no bairro Miguel Couto, um no bairro Austin. Atendendo assim, alunos de quatro URGs diferentes. No entanto, as aulas só ocorriam aos sábados em horário integral.

Em 2012, permanece o número de alunos atendidos, porém são divididas em sete unidades escolares, as URGs permanecem a mesma.

Em 2013, Apenas uma unidade escolar é mantida, está fica no bairro Centro. O atendimento do preparatório é reduzido abruptamente para apenas 100 estudantes. Inclusive essa é a única unidade municipal que permanece oferecendo estrutura física para o preparatório até os dias atuais.

Não obtivemos informações sobre passe estudantil, uniforme ou alimentação desse período. Podemos afirmar que a partir do ano de 2019, esses direitos são suspensos aos estudantes do PVSNI.

Pensando o PVSNI enquanto curso destinado a jovens carentes e/ou em situação de vulnerabilidade, retirar tais instrumentos que auxiliam a frequência do aluno, leva os mesmos a estatística de evasão. Como não existem dados concretos do período em que a SEMED assume a política, acreditamos que a redução de alunos e polos esteja intimamente ligada com a descontinuação do passe estudantil e alimentação.

#### **4.2 – Entrevista com os ex-coordenadores**

Efetivamente, participaram da pesquisa três ex-coordenadoras - uma além de coordenadora já havia atuado como monitora do preparatório, as demais eram funcionárias (uma efetiva e outra contratada) da prefeitura de Nova Iguaçu. Ambas da área de educação. Uma com doutorado e experiência com gestão escolar, trabalhou em outros projetos da prefeitura, sempre ligados à comunidade de baixa renda. Sua indicação ocorreu pela necessidade de ter uma funcionária e pedagoga ocupando o cargo de direção do preparatório. A outra coordenadora é formada em Pedagogia e Direito. Esta não informou sua área de

atuação antes de ser indicada para coordenar o preparatório. Esse conjunto de entrevistas é interessante porque temos pessoas em posição diferentes: uma coordenadora em formação, com a experiência de monitoria no preparatório, que tem uma leitura mais crítica da administração do preparatório e as outras funcionárias com experiência na área de educação.

Frisamos também que dessas três entrevistas, duas coordenaram em conjunto, ou seja, diz respeito ao mesmo período. E apesar disso, possuem visões distintas sobre o PVSNI.

As entrevistas foram realizadas por telefone, pela plataforma de reuniões remotas *Zoom* e pelo aplicativo *WhatsApp*.

O roteiro de entrevista direcionado aos ex-coordenadores foi dividido basicamente em torno de dois temas, a saber: questões substantivas sobre o preparatório e a percepção que as entrevistadas têm sobre o funcionamento do curso.

Concederam entrevista 4 alunos egressos do preparatório em períodos distintos. Todos optaram por um curso na área de humanas. Dois são alunos de pós-graduação, enquanto os outros estão concluindo a graduação.

Já o roteiro de entrevista dos (as) alunos(as) abordaram os seguintes temas: a trajetória pessoal ao longo e após a experiência junto ao CPSNI e quais foram as mudanças que o mesmo proporcionou na vida desses egressos.

As entrevistas ocorreram pelos mesmos recursos citados com os ex-coordenadores.

Nova Iguaçu é o município mais desenvolvido da Baixada Fluminense. Quando o presidente Lula chega ao poder em 2003, já havia um movimento para aumentar o acesso de pessoas de baixa renda à universidade pública.

A UERJ adotou a políticas de cotas, reservando primeiro as cotas para os egressos de escola pública e no ano seguinte, 2000<sup>28</sup>, para negros e pardos. Esta ação que começou a mudar o perfil dos alunos dessa universidade. Em 2003 inicia-se o primeiro mandato do presidente Lula (PT), e com isso a adoção de políticas públicas para ampliar o ingresso desses alunos(as) nas universidades. Esse governo assegurou financiamento para alunos(as)

---

<sup>28</sup> Para mais informações ver (<https://www.uerj.br/inclusao-e-permanencia/sistema-de-cotas/>).

que optaram por faculdades privadas e não tinha condições de pagar pelo serviço, ou seja, facilitou o pagamento da mensalidade das universidades particulares e criou escolas técnicas em vários estados.

Em 2005 inicia o governo de Lindbergh Farias, (2005-2010), filiado ao mesmo partido do presidente da República. Ele chega à prefeitura do maior município da Baixada Fluminense quando esse movimento de reservar vagas - nas universidades - para pessoas de baixa renda, viabilizar crédito para o pagamento de mensalidade das faculdades privadas e o aumento do número de escola técnicas estava em curso.

O governo Sérgio Cabral (MDB), 2007-2010, também investiu em Educação; em parceria com o governo Lula inaugurou várias escolas técnicas no estado do RJ.

Então, é nesse período que a cidade de Nova Iguaçu inicia o PVSNI. Esse contexto, como mencionado, com várias ações para facilitar o acesso da população de baixa renda a educação. Um tempo de oportunidades para aquele aluno da rede pública que tinha o desejo de fazer curso superior, mas que não tinha condições financeiras de realizar. Ou seja, um momento propício para reforçar a onda de ações promovidas para que mais jovens da periferia chegassem à universidade, já que outras políticas caminhavam na mesma direção. A esse respeito à coordenadora Abele<sup>29</sup> afirma:

“Até as pessoas falam que esse preparatório foi encabeçado pelo PT, porque justamente foi na época em que o preparatório veio forte, veio inclusive com essa questão das bolsas, então inclusive mudou a legislação. Então, qualquer...gestão que tenha vindo depois não conseguiu retirar isso, porque isso virou a questão da bolsa dos estudantes, e a questão do preparatório virou algo que está na lei do município. Então, o preparatório, é claro, enfrenta muitos problemas, enfrentou muitos problemas, dependendo da gestão, mas, nenhuma gestão conseguiu, por exemplo, retirar, finalizar o preparatório, porque eu acho que na época do secretário, do Jailson e na época do prefeito Lindbergh, eles fizeram isso de fato como uma questão de legislação no município.”

O preparatório teve início em 2006, apesar das mudanças ocorridas, permanece em atividade na gestão do atual prefeito Rogerio Lisboa (Partido Liberal - PL), reeleito em 2017. No Brasil as obras iniciadas por governos anteriores normalmente são abandonadas, o que não aconteceu com o PVSNI.

E, mais uma vez na história, o município de Nova Iguaçu recebe um bom investimento. Anteriormente foi beneficiado com a criação de oportunidades de trabalho; época em que o município atraiu pessoas de outras cidades, que inicialmente vieram em busca de emprego e

---

<sup>29</sup> Ressaltamos que todos os nomes dos entrevistados foram alterados, no intuito de preservar a identidade e posicionamento dos mesmos.

depois optaram por morar na cidade. Esse fato teve como consequência o crescimento da cidade como mencionado anteriormente.

Agora no momento de investimento na educação da população carente, Nova Iguaçu sedia um preparatório que visa habilitar exclusivamente estudantes de baixa renda para ingressar na universidade.

Como todo pré-vestibular, o PVSNI tem a função de preparar os(as) alunos(as) para as provas do ENEM e do vestibular. A meta é aprovar o maior número de alunos(as) e de preferência que os primeiros colocados saiam de suas salas de aula.

No entanto, os estudantes do PVSNI demandam mais que um pré-vestibular gratuito, mais do que aprender as matérias cobradas no concurso. Isto porque, como as entrevistadas mostram, o público-alvo do PVSNI é diferente, são estudantes carentes e vulneráveis.

Por trás dessa iniciativa há por parte dos interessados no curso e do governo uma busca da mobilidade social, ou seja, sair da situação de pobreza e vulnerabilidade através do estudo, por consequência a equipe precisa identificar também as dificuldades extracurriculares dos(as) alunos(as) para atingir os objetivos propostos.

Como já mencionado a maioria dos(as) alunos(as) do PVSNI não têm condições de pagar a mensalidade de um pré-vestibular, inclusive não tem dinheiro para arcar com os custos adicionais, tais como: os custos de alimentação e passagem, como veremos mais à frente.

As ex-coordenadoras refletem sobre essas questões, a ex-coordenadora Caroline afirma que:

“O objetivo principal é aprovar alunos, e...Só. E só? Não é, dar auxílio para esses alunos, porque os alunos não tinham auxílio, nem mesmo, por exemplo, dinheiro da passagem para poder ir. A gente, às vezes, conseguia um lanche ou alguma coisa nesse sentido.”

Outro ponto que provoca a equipe é a baixa autoestima demonstrada por muitos desses alunos(as). As entrevistas apontam que os estudantes do preparatório têm o desejo de transformar sua condição de vida através do estudo, mas muitos não acreditam serem capazes de promover essa mudança em sua vida. E, isso foi dito de alguma forma por todas elas. Zulmira, garante que:

“objetivo principal para mim é mobilidade, dar uma qualidade de vida, aperfeiçoar, é fazer aqueles estudantes também terem uma visão de novos horizontes. Quando a gente foi fazer o processo de seleção dos alunos, alguns alunos, eles verificavam que aquilo ali parecia que

era um mundo que era inacessível para eles, uma universidade pública. Poxa, eu posso, eu tenho essa competência. Então, assim, durante esse período que eles estudavam, eles diriam que eles podiam. Alguns inclusive passaram para UERJ,”

Esse preparatório tem por objetivo também convencer a população de baixa renda a acreditar em seu potencial. Como exemplificou Zulmira:

“...no processo que eles tiveram de seleção, apareceu uma aluna lá que falou assim e aquilo mudou o coração e ela não fez a inscrição dela. Ela falou assim: Tia, eu queria fazer inscrição, mas eu não posso assinar porque eu sou menor de idade. Aí, eu falei assim: você não tem algum responsável que possa vir aqui para assinar o termo para você? Assinar os seus documentos? Ela falou assim: Meu pai não acredita nisso, Sabe. Aquilo ali, eu falei assim, caramba, tipo, aquilo ali está acessível para todos eles e mesmo assim a população que tem acesso a isso, porque ela estava naquela condição de vulnerável, era estudante de escola pública e mesmo assim ela chegou lá e ela não terminou e ela veio direto da escola, estava inclusive uniformizada. Eu falei assim: Poxa, caramba, quantos anos você tem? Ela: tenho 17. Então, ano que vem você tem 18 anos, e vai poder assinar por ela mesmo. (...) Que ele está mais desacreditado. Então assim, para alguns estudantes que entram, eu acho que essa questão da autoestima também é... aliás, tem influência na autoestima também.”

Já Abele menciona a responsabilidade de tornar o PVSNI uma referência na região e assim mostrar para a população que é possível um estudante com renda baixa e sem o apoio familiar mudar de vida. Ela expressou isso da seguinte forma:

“Bom, com relação ao objetivo principal desse município na baixada, eu acredito que é um pouquinho do que eu já falei. Eu acho que é impactar a vida de jovens da Baixada. E não... Por que eu digo da Baixada? Porque não é só de Nova Iguaçu. A gente recebia muitos alunos de municípios vizinhos. Mesquita, Nilópolis, Japeri. Então, eu acredito principalmente por esse grande número, essa roda de que são monitores que atuam no preparatório e que em geral já foram estudantes do preparatório então isso faz com que Nova Iguaçu se torne uma referência nesse assunto de preparatório não só pelo próprio preparatório de Nova Iguaçu mais do organizado pela prefeitura, mas também desses outros preparatórios que existiam. Então, acho que o Nova Iguaçu acaba se tornando uma referência importante para estar pensando a questão de preparatório.”

Como apontado, há o compromisso de motivar os estudantes a continuarem no pré-vestibular e participarem das provas para o ingresso no curso superior apesar das adversidades.

As críticas ao PVSNI são feitas pelas ex-coordenadoras. A que demonstrou mais preocupação e inconformismo com certas situações foi Anna. Observar do lugar de ex-monitora e recém-formada pode ser um dos motivos da sua insatisfação com o que acontecia no preparatório na sua época. Não que as outras não apontassem os pontos negativos do curso, em alguns aspectos foram unânimes, mas os apresentavam de uma forma mais técnica, sem a crítica demonstrada. Caroline afirma: *“Eu senti que a gente exercia um trabalho*

*extremamente burocrático e dentro daquela burocracia a gente tentava ali viver, curtir e tal, mas, era bem difícil porque a prefeitura era isso. Não dava mecanismos para a gente. ”*

Vale ressaltar que a Caroline foi professora de um pré-vestibular ligado à Igreja e atualmente é professora de outro pré-vestibular social, mas desta vez oferecido por uma ONG (Organizações não Governamentais) o que dá um elemento de comparação interessante para compreensão do preparatório.

Quando perguntadas sobre o conceito do PVSNI afirmam que é um pré-vestibular social cujo público-alvo é pessoas carentes ou em situação de vulnerabilidade. Sobre essa questão Zulmira esclarece:

“Mas, eu não sei o motivo por que alguns não iam. Mas, muitos foram. A gente viu aceitação, interesse, mas a gente fez uma filtragem também porque a gente queria focar realmente nos que são vulneráveis. Então, a gente limitou o público àqueles que tivessem uma família, que tivessem salário per capita, de até 2 salários mínimos pelo total da família, ou fosse escrito no Cadastro Único. Então assim, teve esses requisitos, além daqueles requisitos que eram os obrigatórios. Que é ter concluído o ensino fundamental para a escola técnica, ou ter concluído o ensino médio ou estar passando o último ano para fazer o preparatório para vestibular. Então assim, a gente quis alcançar realmente, mas a gente via que lá, o público, as vezes tinha aquelas pessoas que não tinham aquela necessidade, não eram vulneráveis, mas queriam continuar.”

Uma das entrevistadas apontou que o projeto não tinha a devida atenção da Prefeitura por ser realizado por monitores cotistas da UERJ. O preparatório era conhecido como “Projeto dos Cotistas” e a equipe associava esse nome à falta de investimento por parte da Prefeitura. A mudança de nome, na opinião da entrevistada, provocaria um novo olhar para o curso, tiraria o aspecto da informalidade que não correspondia à realidade, como afirma Caroline:

“Porque eu acho que assim, na época a gente dava o nome de curso social, pré-comunitário, e também não era isso, né? Tinha o fomento da prefeitura, tinha o auxílio da prefeitura, era um pré-vestibular da prefeitura. A gente demorou a entender isso. A gente achava que a gente era lá no suor e na raça. E não, a gente recebia auxílio financeiro. Então a gente mudou esse paradigma e a gente começou a chamar de preparatório Nova Iguaçu. Assim, o social até pode ter uma conotação, mas na época a gente chamava de comunitário e que não fazia sentido também.”

Como a Caroline ressalta pensar o preparatório como uma ajuda não reflete a realidade. Se por um lado os monitores recebiam uma bolsa e estavam aprimorando os conhecimentos adquiridos na Universidade, por outro lado, o(a) aluno(a) que estava recebendo ensinamentos para prestar vestibular ou ENEM paga impostos.

Portanto há uma estrutura, um planejamento, um objetivo que sai da esfera do informal, apesar das singularidades do PVSNI. Em outras palavras, o PVSNI é um espaço para aprimorar os conhecimentos dos universitários, que na prática aprendem o que é ser professor(a), e por outro oferece uma nova perspectiva para os (as) alunos(as) ali matriculados(as).

Voltando a teoria podemos perceber que esse estigma pode estar relacionado ao jogo de poder que existe no “campo” apontado por Bourdieu. É uma forma de menosprezar o projeto e as pessoas que lá estudam. Isso pode diminuir a potência do que estava sendo produzido lá. Uma estratégia para dificultar a entrada no campo universitário do jovem que vem da periferia.

Isso não é novidade, no passado a classe trabalhadora não tinha tanto acesso à escola como acontece atualmente. O número de analfabetos era muito grande, à medida que ações foram executadas para aumentar o número de pessoas com direito a uma vaga na escola pública, a qualidade do ensino desse tipo de escola foi caindo.

Programas como o “Bolsa família” atrelava o recebimento do recurso a frequência do(a) aluno(a) nas aulas, são tidos como um estímulo para que os responsáveis matriculem e mantenham os(as) filhos(as) na escola.

Com base em Bourdieu é possível que a conduta de alguns funcionários da Secretaria de Educação de Nova Iguaçu, quando substituem PVSNI por “projeto de cotista” é demonstrar que o projeto não é prioritário. A mudança do nome, patrocinada pelos coordenadores, pode ser considerada uma estratégia para ressignificar a importância do curso.

#### **4.3 - A localização do PVSNI**

O PVSNI funciona na Escola Municipal Monteiro Lobato, localizada no Centro de Nova Iguaçu, com infraestrutura para receber mil alunos. As aulas acontecem aos sábados de 8 horas da manhã às 5 horas da tarde, com uma parada de uma hora para o almoço. A escolha de uma escola no Centro da cidade tem pontos positivos e negativos. Em relação ao acesso, inaugurar no Centro atende a um maior número de estudantes porque há mais linhas de ônibus que ligam os bairros periféricos ao Centro.

Por outro lado, os moradores de bairros mais distante do Centro tem menos oferta de linhas de ônibus, o que torna o tempo de locomoção maior e em alguns casos os custos também, porque muitos para chegar ao curso precisam pegar dois ônibus. Segundo Pose:

“(…) a área central de Nova Iguaçu é a que recebe maiores e melhores investimentos em infra-estrutura, em especial o sistema de transportes públicos. Desta forma, as áreas periféricas são marginalizadas, excluídas, esquecidas dos projetos de investimento em melhorias nas redes de transporte.” (Pose, 2011, pág.6.)

O projeto no Centro de Nova Iguaçu tem aspectos positivos, é mais fácil para maioria ir para o Centro do que circular entre bairros, à medida que a oferta de transporte público para a região central é maior. Porém, como veremos mais adiante, é necessário ampliar os polos, de uma forma mais consistente do que feito anteriormente, para atender aqueles que não tem condições de chegar até o Centro da Cidade.

Mais uma vez a história se repete, no sentido que tudo acontece no Centro da Cidade e os bairros periféricos são esquecidos. Sendo assim trata-se de pessoas que não tem renda suficiente para pagar um curso pré-vestibular. Mas, dentro desse grupo também existem pessoas que não tem como pagar despesas como passagem e alimentação para ir ao Centro estudar.

A Prefeitura garante um curso gratuito, mas para essa população, passar o sábado inteiro estudando é um custo que pode pesar no orçamento, tornando impossível toda a dinâmica que envolve estar no preparatório.

Nos bairros mais afastados a infraestrutura é precária. A cidade tem uma má distribuição de linhas de ônibus e como é comum na maioria das cidades brasileiras, o número de linhas nos bairros mais pobres é reduzido.

Nova Iguaçu é uma cidade bem situada como mostra Pose (2011):

“O bairro do Centro é a sede do governo municipal e representa seu centro político, econômico e cultural. É o bairro com melhor infra-estrutura e, de acordo com dados do IBGE, é o que apresenta os melhores índices de qualidade de vida no município. A infra-estrutura é fundamental para o desenvolvimento de uma boa qualidade de vida. Este bairro, por exemplo, conta com um maior número de serviços como saúde, empregos, educação, lazer e saneamento básico o que evidencia que há uma combinação entre acesso a infra-estrutura básica e qualidade de vida. Este bairro conta com o acesso a linha ferroviária e inúmeras linhas de ônibus tanto intramunicipais quanto intermunicipais. O Terminal Rodoviário de Nova Iguaçu, no centro da cidade, é um dos mais movimentados da Região Metropolitana.” (Pose, 2011. Pág. 9).

Mas, as linhas intermunicipais atendem melhor que as municipais. Uma das razões segundo Pose é:

“A cidade de Nova Iguaçu mantém fortes relações urbanas, econômicas e sociais com o entorno. Vias como a Presidente Dutra, a Linha Vermelha e a Via Light, além da estrada de ferro, são fundamentais para o fluxo e a circulação tanto de pessoas como de mercadorias. E caracteriza-se também pela proximidade com os principais eixos viários do país, o que lhe confere uma localização geográfica privilegiada, situando-se entre as duas principais capitais econômicas do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo).” (Pose, 2011, Pág.3)

O mau funcionamento do transporte coletivo dentro da cidade impacta diretamente o curso, à medida que a população em vulnerabilidade costuma morar em bairros mais distantes do Centro da Cidade, conseqüentemente tem mais dificuldade de chegar ao pré-vestibular. Existem bairros que não contam com uma linha de ônibus direto para a região central, o que obriga o morador a andar muito mais para pegar o transporte que vai para cidade ou mesmo a utilizar dois ônibus para chegar ao preparatório, onerando seu orçamento que já é baixo.

Como muitos trabalham durante a semana, ter essa dificuldade de deslocamento aumenta o cansaço. O desgaste físico é um elemento que deve ser considerado nesse processo de aprendizagem, porque é preciso energia para prestar atenção nas aulas. Portanto, é uma cidade com uma área territorial grande e que não tem um sistema de transporte de acordo com sua extensão territorial.

É compreensível a escolha de manter PVSNI no Centro de Nova Iguaçu pelas características descritas. Mas, para atingir os objetivos do um preparatório descrito como “social”, é necessário expandir, abrir outros polos e se isso não é possível, minimamente tornar a ida dos alunos ao curso viável. Isso que as coordenadoras apontam. A Escola é ótima, fica num ponto central, mas não atende a todos que querem ingressar no curso superior.

Embora o preparatório seja uma iniciativa do governo municipal, visando promover a mobilidade social através do acesso à universidade, a própria configuração do Estado dificulta que os mais pobres consigam concluir o curso. *“Nova Iguaçu tem sua organização interna estabelecida pelos interesses do poder público em beneficiar somente a parcela da população situada na área central do município, área mais visada, com maior quantidade populacional e de serviços.”* (Pose, 2011, pág.12)

Como vimos, a dimensão geográfica é organizada de forma a excluir uns enquanto privilegia outros. Um preparatório gratuito, que a princípio resolveria o problema do público-alvo enfrenta desafios criados pelo Estado, como aponta Pose:

“A análise e diagnóstico do sistema de transporte de Nova Iguaçu se dão como uma tentativa de compreender a segregação espacial que há no município, condicionada pela má distribuição das linhas de ônibus intramunicipais, pela precariedade do serviço para os bairros periféricos e pela baixa conectividade que há entre os diversos bairros. O baixo acesso à infraestrutura urbana afeta diretamente a reprodução socioespacial dentro de Nova Iguaçu.” (Pose 2011, pág.4).

Há um investimento importante, mas a dificuldade de acesso compromete o objetivo do PVSNI. Apesar de não ter uma pesquisa sobre o motivo da evasão, algumas ex-coordenadoras atribuem as dificuldades apresentadas anteriormente um dos motivos do alto número de desistência do curso.

No processo de seleção é notado o interesse pelo pré-vestibular, tanto que há uma lista de espera, quando um(a) aluno(a) desiste outro(a) entra no lugar. Sobre isso Zulmira (2022) afirma que:

“Durante o período que eu estava, teve também as reposições daqueles que saíram por evasão, seja porque entravam em alguma universidade ou trabalhavam ou arrumavam um emprego e aí, tinha essas saídas e substituições pelos alunos da lista de espera. Então assim, foram vários alunos atendidos no ano passado, inclusive a gente esgotou a lista de espera, só que eu não sei te informar quantos foram atendidos porque além de eu não ter mais acesso a esses documentos e por questão de ética não posso obter. Também não me recordo de cabeça”

Quando o tema é evasão, as ex-coordenadores são unânimes em dizer que uma das dificuldades de permanência no curso possa estar relacionada à localização do preparatório.

Outros desafios também são mencionados: o cansaço por trabalhar durante a semana e acordar cedo aos sábados para ir ao curso e ficar por lá 8 horas; o pouco tempo para exercitar o que aprendeu fora da sala de aula; e a falta de dinheiro para o pagamento da passagem e alimentação.

São muitos desafios que esse jovem precisa superar para dar continuidade ao curso. Isso reforça a hipótese de que oferecer um preparatório gratuito não é suficiente para os estudantes em situação de vulnerabilidade.

As coordenadoras apontam soluções como: ajuda de custo para custear passagem e alimentação; ou a Prefeitura de Nova Iguaçu liberar a passagem dos(as) alunos(as) do preparatório e oferecer lanches. Mas, até a gestão das entrevistadas, não houve ofertas desse tipo por parte do governo municipal. Sobre isso Zulmira afirma:

“Isso foi discutido, eu só não sei dizer se foi implantado, porque eu saí antes do início das aulas (2023). Foi levado para a prefeitura e para a secretária. Agora tem que verificar se tem disponibilidade, porque tem um orçamento. Isso aí já foge da nossa(...)”

Quando o assunto é facilitar o acesso do vestibulando ao curso, todas as coordenadoras garantem que já enviaram relatórios indicando essa necessidade. A prefeitura está ciente das necessidades do preparatório, tanto que Abele relata que quando foi convocada para assumir o PVSNI, já havia o projeto de abertura de um novo polo. Sobre essa questão ela afirma:

“Quando eu entrei na coordenação do preparatório de Nova Iguaçu, era apenas na escola Monteiro Lobato, que era o principal polo. Fica no centro de Nova Iguaçu, fica próximo da Via Light, então é um lugar bem central. E uma escola grande, uma escola que existia a meio de receber muitos alunos aos sábados. Mas, desde o início, desde que eu entrei... que recebi o convite, existia um projeto da gestão da Virginia e do Rogério Lisboa, de fazer a ampliação de polos. Então, de que modo a gente preparou isso? A gente preparou através de um projeto de aulão, em que o projeto era existir um aulão para o UERJ, um aulão para o Enem, em diferentes polos. Em Vila de Cava, Miguel Couto, K-11, então diferentes polos. Mas o que aconteceu? A gente conseguiu articular isso, a gente conseguiu fazer a divisão, a gente conseguiu organizar toda a logística para que esses aulões acontecessem num dia específico de sábado. Mas ele não aconteceu por uma questão climática, que foi o dia que caiu uma chuva de granizo no município, que causou muito prejuízo para a comunidade, muito prejuízo em casas, em carros. Então foi um dia que todo mundo lembra. E que esses alunos infelizmente foram cancelados, porque muitas das escolas não tinham nem condições de nos receber, porque a chuva tinha acontecido no dia anterior. E logo depois disso, foi quando eu fui chamada para esse outro concurso, e eu não acompanhei como ficou isso, se essa ampliação dos polos se concretizou ou não, essa expansão.”

Aproximar o(a) aluno(a) do preparatório, é uma das sugestões apresentadas pelas coordenadoras para reduzir a saída de alunos. Ainda a respeito de ações para diminuir a evasão Zulmira afirma:

“Inclusive, foi enviado alguns documentos relatando sobre a questão da evasão, e nesse sentido, nessa vulnerável, em que condições eles estão estudando. Então, é isso que eu posso te dizer. Foge da minha competência a questão de aprovação de documento e outras questões.”

Além de todos os obstáculos enfrentados por esses estudantes, ficam dúvidas se o sacrifício de estudar cansado e de deixar de participar de eventos sociais para estudar dará o retorno esperado. Esses desafios e a incerteza do sucesso talvez sejam alguns dos fatores que também possam explicar a desistência do curso.

Na interação com os monitores, os estudantes avaliam o curso e expõe suas dificuldades. As informações compartilhadas nessas conversas, na falta de uma pesquisa, apontam as necessidades dos(as) alunos(as) e o que precisa ser aprimorado nos cursos para obter um melhor aproveitamento e diminuir o número de evasão.

São nessas conversas que os(as) alunos(as) conhecem a história dos seus monitores. Alguns passaram por situação semelhante a compartilhada pelo aluno(a) e por isso tem mais propriedade para estimular o estudante a não abandonar seu sonho.

A ex-coordenadora Abele percebia esta relação pessoal entre monitor(a) e aluno(a) como uma forma de incentivo a partir do próprio exemplo. Ela ressalta esta impressão quando diz:

“Eu acho que o interpessoal era forte porque como a maioria desses monitores que estavam assumindo as aulas do preparatório, eles já tinham sido alunos do preparatório, então eles tinham muito uma conversa no sentido de incentivar esses estudantes que estavam ali no preparatório, entendeu? De que, olha, se vocês realmente... Eu era aluno daqui e eu consegui passar, e eu consegui ser aprovado numa universidade pública, e agora estou aqui devolvendo essa dívida social com vocês. Então, acho que tinha muito essa conversa no sentido de ser, de fato, um incentivo para esses estudantes. De que eles pudessem ter certeza de que alunos da Baixada podiam, sim, entrar em universidades públicas de qualidade.”

Então, Abele ressalta que o monitor além de passar o conteúdo ele é um exemplo de que o sacrifício empreendido para fazer o preparatório pode valer a pena. O seu “professor” é a prova disso.

Para o monitor é um aprendizado, porque a monitoria é uma atividade que exige que o monitor prepare aula, apresente os conteúdos e tenha disponibilidade para conversar com os(as) alunos(as), trocar experiências com seus colegas e a coordenação. São os monitores que na interação com os estudantes identificam os problemas e procuram a solução deles. Eles mostram para a coordenação o que funciona e o que precisa ser aprimorado no preparatório.

O monitor é estimulado a refletir sobre seu ofício frequentemente, a procurar soluções para os problemas, se vê no seu aluno, o estimula a crescer e reforça sua autoestima à medida que está olhando para um jovem sem perspectiva que um dia ele foi. E assim vai tornando-se professor. Em resumo, funciona como uma cadeia que vai se retroalimentando. É possível que seu exemplo incentive alguns estudantes, mesmo passando por dificuldades, a permanecer no curso e a participar das provas de seleção para universidade.

Essa outra função do monitor é essencial, uma vez que as ex-coordenadoras foram unânimes em apontar a evasão como um dos problemas a serem enfrentados.

“Eu ainda vou responder aqui com relação à terceira pergunta, que era média de alunos atendidos. A gente tinha... Eu não sei certinho, sabe? Mas a gente tinha sempre muitas... A gente tinha espaço para ter muita gente, para ter papo de mil alunos atendidos num sábado, no Monteiro. Mas, a gente recebia esses números, a gente ia colocando, ia colocando depois alunos, depois de iniciar, justamente porque a evasão era muito grande. Então a gente estava sempre deixando aluno entrar, o aluno vinha interessado, a gente estava sempre matriculando, porque a gente sabia que o número de evasão era sempre muito maior do que... o do que a

gente tinha, né, de...de vagas, né? Então a evasão era uma preocupação e era grande, sabe”  
(ex. coordenadora Abele)

Elas não relatam nenhuma pesquisa para avaliar o motivo da evasão, mas através das conversas entre os monitores que estão na sala de aula e os(as) alunos(as), elas apontam as dificuldades descritas como o motivo da saída dos estudantes.

#### **4.4 - Entraves burocráticos**

Num primeiro momento, é animador ver um município com uma população expressiva de moradores com renda baixa, poder contar com a ajuda do Governo para facilitar a mobilidade social, a partir de cursos gratuitos e de qualidade fornecido a jovens que não necessariamente teriam possibilidades de ir para uma boa universidade. O PVSNI é um espaço que se bem aproveitado pode tornar o objetivo de se profissionalizar através do ensino superior possível.

Mas, como veremos a seguir, a iniciativa é boa, mas o curso está associado ao Governo que também cria dificuldade devido à burocracia. Muitos projetos não se concretizaram porque os procedimentos não foram feitos no tempo certo. Algumas propostas não foram realizadas porque as pessoas que atuam no projeto não têm autonomia para colocar as atividades propostas em prática, dependem exclusivamente da Secretaria de Educação de Nova Iguaçu.

Como por exemplo, o fato de o início do curso depender da data da matrícula do monitor(a), pois o pagamento da bolsa e o início do preparatório dependem da comprovação de que o monitor(a) continua aluno(a) regular da universidade. Essa demora prejudica os estudantes porque atrasa o início do ano letivo.

A burocracia também impossibilita a realização de atividades extracurriculares. Além das aulas ministradas aos sábados, as coordenadoras se organizam para reforçar a grade curricular promovendo simulados.

Quando perguntados se além das aulas e dos simulados outras atividades são oferecidas aos alunos(as), as ex-coordenadoras mencionam o interesse e as tentativas frustradas de realizá-las.

A ex-coordenadora Caroline afirma que a equipe tinha interesse em realizar atividades extracurriculares. Embora tivesse ideia e disposição de realizar o projeto, os entraves burocráticos impediam a concretização das propostas. Anna lamenta a não realização desse tipo de atividade por considerá-la fundamental.

E, atualmente tem maior dimensão de sua importância por ser professora de outro preparatório que promove esse tipo de proposta e ela percebe o quanto acrescenta no processo de aprendizagem.

“E lá na Nova Iguaçu a gente não teve isso, a gente não pôde ter, porque como tudo precisaria de uma autorização, e a gente era coordenação, mas era uma coordenação muito, na verdade...sei lá, a gente às vezes achava que a gente era tomador de conta dos negócios, porque a gente não tinha nenhuma decisão de coordenação, né? A gente precisava sempre ir às instâncias maiores, assim, e definir. A gente não tinha nenhuma autonomia. Então, não, a gente não fez nada muito expressivo, assim, que me vem à cabeça. Eu tô com uma vaga lembrança de alguma coisa que a gente fez de um ônibus. Ah, foi a aula inaugural, foi no CEFET de Santa Rita. Acho que é isso, o CEFET que fica lá em Nova Iguaçu é isso, né? E aí o Alex Castellar falou: Ah, vamos fazer uma aula inaugural, lá, falou, aí foi o...ele é do Instituto de Enraizados. É o...Eu esqueci, gente, hoje eu tô brava aqui. Esqueci o nome dele. Ele é do Instituto de Enraizados, é o idealizador. É Dudu, Dudu do Morro Agudo. E aí ele foi lá, falou, a gente falou de negritude. E tal, foi um momento bem interessante, que foi em maio de 2018.”

O mesmo evento é citado por Abele que destacou dois pontos: a trajetória do Dudu do Morro Agudo como um elemento incentivador, uma fonte de inspiração para os estudantes e o episódio do prefeito que ao chegar atrasado assistiu a palestra sentado ao lado dos estudantes. Ela aponta o simbolismo desse acontecimento ao ressaltar a boa impressão que isso causou nos vestibulandos. Ver o prefeito da cidade sentado ao lado deles, assistindo um jovem de origem humilde contando sua trajetória de sucesso foi marcante para os presentes.

“[...] pro início do ano de 2019...a gente fez uma aula inaugural em que a gente chamou o Dudu do Morro Agudo, que é um cantor de rap de Miguel Couto, e que na época estava finalizando o mestrado e que hoje em dia já está fazendo, deve estar finalizando o doutorado também. E o Dudu veio muito no sentido de também incentivar, de que, olha, você pode ser o que você quiser, você pode ter nascido em Miguel Couto, e você pode fazer um mestrado, você pode fazer um doutorado, com o tema, inclusive, sobre o rap. Então o Dudu foi uma plateia lotada, todos os estudantes, diferentes locais de Nova Iguaçu, de municípios vizinhos lotaram o auditório da Secretaria de Educação de Nova Iguaçu. Inclusive, a gente teve a presença, foi muito marcante, porque a gente teve a presença do prefeito de Nova Iguaçu. Ele não chegou para a abertura, ele se atrasou devido a alguns problemas pessoais. E ele chegou no meio da apresentação do Dudu, do Morro Agudo, e ele sentou no meio da plateia e ele depois se apresentou no final, no momento em que as pessoas... Ele assistiu toda a palestra do Dudu, e depois, no momento das perguntas, ele levantou e se identificou como prefeito. Então, isso para os estudantes era muito importante, ver que, primeiro, que uma pessoa que era cria da baixada,

podia alcançar degraus muito altos. Foi muito interessante, porque assim você via os estudantes depois pedindo para tirar foto com o Dudu, né?”

A burocracia também atrapalha na formação de equipe. Uma das entrevistadas questionou o fato de em determinado momento não ter um profissional qualificado para orientar seu trabalho. Embora, reconheça que a experiência trouxe grande aprendizado para o trabalho que realiza no presente, sentiu falta de um apoio durante o início de sua gestão. Fato que por um lado torna-se positivo para o estudante em formação que, em contato com a teoria, se envolve em um projeto que a obriga a ser criativa, buscar soluções para o problema fora do preparatório.

Uma das entrevistadas utilizou muito a expressão “fizemos tudo na raça porque a Secretaria de Educação não dava o suporte que necessitávamos”. Atualmente, ela é professora num pré-vestibular e está satisfeita com o local que trabalha, mas já entrou lá com esse aprendizado. Gerou uma segurança para fazer parte dessa equipe, ela sabia o que queria fazer da vida e sabia o que realizar e qual local trabalhar. Claro que o ideal seria ter as condições necessárias para a realização do projeto, mas ter um espaço para estagiar do ponto de vista do monitor e não do aluno, é uma experiência enriquecedora. Os dados mostram que a falta de uma orientação pedagógica não foi uma constante. Geralmente, o preparatório é coordenado por alguém da área da educação.

Como vimos, são muitas questões que esses vestibulandos e a equipe que está dedicada ao PVSNI enfrentam. A equipe identifica o problema, faz relatório e envia para a Secretaria de Educação, mas as respostas às demandas apresentadas demoram e todas relacionam a longa espera à burocracia.

Os exemplos são diversos desde o atraso do pagamento dos monitores à abertura de novos polos para aproximar o PVSNI da população mais carente.

Em relação ao auxílio passagem recebido pelos(as) monitores(as):

“O projeto demorava a acontecer no ano, porque existia a necessidade de tramitar um processo com montante do dinheiro. Então enquanto não tivesse dinheiro o projeto não podia começar.” (Ex-coordenadora Caroline)

Esse atraso é contraproducente para um grupo de vestibulando que já tem tantas dificuldades. Isso porque os outros preparatórios iniciam seu curso mais cedo, consequentemente seus estudantes têm mais acesso ao conteúdo ou mesmo mais tempo para

fazer simulados, o que já os colocam em uma situação mais vantajosa se for comparar com os(as) alunos(as) do PVSNI.

Para a ex-coordenadora Caroline aqueles que faziam o ENEM eram os menos afetados, porque a prova era no final do ano, mas os que pretendiam participar do processo seletivo da UERJ eram os mais prejudicados. A UERJ adotava o vestibular tradicional com duas fases de exame e acontecia antes do ENEM.

Mais uma vez o próprio Estado cria obstáculos ao bom andamento do curso. Embora o PVSNI tenha sido idealizado, concretizado e se tornado uma política pública, a burocracia do Estado atrapalhava a eficiência dele.

#### **4.5 – Entrevistas com egressos do PVSNI**

O estudante também é o elo para elucidar as relações sociais que permitiram a criação do PVSNI. Ao observar a trajetória de um aluno, a partir da teoria bourdieusiana, é possível entender que o que dificulta a mobilidade social são construções sociais. Sendo assim, pode ser provocada como já é feito pela sociedade: há empresas privadas que patrocinam a graduação, em área de seu interesse, para alguns de seus funcionários; sem contar com a iniciativa bem-sucedida de pré-vestibular social que capacita o vestibulando para concorrer às vagas disponibilizadas nas universidades públicas. Esses projetos têm adesão popular, mostram-se eficientes e tornam-se mais eficazes à medida que outras políticas públicas, com o mesmo fim, são desenvolvidas.

Offe aponta que o Estado tem a função de manter o funcionamento do mercado e, portanto, tem o poder de mudar a estrutura social a fim de atender as necessidades do mercado. Ou seja, o avanço tecnológico vai transformando a sociedade, gerando novas necessidades e exigindo profissionais renovados para atender as demandas do mercado. Se a sociedade por si não consegue atualizar os conhecimentos dos trabalhadores para atender as imposições da nova realidade, o Estado interfere para que isso aconteça.

Assim, o Estado desenvolve políticas públicas para criar as condições que o mercado precisa para funcionar. Acelera processos: com incentivos estatais e quando indispensável facilita o acesso a determinados direitos, antes negados, para agilizar o processo. Como no caso dessa pesquisa, o iguaçuano tem o direito de graduar-se, mas os critérios e concorrência dificultam essa realização.

Se o Estado cria burocracia, como afirma Offe, para controlar quais cidadãos terão assegurados seus direitos de ir para a universidade, ele mesmo quando necessário muda as leis para ampliar o acesso, englobando outros perfis de estudantes. Como está fazendo, através de várias políticas públicas, para garantir o ingresso de cidadão de origem humilde ao ensino superior. Isso é motivado pela lei de cotas e com programas governamentais que ajudam os universitários a pagarem as mensalidades de faculdade privadas, por exemplo, garantindo o acesso as aulas e contribuindo para a conclusão do curso.

Sendo assim, vamos registrar através da trajetória do egresso do PVSNI: a violência simbólica que esses jovens são submetidos e a atuação do Estado, desenvolvendo políticas públicas, para promover a renovação do retrato do universitário brasileiro. E, conseqüentemente, dos profissionais oriundos das universidades do país.

A entrevista com as coordenadoras demonstrou o quanto é sólida a influência da violência simbólica. Tão resistente, que mesmo com as mencionadas ações governamentais, muitos não conseguem dar continuidade ao pré-vestibular. Elas contribuíram apontando os pontos fortes e fracos e ainda sugeriam ações para o aperfeiçoamento do preparatório. Ou seja, as coordenadoras retrataram a visão geral desse pré-vestibular, assim apontaram o que está funcionando bem e o que deve ser aperfeiçoado para que o PVSNI atinja os objetivos que motivaram sua existência.

Elaborada essa análise, é essencial perceber como o trabalho desenvolvido pela equipe do preparatório repercute no corpo discente. Este é composto por estudantes oriundos da Rede Pública e, portanto, sem renda suficiente para custear um pré-vestibular particular e com pouco conhecimento sobre a universidade.

Conhecer as expectativas dos(as) alunos(as) e sua avaliação do curso é uma forma de medir a eficiência do Preparatório. Logo, o mais oportuno seria conhecer a opinião daquele que cumpriu sua trajetória, ou seja, o egresso que passou pelo processo de seleção para ser admitido no PVSNI, fez o curso e foi selecionado para uma das universidades disponíveis. Por isso, a trajetória do egresso é um meio de aferir o êxito de um curso. Porque conhecer a história do curso é importante, mas ela é vitoriosa a partir do momento que o preparatório tenha contribuído para o ingresso de mais alunos oriundos da rede pública a universidade e que esse fato resulte em mobilidade social.

Sabendo que o objetivo do pré-vestibular é atender a população em condição de vulnerabilidade, foi perguntado em qual rede de ensino o egresso estudou e o que mudou em sua vida após estudar no PVSNI. Para obter essas informações foram formuladas perguntas que serão organizadas no texto da seguinte forma: primeiro será apresentado o perfil do estudante, em seguida, o que mudou na vida do(a) ser ex-aluno(a) depois que fez o pré-vestibular e, para finalizar, o parecer a respeito do PVSNI.

Para ter acesso a esses dados foi adotada a mesma metodologia aplicada na pesquisa com os(as) coordenador(as) do curso. Isto é: elaboração do roteiro de entrevista e envio dos convites aos egressos identificados.

Nesta etapa da pesquisa, participaram quatro ex-alunos(as) e todos optaram por um curso na área de humanas. O grupo de entrevistados(as) é composto por dois alunos de pós-graduação, enquanto os outros estão concluindo a graduação. Uma das entrevistadas atualmente é monitora do preparatório.

A relação dos(as) entrevistados(as) com PVSNI tem suas peculiaridades: dois alunos tiveram experiência com outros cursinhos. Barbara - aluna da edição 2007 – relatou que antes do PVSNI, foi aluna de outro pré-vestibular, mas não foi selecionada para nenhuma universidade e voltou ao cursinho. Lá soube da existência do PVSNI, e que uma de suas professoras também lecionava no preparatório. Esse fato a estimulou a mudar de cursinho. Isso também aconteceu com o Denilson - edição de 2018 - que estudava em um pré-vestibular social em Nilópolis e quando soube da existência do PVSNI decidiu concorrer uma vaga no mesmo. Diferente da Barbara (2007) mudou de curso após concluir que o PVSNI era mais perto da sua casa e essa mudança traria economia de tempo. O Cristiano (2006) se diferencia dos demais por entrar na faculdade, casado, pai de dois filhos. Em sua trajetória até o doutorado estudou em duas universidades.

Ao serem questionados em qual rede de ensino estudaram, como esperado, todos responderam que estudaram na Rede Pública, somente um aluno relatou ter estudado a maior parte do tempo na rede particular, o restante cursou integralmente na Rede Pública.

Como já mencionado, o fato de terem estudado em escola pública, nos remete aos desafios apontados pelas coordenadoras: trabalhar com vestibulandos que necessitam preencher as lacunas deixadas pela escola e atenuar o efeito das falhas das famílias que não conseguiram preparar seus/suas filhos(as) para o desafio de entrar num campo que não foi

estruturado para eles. Além disso, há aqueles cuja família não estimula a decisão de ir para a universidade ou pressiona, por falta de conhecimento, a adotar estratégias que não estão de acordo com os sonhos dos(as) filhos(as) ou suas possibilidades.

O pré-vestibular entra na vida desses alunos como um dispositivo que contribuirá para realização do sonho de se profissionalizar através de um curso superior. Um sonho acalentado, mas que não tem ainda respaldo na realidade. O PVSNI, em muitos casos, atua como um impulsionador.

Ao ingressar no PVSNI os vestibulandos se deparam com uma situação peculiar porque todos os(as) monitor(as), que são os profissionais selecionados para suprir as lacunas deixadas pela escola e pela família, tem uma história parecida com a deles. Assim, portanto, conhecem suas dificuldades por serem universitários e terem estado no lugar deles recentemente. Sendo assim, apesar de estarem em outra fase, ainda estão bem próximo da realidade deles, e tem experiências para compartilhar que são bem eficazes porque não houve mudanças drásticas no campo, uma vez que o(a) monitor(a) não é egresso há muito tempo.

Esse fato, mostra a probabilidade do aluno(a) se identificar com o(a) monitor(a) e criar laços, como as coordenadoras já apontaram. Muitas vezes a relação fica estreita a ponto do(a) estudante confiar sua história a monitores e assim estabelecerem uma relação que permite ao monitor(a) dá uma orientação direcionada a necessidade do(a) aluno(a).

Já os vestibulandos, diante de monitores(as) que tem história afim, tendem a se sentirem mais autoconfiantes e mais resistentes diante dos obstáculos, dado que têm diante de si alguém que superou obstáculos semelhantes, conseguiu ser admitido na UERJ e naquele momento é seu/sua professor(a). Ou seja, os motivam a seguir em frente e escrever uma história diferente da vivida por seus antepassados.

Além disso, veem personificado naqueles monitores as políticas públicas desenvolvidas pelo Estado. Uma vez que os(as) monitores(as) estudaram no preparatório fundado na gestão do prefeito do PT, Lindbergh Farias, e estudam numa universidade que até pouco tempo atrás só tinham alunos(as) majoritariamente de famílias abastadas. Quando eles acreditam que ter um diploma de nível superior era uma grande conquista, dado que isso não era comum na sua família e muito menos um diploma conquistado em uma universidade pública.

Os(as) monitores(as) com suas palavras de incentivo e com sua experiência de vida – enfraquecem o poder que Bourdieu definiu de ilusão naturalista, à medida que demonstram que é possível os dominados a partir de um esforço conjunto – do preparatório, família e alunos(as) – frequentarem a universidade. Essa mudança de campo oportuniza outro tipo de interação social. E à medida que aumenta o número de alunos(as) das classes populares no campo universitário, o campo vai se transformando para receber e acomodar esse novo estudante. Assim, o *habitus* vai mudando gradualmente, tornando a permanência do(a) aluno(a) possível e, conseqüentemente, estimulando a outros do mesmo perfil a cursarem uma graduação.

Bourdieu mostra que para mudar de campo é preciso capital. Entrar no “novo” campo é necessário ter capital, e mais capital ainda para se estabelecer nele. Ou seja, enfrentar um processo seletivo para ingressar em uma universidade de prestígio não é fácil porque há uma concorrência desleal. E, concluir a graduação é mais difícil ainda, uma vez que muitos cursos são oferecidos em tempo integral – impedindo que o universitário trabalhe enquanto estuda. Sem contar que os materiais utilizados em determinados cursos são caros. Conseqüentemente, o vestibulando não pode escolher o curso que deseja, mas um daqueles que estão de acordo com o capital que dispõe.

Para atingir a segunda etapa do seu objetivo, que é entrar para o mercado de trabalho, ele precisa adquirir capital social. Já que muitos não têm conhecidos em condições de indicar para um estágio e posteriormente para uma vaga de emprego. Logo, esse(a) estudante tem que se destacar para acumular capital social e conquistar bons estágios e desenvolver um bom trabalho. E com essa atitude aumentar as chances de uma boa colocação no mercado de trabalho. Como é de conhecimento, tem mais chances de conseguir uma oportunidade de trabalho aqueles que estudaram em boas universidades e tem um bom currículo.

Os(as) monitores(as) conhecem essa realidade e disponibilizam seus conhecimentos para fundamentar a estratégia dos vestibulandos. Adquirir esse conhecimento é fundamental para conseguir entrar em uma boa universidade e ser bem-sucedido. Saber quais cursos podem ser feitos durante a noite e que exigem material mais barato é imprescindível. Isto porque optar por um deles aumenta a probabilidade de conclusão da graduação. Como veremos adiante, a partir de conversas sobre as características de diferentes universidades e cursos oferecidos por estas, um dos entrevistados mudou seus planos e atingiu seu objetivo.

Quando o acesso a essas informações soma-se ao apoio da família, a probabilidade de sucesso aumenta. O incentivo da família fortalece nos momentos mais difíceis. A história da ex-aluna Barbara, que estudou no preparatório em 2007, demonstra isso, como veremos a seguir:

“... Eu não tinha essa informação, nada sobre universidade, porque como eu falei, ninguém da minha família tinha ensino superior. Então, eu achava que se eu morava em Nova Iguaçu, eu tinha que estudar em Nova Iguaçu, em uma universidade em Nova Iguaçu. Não sabia que eu podia estudar fora.”

No trecho selecionado, Barbara (2007) mostra a falta de conhecimento sobre a vida acadêmica e relaciona isso a falta de familiares com nível superior. Como explica a teoria bourdieusiana, Barbara (2007) não herdou o capital cultural e social da família, tornando a conversão ao mundo acadêmico algo mais árduo. A falta desses capitais que foi em alguma medida compensado no PVSNI. E a família contribuiu com a melhor educação que pode oferecer e com estímulo para que a filha avançasse nos estudos, como Barbara (2007) revela:

“Mas na primeira série, lembro de ter uma conversa com a minha professora e ficar muito triste porque não ia bem em todas as matérias. Eu não tirava nota vermelha, mas assim, minha mãe sempre me cobrou muito 10, disse que tinha que tirar 10. Eu tirava 10 em português, tirava 10 até em matemática... conseguia tirar 10, mas era muito ruim em Geografia e História. Eu tirava notas muito ruins em Geografia e História.”

Essa fala indica que a mãe da Barbara estava atenta ao seu desempenho escolar, a impulsionava da forma que sabia: a matriculando na escola, acompanhando seu desenvolvimento e cobrando boas notas nas provas.

Ao analisar a entrevistas do corpo discente, percebe-se a importância da família. Se a família é uma instituição que geralmente contribui para a desigualdade social, como aponta Bourdieu, ela também tem o potencial de contribuir para a mobilidade social dos seus/suas filhos(as) e outros jovens da família a partir de atitudes como a da mãe da Barbara (2007). Os cuidados da família também aparecem quando a mãe garante que ela não precisará conciliar trabalho e estudo. Como também, ao zelar por sua segurança física, como ela detalha a seguir:

“Eu fui muito privilegiada durante a minha graduação, porque a minha mãe, sempre sendo muito rígida, não teve formação, ela estudou só até a sétima série, tanto ela quanto meu pai, sempre falando para mim: Olha, você não vai trabalhar, você vai se dedicar à faculdade. Então ela fazia de tudo, ela fazia, se necessário, marmita, fazia, comprava lanche para eu levar. Meu pai, nessa época, também estava em um emprego bom, então me ajudava muito em relação a isso. Me levava até o ponto de ônibus. Às vezes, quando estava meio perigoso, ele ia comigo direto no ônibus

também. No período que eu comecei a trabalhar na Gávea, a minha mãe acordava comigo às três da manhã para poder me ajudar a arrumar as coisas.”

São pais que não chegaram ao ensino médio, porém valorizam a educação e contribuem com o que podem para que a filha conclua a graduação. Barbara tinha mais recursos que outros colegas iguaçuanos, que não tinham apoio da família como uma das coordenadoras relatou. Embora tenha enfrentado muitas dificuldades, pode contar com apoio dos pais durante o processo de formação universitária.

A contribuição da família foi além. Enquanto estudava no preparatório, sua irmã já cursava uma graduação. Ela estudava numa faculdade particular sediada no município de Nova Iguaçu. Essa irmã tinha uma bolsa do ProUni, uma das iniciativas do governo que oferece financiamento aos cidadãos que optaram por uma faculdade privada, mas não tem dinheiro para pagar as mensalidades. Então, Barbara não foi à primeira da família a ir para faculdade. Isso sinalizava a possibilidade de se profissionalizar através de uma graduação.

Em outro momento da entrevista, Barbara revela outro aspecto da família: ainda que sua mãe apoiasse sua decisão de continuar estudando, preferia que a filha estudasse próximo a casa delas. Ou seja, temia ver a filha se deslocando para outro município para assistir às aulas.

“Quando eu saí do curso Normal, eu não era muito ciente do que acontecia em relação às Universidades. Quando eu fiz o pré-vestibular da EduCarte, eu achava que só existia a UNIG, que é a Universidade de Nova Iguaçu. Eu achei que só existia essa possibilidade na minha vida. Aí o EduCarte tinha uma parceria com a UERJ, então os professores e sua maioria eram da UERJ, e aí eles falavam muito da UERJ. Aí, eu ficava assim, caramba, então existe a UERJ. E aí, no preparatório, eu comecei a ter o sonho de querer ir para a UFRJ, para estudar no Fundão, para desespero da minha mãe, da minha família, que eu ia fazer faculdade longe. Eles pensavam também assim: Não, vai fazer aqui na UNIG, pertinho, porque a minha família não tinha pessoas formadas. Eu falei da UNIG, que era meu sonho para lá, mas, eu também sabia da Estácio, só sabia dessas duas que era a possibilidade que a minha irmã tinha bolsa do ProUni na Estácio. Então eu ficava achando que era isso, só existia a UNIG, eu achei que era só isso. E aí, quando eu já estava mais para o final de 2007, a minha irmã entrou para o ProUni, aí eu, ah, então existe também a Estácio, também a possibilidade de eu ir. E aí com o pré-vestibular eu fiquei vendo que eu tinha outras possibilidades também, né? Tinha Rural, tinha a UFRJ, a UERJ que eu conheci um pouquinho antes com a Educarte. E então, pra mim foi muito bom, porque não só me ajudou a entrar nas seleções em si, mas também a conhecer outras possibilidades. Saber que eu poderia prestar e ir pra universidade muito mais longe do que onde eu morava.”

Essa fala evidencia dois pontos relevantes: o primeiro é o cuidado da família com a filha, o apoio as suas decisões. Ao mesmo tempo, mencionaram o desejo que ela escolhesse a universidade mais próxima da residência deles e não a mais interessante para ela. Eles queriam que ela escolhesse o que era mais conveniente para eles. Há indícios de receio sobre o que aconteceria com a filha se ela fosse para uma universidade desconhecida, que funcionava em outro município. A UNIG tornou-se uma opção mais segura, já que outra filha já estudava lá, o que transforma essa instituição em ensino familiar e, portanto, inspira mais segurança do que a UFRJ que eles não conheciam.

A família da classe popular, que geralmente quer proteger os seus membros, receia que eles sofram os mesmos preconceitos ou humilhações que eles já vivenciaram por serem periféricos. Já as famílias abastadas e de classe média, que normalmente são bem tratados e circulam em seu meio com segurança, querem que seus filhos(as) façam intercâmbio. Eles querem que seus/suas filhos(as) passem um período estudando em outro país, sem a presença da família; assim tornem-se mais independentes. E adquiram novos conhecimentos tais como: se aperfeiçoarem em outro idioma e conquistarem os novos conhecimentos que a experiência de viver longe de casa propicia. Além da possibilidade de ampliarem seus contatos. Assim, aumentam o capital social e cultural que os tornarão concorrentes mais forte ao retornarem ao país.

O segundo ponto relaciona-se a falta de informação da Barbara (2007) sobre o campo universitário. Ela concluiu o ensino médio com dezesseis anos, o que sugere que ela nunca foi reprovada. Desde criança sonhava em ser professora como ela demonstra a seguir:

“Eu sempre quis ser professora desde criança. Eu juntava os gatos e os ursinhos e tudo que eu tinha para poder serem os meus alunos. Eu pegava uns cadernos, umas agendas que meu pai trazia do trabalho, né, que às vezes sobrava, davam para o meu pai. E eu fazia chamada, eu passava a dever, brigava com meu gato porque ia beber água sem minha permissão.”

Se ela tinha o objetivo de ser professora e tudo indica que era uma boa aluna, nota-se que sua escola falhou em dar mais informações sobre o que envolve fazer uma graduação. Dados fundamentais, ainda mais em uma época que se exige o curso de pedagogia para os profissionais que se candidatam a vaga de professor(a) do ensino fundamental.

No seu horizonte estava concretizar seu objetivo de ser professora a partir da universidade privada do município onde mora, a mesma universidade que sua irmã estuda.

Não que essa opção seja errada, a questão é ela chegar ao pré-vestibular sem o conhecimento de alternativas.

O PVSNI entre nesse jogo para facilitar o acesso desse jovem periférico a mudança de vida que ele se propõe. Eles carecem de mais elementos que os classificados como “dominante” possuem. Para ter chance de concorrer com eles é preciso ter ao menos os conhecimentos básicos das regras desse jogo.

Barbara (2007) também expôs seu desconhecimento em relação ao processo de seleção. Ela foi aprovada para várias universidades, mas preferia estudar na UFRJ. Ao tomar conhecimento da sua classificação nessa instituição, ficou em penúltimo lugar, achou que esse resultado não a qualificaria para estudar na universidade que desejava e mais uma vez o preparatório fez a diferença. Sobre isso Barbara fala:

“Graças ao Ary, que me incentivou, a esse professor Bento, que também falou pra mim: Cara, é penúltimo, você ainda assim é capaz. Porque eu ficava pensando assim, como é que eu vou acompanhar, fiquei em penúltimo, isso quer dizer que eu sou muito ruim, eu não sirvo pra essa faculdade. Tinha toda aquela história. Então foram momentos muito marcantes pra mim.

Esse relato mostra mais uma vez o desconhecimento dessa ex-aluna em relação a tudo que envolvia concorrer a uma vaga em uma universidade pública. E, isso poderia custar a não realização de um sonho. A partir dessa história fica nítida a distância entre um vestibulando, usando a terminologia de Bourdieu, – dominante e um vestibulando dominado. E, conseqüentemente, a função que um pré-vestibular tem para essas duas categorias. O preparatório social para atingir seus objetivos tem que contribuir para tornar o campo acadêmico o mais trivial possível e convencer alguns vestibulandos que lá também é lugar para eles.

O preparatório de Nova Iguaçu entra para fazer essa ponte entre o vestibulando e a universidade, no momento que interessa ao governo que mais pessoas da classe popular obtenham o diploma de curso superior. E, para isso tem que estar preparado para oferecer mais que o conteúdo formal utilizados nas provas do ENEM ou vestibular. A falta de conhecimento não a impediu de ir para a UFRJ porque havia esse laço de confiança entre ela e a equipe do pré-vestibular.

A disponibilidade em aprender e agir para conseguir realizar seus sonhos somada à competência da equipe do preparatório – proporcionaram a ela o conhecimento do campo acadêmico e conseqüentemente sua permanência no campo, uma vez que ela atualmente é doutoranda na mesma instituição de ensino que fez a graduação. Ela também é professora da rede pública de ensino.

O desconhecimento de outras possibilidades limita o campo de ação das pessoas. Assim como a exigência de perfeição para atingir seus sonhos. Barbara (2007) aprendeu com a mãe que só poderia conseguir algo se fosse excelente; quando a mãe cobrava nota 10 em todas as matérias. O privilégio de crescer num ambiente que favorece a autoestima, também contribui para a trajetória de sucesso dos dominantes e aumenta suas chances de conservar sua posição na pirâmide social.

O conceito de Bourdieu de ilusão naturalista ajuda a compreender o porquê desse tipo de conhecimento não ser acessível. Isso mudará com o aumento de universitários da classe popular nas universidades e o crescimento de profissionais dessa mesma classe ocupando cargos que exigem diploma de nível superior. A mudança de critérios para permitir maior número de universitários ainda é uma novidade.

Então, para essas famílias, ter um filho(a) em uma universidade pública ainda é algo distante pelos desafios que esses jovens ainda enfrentam para serem selecionados, concluírem a graduação e atuarem no mercado de trabalho na função que foram preparados para exercer. Muitos não se sentem capazes de obter o diploma de um curso superior. Até porque tudo ao redor deles apontam as dificuldades para obter esse tipo de profissionalização.

Barbara (2007) teve a oportunidade de ter a família contribuído com sua escolarização e teve uma professora – ainda na infância - disposta a ouvi-la e dizer que era possível acreditar no sonho de tornar-se professora, mesmo não tendo o desempenho esperado por sua mãe. Havia um pai – que não sabemos a profissão, mas que chegava em casa do trabalho com agendas que ela utilizava para brincar de professora. Ou seja, observando a trajetória de sucesso dela, percebe-se a presença da família apoiando e uma professora atenta e disposta a animá-la.

Sobre a rotina de estudo Barbara (2007) conta:

“As aulas eram de 18h30 até as 22h30, sendo que geralmente a gente saía às 22 horas. Durante as aulas a gente tinha passeios, tinha aula campo, tinha aulas interdisciplinares, que eram maravilhosas. Eu fui atendida no Rubens Falcão, que era a escola em que eu tinha aulas, a Escola Municipal Rubens Falcão. Nesse horário mesmo, horário noturno. E aí, a gente tinha esses aulões, às vezes também aulões fora do espaço da escola, também aos sábados ou no fim de semana. Mas, eu só participei de um deles, que foi para a CEDAE, porque minha mãe não deixava eu participar na época dos aulões fora. Participava mais dos aulões internos mesmo.”

Ela estudou no preparatório quase um ano. Atualmente, professora e doutoranda. Barbara (2007) mora no Rio de Janeiro, especificamente no bairro de Engenho Novo, atua na sua área de formação, continua estudando e investindo na carreira, como ela afirma:

“Hoje eu sou concursada do município do Rio de Janeiro, dou aula na Nona CRE, numa escola em Campo Grande, e estou lançando também cursos no Instagram, há pouco tempo, né, para uma forma de complementação da renda, mas ainda não vejo como meu ponto final no mercado de trabalho não, ainda tenho a pretensão de dar aula em uma faculdade, principalmente uma faculdade pública e principalmente melhor ainda se um dia for na UFRJ, que foi onde eu estudei. Mas, por enquanto, sou concursada do município do Rio de Janeiro.”

Quando solicitada a falar sobre sua história tendo como ponto inicial o ingresso PVSNI ela conta:

“O preparatório também me trouxe o primeiro namorado da minha vida, então também teve uma influência na minha trajetória pessoal, porque o primeiro namorado foi de lá. Eu falava com a minha mãe que eu só ia namorar depois de terminar a faculdade. Spoiler: eu comecei a namorar no pré-vestibular, então também foi uma grande influência na minha trajetória pessoal nesse sentido. A gente, enfim, não ficou mais juntos, né, ficamos juntos por sete anos, iniciando nessa época, e em relação ao pessoal, eu me vi aberta para o mundo, né, através do preparatório, porque eu não tinha a mínima ideia do que era fazer uma universidade, o que era ter uma profissão, eu sabia que eu queria ser professora, mas só, sabe, eu não tinha vivência em relação à profissão em si.”

Agradece ao PVSNI o fato de ter encontrado seu orientador:

“Então foi maravilhoso, foi no pré-vestibular que eu conheci, meu futuro orientador do mestrado, ainda no pré-vestibular, o professor Ary me deu um livro e falou: Olha, quando você passar para a faculdade, para a UFRJ, vou ser seu professor. Isso me marcou muito, tipo, demais da conta. E aí quando eu cheguei na universidade, eu olhei aquele professor, falei, caramba, ele estava certo, ele acertou duas vezes, eu realmente passei para a universidade. Ele realmente é meu professor. Então, foi a primeira vez que eu vi alguém acreditando em mim”.

No trecho acima, Barbara (2007) cita uma contribuição desse preparatório, já apontada pelas coordenadoras, que é o fato de encontrar pessoas que confiaram nela, o que a ajudou a seguir em frente apesar dos desafios.

A Paula (2014/ 2015), moradora de Nova Iguaçu, frequentou o preparatório em 2014/2015. Ela sempre estudou na rede pública e soube da existência do PVSNI através de um amigo, que foi seu colega de turma no ensino fundamental.

“Sem condições de arcar com os custos de uma faculdade particular ou mesmo de um curso preparatório. Decidi ingressar no Curso Preparatório Municipal da Prefeitura de Nova Iguaçu, em 2014/2015, ainda cursando o ensino médio.”

Paula estuda e dá aula no pré-vestibular. Atualmente, ela tem bacharelado em História pela UERJ e está concluindo licenciatura.

Assim como a Barbara (2007), Paula sempre demonstrou um interesse em se profissionalizar através do ensino superior. Ambas não mencionaram nenhum tipo de trabalho antes do ingresso na universidade. Após a admissão, sempre trabalharam na área que escolheram para se profissionalizar, ou seja, os trabalhos reforçavam o aprendizado que recebiam no curso.

Este fato pode nos levar a pensar que mesmo sendo um preparatório que visa a população em vulnerabilidade, os entrevistados(as), num certo sentido, são privilegiados por terem disponibilidade para se dedicar exclusivamente ao curso.

Ela conta que fez pré-vestibular durante um ano e meio. Ao avaliar a importância do preparatório em relação a sua aprovação para universidade ela afirma: *“O empenho dos professores que trabalhavam ali com muito amor para ajudar as pessoas de rede pública.”*

Aqui mais uma vez, percebe-se a importância que os(as) alunos(as) dão ao afeto recebido durante o curso. Em nenhum momento da entrevista Paula (2014/2015) menciona os conteúdos oferecidos aos estudantes, mas fala da atitude dos professores. Ensinar as matérias que cairão no vestibular é função de todo preparatório, mas o cuidado com o(a) aluno(a) é mencionado como um diferencial. As coordenadoras já apontavam que os estudantes precisavam de um estímulo e de alguém que confiasse neles. Ressaltaram baixo autoestima de alguns estudantes. Essa afirmação enfatiza a importância do afeto e do acolhimento oferecidos pela equipe do preparatório.

Há necessidade de aprender e rever conteúdos, mas esses estudantes precisam de atenção. Quando ela avalia a importância do preparatório ela fala dos(as) monitores(as) e menciona que os egressos de escola pública precisam de um pré-vestibular gratuito e de professores que os apoiem.

Paula (2014/2015) falou pouco sobre sua família, a única referência relaciona-se ao fato de participarem na escolha do curso que faria. Eles a incentivaram a fazer o curso de Pedagogia, ela aceitou a sugestão por considerar que teria mais chances de trabalhar na área. Contudo, sua paixão sempre foi História e no meio do caminho ela trocou o curso de Pedagogia pelo curso de História.

Atualmente ela é monitora no PVSNI e afirma que isto é uma forma de retribuição a tudo que recebeu do preparatório. E, mesmo considerando o valor da bolsa – que recebe para ser monitora - baixo, fato que desestimulou outros monitores a continuarem no preparatório, ela pretende continuar. Ela ressalta que é monitora por gratidão, uma vez que o preparatório foi fundamental para a conquista de sua vaga na UERJ:

“Eu acho que eu tenho uma gratidão muito grande pelo preparatório. E é meio que uma promessa, né. De que enquanto eu estivesse na UERJ, eu estaria lecionando pro pessoal pra devolver pro universo essa chance que eu tive, sabe? Porque eu sei que muitos professores não aguentam ficar porque o valor da bolsa é bem baixo. E aí teve professores que como eu atualmente, lá atrás, ficaram ali para ajudar as pessoas que eram da Baixada. Eu acho que eu parto dessa filosofia, sabe, poder ajudar quem é do meu município também chegar a uma universidade pública, enquanto eu tiver disponibilidade para isso, e meios eu acho que eu consigo continuar ajudando de alguma forma, essas pessoas. E eu tenho outras tarefas também que eu consigo, mas é devolver ao universo aquilo/a chance que me foi dada também, sabe.”

Nessa citação, ela menciona a Baixada como um lugar que precisa de ajuda. Como tratado anteriormente, e a fala da Paula (2014/2015) chama atenção para isso, as cidades são organizadas entre centro e periferia. E de acordo com o lugar que o (a) estudante mora, ele(a) vai ter mais possibilidades de ter acesso a uma educação de qualidade. Por isso, ela relaciona a variável local de moradia a dificuldade de ingressar em uma universidade pública e valoriza tanto o PVSNI. Ela frequentou o preparatório por seis meses.

O Denilson (2018), morador de Nova Iguaçu, tem uma trajetória diferente da Barbara (2007) e da Paula (2014/2015). Para começar, não estudou sempre na Rede Pública, pelo contrário passou mais tempo frequentando escolas privadas. Depois por não escolher um curso ligado a licenciatura, uma vez que está se formando em Relações Públicas pela UERJ.

Denilson (2018) entrou no PVSNI em 2018, quando ainda estava concluindo o ensino médio:

“Desde o meu Jardim de Infância até o meu 9º ano, eu estive em colégios particulares, salvo esse único ano aí no meio que foi o meu 1º ano. O resto foi tudo em colégios particulares. Eu acabei optando de sair da rede privada, para ir para a rede pública pensando na graduação. Na verdade, eu nem sabia, enfim. Na minha cabeça era assim, aí eu indo pra um colégio particular, pra um colégio público, eu

conseguiria entrar, estar dentro de algumas cotas, enfim, facilitaria pra mim conseguir entrar na graduação. Na verdade, eu não sabia né. Eu precisaria estar antes em um colégio particular, em um colégio público, mas eu acabei fazendo a nossa escolha de mudar, mas foi uma escolha ótima para mim, enfim, super, me atendeu por outros quesitos também, né.”

Denilson (2018) mostra mais conhecimento, que a Barbara (2007) e a Paula (2014/2015), a respeito do funcionamento do campo acadêmico ao ingressar no preparatório. Ao optar por se profissionalizar através de uma universidade pública e ter conhecimentos dos critérios de política de cotas, ele decide sair da escola privada, onde se espera um ensino de mais qualidade em comparação com as escolas públicas, e ingressa na Rede Pública visando ser beneficiado pela política de cotas.

Ele iniciou o cursinho antes de concluir o ensino médio, estudava no município vizinho de Nilópolis. Quando viu a propagando do PVSNI, no Facebook, avisando que as inscrições para o processo de seleção do pré-vestibular estavam abertas, viu onde funcionava o preparatório, fez as contas, concluiu que economizaria 30 ou 40 minutos de viagem se optasse pelo curso que funcionava no Centro de Nova Iguaçu, decidiu participar do processo de seleção e foi admitido no PVSNI. Sendo assim, antes de entrar no preparatório ele demonstrava mais conhecimentos que Barbara (2007) e a Paula (2014/2015) sobre tudo que envolve a universidade e evidenciava mais confiança no que estava fazendo para tornar seu objetivo exequível.

Diante da mesma pergunta: “Como ocorriam as aulas? Além das aulas, os alunos desse período tinham acesso a outros equipamentos culturais e vivências? Em qual polo você foi atendido e horário? Denilson (2018) menciona mais a organização do curso, a estrutura do pré-vestibular. Citou mais o conteúdo do que o apoio e os incentivos recebidos dos monitores como é possível constatar a seguir:

“Bom, pra vestibular era todo sábado. E era de oito até as cinco, era uma hora puxada, a gente ficava bastante tempo lá. Por ser uma vez na semana só, né? E aí a gente tinha aulas separadas por matéria durante o dia. E a gente tinha uma pausa no meio, né, pra almoço. Mas era isso. Então a gente entrava e a gente tinha as aulas separadinhas por tempo. Eu lembro o que era por 50 minutos, se não me engano, por disciplina. E aí a gente separava as disciplinas durante todo o dia. E era basicamente isso, tá. A gente não tinha muito outras coisas, nem aparato cultural, enfim. Era basicamente as aulas, os conteúdos, e é isso. Daí eu lembro que do meio ali pro final já a gente começou... As turmas começaram a diminuir, então as coisas começaram a mudar. Às vezes rolava de professor não ir, e a gente ficava com tempo vago ali no meio. E as coisas foram... Eu senti que a gente perdeu um pouco do ritmo ali no meio. Não no meio, mas era mais pro final mesmo. Mas a gente conseguiu finalizar.”

Então, aqui ele destaca falhas na condução do curso, aspecto que foi mais apontado nas entrevistas das coordenadoras do que dos seus colegas. Em sua fala, como será apresentado a seguir, ele também mostra desconhecimento em relação aos processos de seleção:

“Eu não... Eu não conhecia a UERJ para você ter ideia. Não tinha muito esse acesso. E para mim era só assim, eu vou ter que fazer o Enem e aí eu vou entrar em alguma faculdade. Eu não sabia que tinha um pré-vestibular da UERJ específico, que era separado. Eu não sabia mesmo. E aí, quando eu entrei naquele primeiro eu descobri e aí pela conversa acabei me inscrevendo, mas assim, muito pelo empurra. Não pelo empurra, mas pelo incentivo deles. Mas, quando eu entrei na Pré-vestibular de Nova Iguaçu, foi quando eu realmente me interessei. E aí, a partir de então, a UERJ se tornou o meu foco.... Então eu acabei lá, lá, lá, no, pra vestibular. Eu acabei escolhendo o meu curso, mudando, né? Porque até então, o meu foco era entrar pra Publicidade na UFRJ. E aí, conhecendo a UERJ, conhecendo as políticas públicas que a UERJ tem, eu entendi que a UERJ seria a melhor faculdade pra mim, por questões financeiras mesmo, sabe? De manutenção, de custeio, de permanência na universidade. A UERJ seria a minha melhor opção. Eu não saberia como eu iria me manter na UERJ, na UFRJ, por exemplo, sabe?”

Nesse trecho há dois pontos a serem observados: mais uma vez ele demonstra que entrou no preparatório mais seguro, sabia o curso que queria fazer e onde poderia fazer. Chegando ao preparatório e diante de monitores(as) que eram alunos(as) da UERJ, ele aproveita o conhecimento de quem está dentro da instituição, e partir das informações trazidas por eles, decide pela UERJ. Isto porque nesta universidade ele teria mais chances de conseguir incentivo financeiro para estudar, sem precisar trabalhar em outra área. Estando explícito no trecho abaixo:

“E é isso, né. Só reforçando que foram portas que se abriram né, na minha cabeça. Antes de não ter esse acesso, não ter esse conhecimento, pra chegar lá. Como tinha muitos professores que eram da UERJ também, né; lá, eram os professores que davam aula, eles eram estudantes da UERJ, é grande parte. Então, eles me incentivavam muito, mostrando assim: olha, a UERJ tem isso, isso, isso, tem a bolsa permanência que você consegue se manter, depois disso você tem iniciações científicas que você consegue ter mais uma renda para você conseguir se manter de fato na universidade. E aí, eu acabei considerando a UERJ, se tornando o meu foco e aí eu não pontuei antes. Aí, foi todo um trabalho pra eu me reorganizar, me entender qual curso eu ia fazer. E aí, acabei optando por Relações Públicas, também é um curso de comunicação social, e que se relaciona com a propriedade de propaganda também, tem suas diferenças, é lógico, mas estaria no mesmo universo. Então acabei optando por Relações Públicas e acabei me apaixonando.”

Mais uma vez mostra que é um estrategista, ele poderia ter trocado por um curso menos concorrido ou por qualquer outro motivo, mas não foi isso que ele fez. Denilson

(2018) procurou dentro do repertório da UERJ o curso mais próximo da sua primeira opção, e escolheu Relações Públicas que também pertence a área de comunicação social.

Mais adiante, quando perguntado sobre como foi o processo de escolha do curso ele diz:

“E aí, ali no processo de escolha e tal, até os professores levantaram algumas possibilidades e levantaram o curso de Relações Públicas, que eu também não conhecia, não conhecia esse curso. E aí, eu fui pesquisar me aprofundar, e aí eu entendi que era um curso que fazia sentido pra mim, porque “tava” ali dentro da comunicação social também, e também se relacionava com a Publicidade. Então, eu me formando em Relações Públicas facilmente poderia entrar no mercado, atuar como um publicitário talvez... estava relacionado nesse universo. Então, na minha cabeça foi assim, bem não tem Propaganda e Marketing, mas tem Relações Públicas que eu consigo ali, atuar em algumas áreas dentro da Publicidade, então foi meio que natural e aí, eu escolhi esse curso, e entrei na graduação, e consegui me manter de maneira tranquila, né. Nunca precisei trancar curso, enfim, foi bem tranquilo, me mantive certinho. E isso grande parte por conta das iniciativas que a UERJ tem, com certeza. Foi um motivo que fez entrar né; pela bolsa permanência, enfim, pelas iniciativas de fazer o que os alunos se mantenham né, na universidade.

Então, mais uma vez expressa que os monitores, que eram da UERJ, contribuíram com o conhecimento que possuía sobre a universidade e o ajudaram a escolher um curso que tinha a ver com o que ele desejava. Nessa parte da entrevista ele revela que escolheu estrategicamente – unindo o gosto pessoal, a condição mais favorável de fazer e concluir o curso. Além disso, por oferecer mais possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

Mais adiante, ele demonstra que conseguia entender sua situação e foi capaz de definir a forma mais eficiente de conseguir o que queria:

“Então, e também é bom fazer um recorte também aqui, que eu entendo que dentro da minha realidade eu não tinha um dinheiro, não tenho, né. Não tinha um dinheiro pra me custear, enfim, mas eu também não precisaria ficar com essa preocupação que: ah, eu preciso trabalhar. Eu preciso fazer alguma outra coisa. Então, eu tendo essa tranquilidade, com a bolsa permanência eu consegui me manter, tipo então, as passagens, então eu conseguia pagar com esse dinheiro, tanto a passagem quanto à alimentação. Então eu me sustentei ali com esse dinheiro, sem essa preocupação do extra, né? Isso é importante se pontuar. Então consegui fazer de maneira tranquila, certinha, e aí depois eu entrei numa iniciação científica, e aí as coisas ficaram melhores.

A estratégia do Denilson (2018) funcionou, como planejado. Ele conseguiu se manter na faculdade trabalhando exclusivamente na sua área de estudo. Assim, seguiu estudando. O seu trabalho lhe assegurava dinheiro para suas despesas pessoais e desenvolvia na prática as teorias que aprendia nas aulas.

Sua estratégia deu certo, ele ainda não concluiu o curso, mas já está empregado em uma empresa de cosméticos, a Duty.

“Hoje eu trabalho. Como eu falei, trabalho em um time de comunicação/ marketing, mais focado em Eiko, né, e enfim, então, estou inserido dentro do mercado de trabalho. Eu entrei nessa empresa enquanto estagiário estava lá no meu quinto período da faculdade, e eu entrei como estagiário, passei um ano e pouquinho como estagiário e fui efetivado e hoje eu sou assistente.”

Denilson (2018) ressalta a importância de ter estudado num pré-vestibular onde os professores eram alunos da UERJ, ele analisa que por serem universitários, moradores de Nova Iguaçu, eles conheciam – e estava fresco na memória deles – a situação que seus/suas alunos(as) estavam vivenciando. E, avalia essa particularidade positivamente.

Ele sente-se muito satisfeito com sua trajetória e otimista em relação ao futuro, como é possível ver na afirmação a seguir:

“Acho que das oportunidades que a vida foi me dando, fizeram com que eu conseguisse ir galgando os passos até aqui onde eu estou. Que não é nenhum lugar muito alto, mas assim, ao meio do caminho, que pode me levar para outros lugares maiores.”

Como já mencionado, as coordenadoras identificavam baixo autoestima dos vestibulandos, o que não caracteriza o Denilson (2018), no trecho abaixo ele constata que foi ajudado, mas também exalta sua participação quando diz que soube aproveitar as oportunidades. E, diz também que pode ir mais longe.

Ele segue valorizando a importância do seu trabalho para entrar na universidade quando declara:

“E aí, para finalizar, eu só queria pontuar que a gente conseguiu, a gente entrou na universidade, a gente teve esse êxito, mas é sempre bom pontuar que não foi fácil, sabe? A gente conseguiu pelo nosso esforço e pela força coletiva, sabe?”

Ou seja, na sua opinião, não é por ter sido aprovado, que significa que foi fácil. Ressalta as dificuldades enfrentadas pelos(as) alunos(as), inclusive problemas com a estrutura do PVSNI, que era insuficiente. Como ele descreve a seguir:

“... a estrutura básica tinha, tinha os banheiros certinhos, tinha a sala, tinha ventiladores. Não dava tanta vazão nos dias mais quentes, mas tinha ventilador. E era isso. Mas o que às vezes era um problema era... Nem sempre a gente tinha os materiais didáticos, por exemplo. Às vezes não rolava de fazer... imprimir, sabe? Então, não tinha, não tinha, enfim, tinha que se virar com o que tinha lá. Na hora, enfim, fazer do quadro, enfim. Não tinha esse material, às vezes, nem sempre, né?”

Às vezes os professores faziam isso do próprio bolso pra ter esses... porque se não fizesse isso, não ia ter. E fora que também, que não tinha nenhum suporte de mídia, não. Se quisesse passar algum vídeo, não tinha. Não tinha TV, não tinha computador, não tinha nada. Então, acho que é basicamente isso.

Ele destaca as falhas na infraestrutura do preparatório, mas enaltece o envolvimento da equipe, o que ele qualificou como idealismo. E, também elogiou os colegas de turma, que enfrentaram os desafios e se incentivavam mutuamente. Ele critica problemas citados anteriormente pelas coordenadoras, sendo mais crítico que a Barbara (2007) e a Paula (2014/2015) que preferiam ressaltar os pontos positivos do curso.

Denilson (2018), não falou sobre o papel da sua família nesse momento, mas é possível inferir que houve um apoio. Ele estudou a maior parte do tempo em escola particular. Não trabalhava, pois fazia cursinho ao mesmo tempo que concluía o ensino médio. Como contou, transferiu-se para uma escola pública quando percebeu que lá ele teria mais condições de ser selecionado para estudar em uma universidade pública. Essa era única opção que tinha já que não tinha dinheiro para pagar mensalidade de uma universidade particular e os custos do curso.

Até aqui as entrevistas foram dispostas no texto por ordem crescente do ano de ingresso no preparatório. Cristiano (2006), apesar de ser aluno da primeira turma, será apresentado por último porque seu percurso destoa dos demais entrevistados(as). Entrou no preparatório mais velho que os demais e com mais experiência. Se alistou na Marinha, antes de concluir o ensino médio. Foi convocado e prestou serviço militar. Como será mais detalhado a frente, começou a trabalhar cedo, antes de ser selecionado para o preparatório trabalhou como: aluno operário e no setor de crédito da rede de supermercados Carrefour. Depois ficou um tempo desempregado até conseguir um cargo comissionado na Prefeitura de Nova Iguaçu. Sem contar que quando iniciou a graduação era casado e pai.

Ele é um estudioso da História de Nova Iguaçu, passa no vestibular da Rural (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ) em 2006. Formou-se em História, e concluída a graduação foi direto cursar o mestrado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Ele estudou em duas universidades públicas de prestígio e conseguiu concluir tudo no prazo previsto. Como expõe no relato abaixo:

“eu já fiz a minha graduação, casado, com dois filhos, trabalhando 40 horas, num curso noturno, o que me traria muito mais possibilidade de atrasar um pouquinho a

formação, empurrar um pouquinho. Então, não, eu tinha um sentimento de urgência que me fez cumprir os créditos todos dentro do prazo, inclusive com a monografia, e com o projeto de mestrado apto, antes da minha monografia estar concluída, mestrado foi a mesma coisa. Eu sou bolsista no doutorado, né, com bolsa de aspecto social, como profissional da área de educação, então eu sou bolsista, pode registrar isso. Eu sou bolsista desde meu terceiro período de graduação. Eu gosto de registrar isso porque é relevante registrar que a bolsa é caráter fundamental para você permanecer estudando. Sem bolsa, talvez eu não tivesse cumprido a graduação no prazo correto, talvez eu não tivesse cumprido o mestrado... Eu acho que a bolsa ajuda, te estimula a cumprir prazos. Não estou falando prazo para o prazo, estou falando porque você consegue se sustentar no estudo, você consegue comprar um livro, participar de um evento, pagar uma passagem.”

Ele demonstra ser um bom aluno, além de cumprir o prazo de conclusão de curso – que é importante para a instituição de ensino, principalmente para os cursos da pós-graduação. Ele conseguiu uma bolsa de iniciação científica no segundo ano da faculdade. A iniciação científica é destinada ao universitário com bom desempenho escolar e que expresse vontade de trabalhar com pesquisa. Para se candidatar a bolsa o(a) aluno(a) precisa comprovar que tem boas notas e ser escolhido por um(a) professor(a) que coordena o projeto de pesquisa.

Antes de chegar à universidade Cristiano (2006) fez o ensino médio na escola pública estadual Ensino Técnico da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), não chegou a se formar. Estudou os dois primeiros anos do ensino médio, depois trancou a matrícula porque se alistou e foi servir a Marinha.

Após o período de serviço militar, voltou à escola e soube que teria que repetir o semestre que tinha feito antes de interromper os estudos. Essa regra o surpreendeu, pois ele teria que ficar sem estudar mais um semestre, para só então no início do ano letivo poder retomar seus estudos. Avaliou que iria perder tempo se insistisse em continuar na FAETEC. Assim, preferiu fazer o ENCCEJA<sup>30</sup> (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos). E a partir daí, se dedicou somente ao trabalho.

---

<sup>30</sup> São finalidades do ENCCEJA: construir uma referência nacional de autoavaliação para jovens e adultos por meio de avaliação de competências, habilidades e saberes adquiridos em processo escolar ou extraescolar; estruturar uma avaliação direcionada a jovens e adultos que sirva às Secretarias de Educação para que estabeleçam o processo de certificação dos participantes, em nível de conclusão do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, por meio da utilização dos resultados do Exame; oferecer uma avaliação para fins de correção do fluxo escolar; construir, consolidar e divulgar seus resultados para que possam ser utilizados na melhoria da qualidade na oferta da Educação de Jovens e Adultos e no processo de certificação; construir parâmetros para a autoavaliação do participante, visando a continuidade de sua formação e sua inserção no mundo do trabalho; possibilitar o desenvolvimento de estudos e indicadores sobre educação brasileira. Fonte: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/encceja> Em 22 mar 24

O grande incentivo para entrar na carreira acadêmica veio da sua namorada na época. Isto porque ela passou para História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Como ela foi estudar na instituição de ensino que oferece o melhor curso de História do Brasil, por receio de perdê-la, ele decidiu voltar a estudar.

“Porque ela ia conhecer gente mais interessante mais legal o mundo muda e quando você vai para universidade não tem jeito não tem amor que dure que resista uma pessoa no ensino superior e a outra na ignorância, não tem amor que dure, não tem relacionamento que se sustente. Olha, pessoas com esse desnível de formação que mantém a relação são raras, e eu posso não ser muito genial, não sou nenhum Nobel. Mas, eu não sou burro e logo me dei conta que eu não ia acompanhar essa mulher se eu ficasse estacionado onde eu estava.”

Cristiano (2006) não fala muito sobre sua falta de conhecimento sobre a universidade, como menciona seus colegas, talvez porque estava mais próximo da universidade do que eles. Seu irmão cursava engenharia florestal na Rural na época, além do convívio com a namorada que estudava na UFF.

Ele vê a universidade como outro mundo, e compreende que sua namorada mudaria através do processo de formação universitária. Então, se viu obrigado a ter experiência semelhante, assim poderia mudar na mesma direção. Em sua opinião, para um relacionamento dar certo, os parceiros têm que estar no mesmo nível, aprendeu isso com a experiência do irmão que depois que foi para universidade trocou sua namorada por outra que era universitária. Queria manter seu relacionamento e por isso voltou a estudar.

Esse retorno aos bancos escolares aconteceu no PVSNI. Como já trabalhava na Prefeitura de Nova Iguaçu, acompanhou o processo de construção do preparatório. Foi aluno da primeira turma do preparatório. Em 2006, no mesmo ano que fez o pré-vestibular, foi selecionado para uma vaga no curso de História na Rural.

Dessa época, ele lembra de três colegas de turmas, que assim como ele, foram selecionadas para universidades públicas. Uma observação que indica êxito do preparatório no seu primeiro ano de existência.

Ao falar dos(as) monitores(as) do curso, ele informa que saíram de lá bons profissionais, outro indicador de sucesso e que, ao mesmo tempo, mostra que o preparatório contribuiu para a mobilidade social de alguns egressos, como é possível inferir do seu relato:

“Na época tinham alguns professores que me marcaram um professor de Jesus, o nome dele era Jesus, não era apelido, de física. William que largou a docência. Porque a docência ninguém aguenta se não tiver juízo e puder sair, sai. William foi para São Paulo trabalhar na indústria química largou educação largou a matrícula de

funcionário público para trabalhar na empresa privada. Professor Rafael de história e professora Ana Paula de história um dava aula de história do Brasil outro história geral. A Ana Paula foi para Minas gerais está dando aula na universidade federal em Minas, o Rafael pesquisa subúrbio carioca um professor bastante procurado assim por podcast por pessoas que querem conhecer o Rio de Janeiro.”

Ele refere-se a outro ponto positivo quando menciona a conduta de uma das coordenadoras. Afirma que ela se dedicava muito. Quando diz que ela “vestia a camisa”, revela que ela fazia mais do que estava estipulado em seu contrato para o bom funcionamento do curso.

Cristiano (2006) também assinala os pontos negativos. Inicia analisando a estrutura do preparatório:

“Tinha o passe para usar o transporte público à noite que era uma dificuldade absurda porque no primeiro ano nada funcionou direito, a camisa não saiu no início do ano, o passe estudantil não saiu no início do ano, os motoristas não aceitavam o passe porque não conheciam um projeto, era um monte de coisa assim. O Pré-vestibular era muito bom, mas no início teve muita dificuldade da gente ter acesso aos benefícios previstos no projeto.”

Nessa fala, aponta dois temas que também apareceram na entrevista das coordenadoras: que foi a importância da adoção de algum tipo de ajuda de custo para permitir que mais estudantes concluam o curso e, conseqüentemente, caia o índice de evasão escolar do preparatório. E, os problemas burocráticos mencionados por elas que Cristiano (2006) exemplifica quando declara que na sua época - os benefícios foram concedidos, mas a execução não funcionou plenamente.

Ao avaliar o pré-vestibular ele aponta como positivo o fato de ser oferecido curso no turno da noite, que dá a oportunidade de trabalhadores estudarem. Embora avalie que um trabalhador estudar atualmente é mais difícil que na sua época, quando conciliava trabalho e estudo. Ele acredita que a condição do trabalhador hoje é pior, com a perda de direitos ele é obrigado a trabalhar mais, sendo assim poucos tem a oportunidade que ele teve de estudar mesmo trabalhando na Prefeitura. Não se refere apenas a falta de tempo de frequentar um curso, mas também de concorrer a uma vaga no preparatório com jovens que tem mais tempo para se organizar para o processo de seleção e que saíram do ensino médio há pouco tempo.

Para que o preparatório não perca as características que motivaram sua criação, ele sugere a adoção de uma metodologia inclusiva, como veremos a seguir:

“Então, pensa que a gente tem que ver uma continuidade do projeto incorporar metodologia de inclusão para pessoas que estão no mercado de trabalho e essa inclusão tem que envolver não só o acesso o ingresso mas também é a permanência ou seja horário durante o dia de repente a modalidade EAD e olha que sou crítico da

forma que funciona fui tutor do CEDERJ por quatro anos larguei porque eu não tinha mais paciência nem estômago para os alunos do EAD os alunos do EAD só querem um diploma na média não querem estudar eu era tutor de TCC o cara chegava no TCC sem saber o que ele queria fazer para mim é frustrante sei que em alguns lugares lá no Acre, lá no interior não sei da onde, o EAD é fundamental mas ele não pode ser feito de qualquer jeito mas eu não acho que seja justo entregar diplomas gratuitamente sem nenhum tipo de formação.”

Propõe ainda um método próprio para os alunos com mais de 40 anos. Defende que precisam de um curso que atenda às suas necessidades, já que os mais os jovens têm mais tempo para estudar e usam as novas tecnologias a seu favor, tornando a competição entre esses dois grupos desleais.

Critica o fato de os monitores serem inexperientes. Acredita que a habilidade de diferenciar os dois tipos de alunos(as) atenuaria os problemas que o(a) trabalhador(a) enfrenta na sala de aula. A esse respeito ele fala:

“Mas ao mesmo tempo é um pré-vestibular que por essa questão de ser só professores alunos de graduação também carecem de experiência jogo de cintura, malandragem que educação requer de um professor experimentado ele vai ter mais o jogo de cintura de olhar um cara que chegou do trabalho e tá dormindo na sala de aula ele não tá dormindo em sacanagem ele tá cansado ele tá com fome ele tá exaurido pegou o transporte público tá ferrado.

Reconhece que os desafios enfrentados pelos(as) monitores(as) são grandes. E, por isso não os responsabilizam, mas afirma que um bom treinamento reduziria as consequências negativas da falta de habilidade deles. E, continua:

“O pré-vestibular na prática é um programa de iniciação à docência, onde você pega o cara de química de física lá na universidade federal do Rio de Janeiro vai encontrar com um monte de professor de química e física os caras fodas da galáxia que não sabem dar uma aula mas que sabem muito de quark, de nêutron e o diabo que o parta mas, não sabe fazer um plano de aula não sabe o que é ter empatia com aluno que tá com fome, você vê pelo número de reprovações que nas disciplinas exatas no nível superior porque os caras não conseguem se aproximar de ter uma relação próxima e humana, muito conteudistas, é porque eles são muito cartesianos, PH deuses e aí é didática dos caras são muito...não tem didática.

Ou seja, os(as) professores(as) universitários(as) conhecem muito da matéria que lecionam, tem didática para trabalhar com um determinado tipo de aluno(a), mas não sabem lidar com o trabalhador(a) que também quer estudar e que precisa de uma didática que compreenda sua característica, para que ele(a) também tenha a possibilidade de fazer uma graduação.

Cristiano (2006) acredita que o preparatório idealizado estava em sintonia com uma educação emancipadora, inclusiva e cidadã. E, cita o educador e filósofo Paulo Freire que

diz que para dar aula para classe trabalhadora tem que conhecer a classe trabalhadora. Nesse sentido, o conteúdo deve ser apresentado a partir da experiência do(a) aluno(a). É do cotidiano do(a) estudante que devem sair os exemplos e referências utilizadas na sala de aula. E não é o que acontece no preparatório.

Ele entende que implantar isso não é só uma questão de vontade política, há dilemas criados pelo próprio Estado, há o projeto que contempla as teorias de Paulo Freire, mas o próprio governo que cria o preparatório não consegue implementar como idealizou, porque esbarra em burocracia que impede a execução.

“Então você tinha toda uma inclusão da célula urbana do entorno da escola com um processo educativo na teoria era lindo na prática funcionava muito pouco porque quando você inova você encara legislação que não prevê isso, uma sociedade que não entende. Não é Nova Iguaçu que tinha que implantar isso deveria ser o governo federal e implantada pelo país inteiro.”

Cristiano (2006), apesar das críticas, reafirma a importância do preparatório para pessoas que tem uma história parecida com a sua. E, acredita na efetividade de projetos coletivos, vê no PVSNI uma evidência de que há soluções além das saídas individuais. A este respeito ele diz:

“Você voltar a falar de projetos coletivos, transformar o acesso do pobre no ensino superior deveria ser coletivo e não um projeto de sucesso individual, porque Deus quis, ou porque o coach disse tem que ser... coletivo porque cada filho de pobre que faz o nível superior ele aumenta a renda da família e é da família não é dele. Eu sou a prova viva disso a minha trajetória mostra que eu saio de desempregado em 2005 sem perspectiva, sem ensino médio, mal com ensino médio, hoje tenho minha matrícula pública em municípios que muita gente daria um dedo para estar nesse espaço.

Falando ainda do poder da educação para transformação da classe trabalhadora, ele menciona a trajetória de sucesso da sua ex-esposa, que estudou no Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), e atualmente é professora substituta da UFF. Ainda sobre sua trajetória ele relata:

“Mas, eu acho que é importante dizer de onde eu venho pra chegar onde eu estou. Durante o meu processo sabático ... eu, nesse processo, eu atuei profissionalmente na Prefeitura de Nova Iguaçu entre 2005 e 2018 e dentro desse processo eu me formei, entre 2007 e 2011, Na Rural e entre 2012 e 2014 na UNIRIO. Então, eu estava trabalhando na prefeitura enquanto estava me formando, eu acho que isso faz parte da minha formação, ser funcionário da prefeitura era parte do que me forma enquanto intelectual. Isso não está desvencilhado. E aí, quando eu terminei o Mestrado, eu comecei a atuar na política cultural da cidade. Atuar como conselheiro municipal de políticas culturais, depois eu fui conselheiro de turismo, inclusive, ajudei essa montagem, dessa perspectiva de baixada verde, é uma perspectiva que hoje eu faço até, inclusive, no Jornal da Globo. No programa de sábado da Globo tem uma notícia imensa sobre os rios da Baixada, rios do Rio de Janeiro, focando no turismo. Eu acho fantástico isso, porque a gente rompe aquela narrativa de só

violência, miséria, desgraça...Belford Roxo, que era o lugar mais crítico do mundo, de violência. A gente tem que romper! Não que não haja violência, fingir demência, ah, não, aqui é o paraíso. Não, não é. Mas, existem outros vieses.”

Ele tem o compromisso de ajudar a outros alunos que tem a mesma origem que a sua. Ele não devolveu o que recebeu dando aula no pré-vestibular, como faz uma das entrevistadas como forma de gratidão. Sua contribuição consiste em pesquisar e atuar em tema de interesse da Baixada Fluminense. Sua dissertação, por exemplo, é sobre a história do município de Nova Iguaçu. Segue divulgando os pontos positivos do local, inclusive em uma emissora que tem boa audiência. Ele mora, estuda e trabalha na Baixada Fluminense e, como declarou, quer mudar a imagem do local através do seu trabalho. Além disso, incentiva outros pesquisadores que estudem e publiquem novos trabalhos sobre a História de Nova Iguaçu.

Outra ação foi contratar um aluno de graduação para ajudá-lo na coleta de dados, que usará na elaboração da sua tese. Atitude que tem potencial de colaborar com a permanência do(a) aluno(a) na universidade. E, coerente, uma vez que defende bolsa para alunos(as) que precisam de renda para continuar no curso.

Sobre sua família de origem, ele declara pertencer à classe operária. Seus pais tinham formação técnica; sua mãe era formada em enfermagem, mas nunca atuou na profissão. Seu pai era torneiro e fresador mecânico. Na época moravam na Zona Norte do Rio de Janeiro, mas mudaram para Nova Iguaçu, antes dele completar três anos. A crise econômica afetou a renda da família, seu pai foi despedido e foi trabalhar na construção civil. Aos oito anos de idade já ajudava ao pai nas obras.

Sua família valorizava a educação. Sua mãe o levava para o local onde fazia estágio, porque não tinha quem cuidasse dele durante este tempo. Seu pai sempre lia livro sobre mecânica. Quando iam à casa dos padrinhos – assinantes do jornal “O Globo” - tinha acesso aos exemplares. Voltava para casa com alguns e utilizava o caderno “Globinho” – que tinha história em quadrinho – para fazer os deveres escolares.

Um dos seus amigos compartilhou com ele um livro sobre o jogo RPG. A partir disso começaram a jogar e ele desenvolveu o hábito de ler livros sobre aventura e fantasia. Então, o incentivo à leitura veio de várias direções, desde sempre Cristiano (2006) esteve em

contato com o universo da educação. Ele sempre gostou de rock, andava de skate, frequentava grupos jovens da Igreja, ou seja, era bem sociável e aberto ao conhecimento.

A decisão pelo curso de graduação ocorreu por exclusão de disciplinas que ele não gostava e não tinha facilidade de aprender. O teste vocacional indicou a área de Humanas, como tinha mais facilidade de aprender matéria nessa área e era bom em interpretação de texto, escolheu o curso de História e na faculdade decidiu se dedicar a História de Nova Iguaçu. Atualmente, é integrante do Instituto Histórico Geográfico de Nova Iguaçu. (IHGNI).

A análise dos dados das coordenadoras possibilitou uma visão mais geral do curso. Indicam um grau desconexão entre a Prefeitura de Nova Iguaçu e o Preparatório, quando apontam que as demandas, que influenciam o bom funcionamento do curso, demoram a ser atendidas. Algumas revelaram pouco conhecimento do histórico do curso, fato que exige mais para que a coordenadora se ambiente e inicie sua gestão. Essa situação, também apareceu na pesquisa, já que não foram encontrados registros essenciais para avaliação do preparatório, como por exemplo, o número de alunos e aprovados por ano.

Os egressos demonstraram que o preparatório foi um divisor de águas na vida deles. Todos foram aprovados e estão se desenvolvendo na área que escolheram. E, por isso são gratos a equipe do PVSN. De forma geral, avaliam positivamente o trabalho desenvolvido pelo preparatório, apesar de apresentar os pontos que precisam ser aprimorados. E, demonstram isso quando participam da pesquisa ou também quando voltam ao preparatório para retribuir o que aprenderam. E, todos assinalam a equipe do preparatório é maravilhosa.

Por fim, tanto as coordenadoras como os (as) alunos (as) apontaram a importância de um pré-vestibular social para aqueles que vêm das classes dominadas. Eles(as) concordam que o curso é relevante e tem contribuído para ampliar o acesso dos iguaçuanos a universidade. E, dão sugestões daquilo que precisa ser feito para que seja mais eficaz no objetivo de atingir mais alunos em situação de vulnerabilidade.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa dissertação é investigar a trajetória de um projeto de política pública municipal: PVSNI, buscando compreender as relações políticas estabelecidas ao longo da trajetória.

Esse trabalho apresenta duas contribuições teóricas: a primeira se refere ao ineditismo, pois é o primeiro trabalho sobre o PVSNI; e o segundo é conhecer mais sobre a História do Município de Nova Iguaçu através do PVSNI. É indiscutível as dificuldades que um morador de Nova Iguaçu que pertence à classe popular enfrenta para ingressar em uma universidade. Os iguaçuanos que estudam na Rede Pública da cidade não tem acesso a uma boa educação, muitos almejam a mobilidade social e veem no curso superior uma forma de atingi-la. Sendo assim, quando decidem ir para a universidade precisam encontrar meios de preencher as lacunas deixadas pela educação.

Eles sabem que não estão em condições de igualdade com alunos de escolas privadas, que tiveram uma educação que os prepara para concorrer a uma vaga na universidade. E, também não estão preparados para disputar as vagas das universidades com os vestibulandos que estudam em cursos pré-vestibulares com alto índice de aprovação. Esses cursinhos eles não têm acesso porque a mensalidade é cara. Por isso, muitos optam pelo pré-vestibular social.

A procura por pré-vestibular social aponta o interesse do iguaçuano pelo curso superior e a consciência que precisa se preparar para passar pelo processo de seleção. O que justifica a iniciativa da Prefeitura de Nova Iguaçu de criar um preparatório através de uma política pública, garantindo com essa ação que o preparatório continue existindo, independente do partido do prefeito.

Os cursos de pré-vestibular social não é uma novidade, já existem várias unidades na cidade há décadas. Isso demonstra o interesse dos iguaçuanos em se profissionalizar através de um curso superior. Há vários trabalhos a respeito desses preparatórios, textos que descreveram a história desse tipo de curso. No caso, do PVSNI, que tem o diferencial de ser uma política pública, ainda não tinha material produzido a respeito.

Uma segunda contribuição teórica consiste em traçar a origem do curso preparatório e conectá-lo à história do município. Ao abordar a trajetória do curso e seus elementos criativos, tem se revelado mais informações sobre a história de Nova Iguaçu. Além de ressaltar as relações políticas que viabilizaram esse projeto, é importante destacar que durante a implantação do preparatório, a governança municipal bem como federal demonstrava interesse em aumentar a representatividade de estudantes da classe popular nas universidades. Além disso, o município pertence ao Estado do Rio de Janeiro que também adotou políticas públicas com o mesmo propósito, como a UERJ, que implementou cotas para estudantes negros. Todas essas circunstâncias indicam um cenário propício para esse tipo de investimento.

No que diz respeito às contribuições práticas, os resultados encontrados são os seguintes: primeiramente, PVSNI não consegue alcançar o público em estado de vulnerabilidade. Isso ocorre porque as pessoas nessas condições necessitam de um curso gratuito, além de condições de frequentá-lo. Isso poderia ser viabilizado através do aumento do número de unidades, estabelecendo polos em áreas mais afastadas do Centro de Nova Iguaçu, ou fornecendo aos estudantes um auxílio financeiro para cobrir custos com transporte e alimentação.

Durante a análise, torna-se evidente a uma inclinação por cursos na área de humanas. Dado que a restrição financeira impede o acesso a cursos oferecidos em período integral, a Prefeitura poderia facilitar o ingresso de alunos(as) a esses cursos, concedendo apoio financeiro para auxiliar nas despesas com material didático, transporte e alimentação para que o aluno(a) possa optar por outras áreas.

Finalmente, identificamos a falta de um banco de dados contendo informações sobre os (as) estudantes, o que permitiria meios de aprofundar o estudo sobre a trajetória do preparatório.

Cabe esclarecer as limitações da pesquisa: para começar, não tivemos acesso a uma listagem com nomes e e-mail dos egressos. Sendo assim, não tivemos um acesso a um número expressivo de alunos(as). Os alunos participantes foram indicados e contatados através de pesquisa em rede social. Sem uma base de dados que nos informasse o perfil dos(as) alunos(as) do preparatório não têm como afirmar que os voluntários que participaram da pesquisa refletem o perfil do egresso. O que não impacta o resultado da nossa pesquisa

porque se trata de uma pesquisa qualitativa, mas seria interessante conhecer a percepção sobre o curso daqueles que: não passaram na primeira tentativa; os que escolheram cursos mais concorridos – como medicina –houve? O que não invalida nossos resultados, porém a pluralidade poderia acrescentar mais dados para nossa análise.

Concluimos desse modo, que o PVSNI concretiza a transição que está ocorrendo na sociedade. Ele é implementado em um município que ressalta as desigualdades sociais presente em nossa sociedade, indicando que a trajetória do público-alvo do PVSNI pode ser diferente da história dos seus familiares.

Para explicar ainda mais o resultado desse trabalho, outras pesquisas podem ser desenvolvidas, explorando o mesmo objeto de pesquisa, mas com outras unidades de análise tais como: os pais dos alunos que procuram o preparatório, os egressos que não concluíram a graduação e os alunos que iniciaram o pré-vestibular, mas não concluíram. E assim, descobrir dimensões não exploradas nessa dissertação, mas que são relevantes para mapear o PVSNI.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALVES, José Cláudio Souza. Dos barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

AMARO, Tania. Baixada Fluminense. 03 jul. 2012. Disponível em: <http://amigosinstitutohistorico.org.br/>. Acesso em: 04 dez. 2022.

ANTF. Histórico. 2022. Disponível em: <http://antf.org.br/historico/>. Acesso em: 07 dez. 2022.

ASSISTÊNCIA SOCIAL. Receber o Auxílio Brasil (PAB). Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/receber-o-auxilio-brasil-pab>. Acesso em: 12 mar. 2024.

ALLOFS, Daniel Batista. Onze prefeitos em onze anos: o campo político iguaçuano nas páginas do correio da lavoura (1964-1975). 2014. 169 f. Dissertação (em História). Universidade Federal Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO

AUGUSTO, Walter Markezan. Forma jurídica, escravidão e ferrovias no Brasil do século XIX. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 10, n. 02, p. 1149-1175, 2019. Disponível em: DOI: 10.1590/2179-8966/2018/33331 | ISSN: 2179-8966. Acesso em: 04 dez. 2022.

BARRETO, Alessandra Siqueira. Cartografia política: as faces e fases da política na Baixada Fluminense. 2006. 392f. Tese (doutorado) – UFRJ/ Programa de Pós-Graduação/Museu Nacional.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Ministério do Trabalho. PDET – Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. Dezembro 2022. Disponível em: [http://pdet.mte.gov.br/images/Novo\\_CAGED/Dez2022/Apresenta%C3%A7%C3%A3o\\_Dados%20SD%20-%20mensal%20-%20Dezembro%20-%202013.01.2023.pdf](http://pdet.mte.gov.br/images/Novo_CAGED/Dez2022/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Dados%20SD%20-%20mensal%20-%20Dezembro%20-%202013.01.2023.pdf). Acesso em: 07 fev. 2023.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-claude. A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª edição. Editora Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1992.

BRITO, Ana Carolina Silva. Dia da Baixada e Jornada universitária em defesa da reforma agrária: terra e sociedade na Baixada Fluminense. 2016. UERJ/FEBF. Programa Integrado de Pesquisa e cooperação técnica na Baixada Fluminense. Disponível em: <13\_modernidade-e-ruralidades-na-terra-dos-laranjais.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.

BRITO Silveira de, Vanessa. O Pré-Vestibular Para Negros E Carentes (PVNC) e A Construção Da Identidade Étnica Periferia, v. 10, n. 2, p. 278-301, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.18968>

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A teologia da libertação no brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. Anais do II Seminário de pesquisa da faculdade de Ciências Sociais. UFG, 2011. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/253/o/Rodrigo\\_Augusto\\_Leao\\_Camilo.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/253/o/Rodrigo_Augusto_Leao_Camilo.pdf)> Acesso em: 12 out. 2023.

CASTRO, Carolina Mól de. Sob o signo da terra: especulação e transformações sociais em Nova Iguaçu (1940-1960). Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Faculdade de Formação de Professores. UERJ, 2012. pp. 01-12. Disponível em: <[www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338518227\\_ARQUIVO\\_CASTRO\\_CAROLINA\\_MOL\\_ANPUH.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338518227_ARQUIVO_CASTRO_CAROLINA_MOL_ANPUH.pdf)>. Acesso em: 16 dez. 2022.

CMNI. Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, 2000. Disponível em: <https://www.cmni.rj.gov.br/site/historia/livro-memoria-da-camara-municipal-de-novaiguacu.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.cmni.rj.gov.br/wp/nova-iguacu/mapa-da-cidade/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

COLEMAN, J.S. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. Human. Organization. v.17, 1958 p. 28-36collecoleman

EMBRAPA. Plantio. 2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/cana/producao/manejo/plantio>. Acesso em: 07 dez. 2022.

FARIAS, Lindbergh. *Prefácio*. In SILVA, Jailson de Souza e.; GOULART, Maria Antonia. *Bairro escola: experiência da educação integral em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2011.

GADOTTI, Moacir. PEREIRA, Otaviano. Pra que PT: origem, projeto e consolidação do Partido dos Trabalhadores. São Paulo; Cortez, 1989.

GOODMAN, L. A. Snowball sampling. The Annals of Mathematical Statistics. v.32, 1961. P.148 – 170.

IBGE. Cidades e Estados. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/duque-de-caxias.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. Cidades e Estados. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/nova-iguacu.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

IPATRIMÔNIO. Nova Iguaçu – Antiga estação rodoviária de Rio D’Ouro. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/nova-iguacu-antiga-estacao-ferroviaria-de-rio-douro/>. Acesso em: 04 dez 2022.

ISTO É. Caxias, cidade violenta na Baixada Fluminense, quer armar guarda municipal. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/caxias-cidade-violenta-na-baixada-fluminense-quer-armar-guarda-municipal/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

JORNAL DESTAQUE BAIXADA. Homem é assassinado após discussão em Nova Iguaçu; PM é investigado por suspeita no crime. 2022. Disponível em: <Jornal Destaque Baixada: Homem é assassinado após discussão em Nova Iguaçu; PM é investigado por suspeita no crime>. Acesso em: 27 dez. 2022.

LAURENTINO, Eliana. Cultura afro-brasileira na Baixada Fluminense: pesquisa e ensino. Revista Periferia: cultura, educação e comunicação, p. 62-74, v. 6, n. 1, jan-jun 2014.

LUME (Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). [Título do documento]. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114838/000955008.pdf;jsessionid=EE08AC176D5335AE0125BE3347BF09B9?sequence=1>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MAIA, Priscila N.M; RODRIGUES, Adriano Oliveira. A cidade (re) partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense. 2009. Disponível em: <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2039/72A.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MARQUES, Alexandre dos S. Baixada Fluminense: Da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas. Revista Pilares da história, ano 4, n. 6, abril. 2006. Disponível em: <[http://www.bvambientebf.uerj.br/banco\\_de\\_imagens/revistas\\_pilar\\_hist/06\\_revista\\_pilares\\_da\\_historia.pdf](http://www.bvambientebf.uerj.br/banco_de_imagens/revistas_pilar_hist/06_revista_pilares_da_historia.pdf)> Acesso em: 10 dez. 2022.

MITRULIS, Eleny; PENIN, Sônia Teresinha de Sousa. Pré- vestibulares alternativos: da igualdade à equidade. Cadernos de Pesquisa, v.36, n 128, p.269-298, maio/ago.2006. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0100-15742006000200002>> Acesso em: 05 jan. 2024.

MORAES, Adriano dos Santos. Federalismo, autonomia e intervenção: o caso da criação da prefeitura de Nova Iguaçu, embates políticos entre poderes municipal e estadual na Primeira República. 2016. 99 f. Dissertação (em História). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

MOTTA, Marly Silva da. Mania de Estado: o chaguismo e a estadualização da Guanabara. História Oral, São Paulo, no 3, p.91-108, jun. 2000.

NOTÍCIAS DE BELFORD ROXO. Dono de barbearia é morto em Belford Roxo. 2022. Disponível em: <https://www.noticiasdebelfordroxo.com/2022/11/dono-de-barbearia-e-morto-tiros-em.html>. Acesso em 27 dez. 2022.

NOVA IGUAÇU. Relatório de atividades e resultados do Projeto Curso Pré-Vestibular de Nova Iguaçu. 2006.

\_\_\_\_\_. Relatório de atividades e resultados do Projeto Curso Pré-Vestibular de Nova Iguaçu. 2007.

OBSERVATÓRIO DO TRABALHO. Estudos e análises do mercado de trabalho, emprego e renda. Fevereiro 2021. Disponível em: [http://www.trabalho.rj.gov.br/sites/trabalho/files/arquivos\\_paginas/1327008%20-%20Fevereiro%202021%20-%20Baixada%20Fluminense.pdf](http://www.trabalho.rj.gov.br/sites/trabalho/files/arquivos_paginas/1327008%20-%20Fevereiro%202021%20-%20Baixada%20Fluminense.pdf). Acesso em 27 de dez. 2022

OFFE, Claus. Problemas estruturais do Estado capitalista. Tradução de Bárbara Freitag. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

OFFE, Claus; RONGE, Volker. Teses sobre a fundamentação do conceito de “Estado Capitalista” e sobre a pesquisa política de orientação materialista. In: Problemas Estruturais do Estado Capitalista. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.

OLIVEIRA, E. S. Diferentes sujeitos e novas abordagens da educação popular urbana. 2001. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, R. J., 2001.

OLIVEIRA, Nelson Henrique Moreira de, 1967-Forros senhores da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçu – Fins do século XVIII / Nelson Henrique Moreira de Oliveira – 2010. 154 f.: Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História.

POSE, Florinda de Souza Torreira; PERDOMO, Joanna Pereira; ALMEIDA, Mariana Velasco Gomes de. Desconexões do sistema de transportes no município de Nova Iguaçu/rj: busca por respostas e prováveis constatações acerca da problemática. 2011. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011.

Presidência da República. Luiz Inácio Lula da Silva: biografia - período presidencial. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>. Acesso em: 08 de jan. 2024.

RIBEIRO, Lilian Cristina G. O processo de valorização do espaço urbano na cidade de Nova Iguaçu e seus impactos na população periférica. Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE. São Paulo, v.7.n.3, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease>. Acesso em: 16 de dez. 2022.

RODRIGUES Junior, Nilton. A Presença da Religião na Educação Popular: O Caso do Pré--Vestibular para Negros e Carentes. Revista Contemporânea de Educação. UFRJ. V.9. n 17. Jan-Jul. 2014. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/issue/view/180>> Acesso em: 08 fev. 2024.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90ís). Economia e território em processo. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SANTANA, Tamires Gonçalves; et al. (Re)descobrimo a Baixada Fluminense: A transformação do olhar do discente sobre os problemas socioambientais. In: XIV EGAL - Encontro de Geógrafos da América Latina, 2013, Lima, Peru. Anais do XIV EGAL - Encontro de Geógrafos da América Latina. Lima, Peru: IGU, 2013. v. 1.

SEBRAE. DATA MPE BRASIL - Nova Iguaçu município. Disponível em:< Nova Iguaçu: Emprego, ocupações, empresas, dados demográficos e educação | Observatório Data MPE Brasil | Observatório Data MPE Brasil (sebrae.com.br)> Acesso em 07 de fev. 2023.

SENADO. Jornada de trabalho na indústria completa 75 anos. Senado Notícias, Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2007/05/03/jornada-de-trabalho-de-8-horas-na-industria-completa-75-anos>. Acesso em: 17 de dez. 2022.

SOUZA, Ricardo Luiz. E os Pomos eram de Ouro: A importância da Citricultura de Nova Iguaçu para a economia fluminense e brasileira nas décadas de 1920 à de 1940. Epígrafe, São Paulo, v. 3, n. 3, pp. 171-194, 2016. Disponível em: [www.revista.usp.br/epigrafe/article/view/110852/118461](http://www.revista.usp.br/epigrafe/article/view/110852/118461). Acesso em 16 de dez. 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 8 abr. 2023.

**APENDICES**

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Em qual período (ano e gestão) você esteve coordenando o Preparatório Nova Iguaçu? Como ocorreu o convite para o desenvolvimento de suas atribuições frente ao curso e quais foram elas?

Qual a sua formação durante esse período e experiência em projetos/cursos desse tipo?

Durante sua coordenação quantos polos existiam e qual a média de alunos atendidos?

O preparatório possui um documento norteador, por exemplo um PPP para o desenvolvimento das atividades?

Além da grade curricular (conteúdos previstos nos editais de seleção das Universidades), eram ofertadas outras atividades ao alunado.

Qual seria o diferencial entre o preparatório e os demais existentes, como por exemplo CEDERJ ou da Igreja Católica (PVNC)?

De acordo com sua visão qual o objetivo principal de existir esse projeto no município?

Quais foram os efeitos do projeto sobre os participantes?

Quais os fatores que mais facilitaram/ facilitam a manutenção do projeto?

Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo projeto?

Entrevista – Coordenadora 1

**Resposta 1 –**

Bom, a primeira pergunta, ela fala em qual período, né? Ano em gestão, eu estive coordenando o preparatório de Nova Iguaçu. Bom, e como que aconteceu esse convite, né? Foi eu, ..., sou servidora da Prefeitura de Nova Iguaçu desde 2009.

E foi no ano de 2018, no finalzinho de 2018 na verdade, quando eu retornei da licença para cursar o doutorado, eu fui convidada pela Maria Elione, que era superintendente da Secretaria de Educação. E aí, a Maria Elione veio me procurar para fazer essa proposta de ser coordenadora do preparatório. E, segundo ela, justamente porque eu tinha experiência com a EJA, com a assessoria da Educação de Jovens e Adultos, coordenado pela Luciana, e que, tempos atrás, o preparatório de Nova Iguaçu era coordenado pela EJA, era um dos braços da EJA, mas depois isso se perdeu. Então, quando eu cheguei, estava sendo coordenado, na verdade, por dois monitores, a Carol e o Eliabe. Eles é quem estavam fazendo, além do sábado, no Monteiro Lobato, eles estavam fazendo também plantões na Secretaria de Educação para poder lidar com as questões do preparatório. E aí, como não tinha uma pessoa, um servidor de carreira com essa equipe, eu fui convidada justamente para poder estar junto deles.

Foi na gestão da Secretaria de Educação, Virginia, e do prefeito Rogério Lisboa. E foi muito positivo, assim, né. Eu fiquei por cerca de um ano e precisei sair, né, por motivos pessoais, porque eu tinha passado e fui chamada para um concurso de docente na UFF e aí eu precisei pedir a vacância de Nova Iguaçu, da matrícula. Mas foi um período em que eu aprendi muito com os monitores, não só com os que estavam aí à frente da coordenação. É claro que eu tive muita resistência no início, porque eles davam conta sozinhos, mas depois trocou, teve essa generosidade também de que eu pudesse aprender com eles e eles pudessem aprender comigo. A Carol, por exemplo, eu tenho contato até hoje. É uma pessoa que está fazendo mestrado, está sempre me dando notícias da sua vida pessoal. Então foi um período de muito aprendizado. Eu aprendi muito com, com essa meninada aí do preparatório. Digo meninada porque eles são realmente novos, né? São pessoas que estão fazendo faculdade ou que terminaram há bem pouco tempo, né? Então, como era o caso do Eliabe e da Carol. Mas, é isso.

**Resposta 2 –**

Bom, é... a experiência que eu tinha, a minha experiência mesmo, é na área de Educação Infantil. Mas, por conta de demandas pessoais, eu tive que trabalhar, tive que sair da assessoria de Educação Infantil e por muitos anos eu estive na assessoria da EJA, da Educação de Jovens e Adultos, lá do município de Nova Iguaçu, da secretaria.

Então, eu tinha uma experiência de estar junto das direções das diferentes escolas noturnas e fazendo justamente esse trabalho de alavancar matrículas, de aquelas escolas que estavam para fechar, que a gente pudesse ali estar atuando na comunidade, estar ajudando a aumentar o número de matrículas.

Então, eu já vinha de uma experiência com estudantes jovens e adultos. Então, por isso que, justamente porque o desenvolvimento das minhas atribuições no curso era justamente esse, de ser uma Pedagoga de um preparatório. Então, além das escolhas dos monitores, de estar orientando esses monitores, de estar analisando as produções, o que eles preparavam para os estudantes. Então era mesmo uma atribuição de ser uma Pedagoga de um curso preparatório.

### **Resposta 3**

A terceira pergunta, diz respeito a quantos polos existiam e qual a média de alunos atendidos. Quando eu entrei na coordenação do preparatório de Nova Iguaçu, era apenas na escola Monteiro Lobato, que era o principal polo. Fica no centro de Nova Iguaçu, fica próximo da Via Light, então é um lugar bem central. É uma escola grande, uma escola que existia a meio de receber muitos alunos aos sábados. Mas, desde o início, desde que eu entrei... que recebi o convite, existia um projeto da gestão da Virginia e do Rogério Lisboa, de fazer a ampliação de polos. Então, de que modo a gente preparou isso? A gente preparou através de um projeto de aulão, em que o projeto era existir um aulão para o UERJ, um aulão para o Enem, em diferentes polos.

Em Vila de Cava, Miguel Couto, K-11, então diferentes polos. Mas o que aconteceu? A gente conseguiu articular isso, a gente conseguiu fazer a divisão, a gente conseguiu organizar toda a logística para que esses aulões acontecessem num dia específico de sábado. Mas ele não aconteceu por uma questão climática, que foi o dia que caiu uma chuva de granizo no município, que causou muito prejuízo para a comunidade, muito prejuízo em casas, em carros. Então foi um dia que todo mundo lembra. E que esses alunos infelizmente foram cancelados, porque muitas das escolas não tinham nem condições de nos receber, porque a chuva tinha acontecido no dia anterior. E logo depois disso, foi quando

eu fui chamada para esse outro concurso, e eu não acompanhei como ficou isso, se essa ampliação dos polos se concretizou ou não, essa expansão.

Mas, o projeto da gestão era de fato esse. Era de fazer aulões para poder ver a repercussão disso, ver o sucesso disso e para, enfim, poder fazer os de fato diferentes polos no município, polos desse preparatório.

**Resposta 4 –**

Eu ainda vou responder aqui com relação à terceira pergunta, que era média de alunos atendidos. A gente tinha... Eu não sei certinho, sabe? Mas a gente tinha sempre muitas... A gente tinha espaço para ter muita gente, para ter papo de mil alunos atendidos num sábado, no Monteiro. Mas, a gente recebia esses números, a gente ia colocando, ia colocando depois alunos, depois de iniciar, justamente porque a evasão era muito grande. Então a gente estava sempre deixando aluno entrar, o aluno vinha interessado, a gente estava sempre matriculando, porque a gente sabia que o número de evasão era sempre muito maior do que... o do que a gente tinha, né, de...de vagas, né? Então a evasão era uma preocupação e era grande, sabe?

**Resposta 5 –**

Bom, a quarta pergunta diz respeito ao preparatório, né, ao documento norteador. Existia, sim, documentos, vários documentos lá, da época do prefeito Lindbergh e do secretário de educação, Jailson, que foi inclusive meu professor na UFF, Universidade Federal Fluminense, na época da minha graduação. Então... Até as pessoas falam que esse preparatório foi encabeçado pelo PT, porque justamente foi na época em que o preparatório veio forte, veio inclusive com essa questão das bolsas, então inclusive mudou a legislação. Então qualquer...gestão que tenha vindo depois não conseguiu retirar isso, porque isso virou a questão da bolsa dos estudantes, e a questão do preparatório virou algo que está na lei do município. Então, o preparatório, é claro, enfrenta muitos problemas, enfrentou muitos problemas, dependendo da gestão, mas, nenhuma gestão conseguiu, por exemplo, retirar, finalizar o preparatório, porque eu acho que na época do secretário, do Jailson e na época do prefeito Lindbergh, eles fizeram isso de fato como uma questão de legislação no município.

**Resposta 6 –**

Bom, a quinta pergunta fala se além da grade curricular, se eram ofertadas outras atividades ao alunado. Bom, o que eu lembro, assim, na coordenação que eu estive à frente, era de

muitos simulados, né? A gente fazia muitos simulados, principalmente quando estavam chegando próximo de... do Enem, do vestibular da UERJ, então...eram feitos muitos simulados e existia também muito uma relação interpessoal, sabe? Eu acho que o interpessoal era forte porque como a maioria desses monitores que estavam assumindo as aulas do preparatório, eles já tinham sido alunos do preparatório, então eles tinham muito uma conversa no sentido de incentivar esses estudantes que estavam ali no preparatório, entendeu? De que, olha, se vocês realmente... Eu era aluno daqui e eu consegui passar, e eu consegui ser aprovado numa universidade pública, e agora estou aqui devolvendo essa dívida social com vocês. Então, acho que tinha muito essa conversa no sentido de ser, de fato, um incentivo para esses estudantes. De que eles pudessem ter certeza de que alunos da Baixada podiam, sim, entrar em universidades públicas de qualidade.

E a gente fez também, no ano de 2018, não, na verdade, pro início do ano de 2019...a gente fez uma aula inaugural em que a gente chamou o Dudu do Morro Agudo, que é um cantor de rap de Miguel Couto, e que na época estava finalizando o mestrado e que hoje em dia já está fazendo, deve estar finalizando o doutorado também. E o Dudu veio muito no sentido de também incentivar, de que, olha, você pode ser o que você quiser, você pode ter nascido em Miguel Couto, e você pode fazer um mestrado, você pode fazer um doutorado, com o tema, inclusive, sobre o rap. Então o Dudu foi uma plateia lotada, todos os estudantes, diferentes locais de Nova Iguaçu, de municípios vizinhos lotaram o auditório da Secretaria de Educação de Nova Iguaçu. Inclusive, a gente teve a presença, foi muito marcante, porque a gente teve a presença do prefeito de Nova Iguaçu. Ele não chegou para a abertura, ele se atrasou devido a alguns problemas pessoais. E ele chegou no meio da apresentação do Dudu, do Morro Agudo, e ele sentou no meio da plateia e ele depois se apresentou no final, no momento em que as pessoas... Ele assistiu toda a palestra do Dudu, e depois, no momento das perguntas, ele levantou e se identificou como prefeito. Então, isso para os estudantes era muito importante, ver que, primeiro, que uma pessoa que era cria da baixada, podia alcançar degraus muito altos. Foi muito interessante, porque assim você via os estudantes depois pedindo para tirar foto com o Dudu, né? E você via também a valorização daquela secretaria, mostrando para os estudantes que inclusive o prefeito estava ali presente, né? Do lado deles, né? No auditório e isso passava algo muito muito legal para os estudantes, né, de que essa valorização do concurso, do preparatório. Então, a gente sempre podia a gente a fazer ações nesse sentido, assim, de aulas inaugurais, de aulões, de coisas especiais para os

estudantes, para que eles pudessem se sentir valorizados, né, enquanto estudantes desse preparatório.

**Resposta 7 –**

Bom, a outra pergunta diz respeito ao diferencial entre o preparatório de lá de Nova Iguaçu e os demais existentes no município. Bom, eu, infelizmente, devido ao pouco tempo que eu estive aí à frente da coordenação do preparatório, que foi cerca de um ano, eu desconheço, né? Eu não tive tempo hábil de...de procurar os outros locais e de fazer parceria, de procurar saber a realidade, infelizmente a gente não teve essa oportunidade. Mas, o que eu sei a respeito disso é que alguns dos nossos monitores também eram monitores em outros preparatórios sociais.

Então, eu acho que isso acabava dando uma dimensão disso, de que... acabava que não eram concorrentes, sabe? A gente tinha, por exemplo, muito pertinho do polo do Monteiro Lobato, a gente tinha um polo do CEDERJ e que não éramos concorrentes, né? Existia um grande número de estudantes lá e existia um grande número de estudantes lá no nosso preparatório, né? Então, acho que é isso.

**Resposta 8 –**

Bom, com relação ao objetivo principal desse município na baixada, eu acredito que é um pouquinho do que eu já falei. Eu acho que é impactar a vida de jovens da Baixada. E não... Por que eu digo da Baixada? Porque não é só de Nova Iguaçu. A gente recebia muitos alunos de municípios vizinhos. Mesquita, Nilópolis, Japeri. Então, eu acredito principalmente por esse grande número, essa roda de que são monitores que atuam no preparatório e que em geral já foram estudantes do preparatório então isso faz com que Nova Iguaçu se torne uma referência nesse assunto de preparatório não só pelo próprio preparatório de Nova Iguaçu mais do organizado pela prefeitura, mas também desses outros preparatórios que existiam. Então, acho que o Nova Iguaçu acaba se tornando uma referência importante para estar pensando a questão de preparatório.

**Resposta 9 –**

Sobre os efeitos do projeto nos participantes, é claro que tinha muita evasão, como eu já falei, mas era interessante observar que muitos dos estudantes desse preparatório passavam em escolas públicas e retornavam com o desejo de ser monitores. E eles tinham

esse orgulho de falar, de que: Eu era monitor, eu era estudante e eu quero ser monitor para devolver, para poder passar para os estudantes isso, de que eles podem também chegar lá como eu cheguei. Então, eu acho que o principal efeito é esse, sabe? Eu acho que... De ver a repercussão desse preparatório na vida de estudantes da Baixada.

**Resposta 10 –**

Bom, sobre os fatores que mais facilitaram a manutenção do projeto, eu acredito que era a Bolsa para os monitores. Então, a Bolsa é um grande facilitador, porque esses estudantes que estão fazendo a faculdade, eles encontravam dificuldade para se manter nas universidades. Então, a Bolsa era uma forma de ajudá-los e de também ajudar esses estudantes do preparatório que querem ter o sonho de entrar na universidade. Então, acho que acaba aí sendo uma via de mão dupla, ajudava quem estava dando aula e ajudava quem estava recebendo esses conhecimentos nas aulas. E uma coisa assim que a gente procurava, enquanto eu estive na coordenação, a gente procurava muito ouvir esses estudantes, tentar entender quais eram as dificuldades deles. E a gente teve uma época, por exemplo, que a gente percebia que vários monitores... vários estudantes do preparatório e eles não tinham onde esquentar as suas comidas. Eles traziam comida para não ter que gastar no entorno. E eles traziam essa comida e eles em geral comiam a comida em temperatura ambiente. E isso foi trazido por vários monitores. E a gente foi lá, a gente deu um jeito de conseguir um monitor, desculpa, um micro-ondas para colocar na escola, a gente pediu autorização da diretora da escola e a gente colocou esse micro-ondas à disposição dos estudantes do preparatório. Então, acho que assim, a gente procurava, por mais que a gente não conseguisse resolver as coisas, mas a gente conseguia encaminhar questões que eram, que dificultavam os estudantes se manter ali, no preparatório. Então, o que a gente conseguia avançar era bom, o que a gente não conseguia, a gente lutava por aquilo. Então, é um pouco isso.

**Resposta 11 –**

Bom, e agora por último, a última questão é as maiores dificuldades enfrentadas pelo projeto. Além dessas que eu já falei, existiam vários dificultadores para os estudantes, como a questão de alimentação, porque eles ficavam o dia inteiro, as aulas aconteciam de 8 da manhã, às 5 da tarde, só tinha parada de uma hora para o almoço. Então...eles... muitos tinham dificuldade de trazer alimentação, de comprar alimentação no entorno, e alguns também com questões

relacionadas à passagem, então de dificuldade de chegar até o local do polo, né? Então era de fato, tinha essa ajuda do preparatório, mas precisava existir também o investimento deles, dos estudantes, e que muitas das vezes eles não tinham pra arcar.

Então, isso era uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo projeto e que aí muitos desses estudantes, eles... de fato existia essa evasão por falta de dinheiro. Muitos também porque percebiam que o projeto era sério, que as aulas aconteciam sempre aos sábados de 8 da manhã e 5 da tarde. Então, assim, alguns também não aguentavam, né? Então, a evasão era o principal problema.

Entrevista coordenadora 2.

**Em primeiro lugar, é um prazer que você possa estar aqui falando comigo um pouquinho sobre o preparatório, sobre a sua experiência. O meu projeto de pesquisa é exatamente isso, retratar como é que acontece essa iniciativa em Nova Iguaçu. E aí, eu observo pela documentação que eu tenho que existem algumas lacunas ao longo dessa história que eu estou tentando contar, que eu estou tentando retratar na dissertação. E aí eu comecei a entrar em contato com os coordenadores/ pelas pessoas que passaram pela gestão, exatamente para que elas possam me relatar as memórias como era trabalhar. Então, eu começo aqui pedindo para que você fale um pouquinho de como foi essa experiência, no seu caso, junto com a Isabela e o Eliabe, não é isso? Não foi cada um sozinho durante um período, vocês foram um trio, uma gestão compartilhada. Então, conta para mim um pouquinho, como foi participar disso.**

Então, pra gente, né, a gente começou num outro lugar, que foi o lugar de monitor, não foi um lugar de coordenação, né, tanto eu quanto Eliabe...Nós, na verdade, eu acho que esse projeto, ele foi um projeto que ele foi mudando, a gente foi mudando, a gente foi colocando ele em vários lugares durante todo o trajeto que a gente esteve dentro dele.

Por que inicialmente ele entrou como monitor de sociologia em 2015, e entrei em 2016 como monitora de redação em língua portuguesa. A gente dava o nome de professor, né? E ao longo do tempo a gente entendeu que, enfim, a gente ainda tava em formação e tudo mais. O que a gente podia perceber é que era um projeto muito abandonado dentro da prefeitura de Nova Iguaçu, né? Por quê, primeiro existiu a estigma do nome do projeto. O nome do projeto chamava Projeto dos Cotistas. Era esse o nome do projeto. Porque os monitores, que a gente na época chamava de professores, eles tinham que ter exigência de ser cotista da UERJ, foi uma lei do Lindbergh, né. Era ser cotista da UERJ e residir em Nova Iguaçu.

**Deixa eu só fazer um parêntese aqui rapidinho. Durante o período que vocês ficaram, automaticamente os professores, os monitores, eles tinham que ser cotistas apenas da UERJ?**

Apenas da UERJ. Isso mudou quando a gente estava de saída no projeto, que aí eu vou contar mais à frente.

Inicialmente era só UERJ. Aí, é, a gente, na época era o coordenador era o João que era uma pessoa que era servidor da de Nova Iguaçu e tal. Mas, a gente sentia que era um projeto totalmente estigmatizado porque os processos de pagamento não andavam porque enfim, era um projeto onde sábados era aquela coisa bem de canto assim da prefeitura que não fazia-se propaganda não fazia-se divulgação. Era algo totalmente morto. Os monitores recebiam, e logo desde o início, o João, que na época estava à frente, ele dizia: Olha, a gente não tem pressa para receber, a gente recebe porque depende de um processo, nessa fase juntada de documentos, porque isso dependia da sua manutenção dentro da universidade, né? Você estava matriculado e tudo mais.

Quando foi no ano de 2018, na época tinha o... Acho que a ... estava voltando da licença dela do doutorado, se eu não me engano. E aí, na época, o Alex Castellar, que foi um político, que você está gravando para transcrever, né?

(Retirado a pedido)

E aí... ele ah, vamos fazer o seguinte o projeto de coordenação eu vou colocar você e o Eliabe, na época nós estávamos à frente e aí eu e o Eliabe, nesse momento né a gente começou a entender toda a carência que o projeto tinha né. O projeto era de uma carência enorme primeiro relacionada a questão do pagamento né, porque a gente tem uma questão deficiente de funcionários, né, na própria Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu, tanto que a Procuradoria recentemente autorizou o concurso, vamos ter o concurso esse ano, porque não tem ninguém. Então assim, não tinha ninguém para ir lá na mesa da secretária e falar, ó, tem que pagar. Então, o negócio ia tramitando da maneira mais comum possível. E a gente sabe que no serviço público o negócio não anda se não tiver alguém ali forçando a barra.

E a gente começou aí, né, pra gente foi, ganhou o cargo comissionado E a gente começou a ir trabalhar lá e verificar, e a gente basicamente ficava nessa organização, né, de que, precisava, fazia juntada dos documentos e tal, imprimir material. A gente correu atrás pra

imprimir mais material, a gente fazia o negócio acontecer E aí, a Isabela veio somar logo que a gente entrou, né. Foi uma pessoa assim que até hoje a gente tem uma relação maravilhosa. Ela é incrível, né, ela me ensinou muito, assim, eu fiz Pedagogia por conta dela, pra você ter noção. E aí, voltando à questão, aí eu tô com um lapso, a partir de 2018, não é que a lei mudou, mas aí existiu uma... A gente pode procurar nos nossos arquivos, que aí abriu-se a questão para cotistas de outras universidades. **Seria um Adendo?** Foi um Adendo. Não sei se foi a partir de 2018 ou 2019, acho que foi 2018. E aí a gente fez processo seletivo para chamar essas outras pessoas, porque muitas pessoas saíram, né? E a gente fez um processo seletivo super legal com a ajuda de algumas meninas lá da gestão. E a gente foi entendendo algumas demandas, né? Por exemplo, a gente passou a chamar os... Os que a gente chamava na época de professores, a gente começou a chamar de monitores. A Isabela trouxe essa questão pra gente porque eles... a gente ainda não tinha se formado, né? A gente ainda não tinha concluído a licenciatura, então a gente ainda não tinha esse título, né? Isso também, eu acho que faria muito sentido, porque era uma remuneração de 400 reais. Era muito pouco, né? Então, eu acho que não era sobre ser professor naquele momento. Acho que a gente estava em formação e dar o título dessa forma acho que ajudou um pouco a entender melhor as coisas.

**Até mesmo, ... Perdão. Porque se eu não me engano o valor que vocês recebiam era vinculado a um auxílio passagem, não seria nem uma bolsa enquanto estágio, por isso um valor tão baixo.**

Exatamente, era um auxílio passagem porque a gente só tinha um/uma carga horária no sábado, né? E aí, uma outra coisa que a gente mudou também, e assim, a Isabela influenciou bastante nesse processo, foi o nome, né? Porque eu acho que assim, na época a gente dava o nome de curso social, pré-comunitário, e também não era isso, né? Tinha o fomento da prefeitura, tinha o auxílio da prefeitura, era um pré-vestibular da prefeitura. A gente demorou a entender isso. A gente achava que a gente era lá no Suor e na Raça. E não, a gente recebia auxílio financeiro. Então a gente mudou esse paradigma e a gente começou a chamar de preparatório Nova Iguaçu. Assim, o social até pode ter uma conotação, mas na época a gente chamava de comunitário e que não fazia sentido também.

E aí, assim, foram momentos muito interessantes pra gente. Pra mim, pro Eliabe, né, nós ficamos à frente do projeto até ele parar de funcionar na pandemia. A Isabela já não tava mais conosco.

**Perdão, deixa eu só fazer uma pergunta aqui. Então, assim, vocês foram na gestão até iniciar a pandemia, e iniciou quando mesmo? Só pra deixar bem claro, porque você foi falando...**

A gente ficou no projeto, eu fui exonerada em 2 de janeiro de 2021. Saiu a minha exoneração. Isso. E aí...

**E o início? Em quanto gestão da época do Alex Castellar. Você lembra mais ou menos qual foi o ano, pelo menos?**

2018. 2018.

**Então foi 18 a 21?**

Isso. Mas a gente esteve no projeto em si desde 2016. Mas, executando uma outra função. Então... Nós ficamos um ano ainda, em 2020 todos, nós ficamos ainda empregados, mas o projeto tinha parado totalmente de funcionar porque dependia da presença, dependia da... E aí o município não teve estrutura para manter remoto, mal tinha estrutura para poder fazer as aulas do município mesmo. E aí, assim, a gente fazer um papel muito, dentro da nossa gestão, a gente era um mediador de conflito, né? Tanto que existia um conflito entre os professores e a própria prefeitura, porque exigia-se que aumentasse mais o auxílio e tal, e a gente ficava numa situação de tentar mediar isso, né? A gente nunca foi, a gente nunca esteve confortável nessa posição.

E a gente só estava lá pelo nome do projeto, porque não era algo que a gente ganhava como comissionado, rios de dinheiro. O projeto sofre um apagamento muito grande da prefeitura. Porque, assim, primeiro, que funcionam aos sábados. Segundo, que isso por si só já é uma coisa assim. Funciona lá no Monteiro Lobato, que é uma escola do centro, e era assim, vamos ver aqui a escala de quem vai abrir a escola. E era essa assistência que a gente tinha. Então, a gente não tinha formação pedagógica, não tinha um debate, não tinha um ciclo de conversas com secretária de educação. Não tinha nada disso. O projeto funcionava porque existe uma lei. Porque acho que se ela pudesse extinguir essa lei, ela extinguia. Então...

Eu pouco conhecia a secretária, não tenho nada contra ela, mas venhamos e convenhamos, acho que a gente tem que entender qual é o tom do negócio. Então, durante o ano que a gente esteve na gestão, a gente lutou bastante para que os pagamentos fossem honrados. A

gente vira e mexe, tinha nós que fazíamos rodas de conversa para discutir um pouquinho sobre educação. Eu senti falta durante essa trajetória da gente estar presente, por exemplo, em eventos de pré-vestibulares, sabe? Porque eu até conheço uma menina, né, que é do... que a... acho que é o nome dela... que ela trabalha no fórum de pré- vestibulares e aí... é... ai o nome dela é muito difícil Taiza? Taiza! Taiza, é isso mesmo, e ela trabalha... ela é do fórum de pré-vestibulares então eu senti da gente colocar assim ao mundo, sabe? Eu senti que a gente exercia um trabalho extremamente burocrático e dentro daquela burocracia a gente tentava ali viver, curtir e tal, mas, era bem difícil porque a prefeitura era isso. Não dava mecanismos para a gente.

**Certo. Durante esse período que você estava à frente junto para ... e com o ..., qual era a tua experiência de projetos e cursos desse tipo? Você já tinha passado por algum ou não?**

Então, a vivência do preparatório foi a minha primeira vivência de pré-vestibular. E hoje, eu trabalho no Complexo da Maré, no Pré-vestibular, que hoje eu acho que é uma parada que é a minha filosofia de vida. Eu gosto desse, dessa... Eu gosto disso. Eu acho que a gente tem uma missão ética muito importante com essas pessoas que estão em vulnerabilidade. E aí, eu acho que assim, na época eu comecei como monitora, não era pelo dinheiro, era pela experiência. Porque, veja bem, eu estava na UERJ, então eu estava no quarto período, eu queria aprender a dar aula. E a maioria dos professores lá eram para essa questão, eles queriam ganhar experiência. E eu também. Quando eu assumia gestão, eu também não tinha experiência de gestão. Então tudo que eu vivia ali foi algo pioneiro. Então, foi uma experiência muito rica para mim. Eu aprendi a ser líder ali dentro, porque a gente trabalhava com, sei lá, 20 professores, 20 monitores, no caso, e aí cada um era de um jeito, muitos eram irresponsáveis, porque por conta de ganharem 400 reais, fazia de qualquer jeito. Ali eu entendi que um bom trabalho tem que ser bem feito. Só que a Isabela também me ensinou muito isso, eu sempre fui muito ali. É isso, é isso. Muito ali intolerante, acho que ela era mais flexível quanto a isso. Esse jogo de cintura também era muito importante. Então, para mim foi uma trajetória muito rica. A gente pôde aprovar muitas pessoas ali, infelizmente a gente também não teve esse quantitativo de fazer um balanço de quantas pessoas foram aprovadas. É algo que a gente não realizou. Hoje em dia, eu acredito que o negócio esteja... Não esteja também do jeito que a gente sonhava que fosse, né? Porque foi colocada na conta de meninas que já têm outros projetos, né? Então, assim, a gente era uma coordenação

exclusiva para o para o pré-vestibular. E isso era muito positivo, porque a gente tinha um olhar voltado para todas as carências que ali existiam. Né? Então, se a gente precisava...a escola estava sem água, a gente tinha ali a

perspicácia de entender; Hum, a diretora falou que vai ter alguma coisa ali, a gente já se movimentava. Muitas das vezes quando era essa coisa meio que só por conta dos funcionários da prefeitura, era uma coisa assim, chegava lá e não tinha, sabe? Então, nesse, nesse, a gente, eu e Eliabe, a gente viveu tudo intensamente como uma primeira vez das coisas e a gente tentou dar o nosso melhor porque era isso, né? A gente passou de um lado, que estava ali na sala de aula, para outro que é estar num cargo de coordenação e ver as carências. Por exemplo, correr atrás de piloto, de apagadores, de... Às vezes mandava lanche, corremos atrás disso, mandava lanche para os alunos. Quando era simulado, fizemos reuniões de pais, sabe? Porque tinha lá pré-vestibular e pré-técnico. Também tinha um pré-técnico.

Então quando era pré-técnico a gente fazia reunião de pais, a gente tinha, tipo, o professor faltava, a gente ficava ali na pilha pra montar horário pra não deixar ninguém sem aula. Então a gente já fez saída de campo. Eu lembro uma vez que a gente fez uma saída de campo e era época de reeleição, né? E aí a secretária na época queria encher vários polos, como KM 32, queria montar vários polos pra um aulão que a gente pensou. Foi ruim, porque a gente queria que fosse um lugar só e ela colocou vários, isso teve esvaziamento porque a gente não tinha público pra isso, porque não era divulgado, né? Então, é, muita das coisas a gente também saiu com a sensação de que a gente não foi ouvido, né? Porque a gente aprendeu a enxergar o que era bom para os alunos, né? Não é só uma questão eleitoreira, né? O que seria proveitoso ou não. Mas, a gente saiu de uma forma totalmente ruim, a gente foi exonerado o dia 2 de janeiro, e é isso, fomos exonerados.

**Você hoje me sinaliza que você está trabalhando em um, dentro do complexo da Maré. O que você consegue, em comparação, trazer de diferença? Qual é a diferença do preparatório que você atuou em Nova Iguaçu? Apesar de você estar pontuando a questão da estrutura, que não existia, que muita coisa vocês tinham que dar o jeito de vocês, buscar muito. Assim, o que você vê de mais gritante ao comparar, inclusive pedagogicamente, aonde você está agora e aonde você estava? Aqui, o preparatório Nova Iguaçu.**

Então, eu sinto que ali não tinha uma sistematização. O pré-vestibular não tinha um projeto

pedagógico. Ele era algo assim, a gente chegava lá e dava aula. E eu sinto que isso era muito ruim, e isso precisa acabar nos pré-vestibulares, independente de onde funcione e de que maneiras funcionem. Porque o negócio não pode ser bagunçado, o negócio não pode ser de qualquer jeito, porque tá sendo de graça para os alunos. Isso era uma pauta que eu batia muito nisso. Muitos ali tinham um descompromisso porque achavam que... Ah, os alunos não estão pagando, é isso. Mas, cara, você está recebendo o auxílio, mesmo que seja auxílio para as passagens. Então, acho que a gente... é uma questão ética. Você precisa chegar ali e dar o seu melhor. Então, eu sentia que ali a gente não tinha um projeto político pedagógico. Eu sei que isso é mais uma coisa escolar, mas mesmo assim, a gente devia ter ali reuniões de planejamento, tal. Eu sinto que isso a gente não teve. Hoje eu estou pela rede da Maré, que é uma ONG muito grande dentro da Maré. E é uma ONG que tem financiadores, então eu recebo por hora a aula, eu recebo enquanto professora. Então eu lá, lá, por exemplo, a gente não aceita ninguém sem graduação.

#### **A formação já tem que estar finalizada.**

Já, já tem que estar finalizada. Então esse é um ponto diferente. Mas mesmo eu acho que, assim, essa é uma crítica que eu teço, assim, eu acho que mesmo sendo comunitária, eu já dei aula no Santa Eugênia, que é um bairro ali de Nova Iguaçu, perto do centro, funcionava dentro de uma igreja. Eu dei aula durante um ano ali, de graça sem receber nada, e mesmo assim, a gente tinha esse compromisso de montar boas aulas e de oferecer o melhor. Então, a diferença gritante que eu sinto é, hoje a gente tem planejamento, a gente tem reuniões, encontros pedagógicos, e lá no preparatório, basicamente era pra cumprir o horário para ser justificável receber o auxílio passagem. Essa é mais ou menos a ideia que me passa.

#### **Entendi. Além da grade curricular, que na verdade são as disciplinas, os conteúdos que são cobrados no ENEM e alguns outros grandes vestibulares, existia algum outro tipo de atividade para esses alunos durante o período que vocês estiveram à frente?**

Estou pensando aqui. Cara, a gente não dava, não dava, porque... Como o projeto era muito amarrado à lei, você, por exemplo, precisava de disponibilidade dos ônibus para poder levar a galera. Não tinha. Então, era muito difícil a gente pensar atividades de campo, por exemplo, isso é uma coisa que existe lá na Redes, lá na Maré. A gente tem aula campo, que aula campo é, eu acho, muito importante para a formação, o acesso à cidade, o acesso aos meios. E lá na Nova Iguaçu a gente não teve isso, a gente não pôde ter, porque como tudo

precisaria de uma autorização, e a gente era coordenação, mas era uma coordenação muito, na verdade...sei lá, a gente às vezes achava que a gente era tomador de conta dos negócios, porque a gente não tinha nenhuma decisão de coordenação, né? A gente precisava sempre ir às instâncias maiores, assim, e definir. A gente não tinha nenhuma autonomia. Então, não, a gente não fez nada muito expressivo, assim, que me vem à cabeça. Eu tô com uma vaga lembrança de alguma coisa que a gente fez de um ônibus. Ah, foi a aula inaugural, foi no CEFET de Santa Rita. Acho que é isso, o CEFET que fica lá em Nova Iguaçu é isso, né? E aí o Alex Castellar falo: Ah, vamos fazer uma aula inaugural, lá, falou, aí foi o...ele é do Instituto de Enraizados. É o...Eu esqueci, gente, hoje eu tô brava aqui. Esqueci o nome dele. Ele é do Instituto de Enraizados, é o idealizador. É Dudu, Dudu do Morro Agudo. E aí ele foi lá, falou, a gente falou de negritude. E tal, foi um momento bem interessante, que foi em maio de 2018. Em 2019, por exemplo, o projeto demorou a acontecer. O projeto demorava a acontecer no ano, porque existia a necessidade de tramitar um processo com montante do dinheiro. Então enquanto não tivesse dinheiro o projeto não podia começar.

**Então não existia um mês certo para iniciar? Poderia ser fevereiro, março, abril?**  
Então é. Nesse ano de 2020 acho que não foi em maio.

**E como é que se adequava com os calendários dos vestibulares, principalmente do ENEM?**

Então, o ENEM era mais tranquilo porque é final do ano. Agora a UERJ era terrível, porque nessa época era o vestibular tradicional, que era aquele vestibular com primeiro e segundo exame de qualificação, exame discursivo, com redação. Então, a gente sempre papava a mosca, acabava papando mosca no exame de qualificação. Aí na pandemia, a gente não estava mais, mas hoje, por exemplo, teve o retorno desse modelo. Então, se as coisas estão ainda nesse rumo de começar quando dá, é ruim para eles de novo.

Então assim, a gente tinha que fazer UERJ, a gente incentivava muito isso, porque a gente era da UERJ inicialmente, eu mais quando professora, né? Mas, nos anos que a gente teve assim, foram bem complicados por conta da demora do início. A gente tinha lá, a gente separava as datas, a gente avisava sempre. O Eliabe também ajudava muito pra ver esse negócio de isenção e tal, a gente não tinha auxílio, a Isabela também, então era a gente pela gente. Por exemplo, na minha visão, se a gente tem uma prefeitura à frente, a gente podia falar, olha, a gente tem tantas pessoas que não têm condição de pagar e não conseguiriam

a isenção, como é que a gente pode fazer? Mas, a gente não tinha isso, era um negócio muito ruim. Era assim, era essas condições, entendeu?

Eu achava vergonhoso a gente sempre fazer algo tardio, porque por um ano letivo de um pré-vestibular particular, por exemplo, que tem aquela galera doida que quer competir já desde o início é fevereiro. Então isso era bem difícil.

**Entendi. Na cidade também existe alguns outros pré-vestibulares sociais, públicos como CEDERJ, como o pré-vestibular de negros e carentes. Em algum momento houve alguma articulação entre vocês?**

Com eles? De maneira nenhuma.

**Alguma troca?**

Não. Por que que acontece? Primeiro que eu acho que eu e Eliabe a gente tentou criar uma identidade para o projeto e ele ser respeitado enquanto pré-vestibular, quanto preparatório, não um projeto cotista. Então assim, foram dois anos batendo no pé e falando, não, preparatório. E aí, ter esse tipo de articulação era algo que, cara, isso passa pela prefeitura. A gente não podia fazer nada sem a autorização deles, porque é a imagem da prefeitura. Então assim, é... Não, a gente não tinha... Assim, a gente sempre foi muito aberto ali, né?

Não tinha ninguém conservador, direito extrema, nada disso. Nós éramos muito abertos e progressistas contra isso. Se alguém... a gente conhece amigos, tem toda uma questão. Mas, oficialmente, institucionalmente, não teve articulação. Não teve articulação nenhuma.

**E mais uma vez, apesar da gente já ter feito um comparativo com hoje, com o que você está atuando, pensando naquela época, o que você conseguia ver de diferencial entre esses núcleos? Por exemplo, o CEDERJ de Nova Iguaçu, pré-vestibular de negros e carentes, que eu não sei se esse de Santa Eugênia também é, eu acho que não, mas eu sei que existe o núcleo da Posse e o preparatório de Nova Iguaçu?**

Eu via que a lógica usada no preparatório era uma lógica muito empresarial. Eu sinto que hoje os pré-vestibulares, a gente tem... O CEDERJ também, eu acho que atende a uma lógica empresarial, digamos assim, mais institucional, mais institucionalizada, que alguns outros que têm iniciativa mais, como por exemplo, o pré-vestibular do Jacarezinho, esse de negros e carentes e tal, eu sinto que tem uma troca de afeto muito maior. Eu acho que tem um vínculo. Poxa, eles têm, a gente tem sarau, né? A gente tem uns eventos de troca de

ciclos, de palestras. Eu acho que essa troca é muito interessante.

E o preparatório Nova Iguaçu, ele tem uma lógica de atender a população, uma coisa meio governo, sabe? A gente era o governo e a gente às vezes, quando a gente entendeu isso, já era muito tarde, né? Porque a gente achava que era um bando de gente sonhadora ali, vamos investir na educação, vamos lutar por ela. Mas, a gente só tava ali, era uma metonime do governo, só tava representando, era uma parte do governo. Então, eu acho que a diferença mais gritante é essa, a gente não podia a gente não podia, não tinha tanto espaço e autonomia para vínculo, para afeto, para troca em eventos, em coisas nossas, que a gente podia divulgar para o público. A gente não podia um dia decidir falar sobre, sei lá, saúde da mulher, violência obstétrica, sei lá, qualquer coisa. Não tinha, não tinha, não podia. Então eu sinto que alguns pré-vestibulares de ação mais autônoma, eles podem fazer isso. E tem todo o diferencial, porque eu acho que...

A grande chave, entender que pré-vestibular, preparatórios, eles não são só aprovadores de alunos. Eles também auxiliam na formação humana, cidadã daquela pessoa, daquele sujeito. Então, por exemplo, lá na Maré, a gente teve, sei lá, uma aula campo. Mandanha ali, acho que é Campo Grande e tal, vamos pra cachoeira, vamos entender as perspectivas do território vamos nos divertir, vamos ali, vamos curtir, vamos interagir, a interação faz parte não é preparatório privado, sabe? Então, eu sinto que teve esse afastamento porque a gente cumpria esse protocolo de tá ali, tá do salvo e tal e a gente não vivia a essência de ser um pré-vestibular, então eu sinto que essa é a diferença mais gritante a gente não criou vínculo, a gente não criou uns com os outros, né? A gente não criou... A gente criou, mas do nosso jeito, a gente não criou vínculo com os alunos, era aquela coisa mais... Teve um momento que a gente se perguntou se a gente não estava escolarizando demais o preparatório, mas ao passo que a gente também não tinha muito o que fazer, porque era isso, a gente era uma representação do governo.

**E era aquilo que era possível no momento, né? Deixa eu te falar, eu tenho mais ou menos umas quatro perguntas aqui, e o meu tempo no Zoom vai acabar a gente vai continuar se cair eu volto se ficar muito em cima porque você tem o horário que você vai para a escola eu mando essas perguntas em áudio e você vai me respondendo pode ser?**

Eu prefiro que a gente termine aqui ou a gente pode marcar um outro dia não tem problema nenhum é porque eu preciso me arrumar para poder ir trabalhar.

**Vamos lá, bem, de acordo com a sua visão, qual é o objetivo principal desse projeto em Nova Iguaçu?**

O objetivo principal é aprovar alunos, e...Só.

**E só?**

Não é, dar auxílio para esses alunos, porque os alunos não tinham auxílio, nem mesmo, por exemplo, dinheiro da passagem para poder ir. A gente, às vezes, conseguia um lanche ou alguma coisa nesse sentido.

**E durante o seu período, o polo era apenas um Monteiro Lobato, correto?**

O polo era só um Monteiro Lobato. Não sei se hoje em dia existem outros.

**Eu pergunto por que historicamente, quando a gente se debruça em cima do material, a gente vê que pelo menos no início tinham outros polos. E até onde eu sei também, porque eu estou fazendo a entrevista agora com a coordenação atual, também existe a perspectiva de se ampliar. Não sei se nesse momento já está ampliado, mas levar para outros, porque Nova Iguaçu tem uma extensão territorial muito grande.**

Essa perspectiva já existia de abrir em outros lugares do território, isso nunca foi concretizado. É a mesma secretária desde que eu saí, a Virginia. O que que tá esperando, cara? Eu vou fazer concurso para Nova Iguaçu, vou passar e quero reassumir esse projeto de novo. Olha, sinceramente, falta ódio, eu acho, pra botar as coisas ali em prática.

**Enfim, vamos lá. Efeitos do projeto sobre os participantes, dos alunos. O que você viu mudou em quê? Trouxe o quê para eles?**

Olha, eu acho que trouxe, obviamente, mais conhecimento. Eu acho que também uma coordenada na época, né? Na minha época, como a gente era jovem, a gente era jovem. Era uma coordenação que acessava as particularidades desses alunos, de entender atraso, de entender vulnerabilidade, de entender problemas familiares. É... Acho que trouxe um pouco essa compreensão do público. Mas basicamente é isso, é aprovação mesmo de... dentro das instituições. A gente não pode ter um viés assistencialista no uso bom da palavra não deu para ter.

**Entendi. Quais fatores mais facilitaram naquele período ou que você imagina que facilitariam hoje a manutenção desse projeto?**

Primeiro fator é existir uma equipe voltada somente para esse projeto. Esse projeto é um projeto grande. Não sei de onde tirar que é um projeto de pequeno. Sabe, é um projeto que você precisa pensar. Pagar essas pessoas é você sistematizar o método de ensino, é você elaborar a postila, é você planejar saídas de campos, é você planejar reunião pedagógica com esses monitores para entender a qualidade desse ensino fornecido. É você fazer a manutenção e entender essa lei que foi feita ali de qualquer jeito, Lindberg fez as melhores intenções, mas, cara, hoje em dia, em 2023, essa lei, eu acho que é de 2001. Não lembro. Então, eu acho que assim, hoje, eu acho que o fator maior é precisamos de pessoal para pensar esse projeto, né?

E além disso, eu acho que é força de vontade mesmo, é querer engajar, porque eu acho que é um projeto lindo, que poderia ser maravilhoso dentro do município. Novo Iguaçu podia ter um preparatório com a cara da juventude, sabe? A prefeitura não trabalha com coisas em cima da juventude.

Agora, que o Nova Iguaçu, de uns tempos para cá, começou a copiar a prefeitura do Rio, com essa coisa meio “mamãe Iguaçu”, nas redes sociais, uma coisa assim que eu acho que é uma sacada muito genial. Mas, eu acho que a gente precisa de mais, a juventude tem a cara de Nova Iguaçu sabe? Então, eu acho que é isso. Hoje eu penso que falta pessoal para pensar o projeto exclusivamente. Se tivesse essas pessoas, essas pessoas correriam atrás de várias demandas, né? E as coisas poderiam acontecer com mais facilidade.

**Perfeito. Para fechar, qual foi a maior dificuldade enfrentada por vocês, a frente do projeto. Assim, o que culminou, que era muito complexo?**

A grande questão era os processos de pagamento, que dependiam dos setores internos da prefeitura para tramitar. Então, era um descompromisso, muitas das vezes, dos próprios setores internos. Às vezes, o negócio ficava parado uma semana, assim, total, justificativa. Na época, existiu o Davi, que era...o cara que trabalhava como coordenador de alguma coisa ali dentro, ele ajudava a gente pra caramba a chegar até a secretária. Eu acho que a secretária é uma coisa, ela é muito centralizadora, então não existia ninguém que pudesse assinar as coisas sem ser ela. Claro, ela dá assinatura final, mas antes dela era uma coisa que não tinha ninguém, era só ela, né? Não tinha nem... Então eu acho que isso dificultava muito porque era tudo muito burocratizado e a gente às vezes uma decisão podia ser de um dia, demorava uma semana e isso aí pra mim injustificável. Então eu acho que a

burocratização era o fator assim que atrapalhava tudo.

### **Entrevista coordenadora 3:**

**Oi, ... tudo bem com você? Primeiro, eu queria te agradecer por estar aqui participando, por estar compartilhando um pouquinho da sua experiência conosco. Essa é uma entrevista para a minha dissertação do mestrado, cujo o tema é exatamente essa mobilidade, essa ascensão que os alunos do preparatório conseguem através da chegada à universidade pública.**

**E aí, para começar o nosso bate-papo, eu queria que você me contasse um pouquinho como foi a sua experiência à frente do preparatório. Quais são as suas memórias sobre esse período? O que você vivenciou? O que você achou mais bacana? Pode ficar bem livre no seu relato.**

Tá bom, quando eu iniciei na Prefeitura, eu não iniciei no preparatório. Então quando a Superintendente falou comigo se eu poderia ficar foi aquela coisa, né? O coordenador anterior já tinha saído por causa da questão da licença para estudo... Então, eu comecei verificando os documentos. Então assim, a gente vai chegando como se diz no popular com “o bonde andando” mas, eu acho bem interessante a experiência, porque é um projeto social voltado para pessoas carentes e vulneráveis. E até por conta do edital que saiu nesse ano, mas eu verifiquei que do início pro final a gente estava verificando algumas evasões. E a gente foi ver o que que estava acontecendo, porque sendo um projeto gratuito, voltado para pessoas vulneráveis que querem essa mobilidade, iniciar tanto na Escola Superior, na Universidade Pública, quanto em escolas técnicas, né... Por que saíram evadindo? Então assim, como vulneráveis é de ter também aquelas distorções, né? Alunos que também precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo. A gente encontra esses problemas, aqueles que moram num outro espaço fora, não fora de Nova Iguaçu, mas bem mais distante do que o centro. Então isso foi levado em conta até na questão da discussão desse edital que saiu nesse ano.

Provavelmente deve surgir novas formas para melhorar a situação desses alunos. Para o ano de 2022 que eu entrei, eu fiz algumas modificações na questão de ter uma coordenação democrática. Então, no início da minha coordenação, eu queria falar com os monitores ao mesmo tempo, mas aí estava aquela questão das aulas. Então, no primeiro momento, como

eu entrei em julho, eu não consegui fazer uma reunião com todos. Eu consegui fazer uma reunião só em setembro...

**Perdão, você disse que entrou em julho, você entrou em julho de que ano? Qual foi o período que você ficou à frente da coordenação?**

Então, eu fiquei de julho até abril. **Mas de qual ano? De de 22 para 23? Não, de 21 para 22? Como é que foi isso?** De 22 para... De 2022 para 2023. **Tá bom. Não, pode continuar, é só para a gente fazer o recorte temporal.**

Sim, claro. Então assim, quando eu fiz/ fiquei na coordenação, a gente não vê os problemas que eles sentem dentro da sala de aula. Então eles abriram para mim esse leque das dificuldades dos alunos com relação à vulnerabilidade deles. E isso a gente pôde discutir, pôde melhorar a aula, colocar uma aula mais humanizada. E eu achei bem interessante que isso a gente trouxe para o edital de 2023. Então assim, como os monitores foram relatando, eu achei que isso fez com que eles se aproximassem mais e também tivessem uma corresponsabilidade. E aí também no final de 2022, a gente fez uma avaliação de desempenho deles. Só que infelizmente nem todos participaram, porque em dezembro o pessoal já está saindo, porque já estão na universidade.

Então assim, a gente viu que os que continuaram foram os que realmente queriam fornecer essa avaliação pro preparatório. Pra ver se realmente nós estamos tendo resultado, mas eu verifiquei que depois tiveram retornos dos alunos que passaram, tanto nas escolas técnicas, Às vezes não avisam em 2022. Eles vão avisando seus monitores. Os monitores vão repassando e olham que o aluno fulano de tal passou na universidade tal. Inclusive, eu não sei se você sabe Fabiana, teve até uma entrevista que saiu no site da prefeitura sobre uma aluna. Você chegou a saber? **Não, não.** Ela passou para UERJ. **Que bacana.** Ela passou para UERJ, curso de Farmácia. Acho que é interessante você colocar no seu trabalho se tiver a ver. **Sim, com certeza.**

Link da aluna aprovada: <http://www.zmnoticias.com.br/aluna-de-pre-vestibular-gratuito-da-prefeitura-de-nova-iguacu-e-aprovada-na-uerj/>

**Vamos continuar. Você estava do ponto que você falou, né? Você conseguiu se aproximar mais com esses monitores, a comunidade com o alunado. E também mencionou para mim que uma das alunas que passou para a UERJ em farmácia, saiu uma notícia, saiu uma publicação.**

Saiu, saiu sim, foi no site da prefeitura e inclusive foi no período da chamada das inscrições desse ano, foi em fevereiro. E aí, nas redes sociais a gente verificou que o interesse público foi um pouquinho maior. Mas, curiosamente, as inscrições online que teriam a primeira fase, foi por volta de 2 mil inscrições. E aí, na hora de comparecer para entrega de documentos, foi tipo, menos da metade. Aí, eu achei estranho porque nós encaminhamos no e-mail, alguns relataram que não compareceram, porque não receberam o retorno do e-mail, porque entrava na caixa de spam. Então assim, a gente reforçou para “recriar” também o convite para o comparecimento através do site do preparatório que está no link do próprio site da prefeitura. Mas, eu não sei o motivo porque alguns não iam. Mas, muitos foram. A gente viu aceitação, interesse, mas a gente fez uma filtragem também porque a gente queria focar realmente nos que são vulneráveis. Então, a gente limitou o público àqueles que tivessem uma família, que tivessem salário per capita, de até 2 salários mínimos pelo total da família, ou fosse escrito no Cadastro Único. Então assim, teve esses requisitos, além daqueles requisitos que eram os obrigatórios. Que é ter concluído o ensino fundamental para a escola técnica, ou ter concluído o ensino médio ou estar passando o último ano para fazer o preparatório para vestibular. Então assim, a gente quis alcançar realmente, mas a gente via que lá, o público, as vezes tinha aquelas pessoas que não tinham aquela necessidade, não eram vulneráveis, mas queriam continuar. E a gente recebeu reclamação a esse respeito, mas a gente explicou, deixou isso sempre esclarecido desde o ato publicatório, sobre o público alvo. Mas, tem pessoas que insistem. Só que assim, eu não peguei a parte do início. Eu peguei a parte só da tramitação da documentação e essa demanda dos alunos. Agora não posso te informar o que está acontecendo. E nem sei dizer se todas as discussões sobre algumas implementações, que eu também tenho que manter em sigilo, porque não sei se vai ser colocada futuramente, se já estão sendo aplicadas. Mas, a gente teve um outro debate, chegou até o prefeito, para melhorar mesmo o preparatório, provavelmente vão ser outras coisas melhores no preparatório.

**Deixa eu te fazer a seguinte pergunta, porque você falou que o foco dessa edição que você estava à frente, porque o preparatório já existe tem tempo, né? Vocês focaram na questão das pessoas mais vulneráveis. E a gente sabe que Nova Iguaçu é muito, muito grande. Só para entender, a edição ficou a mesma. Lá no polo do Monteiro Lobato, foi alocado em algum outro lugar.**

Foi, continuou no Monteiro Lobato.

**Então assim, teve alguma ação da Prefeitura ou da Secretaria de Educação a nível de tentar garantir para essas famílias/ para esse alunado mais vulnerável que viesse um tanto mais distante, alguma, não seria uma garantia, mas algum benefício como por exemplo um passe livre ou um almoço, um lanche, alguma coisa dessa forma que também ajudasse com que esse público permanecesse no projeto, no preparatório?**

Isso foi discutido, eu só não sei dizer se foi implantado, porque eu saí antes do início das aulas. Foi levado para a prefeitura e para a secretária. Agora tem que verificar se tem disponibilidade, porque tem um orçamento. Isso aí já foge da nossa...

**Aline, está congelando você. Som e imagem.**

Ai meu Deus, até que parte você ouviu que aí, eu repito?

**Você estava comentando que tinha sido levado até a prefeitura para verificar se teria como e tal e foi a parte daí.**

Ah, sim. Então, esse assunto foi levado em consideração, sim, foi levado até a Prefeitura, a Secretária, e também outras questões, sendo que eu não sei se informar se isso foi aplicado, porque eu saí só antes do início das aulas. Então, eu não sei dizer se teve orçamento suficiente e se já está sendo aplicado. Isso você vai verificar com a próxima coordenadora. Inclusive, foi enviado alguns documentos relatando sobre a questão da evasão, e nesse sentido, nessa vulnerável, em que condições eles estão estudando. Então, é isso que eu posso te dizer. Foge da minha competência a questão de aprovação de documento e outras questões.

**Tá certo. Você observou, se além dos conteúdos que é a grade curricular da seleção das universidades, basicamente o conteúdo que cai no Enem, também tinham algumas outras atividades para esse grupo de aluno, algo mais a nível cultural?**

Sim, tinha algumas disciplinas que focavam na questão da cultura, porque já é naturalmente implícito nelas, acho que a sociologia, filosofia, mas algumas outras disciplinas focavam mais na parte técnica. Você está me ouvindo ou não? Não sei se gravou. **Sim.** Na parte técnica. E assim, como no ano passado eu entrei já dando continuidade ao processo, quando estava sendo discutido nesse ano de 2023, a gente fez um apanhado de todos os editais de vestibulares e de escolas técnicas para verificar quais eram os conteúdos que deveriam ser aplicados. Mas a gente não fechou no total, porque assim, o processo dos monitores aconteceu de fevereiro para março e a seleção dos alunos aconteceu também nesse mesmo

período. Então assim, eu não consegui debater com eles todo o conteúdo, mas a gente deixou um dossiê lá de 10, 13 páginas que são focos para as provas de universidade/ escola técnica.

**Ah, bacana.**

É isso que eu posso dizer. Agora, se está sendo implantado ou como, eu não sei te informar foge da minha capacidade.

**Entenda, tudo que é sempre durante o período que você ficou. Mesmo que você tenha entrado no meio e tenha saído antes, foi a sua vivência do período e paciência sobre o que veio antes ou que veio depois. São outros quinhentos...**

**Agora sobre PPP. Existia algum PPP sobre o preparatório, sobre como ele deveria funcionar, ou algum documento norteador que você tenha tido acesso?**

Eu fiz um, não era exatamente PPP, era um relatório, e lá era incluído todas as atividades. Na verdade, ele era um documento bem completo. Era um documento que envolvia todas as atividades que foram feitas durante o ano. Mudanças, chamamento de alunos, disciplinas, diário de classe... Isso a gente tentou fazer, todo um apanhado bem sucinto para não precisar pegar daqui ou dali. E a gente resumiu num único documento. Então, além das atividades dos monitores, da Secretaria. As obrigações deles, as obrigações dos alunos, as minhas obrigações, obrigação da Secretaria... Eu tentei deixar tudo ali, amarrar tudo, né? A questão dos objetivos... Inclusive os objetivos norteadores. Então quando iniciou esse processo seletivo, tanto os monitores, quanto os alunos, ele já veio com esse norte do ano anterior.

**Perfeito. A gente sabe que na cidade existem outros preparatórios. Existe um muito tradicional, que é o preparatório para negros e carentes, que é ligado à igreja católica. Tem o Polo CEDERJ, o consórcio CECIERJ, que também oferece um preparatório para esse público. Qual você acha que é o diferencial do preparatório que é oferecido pelo município de Nova Iguaçu?**

Então, eu não sei te dizer ao certo porque eu não fiz uma comparação bem aprofundada dos outros. O que eu posso dizer do preparatório de Nova Iguaçu é que ele é voltado para estudantes de Nova Iguaçu ou moradores. Esse era um dos requisitos também, e é voltado para pessoas vulneráveis. Então assim, é acessível? É. Agora, os outros eu não sei te dizer se tinha algum pré-requisito para entrar, ou se era voltado para ajudar uma região. Eu fico... nessa questão eu não sei te responder em clareza.

**Tá bom. De acordo com a sua visão, qual foi o objetivo principal do preparatório?**

Então, o objetivo principal para mim é mobilidade, dar uma qualidade de vida, aperfeiçoar, é fazer aqueles estudantes também terem uma visão de novos horizontes. Quando a gente foi fazer o processo de seleção dos alunos, alguns alunos, eles verificavam que aquilo ali parecia que era um mundo que era inacessível para eles, uma universidade pública. Poxa, eu posso, eu tenho essa competência. Então, assim, durante esse período que eles estudavam, eles diriam que eles podiam. Alguns inclusive passaram para UERJ, não só aquela que deu entrevista, outros recentes mesmo, passaram para FAETEC, então assim... uma das alunas, uma das alunas não, no processo que eles tiveram de seleção, apareceu uma aluna lá que falou assim e aquilo mudou o coração e ela não fez a inscrição dela. Ela falou assim: Tia, eu queria fazer inscrição, mas eu não posso assinar porque eu sou menor de idade. Aí, eu falei assim: você não tem algum responsável que possa vir aqui para assinar o termo para você? Assinar os seus documentos? Ela falou assim: Meu pai não acredita nisso, Sabe. Aquilo ali, eu falei assim, caramba, tipo, aquilo ali está acessível para todos eles e mesmo assim a população que tem acesso a isso, porque ela estava naquela condição de vulnerável, era estudante de escola pública e mesmo assim ela chegou lá e ela não terminou e ela veio direto da escola, estava inclusive uniformizada. Eu falei assim: Poxa, caramba, quantos anos você tem? Ela: tenho 17. Então, ano que vem você tem 18 anos, e vai poder assinar por ela mesmo. E ela já veio assim, parecia com aquele peso, não é o peso visível, é o peso invisível, sabe? Que ele está mais desacreditado. Então assim, para alguns estudantes que entram, eu acho que essa questão da autoestima também é... aliás, tem influência na autoestima também.

**Perfeito. É um público muito...Exatamente como você citou, muito vulnerável, que quer, mas que nem sempre consegue, pelas condições sociais. A gente sabe exatamente o que representa o sonho de ter entrado na universidade pública, apesar de saber que é o início de um sonho, mas um sonho desafiador. Porque vem muitas coisas, junto com a entrada na universidade. Hoje a gente debate muito que não é só o acesso, é também a permanência.**

**Na sua opinião, quais são os fatores que mais facilitam ou facilitaram a manutenção do projeto? Ele existir por tanto tempo no município.**

Bom, é uma política pública, eu acho que também é a tradição. Assim, tem a questão também, isso promove política e tudo mais, mas é uma tradição também. Tem alguns

monitores do projeto, que eles foram alunos lá, eu achei bem interessante, foram alunos, fizeram universidade e voltaram. Tem aquela questão do pertencimento também. E não foi só um, foram vários. E tem aquela trajetória: Ah, eu fui aluno daqui. Ah, eu tô dando aula aqui. Agora eu sou monitor. Mas assim, eu falo monitor, mas ali também eu tratava como professores também, porque é monitor porque tá vinculado à universidade, ao projeto, mas assim, é aquela primeira, é aquele primeiro contato com dar a aula, né, para a sala de aula. Então assim, ah, eu fui aluno daqui, isso tem diferença na minha vida. Ah, meus filhos estudaram aqui, hoje eu sou professora da Rede. Então assim, tem toda uma história envolvida, toda uma tradição. E isso, eu acho que leva também uma característica, o valor agregado à Nova Iguaçu, sabe?

**Perfeito. Bom, a gente falou daquilo que você vê como um fator “facilitante”, e agora vem exatamente o oposto. E qual é a maior dificuldade que você viu, que você enfrentou durante esse período que você ficou à frente?**

Então, a maior dificuldade é que, como administração pública, tudo o que a gente faz, todos os nossos atos estão vinculados. Tem coisas que não tem de fazer, mas tudo a gente precisa de uma pré-autorização. Então, essa questão burocrática, geralmente, é uma das coisas que não são tão facilitadoras assim. Então, às vezes, demanda um pouco mais de tempo, às vezes, quer resolver assim, não pode, porque tem que esperar autorização de fulano de tal e, cá para gente, sabe que vai acontecer, vai ser aprovado, mas a gente ainda tem que esperar. Então, esse é o principal impedimento, mas fora isso é tranquilo, a gente tem que ter paciência.

**Quais foram os efeitos do projeto sobre os participantes? O que você pode ressaltar que mais te chamou a atenção? Do momento que eles entraram, a eles saírem. Como é que foi a saída desses alunos? Como é que você viu o crescimento deles?**

Eu percebi a questão da profissão. Entram já achando que não são capazes, saem achando que aprenderam. Não aprenderam, tem mais confiança, mais segurança. E aí eles vão tentar, porque às vezes a gente vê que fala assim: Ah, eu nem vou tentar porque não sou capaz. E ali, eles percebem que eles são capazes. Porque a gente também aplicava simulado periodicamente, né? Os professores/monitores, eles aplicavam. E ao final também, a gente aplicava um simulado para testar o conhecimento, para a gente verificar e corrigir. E assim, aqueles que ficaram até o final e viram a aplicação do simulado. Eles perceberam qual eram as falhas. A gente debateu sobre a correção, e aí a gente pôde cada vez mais tirar as dúvidas,

inclusive pela própria parte de redação também. E depois foi incluída, porque ela tinha sido retirada, porque parece que as escolas preparatórias, pré- técnicas. Aliás, as escolas técnicas não estavam tendo redação, depois passou a ter algumas. Então, a gente viu essa discrepância de não ter tanto contato com a redação, e depois de ter contato com a redação, a maneira de escrever. Então, é isso. Eu não lembro qual foi a pergunta... eu fui falando. E aí eu pensei no despertar.

**Exatamente isso, qual foi o efeito do projeto nos participantes, no alunado.**

Tá bom, então, foi isso, essa segurança deles, esse desenvolvimento também. Outro ponto interessante é que ter monitores vulneráveis (devido as cotas), dando aula para alunos vulneráveis e tendo a ascensão na sociedade, através da mobilidade do conhecimento, então assim, abre um leque de possibilidade e uma adesão mais pro futuro, de novas possibilidades. Eu percebi isso...

**Você tem o número de quantos alunos foram atendidos pelo preparatório no ano de 2022? E você também relata da experiência de alguns monitores que estiveram nesses bancos, que já foram alunos e depois retornam... você consegue me citar pelo menos dois deles para que eu possa fazer contato com eles?**

O número de alunos atendidos no ano passado, de cabeça eu não sei, infelizmente. E como os acessos a esses documentos eu não tenho mais, não sei te informar ao certo. Mas, que foram muitos, foram. Durante o período que eu estava, teve também as reposições daqueles que saíam por evasão, seja porque entravam em alguma universidade ou trabalhavam ou arrumavam um emprego e aí, tinha essas saídas e substituições pelos alunos da lista de espera. Então assim, foram vários alunos atendidos no ano passado, inclusive a gente esgotou a lista de espera, só que eu não sei te informar quantos foram atendidos porque além de eu não ter mais acesso a esses documentos e por questão de ética não posso obter. Também não me recordo de cabeça.

**E para finalizar, qual é a sua formação e se você já tinha essa formação estando a frente do preparatório?**

Tenho formação em Direito e Pedagogia, inclusive essa última pela UFRRJ. E sim, já estava formada em ambas quando estava à frente do curso.

**Entrevista com egresso 1 -**

Oi, meu nome é... Eu tenho 24 anos, sou graduando de Relações Públicas pela UERJ, tô aí no finalzinho da minha graduação, já no processo de TCC, e participei do pré-vestibular social de Nova Iguaçu em 2018, enquanto eu “tava” no meu terceiro ano do Ensino Médio.

**Como você ficou sabendo desse preparatório em específico? Você se recorda como foi a seleção para participar do mesmo? Poderia relatar um pouco sobre? Na época foi tentado entrar em outros cursos?**

Bom, eu já estava no pré-vestibular antes, né, no também Social, que era o Nós nas ruas, lá em Nilópolis. E aí, eu acabei conhecendo, tendo acesso a esse pré- vestibular de Nova Iguaçu, a partir de um post no Facebook, que era uma chamada para o processo, né, para se inscrever, de inscrição. E aí eu acabei optando por mudar, fazer essa troca, porque em Nova Iguaçu seria mais perto da minha casa, né.

Eu moro um pouco distante do centro, então eu já economizaria uma meia hora, 40 minutos do meu dia, sendo em Nova Iguaçu. Então, acabei optando por conta de tempo, de comodidade e por desempenho também. Eu achava que seria melhor e acabou sendo mesmo. Então eu troquei. Daí, eu lembro que foi meio que uma correria porque tinha pouco tempo quando eu descobri né, teve esse post. Então, pra pegar os documentos que precisava e chegar lá e apresentar, né. Eu lembro que eram... Não eram poucas vagas, mas não eram vagas pra todo mundo, então, tinha um processo lá que eles teriam que fazer, acho que era referente à documentação.

E aí, quando cheguei lá tinham bastantes filas, mas acabei conseguindo passar. E aí eu entrei. E aí, em Nova Iguaçu também foi um quesito maior porque eu não estaria sozinho. Então tinha outras amigas da minha escola que estavam entrando também. E aí, em Nova Iguaçu seria melhor, porque eu não ficaria sozinho.

**Qual sua idade ao entrar no preparatório? Você já havia concluído o Ensino Médio? Sua trajetória escolar foi exclusivamente em Unidades Públicas?**

Eu tinha 19 anos, eu estava no meu terceiro ano do ensino médio já finalizando, e era em um colégio da rede pública. Um colégio estadual, mas isso não foi completo na minha trajetória escolar. Grande parte da minha trajetória escolar eu passei em colégios particulares, salvo a minha primeira... já era o primeiro ano, né? O meu primeiro ano.

Desde o meu Jardim de Infância até o meu 9º ano, eu estive em colégios particulares, salvo esse único ano aí no meio que foi o meu 1º ano. O resto foi tudo em colégios particulares. Eu acabei optando de sair da rede privada, para ir para a rede pública pensando na graduação. Na verdade, eu nem sabia, enfim. Na minha cabeça era assim, aí eu indo pra um colégio particular, pra um colégio público, eu conseguiria entrar, estar dentro de algumas cotas, enfim, facilitaria pra mim conseguir entrar na graduação. Na verdade eu não sabia né. Eu precisaria estar antes em um colégio particular, em um colégio público, mas eu acabei fazendo a nossa escolha de mudar, mas foi uma escolha ótima para mim, enfim, super, me atendeu por outros quesitos também, né.

**Como ocorriam as aulas? Além das aulas, os alunos desse período tinham acesso a outros equipamentos culturais e vivenciais? Em qual polo você foi atendido e horário?**

Bom, pra vestibular era todo sábado. E era de oito até as cinco, era uma hora puxada, a gente ficava bastante tempo lá. Por ser uma vez na semana só, né? E aí a gente tinha aulas separadas por matéria durante o dia. E a gente tinha uma pausa no meio, né, pra almoço. Mas era isso. Então a gente entrava e a gente tinha as aulas separadinhas por tempo. Eu lembro o que era por 50 minutos, se não me engano, por disciplina. E aí a gente separava as disciplinas durante todo o dia. E era basicamente isso, tá. A gente não tinha muito outras coisas, nem aparato cultural, enfim. Era basicamente as aulas, os conteúdos, e é isso.

Daí eu lembro que do meio ali pro final já a gente começou... As turmas começaram a diminuir, então as coisas começaram a mudar. Às vezes rolava de professor não ir, e a gente ficava com tempo vago ali no meio. E as coisas foram... Eu senti que a gente perdeu um pouco do ritmo ali no meio. Não no meio, mas era mais pro final mesmo. Mas a gente conseguiu finalizar.

**Por quanto tempo foi atendido pelo curso? (1 ano, mais, menos...)**

Na verdade foi pouco tempo, né? Porque como eu entrei no meio do ano, e essa quando entrou no meio do ano foi como se fosse à segunda turma, né, essa renovação que tem no meio do ano. Então, eu entrei entre junho, julho e fui até novembro, que é o mês que tem o Enem, né. Então fiquei por volta de seis meses.

**O quanto te ajudou estudar no preparatório para as seleções que prestou?**

Olha, com toda certeza do mundo, o pré-vestibular fez com que eu entrasse na UERJ. Sem ele, provavelmente eu não estaria dentro da UERJ, sabe? Então, todo o esclarecimento pra isso. Eu lembro, apesar de parecer meio, às vezes, que tipo: Ah, como assim? Não sabe? Mas antes de eu entrar, pra começar a estudar e entrar nesses pré-vestibulares, ainda lá no primeiro, lá no Nós...

Eu não... Eu não conhecia a UERJ para você ter ideia. Não tinha muito esse acesso. E para mim era só assim, eu vou ter que fazer o Enem e aí eu vou entrar em alguma faculdade. Eu não sabia que tinha um pré-vestibular da UERJ específico, que era separado. Eu não sabia mesmo. E aí, quando eu entrei naquele primeiro eu descobri e aí pela conversa acabei me inscrevendo, mas assim, muito pelo empurra.

Não pelo empurra, mas pelo incentivo deles. Mas, quando eu entrei na Pré- vestibular de Nova Iguaçu, foi quando eu realmente me interessei. E aí, a partir de então, a UERJ se tornou o meu foco. Então eu acabei lá, lá, lá, no, pra vestibular. Eu acabei escolhendo o meu curso, mudando, né? Porque até então, o meu foco era entrar pra Publicidade na UFRJ.

E aí, conhecendo a UERJ, conhecendo as políticas públicas que a UERJ tem, eu entendi que a UERJ seria a melhor faculdade pra mim, por questões financeiras mesmo, sabe? De manutenção, de custeio, de permanência na universidade. A UERJ seria a minha melhor opção. Eu não saberia como eu iria me manter na UERJ, na UFRJ, por exemplo, sabe?

Então acabei me encaminhando para a UERJ, e aí a partir do pré-vestibular de Nova Iguaçu, o foco foi total na UERJ. Tanto que eu fiz o ENEM, fiz as duas provas, mas nem procurei ver, porque de fato, para eu conseguir me manter, viver, a UERJ seria a melhor opção. E aí comecei estudar especificamente para a UERJ.

E é isso, né. Só reforçando que foram portas que se abriram né, na minha cabeça. Antes de não ter esse acesso, não ter esse conhecimento, pra chegar lá. Como tinha muitos professores que eram da UERJ também, né; Lá, eram os professores que davam aula, eles eram estudantes da UERJ, é grande parte. Então, eles me incentivavam muito, mostrando assim: olha, a UERJ tem isso, isso, isso, tem a bolsa permanência que você consegue se manter, depois disso você tem iniciações científicas que você consegue ter mais uma renda para você conseguir se manter de fato na universidade. E aí, eu acabei considerando a UERJ, se tornando o meu foco e aí eu não pontuei antes. Aí, foi todo um trabalho pra eu me reorganizar, me entender qual curso eu ia fazer. E aí, acabei optando por Relações Públicas,

também é um curso de comunicação social, e que se relaciona com a propriedade de propaganda também, tem suas diferenças, é lógico, mas estaria no mesmo universo. Então acabei optando por Relações Públicas e acabei me apaixonando.

**Quando você entrou para o preparatório era morador de Nova Iguaçu? Hoje ainda é? Mudou de bairro ou permanece no mesmo?**

Eu morava em Nova Iguaçu e ainda moro no mesmo bairro, nada mudou tá. E inclusive isso foi um critério pra eu fazer essa mudança né, Optar de sair daquele primeiro vestibular de Nilópolis para o de Nova Iguaçu, porque seria mais perto pra mim. Porque como eu falei, que eu moro longe do centro do centro de Nova Iguaçu, daí, quase uma hora pra chegar lá, na época dava quase uma hora, hoje dá uma hora tranquila. Mas enfim, era um tempo, então essas horas, esse tempo a mais, fazia muita diferença para mim, era muito significativo. Então eu acabei mudando e enfim, eu era de Nova Iguaçu e continuo sendo.

**O que te levou a escolha do seu curso? Você consegue/conseguiu passar pelo período da graduação sem intercorrências (por exemplo, trancar por falta de condições de locomoção, alimentação...)**

Eu já respondi um pouco sobre isso, mas vamos se aprofundar. Eu escolhi o curso Relações Pública, porque a minha primeira opção, que estava ali decretada desde o meu quinto ano - eu tinha muito isso na minha cabeça- já desde muito cedo, que ia cursar Publicidade e Propaganda. Mas, na UERJ, não tem esse curso.

E aí, ali no processo de escolha e tal, até os professores levantaram algumas possibilidades e levantaram o curso de Relações Públicas, que eu também não conhecia, não conhecia esse curso. E aí, eu fui pesquisar me aprofundar, e aí eu entendi que era um curso que fazia sentido pra mim, porque “tava” ali dentro da comunicação social também, e também se relacionava com a Publicidade.

Então, eu me formando em Relações Públicas facilmente poderia entrar no mercado, atuar como um publicitário talvez... estava relacionado nesse universo. Então, na minha cabeça foi assim, bem não tem Propaganda e Marketing, mas tem Relações Públicas que eu consigo ali, atuar em algumas áreas dentro da Publicidade, então foi meio que natural e aí, eu escolhi esse curso, e entrei na graduação, e consegui me manter de maneira tranquila, né. Nunca precisei trancar curso, enfim, foi bem tranquilo, me mantive certinho. E isso grande parte por conta das iniciativas que a UERJ tem, com certeza. Foi um motivo que fez entrar né;

Pela bolsa permanência, enfim, pelas iniciativas de fazer o que os alunos se mantenham né, na universidade.

Então, e também é bom fazer um recorte também aqui, que eu entendo que dentro da minha realidade eu não tinha um dinheiro, não tenho, né. Não tinha um dinheiro pra me custear, enfim, mas eu também não precisaria ficar com essa preocupação que: ah, eu preciso trabalhar. Eu preciso fazer alguma outra coisa. Então, eu tendo essa tranquilidade, com a bolsa permanência eu consegui me manter, tipo então, as passagens, então eu conseguia pagar com esse dinheiro, tanto a passagem quanto à alimentação. Então eu me sustentei ali com esse dinheiro, sem essa preocupação do extra, né? Isso é importante se pontuar. Então consegui fazer de maneira tranquila, certinha, e aí depois eu entrei numa iniciação científica, e aí as coisas ficaram melhores.

**Hoje em dia, qual é a sua inserção no mercado de trabalho? Quais são as atividades remuneradas que exerce?**

Hoje eu já estou inserindo no mercado de trabalho, né. Hoje eu atuo num time de comunicação/marketing de uma empresa de cosméticos, a Duty cosméticos, que é uma... que é uma, casa de marcas, né. Que tem quatro marcas de tratamento capilar. Hoje a gente tem o Beauty Color, que é coloração da Belle, que é uma marca de tratamento de cabelo, por um mercado mais massivo, né. Tem da Bella & Herloff, que tem essa pegada também para o mercado massivo, mas só que voltado exclusivamente para o cabelo que é crespo, cacheados e ondulados. E também tem Eiko, que é uma marca mais premium, que ela veio de São Paulo. Ela nasceu em São Paulo, ela é bem forte, está em São Paulo, mas a Duty acabou comprando há dois anos e está fazendo esse trabalho para disseminar a marca para o Brasil. Hoje eu trabalho. Como eu falei, trabalho em um time de comunicação/ marketing, mais focado em Eiko, né, e enfim, então, estou inserido dentro do mercado de trabalho. Eu entrei nessa empresa enquanto estagiário estava lá no meu quinto período da faculdade, e eu entrei como estagiário, passei um ano e pouquinho como estagiário e fui efetivado e hoje eu sou assistente.

**Quando você olha para a sua trajetória, do preparatório até aqui, o que você pode dizer sobre sua trajetória pessoal?**

Olha, quando eu olho para essa trajetória, eu vejo que foi um processo de muita oportunidade, sabe? De, enfim, de ter acesso a isso, de as portas, enfim, as coisas irem

acontecendo, conhecer pessoas, ter essa possibilidade de entrar para o UERJ, de ter a possibilidade de ter, de estar em contato com pessoas que já estavam na Universidade de me ajudar, enfim, e isso é um ponto importante também que os professores do Pré- vestibular, eles tinham, como eles eram da graduação, eles tinham muito esse tato, sabe? De entender qual era o momento que a gente estava, enquanto ali vestibulando, e ajudar, e ter essa sensibilidade de pegar na mão, e assim, ó, é por aqui, faz isso, faz aquilo outro, porque você não tenta assim...

E isso vem desdobrando até hoje, sabe? Acho que das oportunidades que a vida foi me dando, fizeram com que eu conseguisse ir galgando os passos até aqui onde eu estou. Que não é nenhum lugar muito alto, mas assim, ao meio do caminho, que pode me levar para outros lugares maiores.

**Obs: Existe alguma informação que você acredite ser importante e que não foi abordada na entrevista? Caso sim fique à vontade para relatar.**

E aí, para finalizar, eu só queria pontuar que a gente conseguiu, a gente entrou na universidade, a gente teve esse êxito, mas é sempre bom pontuar que não foi fácil, sabe? A gente conseguiu pelo nosso esforço e pela força coletiva, sabe? Pelo conjunto de estar um ali ajudando o outro. Enquanto, sendo aluno para vestibular social, não é fácil porque a gente estava lá todo sábado, de 8 às 5, o horário bem puxado, estudando, estudando, estudando, com uma estrutura também não muito boa, precária, sabe? Era um esforço, assim, à vontade. Mas o que... O que eu entendo, que faz a diferença ali no pré-vestibular social para um pré-vestibular, sei lá pago, é que ali as pessoas que estão à volta dos alunos, elas estão... É muito pelo ideal, sabe? É muito pelo ideal de fazer com que a gente consiga ocupar, as pessoas que não têm muito acesso, enfim. A gente consiga ocupar a universidade. Então tinha muito essa força, sabe? Todo mundo tá ajudando, a gente empurrando um ao outro, às vezes. Sem vontade nenhuma de ir, mas enfim, fala com outro que vai embora e vamos embora, e a gente ir, professor mandando mensagem, fora do horário, enfim, tendo essa proximidade. Então, é isso. Acho que esse é o impacto que eu consigo ver no final, da gente ter conseguido porque foi à ajuda de todo mundo, todo mundo junto, enfim, todo mundo aí, por todo mundo.

**Olha, muito obrigada pela participação. Na verdade, eu tenho duas perguntas bônus pra você: A primeira é sobre a estrutura. Você cita aqui no final que a estrutura não era muito boa. O que você se lembra? Como é que você pode me relatar? O que vocês**

**tinham lá de estrutura no polo? Qual material didático, material dos monitores, banheiros da instituição, sala de aula possuíam ventiladores... o que você pode me relacionar sobre isso?**

**E a segunda pergunta é qual é a diferença do preparatório que você fazia em Nilópolis para o preparatório de Nova Iguaçu? Você deixa claro que a sua mudança foi por uma questão de proximidade da onde você morava que já não era tão próximo assim, né? Mas quando você compara um e outro, valeu a pena a mudança? E quais foram essas diferenças?**

Olha, sobre a estrutura. Lá era uma escola, né? Então, a estrutura básica tinha, tinha os banheiros certinhos, tinha a sala, tinha ventiladores. Não dava tanta vazão nos dias mais quentes, mas tinha ventilador. E era isso. Mas o que às vezes era um problema era... Nem sempre a gente tinha os materiais didáticos, por exemplo. Às vezes não rolava de fazer... imprimir, sabe? Então, não tinha, não tinha, enfim, tinha que se virar com o que tinha lá. Na hora, enfim, fazer do quadro, enfim. Não tinha esse material, às vezes, nem sempre, né? Às vezes os professores faziam isso do próprio bolso pra ter esses... porque se não fizesse isso, não ia ter. E fora que também, que não tinha nenhum suporte de mídia, não. Se quisesse passar algum vídeo, não tinha. Não tinha TV, não tinha computador, não tinha nada. Então, acho que é basicamente isso. E um ponto importante também que fazia muita falta pra gente era a questão de comida, né? Porque assim, nem sempre eu tinha dinheiro pra comer fora na hora do almoço, né? Então, às vezes precisava levar comida e a gente não tinha nenhum lugar pra esquentar. Não tinha então a gente... por várias vezes e eu precisei comer comida fria mesmo, porque era o que tinha. Então isso fazia muita falta até um espacinho para comer também não tinha. Agora, sobre a mudança, por que ele me pareça, o vestibular de Nilópolis, ele tinha uma estrutura melhor, porque ele era numa igreja. Era uma igreja batista, se não me engano. Então, as salas eram todas com ar, tinha salas que tinha equipamento para passar vídeo, então tipo, era mais confortável lá, né? E também tinha lugar para você esquentar comida. Tinha espaço para almoçar era mais confortável lá, né? Com certeza isso aí era um grande diferencial. Mas em Nova Iguaçu, o bônus que era ser mais perto, então era mais cómodo pra mim, né? E eu também sentia que tinha um pouco mais de organização na coordenação do projeto. Então eu sentia que no de Nilópolis ficava meio confuso, tinha... Às vezes a gente começava meio atrasado porque faltava alguma coisa ali, outra ali, outra aqui. Mas em Nova Iguaçu era mais organizado. Eu sinto, enfim, com a questão das aulas, dos

professores, eles tinham mais organização. Apesar de às vezes faltar às coisas, sei lá, faltava material, eles davam um jeito, enfim, não deixava isso virar... prejudicar muito.

### **Entrevista com egresso 2:**

**1 – Por favor, se apresente. Quem é você, sua formação atual e quando participou/qual edição (enquanto aluno) do preparatório?**

Me chamo ..., sou graduanda em história pela UERJ Rio e participei do Pré-vestibular social em 2015.

**2 – Como você ficou sabendo desse preparatório em específico? Você se recorda como foi à seleção para participar do mesmo? Poderia relatar um pouco sobre? Na época foi tentado entrar em outros cursos?**

Eu soube por um amigo, pois nós dois fomos alunos de fundamental do Monteiro Lobato.

**3 – Qual sua idade ao entrar no preparatório? Você já havia concluído o Ensino Médio? Sua trajetória escolar foi exclusivamente em unidades públicas?**

Sim, eu já tinha concluído o ensino médio e minha vida inteira estudei na rede pública.

**4 – Como ocorriam as aulas? Além das aulas, os alunos desse período tinham acesso a outros equipamentos culturais e vivências? Em qual polo você foi atendido e horário?**

Fui atendida no Polo em Nova Iguaçu que funciona na Escola Municipal Monteiro Lobato.

**5 – Por quanto tempo foi atendido pelo curso? (1 ano, mais, menos...)**

1 ano e pouco.

**6 – O quanto te ajudou estudar no preparatório para as seleções que prestou?**

O empenho dos professores que trabalhavam ali com muito amor para ajudar as pessoas de rede pública.

**7 – Quando você entrou para o preparatório era morador (a) de Nova Iguaçu? Hoje ainda é? Mudou de bairro ou permanece no mesmo?**

Sim, ainda sou moradora.

**8 – O que te levou a escolha do seu curso? Você consegue/conseguiu passar pelo período da graduação sem intercorrências (por exemplo, trancar por falta de condições de locomoção, alimentação...)?**

Primeiro eu passei para Pedagogia, nesse curso vi que não era o que eu queria, e depois eu troquei para História (que era algo que eu gostava muito, até por conta de uma professora que havia tido no Monteiro) tudo na UERJ mesmo. De fato a História era minha paixão, optei pela Pedagogia por questões familiares e possibilidades na carreira, mas preferi trocar.

**9 – Hoje em dia, qual é a sua inserção no mercado de trabalho? Quais são as atividades remuneradas que exerce?**

Eu sou bacharel em História e faço licenciatura na mesma. No momento somente estudo e continuo lecionado no Pré-Vestibular Social Monteiro Lobato como professora de História.

**10 – Quando você olha para sua trajetória do preparatório até aqui, o que pode dizer sobre sua trajetória pessoal?**

Sou moradora de Nova Iguaçu e estudei na rede pública desde pequena até a graduação. Sem condições de arcar com os custos de uma faculdade particular ou mesmo de um curso preparatório. Decidi ingressar no Curso Preparatório Municipal da Prefeitura de Nova Iguaçu, em 2014/2015, ainda cursando o ensino médio. Após dois anos, eu, Renata fui aprovada na UERJ, para o curso de Pedagogia. Depois troquei para história na mesma Universidade, por me identificar mais com o curso.

Desde que passei para UERJ atuo como monitora do Preparatório Nova Iguaçu e dedico parte do meu tempo a ajudar outras pessoas a realizarem seus sonhos.

**OBS: Existe alguma informação que você acredite ser importante e que não foi abordada na entrevista? Caso, sim, fique à vontade para relatar.**

Sim. Saber que aqueles monitores que me deram aula estavam ali para ajudar os alunos da rede pública a entrar na faculdade me sensibilizou. Me tornei monitora e pretendo ajudar outras pessoas a entrar na universidade pública também. Fiquei para devolver ao universo a chance que tive. E vou te fazer uma pergunta a bônus; Você cita que você é bacharel em História e que você está atuando/ lecionando no preparatório. E por que você optou a voltar no preparatório? Agora não mais como aluna, mas como monitora/professora? Porque você poderia estar buscando em outros lugares, fazendo iniciação científica, enfim, passando por outros programas, ou se candidatando a outras bolsas... dentro da própria Secretaria Municipal de Educação, existem outros programas, e no entanto você optou pelo preparatório.

**Por quê?**

Eu acho que eu tenho uma gratidão muito grande pelo preparatório. E é meio que uma promessa, né. De que enquanto eu estivesse na UERJ, eu estaria lecionando pro pessoal pra devolver pro universo essa chance que eu tive, sabe? Porque eu sei que muitos professores não aguentam ficar porque o valor da bolsa é bem baixo. E aí teve professores que como eu atualmente, lá atrás, ficaram ali para ajudar as pessoas que eram da Baixada. Eu acho que eu parto dessa filosofia, sabe, poder ajudar quem é do meu município também chegar a uma universidade pública, enquanto eu tiver disponibilidade para isso, e meios eu acho que eu consigo continuar ajudando de alguma forma, essas pessoas. E eu tenho outras tarefas também que eu consigo, mas é devolver ao universo aquilo/a chance que me foi dada também, sabe.

**Entrevista com o egresso 3 –****Resposta 1**

Oi, sou a ..., sou professora de Língua Portuguesa. Atualmente eu estou cursando doutorado na UFRJ em Vernáculos Língua Portuguesa, mesmo. Eu participei do preparatório de Nova Iguaçu em 2007.

**Resposta 2**

Eu não consigo lembrar, como eu fiquei sabendo do pré-vestibular, eu só lembro... eu já sendo aluna. E na época eu também fazia o Educarte, também em Nova Iguaçu, mas é porque no ano anterior, em 2006, eu cheguei a fazer na metade do ano. Em agosto eu comecei a fazer Educarte, no final do ano eu não passei em nenhum vestibular. E aí, eu comecei no ano seguinte a fazer o Educarte. Conheci esse pré-vestibular, gostei inclusive uma das professoras que era do Educarte, era professora também desse preparatório, e aí eu só fiquei mesmo no CPV, com o meu uniforme laranja, maravilhoso e lindo, e larguei o Educarte.

**Resposta 3 –**

Eu tinha 16 anos quando comecei a fazer o preparatório e eu já tinha concluído o Ensino Médio. O Ensino Médio que eu fiz foi curso Normal, então demorou quatro anos. E sim, foi exclusivamente em unidades públicas, do sexto ao nono ano, numa escola do município de Nova Iguaçu, no Jardim Nova Era, não centro de Nova Iguaçu. Depois eu fiz o Ensino Médio

no Centro de Nova Iguaçu no curso Normal, no Instituto de Educação Rangel Pestana, nos dois casos, escola pública.

**Resposta 4 –**

As aulas eram de 18h30 até as 22h30, sendo que geralmente a gente saía às 22 horas. Durante as aulas a gente tinha passeios, tinha aula campo, tinha aulas interdisciplinares, que eram maravilhosas. Eu fui atendida no Rubens Falcão, que era a escola em que eu tinha aulas, a Escola Municipal Rubens Falcão. Nesse horário mesmo, horário noturno. E aí, a gente tinha esses aulões, às vezes também aulões fora do espaço da escola, também aos sábados ou no fim de semana. Mas, eu só participei de um deles, que foi para a CEDAE, porque minha mãe não deixava eu participar na época dos aulões fora. Participava mais dos aulões internos mesmo.

**Resposta 5 –**

Eu fiz o curso por um ano, mais ou menos em setembro eu já tinha passado para o CEDERJ. Então, eu já tinha resultado desse vestibular e os outros foi chegando ao longo do ano e no início do ano seguinte.

**Resposta 6 –**

Ah, foi ótimo. Quando eu saí do curso Normal, eu não era muito ciente do que acontecia em relação às Universidades. Quando eu fiz o pré-vestibular da EduCarte, eu achava que só existia a UNIG, que é a Universidade de Nova Iguaçu. Eu achei que só existia essa possibilidade na minha vida. Aí o EduCarte tinha uma parceria com a UERJ, então os professores e sua maioria eram da UERJ, e aí eles falavam muito da UERJ. Aí, eu ficava assim, caramba, então existe a UERJ. E aí, no preparatório, eu comecei a ter o sonho de querer ir para a UFRJ, para estudar no Fundão, para desespero da minha mãe, da minha família, que eu ia fazer faculdade longe. Eles pensavam também assim: Não, vai fazer aqui na UNIG, pertinho, porque a minha família não tinha pessoas formadas. Eu falei da UNIG, que era meu sonho para lá, mas, eu também sabia da Estácio, só sabia dessas duas que era a possibilidade que a minha irmã tinha bolsa do ProUni na Estácio. Então eu ficava achando que era isso, só existia a UNIG, eu achei que era só isso. E aí, quando eu já estava mais para o final de 2007, a minha irmã entrou para o ProUni, aí eu, ah, então existe também a Estácio, também a possibilidade de eu ir. E aí com o pré-vestibular eu fiquei vendo que eu tinha outras possibilidades também, né? Tinha Rural, tinha a UFRJ, a UERJ que eu conheci um

pouquinho antes com a Educarte. E então, pra mim foi muito bom, porque não só me ajudou a entrar nas seleções em si, mas também a conhecer outras possibilidades. Saber que eu poderia prestar e ir pra universidade muito mais longe do que onde eu morava. Eu não tinha essa informação, nada sobre universidade, porque como eu falei, ninguém da minha família tinha ensino superior. Então, eu achava que se eu morava em Nova Iguaçu, eu tinha que estudar em Nova Iguaçu, em uma universidade em Nova Iguaçu. Não sabia que eu podia estudar fora.

### **Resposta 7 –**

Na época, eu era moradora de Nova Iguaçu, quando eu fiz o pré-vestibular. Inclusive, um dos critérios era ser moradora de Nova Iguaçu. Eu até conhecia algumas pessoas que vinham de fora, mas aí pegavam comprovante de residência, de alguém que morasse em Nova Iguaçu. Que eu lembro era obrigatório ser de Nova Iguaçu. Morei lá durante muito tempo, hoje não, hoje eu estou morando em Engenho de Dentro, precisei me mudar porque eu morava em Nova Iguaçu, trabalhando na Gávea e na Maré. E aí, começou a ficar muito pesado para mim e consegui juntar um dinheiro, vou pagar aluguel para poder sair de lá. Então eu fui para Madureira para ficar mais perto de deslocamento, para ir trabalhar na Gávea, mas durante todo o período da faculdade e até consegui me estabilizar no meu primeiro emprego, esse da Gávea. Eu permaneci morando no Nova Iguaçu. Hoje não mais, hoje eu estou Engenho de Dentro, trabalhando em Campo Grande.

### **Resposta 8 –**

Eu sempre quis ser professora desde criança. Eu juntava os gatos e os ursinhos e tudo que eu tinha para poder serem os meus alunos. Eu pegava uns cadernos, umas agendas que meu pai trazia do trabalho, né, que às vezes sobrava, davam para o meu pai. E eu fazia chamada, eu passava a dever, brigava com meu gato porque ia beber água sem minha permissão. Então eu sempre brinquei de escolinha. Não me lembro de brincar de outra coisa, sem ser de escolinha. E a escolha de ser de Letras, ser professora de Língua Portuguesa, já surgiu um pouquinho mais tarde, quando de fato entrei na escola. Porque eu brincava de escolinha, mas ainda não tinha vivenciado a escola em si. Eu acho que eu vi a minha irmã, mais velha, voltando da escola, eu queria ir também. Mas na primeira série, lembro de ter uma conversa com a minha professora e ficar muito triste porque não ia bem em todas as matérias. Eu não tirava nota vermelha, mas assim, minha mãe sempre me cobrou muito 10, disse que tinha

que tirar 10. Eu tirava 10 em português, tirava 10 até em matemática... conseguia tirar 10, mas era muito ruim em Geografia e História. Eu tirava notas muito ruins em Geografia e História. E aí, eu lembro de estar muito triste e conversar com a minha professora da primeira série, antiga primeira série, né? E eu falava assim: eu quero ser professora, mas eu não sei todas as matérias, como é que eu vou fazer? Não sei o quê... E aí, ela conversou comigo que eu não precisava ser professora de todas as matérias, que era possível ser só professora de Português. E aí eu decidi que eu queria na minha vida ser professora de Português, graças à conversa com essa professora. Eu percebi que eu podia sim dar aulas de uma matéria só, sem precisar ficar tendo esse pânico por não ir bem em História, em Geografia, principalmente História, que eu sempre fui péssima. Eu fui muito privilegiada durante a minha graduação, porque a minha mãe, sempre sendo muito rígida, não teve formação, ela estudou só até a sétima série, tanto ela quanto meu pai, sempre falando para mim: Olha, você não vai trabalhar, você vai se dedicar à faculdade. Então ela fazia de tudo, ela fazia, se necessário, marmitta, fazia, comprava lanche para eu levar. Meu pai, nessa época, também estava em um emprego bom, então me ajudava muito em relação a isso. Me levava até o ponto de ônibus. Às vezes, quando estava meio perigoso, ele ia comigo direto no ônibus também. No período que eu comecei a trabalhar na Gávea, a minha mãe acordava comigo às três da manhã para poder me ajudar a arrumar as coisas. Quando eu chegava da Maré, que trabalhava na Maré até tarde, chegava em casa meia-noite e acordava às três da manhã, por isso que eu precisei me mudar. Mas eu chegava meia-noite, minha mãe me ajudava para eu me alimentar, para poder ter forças, para poder ir para a faculdade ou para ir trabalhar, o que fosse. Minha mãe acordava sempre junto comigo para me ajudar, então eu fui muito privilegiada nesse aspecto. E sempre minha mãe fazendo de tudo para bolsa auxílio que eu recebesse na faculdade eu pudesse guardar para alguma emergência. Então não posso reclamar a conta disso. Foi muito privilegiada conseguir terminar a graduação no tempo previsto, certinho, sem trancar, sem nada nesse sentido.

### **Resposta 09 –**

Hoje eu sou concursada do município do Rio de Janeiro, dou aula na Nona CRE, numa escola em Campo Grande, e estou lançando também cursos no Instagram, há pouco tempo, né, para uma forma de complementação da renda, mas ainda não vejo como meu ponto final no mercado de trabalho não, ainda tenho a pretensão de dar aula em uma faculdade,

principalmente uma faculdade pública e principalmente melhor ainda se um dia for na UFRJ, que foi onde eu estudei. Mas, por enquanto, sou concursada do município do Rio de Janeiro.

### **Resposta 10 -**

O preparatório também me trouxe o primeiro namorado da minha vida, então também teve uma influência na minha trajetória pessoal, porque o primeiro namorado foi de lá. Eu falava com a minha mãe que eu só ia namorar depois de terminar a faculdade. Spoiler: eu comecei a namorar no pré-vestibular, então também foi uma grande influência na minha trajetória pessoal nesse sentido. A gente, enfim, não ficou mais juntos, né, ficamos juntos por sete anos, iniciando nessa época, e em relação ao pessoal, eu me vi aberta para o mundo, né, através do preparatório, porque eu não tinha a mínima ideia do que era fazer uma universidade, o que era ter uma profissão, eu sabia que eu queria ser professora, mas só, sabe, eu não tinha vivência em relação à profissão em si. Então foi maravilhoso, foi no pré-vestibular que eu conheci, meu futuro orientador do mestrado, ainda no pré-vestibular, o professor Ary me deu um livro e falou: Olha, quando você passar para a faculdade, para a UFRJ, vou ser seu professor. Isso me marcou muito, tipo, demais da conta. E aí quando eu cheguei na universidade, eu olhei aquele professor, falei, caramba, ele estava certo, ele acertou duas vezes, eu realmente passei para a universidade. Ele realmente é meu professor. Então, foi a primeira vez que eu vi alguém acreditando em mim. E eu passei nessa época do vestibular, eu passei em primeiro lugar para a UERJ, através das cotas, né? Sem cotas eu fiquei em oitavo lugar na UERJ, com cotas fiquei em primeiro lugar. No CEDERJ também, que eu passei em setembro, também foi em primeiro lugar o CEDERJ. E na UFRJ, tem uma curiosidade, na UFRJ eu fiquei em penúltimo lugar. E eu fiquei muito triste, e aí tinha um outro professor lá, Bento, de Biologia, que... Eu fiquei muito triste, eu fiquei: Caramba, eu não vou passar, fiquei em penúltimo lugar, tal. Aí ele falou pra mim, penúltimo ainda está dentro. E mesmo que você tivesse ficado em último, ainda tem fila de espera, você ainda conseguiria entrar pra universidade. Não faz diferença se você ficou em primeiro ou em último, o importante é que você está dentro, você foi capaz. E graças ao preparatório eu tive esse sonho, construí esse sonho de entrar para a UFRJ. Então eu não entrei para a UERJ, que eu passei em primeiro lugar, entrei para a UFRJ, que eu passei em penúltimo. E nossa, foi a melhor coisa que eu fiz. Graças ao Ary, que me incentivou, a esse professor Bento, que também falou pra mim: Cara, é penúltimo, você ainda assim é capaz. Porque eu ficava pensando assim, como é que eu vou acompanhar, fiquei em penúltimo, isso quer dizer que

eu sou muito ruim, eu não sirvo pra essa faculdade. Tinha toda aquela história. Então foram momentos muito marcantes pra mim. Até hoje a minha mãe fala: ah, porque Cristina passou em primeiro lugar para a Universidade Pública, como se eu tivesse passado em primeiro lugar na UFRJ, né? Na verdade, passei em primeiro lugar na UERJ, cuja vaga eu não assumi. Mas, né, deixa minha mãe contar isso aí, porque ela fica muito orgulhosa.

#### **Entrevista com egresso 4 –**

**Olá, ...! Boa noite, tudo bem? Primeiro, muito obrigado pela boa vontade, pela paciência. Bem, vamos lá. Deixa eu me apresentar melhor. Eu sou a Fabiana, sou mestranda do PPGEDUC de Nova Iguaçu, na linha 2, que é exatamente sobre desigualdades sociais e políticas públicas. E o meu objeto de pesquisa, como eu já comentei com você, é o preparatório Nova Iguaçu. Então na verdade, um dos meus objetivos é estar contando a história do preparatório, é exatamente estar tentando recriar, porque existem muitas lacunas... Alguns coordenadores falam sobre documentos, mas esses documentos nem sempre são acessíveis, a gente consegue. Então assim, eu tento recontar através dos olhares deles. E eu também estou fazendo esse feedback com quem passou por ali, pelos alunos, para saber exatamente como é que ter participado do preparatório te impactou e como te ajudou. Então a gente vai começar com algumas perguntas, para começar, eu peço que, por favor, você se apresente, diga quem é você, sua formação atual e quando que você participou do preparatório.**

Ah, tá...Agradeço primeiro pelo convite, pela busca...e agradecer o seu interesse, a sua pesquisa, o CPV, que é como se chamava, curso pré-vestibular. Ainda era pré-vestibular, não era nem pré-ENEM, que isso é uma transição. Eu penso que esse curso pré-vestibular vai se tornar pré-ENEM depois, mas, nem muda de nome. Eu não sei como fica depois, porque realmente não acontece. Mas, eu acho fantástico porque eu sou estudante, estudioso no estilo da história da cidade do Nova Iguaçu. E temos uma forte lacuna historiográfica e de conhecimento da história mais recente, ela fica muito no boca-a-boca e precisa ser registrado, só que a história também é fundamental, enquanto interessado e interessante no tema. Eu sou historiador de formação, me formei pela Rural de Nova Iguaçu em 2011, curso de licenciado de História, da Rural. Sou mestre pelo programa de pós-graduação de História da UNIRIO. Então, eu saí da graduação e emendei direito no mestrado. Participei durante toda a graduação de Iniciação Científica a partir do terceiro período, que é quando a Iniciação Científica é permitida, né? Quando eu conclui os requisitos mínimos, eu já ingressei na

Iniciação Científica no projeto de pesquisa do professor Álvaro Nascimento. E era a memória da Baixa da Fluminense da década de 50 em diante, a partir da narrativa de pessoas sexagenárias, septuagenárias, octogenárias... nós entrevistamos algumas pessoas, e a partir daí a minha vida acadêmica estrito sensu começa. Hoje, eu tô doutorando, pós-graduando da Rural que tem um programa de pós-graduação de história que é multi-campi, ou seja, funciona tanto em Seropédica quanto em Nova Iguaçu. Como eu comecei o meu doutorado durante a pandemia, as disciplinas foram virtuais, foram on-line. Mas já puxei disciplina eletiva, que eu não tinha mais a necessidade, fiz como ouvinte, eu já tinha cumprido os créditos, no presencial em Nova Iguaçu. E poder ter feito em Nova Iguaçu, assim como Seropédica, que é um curso de quadro contínuo pelos dois campos. Não tem um programa em cada lugar. Existem duas licenciaturas de história. Uma licenciatura em Seropédica e a de Nova Iguaçu, e esses cursos são de formas diferentes, currículos diferentes, profissionais, formadores diferentes.

Eu sou formado na graduação pelo campus Nova Iguaçu, no currículo original, que tinha nove períodos, hoje o currículo caiu, tem oito períodos, é outro. E aí, quando eu fui para UNIRIO, eu fui já... eu terminei a graduação, já estava apto no mestrado. Então eu fiz assim, ato contínuo, meu mestrado junto com a graduação, eu não tive aquele respiro, tive uma folga. Fui para a UNIRIO, fiz meu curso de mestrado lá, foi muito proveitoso. A UNIRIO tem uma experiência de parceria com o MAST, que é o Museu de Astronomia, e eu fiz algumas disciplinas no campus da Praia Vermelha, que é onde a UNIRIO tem a sua sede, e fiz algumas disciplinas no MAST, que é ali em São Cristóvão, ao lado do Centro de Tradição Nordestina, bem ali, que o pessoal chama de Feira dos Paraíba, né? Mas é o Centro de Tradição Nordestina Luís Gonzaga. Então, eu tive essa experiência multi-institucional na minha formação, voltei para Rural, no meu doutorado, mas há um hiato na minha formação.

Entre 2014, quando eu defendo o meu mestrado. E aí é interessante, eu coloco isso como um aspecto interessante, porque eu fiz a graduação e o mestrado totalmente dentro do prazo, né? E não é muito comum, e o fato a destacar é que eu já fiz a minha graduação, casado, com dois filhos, trabalhando 40 horas, num curso noturno, o que me traria muito mais possibilidade de atrasar um pouquinho a formação, empurrar um pouquinho. Então, não, eu tinha um sentimento de urgência que me fez cumprir os créditos todos dentro do prazo, inclusive com a monografia, e com o projeto de mestrado apto, antes da minha monografia estar concluída, mestrado foi a mesma coisa. Eu sou bolsista no doutorado, né, com bolsa de

aspecto social, como profissional da área de educação, então eu sou bolsista, pode registrar isso. Eu sou bolsista desde meu terceiro período de graduação. Eu gosto de registrar isso porque é relevante registrar que a bolsa é caráter fundamental para você permanecer estudando. Sem bolsa, talvez eu não tivesse cumprido a graduação no prazo correto, talvez eu não tivesse cumprido o mestrado. Eu falo assim, ah, não tem bolsa, vou empurrar. O mestrado que é dois anos vira quatro anos, o doutorado que é quatro não vira oito. Porque a gente se permite relaxar. Eu acho que a bolsa ajuda, te estimula a cumprir prazos. Não estou falando prazo para o prazo, estou falando porque você consegue se sustentar no estudo, você consegue comprar um livro, participar de um evento, pagar uma passagem. Por exemplo, só para dar um exemplo. Eu contratei um aluno de graduação para fazer parte da minha pesquisa de doutorado.

Meu aluno discípulo. Só que eu não sou um programa de graduação, sou um aluno de graduação. Mas eu tirei da minha bolsa, eu me dei o direito de contratar um aluno da graduação da Rural para fazer parte da pesquisa, parte mecânica, né? Eu orientei, montei uma planilha e ele está alimentando esses dados como uma fonte na minha pesquisa.

### **O que você está pesquisando no doutorado?**

Então... Eu não apenas doutorado, mas desde o AI-5 eu pesquiso a Baixada Fluminense com o foco do Nova Iguaçu. Então, eu pesquiso a memória e a história da cidade do Nova Iguaçu desde a graduação, sempre ampliando a lente, recortando, ampliando, recortando, ampliando. Nova Iguaçu foi meu foco na graduação e no Mestrado. Na perspectiva da política da cidade. Então, estudei Nova Iguaçu a partir do foco nos 11 anos entre 1964 e 1975, em que Nova Iguaçu recebeu, em 11 anos, 11 prefeitos... Assim, é um fenômeno bizarro, para resumir a bizarrice que isso é, o meu orientador do Mestrado, e quando eu chamei ele para orientar o mestrado, Vanderley Vazelesk. Vanderley Vazelesk, falou assim: Nossa, mas o que você quer pesquisar no mestrado? Falei assim: Vanderley, Nova Iguaçu teve 11 prefeitos em 11 anos, e ele exclamou num tom bem alto: Caramba!

Como assim você tem uma cidade com mais de um milhão de habitantes? Porque hoje, Nova Iguaçu tem 890 mil habitantes oficialmente. Eu discordo do IBGE. Eu deixo aqui registrado e onde quiser que eu discordo. A pessoa tem quase 300 mil relógios de light de residências. Se a média da população é de 4,5 habitantes por casa, é só você multiplicar 300 mil relógios vezes 4, dá 1,2 milhão de habitantes. Se você tirar as casas vazias, vamos dizer que a gente

tenha 1 milhão e 50 mil de habitantes. Ainda é mais do que um milhão de habitantes. Eu não discuto isso. Pra mim é um fato. E caramba, né? Como que uma cidade tem 11 prefeitos em 11 anos e ninguém fala disso? Ninguém discute isso, e não tem pesquisa sobre isso? Eu fui atrás desse problema. Ao mesmo tempo foi muito desgastante pesquisar a ditadura nos anos que nós tivemos, né, entre 2000 e... 2013, 2012, para cá se tornou muito estressante estudar esses temas. Quando eu defendi eu já estava pensando fisicamente, aí eu preferi tirar um tempo sabático. Não que eu seja herdeiro, mas eu me afastei da pesquisa acadêmica e de strito sensu, me mantive intelectualmente ativo, de poeticamente ativo, socialmente ativo. Mas, eu me afastei da pós-graduação, não dei consecução, e quando veio a pandemia, eu imaginei que seria uma oportunidade para a minha saúde mental, produzir um projeto e tentar o doutorado. Quando aconteceu em 2020, eu escrevi um projeto, mas eu já não estava muito animado, vamos dizer assim, para voltar no tema. Existe muito o que pesquisar ainda sobre ditadura em Nova Iguaçu, o tema não está esgotado. O meu desejo é que outros pesquisadores venham me criticar e dizer que, de repente, as minhas opiniões estão mal elaboradas e o que eu falei precisa ser extrapolado, derrubado, contradito. Eu não tenho nenhuma vaidade de ser a última palavra nisso. Infelizmente, hoje eu sou a única palavra e a última.

**Ótima fala, porque inclusive eu aproveito para lhe agradecer, eu já comentei isso com você em off nas nossas conversas, mas eu utilizo sua dissertação para me ajudar na parte histórica, política de Nova Iguaçu, porque realmente é muito difícil encontrar dados daquela época e muitas coisas não casam. E assim, na sua dissertação tem uma coerência e que me ajuda a entender toda essa parte política, principalmente da época da ditadura militar em Nova Iguaçu.**

E se ninguém achar que tem que me contrariar, vamos dizer que eu seja muito coerente, que deu certo, eu não quero ser dono da razão, não é essa a questão. Com a contribuição que eu fiz, intelectual, eu acho que é disso que a academia produz, é isso que a gente tem que perseguir, eu busquei, dentro das fontes que eu acessei. Alguém pode discordar e trazer esse ponto diferente, mas eu gostaria muito de ser superado, não apenas no sentido de que alguém venha me dar pedradas ou me contrariar, mas que seja superado também porque de 75 para frente eu vejo um vazio. Entre 75 e 2023 existe uma história a ser escrita. Não que não deva existir, mas eu vejo muitas pessoas pesquisando o MAB e a SELES, a partir da iniciativa da arquidiocese. Esses estudos são sérios e importantes, mas começou a virar uma redundância.

E aí fica aparecendo uma pesquisa de alunos sobre o Araguaia. Tem um milhão de dissertações sobre o Araguaia, sobre a luta armada, e tá, e além disso?

O que teve em Quixeramobim? O que teve em Nova Iguaçu? O que teve em Belford Roxo? Belford Roxo que é Nova Iguaçu nesse contexto. Então, eu estou falando assim, eu preciso ser superado, no sentido de que, além de 75, 81, 84, 90, o que que acontece? A gente precisa avançar, construir, porque senão a gente se torna como um eixo de uma mó. Mó sentido do moinho. Moendo o mesmo grão, só se faz farinha mais fina. E a gente tem tanta coisa pra moer, tanta coisa pra digerir, tanta coisa pra trabalhar. E aí, respondendo objetivamente a sua pergunta agora, desculpa acabei de dar uma volta, né? Mas, eu acho que é importante dizer de onde eu venho pra chegar onde eu estou. Durante o meu processo sabático ... eu, nesse processo, eu atuei profissionalmente na Prefeitura de Nova Iguaçu entre 2005 e 2018 e dentro desse processo eu me formei, entre 2007 e 2011, Na Rural e entre 2012 e 2014 na UNIRIO. Então, eu estava trabalhando na prefeitura enquanto estava me formando, eu acho que isso faz parte da minha formação, ser funcionário da prefeitura era parte do que me forma enquanto intelectual. Isso não está desvencilhado. E aí, quando eu terminei o Mestrado, eu comecei a atuar na política cultural da cidade. Atuar como conselheiro municipal de políticas culturais, depois eu fui conselheiro de turismo, inclusive, ajudei essa montagem, dessa perspectiva de baixada verde, é uma perspectiva que hoje eu faço até, inclusive, no Jornal da Globo. No programa de sábado da Globo tem uma notícia imensa sobre os rios da Baixada, rios do Rio de Janeiro, focando no turismo. Eu acho fantástico isso, porque a gente rompe aquela narrativa de só violência, miséria, desgraça...Belford Roxo, que era o lugar mais crítico do mundo, de violência. A gente tem que romper! Não que não haja violência, fingir demência, ah, não, aqui é o paraíso. Não, não é. Mas, existem outros vieses.

E ao começar a atuar como agente cultural, eu comecei a me incomodar com o problema que todo mundo que pesquisa a baixada fluminense se debruça quando você vai estudar a história da cidade de Nova Iguaçu. Que é independente de onde você está em Nova Iguaçu. E se é Nova Iguaçu que você está, já não é mais Nova Iguaçu? Como Mesquita, Belford Roxo, Japeri, Queimados, Caxias, é a história dos laranjais. É unísono, unívoco e incontornável. Em todo lugar que você for buscar nas fontes, sejam elas primárias ou secundárias, você vai encontrar Nova Iguaçu dos dourados laranjais como canta o hino. E Nova Iguaçu não é só laranja. Eu até gosto muito do poema do...esqueci o nome do poeta agora, eu vou lembrar depois. Somos todos laranjas. É uma piada que ele faz porque a palavra laranja na política

corriqueira virou sinônimo de alguém que substitui alguém na ilegalidade. E aí, a história da Baixada é uma história laranja, onde todo mundo é laranja. Indiferente se em Belford Roxo não tivesse um pé de laranja, todo mundo é memória devotada aos laranjais. E aí, hoje, no doutorado pesquiso: A formação da identidade de Nova Iguaçu sobre a perspectiva de como se constrói uma narrativa histórica, como se constrói uma memória histórica, como se constrói uma identidade para uma cidade.

Uma cidade que sai de 20 mil habitantes no início do século e chega em 1,1 milhão em 1975. E se você for pegar textos, livros, documentários, está sempre dizendo assim: Nova Iguaçu é laranjal, Nova Iguaçu é laranjal. Mas, ser laranjal não afeta da mesma forma que afeta de Cabuçu até o centro de Nova Iguaçu, não afeta Mesquita, não afeta Belford roxo, não afeta o antigo terceiro de distrito, que é o de Santa Rita, Vila de Cava, Tinguázinho, não afeta Austin, não afeta Queimados, não afeta... então assim... existem outras narrativas que se tornaram submersas, ficaram abaixo, e a laranja alguém escolheu a grupos de poder político, econômico e social que escolheram uma narrativa para preservar em detrimento de outra, por fatores vários, entre eles econômicos, entre eles políticos, para valorizar um espaço, valorizar uma opinião, uma perspectiva, né? E há indivíduos e instituições envolvidas nessa construção de narrativa, né? O que é muito curioso, que hoje eu sou integrante do Instituto Histórico Geográfico do Nova Iguaçu, que, por exemplo, é uma das instituições que ajudaram a consolidar essa memória, né? Só que eu sou um agente cultural político-social diferente dos agentes culturais e políticos sociais que atuaram no Instituto Histórico nos anos 60, 70 e 80. E aí, o que o IHGNI vai fazer de hoje para frente, com certeza vai ser totalmente diferente, porque foi de 2012 para trás, que é quando o professor Ney Alberto faleceu, que era o baluarte da memória da cidade de Nova Iguaçu. Então, não sei se eu tinha respondido a forma que você esperava, desejava, mas ainda tem que ser mais completo possível para te contemplar.

**Perfeito. Tira uma dúvida minha. Você fala que você passou, você teve uma passagem pela prefeitura de Nova Iguaçu. Você ficou exatamente em qual órgão da prefeitura? Administração direta, alguma secretaria em específico, você era contratado, você era comissionado, você foi efetivo ou é efetivo? Qual é a sua trajetória dentro da prefeitura de Nova Iguaçu?**

Então Fabiana, eu tenho uma trajetória em Nova Iguaçu de funcionário público que durou de 12 de setembro de 2005 até eu não lembro data exata da minha exoneração final, mas foi

entre 20/21 de agosto de 2018 um total de 13 anos, tá... falta dias para 13, tá? Só tô arredondando. Entre agosto e setembro, ali, 20 de agosto, 12 de setembro, daria algo entre 20/ 22 dias de diferença. Eu completaria 13 anos de prefeitura no dia 12 de setembro de 2018. Entre 12 de setembro de 2005 e 12 de setembro de 2012, eu sou Cargo Comissionado. Eu entrei comissionado no governo do Prefeito de Lindbergh Farias, no primeiro mandato. O Prefeito Lindbergh deixou alguns órgãos correr processos de concurso, entre 2010 e 2011, alias 2009 e 2010, existiam concursos com o concomitante correndo nas secretarias. No fim do mandato...

Eu não me recordo bem se foi a procuradoria, ou se foi o controle interno, ou que outro órgão foi, mas um desses e outro provavelmente, quase com certeza o controle interno ou a procuradoria ali, sugeriram que em vez de correr três, quatro concursos separados, que se fundisse e quisesse um concurso só. Só que o Lindbergh se afasta do governo em 2010 para concorrer ao Senado, e ele venceu em 2010, se tornou o senador mais votado daquele ano. Uma estratégia que era uma das estratégias mais inteligentes que eu já vi em campanha eleitoral, porque em 2010 tinha duas vagas para o Senado. E ele pedia o segundo voto. Ele virava para o público assim: Se você vai votar no Fulano, dá seu segundo voto para mim. Se você vai votar no Cicrano, dá seu segundo voto para mim. Foi uma estratégia inteligente. Então, eu seguindo o que eu estava falando, esse concurso que já estava alinhavado ali, quando o Lindbergh deixa o mandato, quem vai dar prosseguimento é a Sheila Gama, só que a gestão pública tem um tempo diferente do meu, do cotidiano...ela muda todo o secretariado, pega todos os processos que estava andando e segura. Ela nomeou basicamente para as secretarias-chaves membros do Tribunal de Contas do Estado de Janeiro. Por quê? Porque o esposo dela, Aluísio Gama, é um indivíduo que é fiscal do Tribunal de Contas do Estado de Janeiro. Então ela trouxe elementos como Ernesto Baccherini, para ser secretário de planejamento, um senhor já de quase 80 anos de idade, que era fiscal do Tribunal de Contas. E aí, é uma coisa que eu aprendi na minha vida de gestão pública, que quem é fiscal, fiscaliza. Quem é do executivo, executa. Se você tentar botar um fiscal no executivo, nada vai acontecer. Porque fiscal quer fiscalizar. Um executa e outro fiscaliza, as duas coisas juntas não funcionam. E no governo Sheila Gama, foi como se nós não tivéssemos uma prefeitura, mas sim uma sucursal de tribunal de contas em Nova Iguaçu. Por dois anos, Nova Iguaçu foi um tribunal de contas e não uma prefeitura. Então foram muitos processos que se atrasaram. A Sheila Gama não se elegeu porque ela não era governou. Ela fiscalizou. Ela podia ter se eleito contra o Bornier. Bornier não é essa potência toda sozinha.

É claro que tinha uma memória frutiva pra população. Mas se a Chega Gama tivesse entregue todas as escolas que estavam licitadas, tudo que tinha desde 2010, mas ela trouxe uma equipe fiscalizadora e não uma equipe governativa. E aí ela não governou. Mas ela conseguiu executar o concurso que se realizou, salvo engano, entre março e maio de 2012.

Eu tomei posse em setembro, no mesmo dia 12 que eu tomei posse como cargo de funcionário comissionado, eu tomei posse como funcionário efetivo, é uma curiosidade, né? Então, eu me tornei funcionário efetivo, agente administrativo, né? Eu já era formado historiador, eu fiz a prova de professor, mas como eu terminei minha graduação focado no mestrado, eu só tava estudando o meu tema do mestrado.

Então é muito difícil você fazer uma prova genérica, como é a prova de história, isso também, quem faz concurso de história, a parte de história vai desde a pré-história até onde? Pode cair qualquer coisa na prova específica de história. E caiu muito... Eu posso ficar com a memória me traindo, mas eu tenho a percepção de que é muita coisa de medieval, que é um tema que, honestamente... não me apetece e que eu não estudava desde o segundo período da faculdade. E eu estava já focado no meu mestrado. Eu brinco que eu não saí nem na foto do concurso de história, mas eu fui muito bem classificado no de agente administrativo, que era de nível de ensino médio. Mas, como eu estava desde 2006 atuando na gestão pública, a parte de legislação, parte técnica, eu fui muito bem, fui muito bem. Não que eu seja bem informado nessa área, eu estou informado na prática, no fazer, no making off da coisa. Mas, o making off vale mais que muita faculdade que tem por aí. E aí eu atuei, só para responder mais especificamente a sua pergunta, entre 2005 e 2015, eu atuei no orçamento do ensino.

E aí tem uma série de detalhes aí. Eu entrei na prefeitura sabendo única e exclusivamente uma coisa sobre prefeitura. Que prefeitura emite carnê do IPTU. Era a única coisa que eu sabia sobre prefeitura. Eu era um cara que tinha o Ensino Médio e que estava desempregado. E que um amigo, que é o Sandro Paulo Vieira, tinha trabalhado na campanha do Lindbergh.

Ele tinha cuidado do Call Center do Lindbergh. Ele era parte de TI do Call Center de campanha. E eu não fiz campanha do Lindbergh. Eu não fiz campanha de ninguém, na verdade. Eu não era uma personalidade exposta politicamente. Eu não era nem uma personalidade nesse sentido da política, da política partidária. Eu era trabalhador de supermercado, trabalhava no mercado do Carrefour e fiquei desempregado em maio de 2005. Eu entrei no auxílio desemprego, fui sobrevivendo e o Sandro entrou em contato comigo

assim: Cara, sabe mexer em Excel, Word? Sabe mexer no pacote básico do Office? Eu: Cara, eu fiz data control. Eu minimamente mexo, mano num computador, sobrevivo, me viro. E aí, eu trabalhava no Carrefour como operador de crédito. Então, eu analisava o risco das pessoas para dar crédito. Num Brasil que não dava crédito. Um Brasil pré-Lula, em que o pobre com cartão de crédito não existia. Às vezes, é bom a gente lembrar de como o Brasil mudou. Em 2023 você abre um aplicativo e faz um cartão de crédito sendo menor de idade.

Em 2002, pra uma pessoa ter um cartão de crédito, ela tinha que ter um emprego público, tinha que ter algum tempo, tinha que ter casa própria, tinha que ter carro, ainda corria o risco de não ter o cartão aprovado. Corria o risco de não ter o cartão aprovado. Eu vi muito isso. Em dois anos que eu trabalhei com cartão de crédito, entre 2002 e 2005, né. De maio de 2002 até maio de 2005. Eu vi muito isso. As pessoas ficarem furiosas porque elas não eram aptas ao cartão de crédito do Carrefour, que era um mercado de elite na época. Quem entrava no Carrefour já entrava com uma empáfia. O cara ia de gravata fazer compra no mercado do Carrefour. Você tinha um na Barra da Tijuca, você tinha um ou outro e em Nova Iguaçu abriu um e nossa, era um status. E quando eu comecei a trabalhar na prefeitura, eu entrei pra ser contínuo. Não sei se você sabe o que é um contínuo, acho que você sabe que você trabalha na gestão pública. Mas... Como é sua gravação, eu espero que ela seja pública um dia, pra que as pessoas possam vê-la. Vai ter um maluco no dia que vai querer assistir nisso. Sempre tem gente que fala... O que é um contínuo no serviço público? É o cara que bota o processo debaixo do sovaco numa sala e carrega pra outra. Ele não faz mais nada. Ele leva um ofício, ele leva um processo, ele leva o livro de ata pra alguém assinar, e volta, e entrega uma carta. Hoje em dia não é mais comum, porque a tramitação de muitos lugares hoje é online. O processo é digitalizado em muitos órgãos. Mas até outro dia, tudo era no papel.

**E é válido lembrar que como eu sou de Secretaria de Educação em muitos processos, existe um sistema onde você alimenta, onde de fato você enxerga o protocolo, aonde ele está, mas ainda existe a função do contínuo. Ele ainda existe fisicamente e ele é levado de um lado por outro por alguém, por algum servidor.**

Ele é “as pernas” que carregam o processo de um lado para outro e mais, e mais, eu entrei na prefeitura de Nova Iguaçu desinformatizada. Hoje você tem um sistema protocolo. Eu ajudei a implementação do sistema protocolo. Eu sou da época que o protocolo era feito no livro ata de Entrar e de Saída, livro protocolo onde o processo SEMED, 2023-00001, existia uma materialidade física, um objeto, sei lá... pagar, a folha de pagamento daquele mês, ele

tinha que tramitar junto com o livro ata e andava até a secretaria de educação. Aí, ele saía da educação e ia lá para a prefeitura. Chegava na prefeitura e ganhava um novo número, que era o número da PMNI 0023/000001.

E lá ia ganhar outra vida, ia andar outra dezena de órgãos pra depois talvez ter o rito final que era o seu arquivamento, que foi pago. Então eu tô falando num tempo em que todos os processos andavam no sovaco de alguém, de um alguém desses, e quando sumia o processo, se você quisesse achar, você tinha que procurar um contínuo. Porque era o único indivíduo que era capaz de raciocinar para onde era possível, o processo estar. Porque andava todos os órgãos por todo tipo de processo. Então se é um processo de RH, se é um processo de pagamento, se é um processo de licitação, cada processo tem um rito. E cada rito vai em órgãos diferentes. E o contínuo vai em todos. E eu entrei numa prefeitura desinformatizada. E a cara que me chamou, o Sandro Paulo Vieira, ele criou um sisteminha, um programinha no Access, um antigo Access, o pacote Office, ninguém, quem nasceu de 20, 20, 2000 pra cá, nem sabe o que é isso. É tudo aplicativo, né? Não sabe o que é programa, chama, e manda escrever no word e não entende. E assim, o Access...foi o primeiro protocolo digital que a prefeitura de Nova Iguaçu teve. E eu fui nomeado não numa secretaria. Eu fui nomeado numa secretaria, óbvio que todo mundo estava vinculado a uma secretaria. Mas eu fui nomeado dentro de uma coordenadoria. Chamava COPG. Coordenaria de Orçamento, Planejamento e Gestão. Ele estava sob o comando de uma mulher chamada Estela Aranha e a COPG era uma coordenadoria especial dentro da SEMUG, que é a Secretaria Municipal de Governo e que continua. É um órgão que eu acho que não tem prefeitura que não tem Secretaria de Governo. Tem o prefeito e a Secretaria de Governo. Depois que vem o resto. Nas hierarquias municipais. É como se fosse a Casa Civil do Governo Federal. E a SEMUG, na época que eu entrei, era gerenciada pelo Fausto Severo Trindade. Eu estou falando isso para as pessoas terem uma dimensão, né? Como funciona a administração. No governo Lindbergh, ele trouxe pessoas de fora da cidade. Fausto Severo Trindade é gaúcho. E a Estela Aranha é Paulistana. Os dois fizeram PUC. Cada um no seu quadrado. Os dois fizeram PUC. Então Lindbergh trouxe uma perspectiva tecnocrata, vamos dizer assim, num nível que Nova Iguaçu não estava habituado. Nova Iguaçu era muito cacique com rito local, posto em cargos, e aquelas pessoas que eram práticas de fazer desde sempre, só tocava a rotina da administração do jeito que sabiam desde 1960. Eu falo desde 1960 de verdade, tá? Tem pessoas na prefeitura hoje, em 2023, na secretaria que eu atuei, entrando entre 2005 e 2018, que estão lá desde 1967. **Nossa.** Eu não estou fazendo uma anedota, é um fato. A Dona Lenir

Ferreira entrou na prefeitura em 1967. Ela está lá até hoje. Já aposentou e continua atuando. São pessoas que quase de ter etiqueta de patrimônio. **Tombamento histórico.** E se derrubar é crime contra o patrimônio histórico, o IPHAN capaz de perder. Então, assim, eu entrei nessa prefeitura, uma prefeitura desinformatizada, que passou por um processo de digitalização. Melhor falando, não foi digitalização. Nova Iguaçu ainda não é uma cidade digitalizada. Mas, passou por um processo de informatização entre 2005 e 2010. Quando chega o governo da Sheila, logo você já tem computador em toda a secretaria. Coisa que não existia. Você chegava em uma prefeitura em 2005, 2006, você encontrava um XT. Quando você encontrava um computador, você encontrava um XT. Você usava ainda sistema Dóles, as vezes máquinas de matriciagem, em 2005. E aí, quando eu saio da prefeitura em 2018, a prefeitura já é informatizada, já tem sistema protocolo online, você já consegue acessar, pela lei de acesso à informação, o trâmite de um processo. Assim, é só para deixar marcado que o Brasil, entre 2002 e hoje, é totalmente diferente e que os governos Lula 1 e 2, e Dilma 1 e 2, que fizeram, em termos de modernização do país, assim, a gente entrou no século 21 de verdade, né, coisas que nem se sonhavam em fazer. Então é isso, em termos de carreira. E daí de 2015 pra frente, teve a reeleição do Bornier, um dos piores momentos da minha vida profissional, que eu tive que lidar com pessoas. Entre 2012, né, é a eleição, 2013, 14, 15, 16. Foram anos bem ruins pra mim, no aspecto pessoal, que eu sempre trabalhei, então a partir de 2006 eu migrei de contínuo para técnico orçamentário. Fazer a execução orçamentária, participei na construção da Plano Público Anual, Lei de Diretos Orçamentários, Lei Orçamentária Anual, eu sabia porcaria nenhuma disso, quando eu falei, eu entrei na prefeitura só sabendo que uma prefeitura emitia carnê de IPTU. Mas, o fazer do dia a dia, eu brinco, eu sabia ler e escrever, então foi por isso que eu me adaptei. Eu escrevia e sabia fazer conta com o auxílio da calculadora, então fui capaz de acompanhar o que era necessário para fazer orçamento público. Porque se você sabe ler e interpretar um texto com alguém que já conhece a técnica, te passando os detalhes, não é tão difícil. O problema é que tem gente que simplesmente, mesmo tendo, às vezes, faculdade, e isso por outro, é bloqueado para ouvir e para entender. Então, eu muito rápido, fiquei três meses só ali, exclusivamente como contínuo, depois eu passei a assumir uma parte da execução orçamentária, depois eu fiquei só do contínuo e depois fiquei só com orçamento. E aí, em um determinado momento, eu e mais dois éramos a equipe orçamentária de toda a prefeitura. A sorte é que teve um momento em que criou o segundo municipal de saúde e a saúde, que era uma carga imensa de trabalho,

teve um orçamento próprio. E depois, alguns anos depois, criou-se fundo de atendimento a assistência social.

E também, como a gente deduz, num governo que tem um viés social democrata, como foram os governos Lula e Dilma, com Bolsa Família, com a bandeira Social e tudo mais, as demandas sociais são muito altas, então geravam um trabalho absurdamente grande à assistência social. Mas, muito tempo depois criaram o fundo de assistência social, mas ainda assim, a peça orçamentária, as peças orçamentárias, todo governo tem, o Executivo, seja federal, estadual, comunista, municipal, tem as leis, as peças orçamentárias, que é a LDO, a LOA, no PPA, que é a lei de definição orçamentária, que é feita primeiro, a lei orçamentária anual, que é feita na sequência obedecendo as diretrizes, e o PPA, que é feito para quatro anos, para dar norte para o governo. Então a gente tinha que afetá-la, tanto a saúde quanto a assistência social, mesmo a execução sendo em outro lugar. Então decreto, portaria, que suplementa, que faz remanejamento orçamentário, tudo passava pelo meu setor.

Eu o Marcelo, que é o companheiro que está na prefeitura ainda hoje. E até hoje, ele não é concursado. Ele está desde 2005, meses antes de mim, um ou dois meses antes de mim, em cargo comissionado. E se você tirar o Marcelo hoje, hoje acho que ele é subsecretário de orçamento, tá? E se eu estivesse lá, o caminho talvez seria esse, eu estaria ali com ele, equilibrando tarefas, equilibrando um monte de pratos, como no circo Di Soleil, a gente ia estar ali disputando esses cargos mais altos dentro da hierarquia principal, mas ele não fez concurso. E assim, essa é uma realidade de administração pública no Brasil. Ou seja, é uma pessoa que permanece num órgão 5, 10, 15, 2015. 2015. Tem que ser 2023. Tem 18 anos, 18, e o cara não é funcionário efetivo. A qualquer hora um prefeito caneta esse cara, e ele vai embora, ele vai pegar o pendrive dele, vai tirar, né, hoje é um HD externo, vai tirar tudo do computador, ele vai e vai embora, e ele não vai deixar uma equipe formada. Hoje já melhorou, tem alguns funcionários ali no concurso de 2012, mas assim, só para entender que há um déficit. É mentira que o Estado Nacional é inchado, é mentira que o Estado Brasileiro é inchado, é mentira que menos Estado faz a coisa funcionar melhor, é mentira. Esse é um dado equivoco, é um dado que não leva em consideração a realidade, porque o que prejudica o Estado brasileiro é o excesso de cargos comissionados sem efetivo. Não que o efetivo não deva receber uma remuneração extra quando assume uma função fora da sua função de concurso, mas o cargo comissionado é usado de uma forma totalmente errada para tampar

buraco da falta de concurso por conta dessa lógica ridícula neoliberal de Estados Unidos. Essa lógica é ridícula. Ela não condiz com a realidade.

E aí em 2015 eu tinha já me efetivado em 2012, né, o concurso e recebia o cargo comissionado, tá. Então eu exerci a função orçamentária com o cargo comissionado. Em 2015, o meu secretário de orçamento, ele era o mesmo secretário da Sheila. Ele foi cooptado pelo governo do Nelson Bornier, com uma armação política ali, o cara no meio do mandato da Sheila se aproximou do pessoal do Bornier e assumiu, né, uma oposição anti-governo, mesmo lá durante o governo da Sheila fazendo campanha. Essas coisas da vida da política. Não estou aqui para julgar.

Eu acho que foi o pior grupo de pessoas no poder da gestão em que eu trabalhei. Em maio de 2015, sem aviso, eu fui a exonerado, do cargo comissionado que eu tive. E eu recebi a notícia num sábado de manhã, que eu tinha sido exonerado, mas eu era efetivo. Então, o cara me exonerou, mas não podia me mandar embora. Essa é a diferença. Só que ao mesmo tempo eu não era obrigado a ficar lá. Não sou obrigado a trabalhar no lugar que eu não sou valorizado, onde eu não sou querido. Eu quis. No dia que eu fui exonerado, que é publicação foi no sábado. O ato oficial funciona de terça a sábado. Por quê? Porque domingo não funciona. Então funciona segunda, sai na terça. Funciona sexta, sai no sábado. E aí, eu fui exonerado sem saber, e aí uma pessoa que trabalhava comigo no setor, o subsecretário me ligou e falou: Allofs você sabia que você foi exonerado?...

Aí me mandou, eu não lembro, acho que não foi nem WhatsApp. Eu não sei se já era WhatsApp em 2015, mas ele me mandou numa mensagem dessas, Messenger ou alguma coisa assim, me mandou o link do Diário Oficial, eu abri, constatei que não era uma brincadeira, estava exonerado. E foi ao saber que estava exonerado, eu recebi ligações de alguns órgãos da prefeitura que ao mesmo tempo que eu soube, as pessoas foram tomando ciência, né? Me convidando, né? Vou registrar um caso aqui. A Cristiane Bittencourt, que estava nomeada na SEMUG, cuidando do TI, do governo, me chamou pra trabalhar no governo. E assim, governo do Nelson Bornier, eu sou de esquerda, eu não sou Bornier, eu fiz campanha contra o Bornier. O Nelson Bornier tá morto, eu continuo fazendo campanha contra ele, eu acho que ele foi um câncer pra cidade. E no governo dele, Tiago Portela, secretário de governo, um dos mais bem-quistos pelo Nelson Bornier, tinha uma pessoa, subsecretária dele, que queria que eu tivesse lá, que eu decanei, não pela Cristiane Bittencourt, que é minha amiga, foi minha catequista, uma pessoa muito querida, mas que

não tinha a ver com o meu perfil profissional atuar, tão próximo daquele com quem eu não tinha a menor vontade de atuar. Ao mesmo tempo, já me sondava o Wagner D'Almeida, que era na época secretário de cultura. Wagner tinha sido marqueteiro do Bornier, na época da campanha, fez aquele jingle: “erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé, manda essa tristeza embora”.

Eu tenho a felicidade de ter feito o meme. Eu peguei a foto do Nelson Bornier, botei preto e branco, botei aquele símbolo proibido de cigarro em cima da cabeça do Nelson Bornier, e botei, manda essa tristeza embora na internet. Mande em 2012 isso na internet. Em 2016, na campanha de reeleição, eu tava zanzando pelo Facebook, e achei gente postando isso. A internet é fantástica. Então eu fiz o meme em 2012, em 2016, na segunda campanha de reeleição dele, do quarto mandato. Graças a Deus não aconteceu. O meme que eu fiz em 2012 voltou, né? Manda essa tristeza embora, pelo menos naquela época em 2012, não funcionou, mas em 2016 eu pude botar um tijolinho.

O Wagner da Almeida era do staff do Nelson. Se tirasse uma foto, o raio-x do Nelson Bornier, das partes íntimas, você ia encontrar o Wagner da Almeida ali, agarrado, com firmeza, uma firmeza de convicção ali, das partes íntimas. Mas, ele vivia me soldando, vem pra cultura, vem pra cultura do... Wagner, você vai me dar um cargo pra ir pra cultura? Não, não tenho cargo pra te dar. Então, enquanto você não tiver cargo, eu fico aqui onde tem cargo. Honestidade, materialidade da vida, eu precisava sustentar.

Era mais válido do que eu saí ali atrás de um ideal na cultura e tal, porque o cara me convidou. Eu já era conselheiro de cultura nessa época e aí me conheceu nessa lá. Só que é engraçado, eu na cultura, eu era olhado pelos agentes de cultura, artistas, por nariz torcido, porque eu era indicado pelo governo. E eu era olhado pelo pessoal do governo, de nariz torcido, porque eu não era do grupo do baba ovo do governo. Então, ninguém gostava de mim naturalmente. Eu tive que construir uma relação com o pessoal da cultura. Eu tive que mostrar que eu estava lá, porque eu vou te explicar. Eu fui voluntário para ser membro do conselho, coisa que cargo comissionado nenhum faz. Cargo comissionado que não vai para conselho é indicado e vai na marra, que o governo quer. O governo precisa ter gente nesse espaço, até porque todos os conselhos são parte da sociedade civil, parte do governo. E o governo não quer que vá qualquer um, quer que vá alguém que expressa sua vontade, só que na minha secretaria ninguém iria. E eu queria ir porque já estava estudando história e lá na cultura eu sabia que eu podia mexer com patrimônio, com cultura, com identidade, com a

história da cidade. E fui. Tinha um interesse acadêmico. Tanto que entre 2013 e 2014, 15...13, 14, 15... Não lembro exatamente a data, eu fui do conselho, eu fiz o regimento interno do conselho que publicou, que está vigente até hoje, com algumas alterações minhas, e eu institui, por exemplo, a Comissão de Patrimônio Histórico da cidade, que não tinha previsibilidade. Então, assim, eu consegui, naquele regimento, colocar algumas coisinhas, botei alguma coisinha pra atuar na minha área. Hoje, depois eu fui pro Conselho de Turismo e hoje eu tô no Conselho de novo. Aí eu, esse ano, me candidatei como sociedade civil, fui eleito, hoje eu não estou como governo, eu pedi exoneração da cultura de novo assim,

Eu fui para cultura em 2015. Então e 2015 mais ou menos de maio pra junho eu fui pra secretaria de cultura sem cargo de comissão e aí passou uns 4 ou 3 meses o Vagner me deu um fg, função gratificada. É um dos valores mais baixos que existe em torno de 500 reais além do salário. Assim ridículo para um funcionário que está fazendo um trabalho além da sua função. Mas, só pra sair daquele ambiente tóxico que eu estava já foi muito bom, depois eu me dei conta que eu já não conseguia mais conviver com aquelas pessoas e foi ótimo pra mim sair de lá com dinheiro ou sem dinheiro, foi melhor pra minha saúde.

E aí na secretaria de cultura eu fiquei de mais ou menos junho de 2015 até o fim do governo do Nelson Bornier em dezembro de 2016 eu fui pra lá pra cuidar do centro de memória de Nova Iguaçu. O governo da Sheila criou um centro de memória por decreto e o governo do Nelson não deu concepção, as coisas não aconteceram. E aí quando fui para a cultura eu dei essa condição de cuidar do centro de memória de nova Iguaçu, o Vagner aceitou, deixou eu trabalhar com isso, mas, não me deu condição material nenhuma. Ele não me deu uma mesa pra sentar, um computador para trabalhar... só que eu coloquei como condição que eu queria 6 estagiários, porque que eu falei que queria 6 estagiários? Porquê eu aprendi que na gestão pública você pede muito para ganhar pouco. E aí eu pedi 6 estagiários e ele me deu 4. Também não me deu mesa, não me deu espaço pra trabalhar, eu corri na Cristiane Bittencurt que tinha me chamado pra trabalhar com ela e tava com um espaço maneiro de trabalho, tinha máquina, mas, não tinha pessoal.

Perguntei se ela me abrigava lá, ou seja, eu estava lotado na secretaria de cultura, eu tinha pessoal, mas não tinha espaço para trabalhar a Cristiane Bitencurt tinha espaço, tinha material e não tinha pessoal. Eu fui pra lá criei o centro de memória digital de Nova Iguaçu que era o que eu podia já que não tinha espaço pra receber pessoas, para visitar. Criei alguns projetos, um projeto foi as histórias iguaçuanas nas casas. Eu peguei algumas casas de nova

Iguaçu, através dos arquitetos em formação pela Rural que fizeram levantamento histórico de casas que são icônicas pela cidade e aí tá lá no site, o site existe até hoje. Hoje ele se chama centro de memória digital de nova Iguaçu.

Memórias iguaçuanas nas ruas, então eu pego algumas ruas que tem nomes de personalidades e faço minibiografias pra explicar quem é a pessoa que dá nome a rua. Então tem algumas ruas de nova Iguaçu que tem minibiografias, como é o caso de Getúlio Vargas, Arruda Negreiros, então eu consegui fazer algumas coisas e fiz também o conversando histórias. Tudo durou muito pouco, infelizmente, fiz algumas entrevistas ao vivo na casa de cultura, no teatro da casa de cultura, gravei, elas estão gravadas, estão armazenadas, mas eu nunca pude tratar e colocar a disponível online porquê o projeto acabou, o governo acabou e não deram concepção Mas nesse item pela minha atuação ver a eleição do governo Rogério Lisboa em 2016 que assumiu em 2017 e eu fui convidado pelo pelo Ronaldo grama que é um arquiteto de Nova Iguaçu para atuar com ele no futuro governo do Rogério ele me telefonou mais ou menos essa época do ano entre 15 e 20 de novembro pô Alloffs te conheci lá num evento e tal e eu quero que você trabalhe comigo no patrimônio histórico porque eu vou ser secretário.

Eu falei Ronaldo eu estou muito tempo na prefeitura eu vou te dizer um negócio eu já vi muita gente dormir secretário porque o prefeito deu cargo prometeu e acordar nada e o prefeito nomeia outra pessoa é muito normal tô te dizendo que o Rogério vai te sacanear eu tô te dizendo que pela minha experiência eu não posso ser inocente e sair construindo um castelo em nuvens vamos fazer o seguinte o governo vai assumir dia primeiro dia 2 é dia útil eu sou funcionário público eu vou estar na prefeitura dia 2 onde você estiver você me avisa onde você vai estar que eu vou te encontro. Eu vou estar no urbanismo então beleza eu vou lá e te encontro. Então dia 2 eu vou no urbanismo e te encontro vou chegar no meu horário de expediente 9h da manhã. 9h da manhã eu estava lá e ele já me incorporou na equipe. O Vagner de Almeida exonerou toda a secretaria de cultura em dezembro todo mundo e os poucos funcionários efetivos que tinham colocou a disposição da semad. Ele tornou a secretaria de cultura acéfala não ficou nenhum funcionário. Em janeiro de 2017 a secretaria de cultura não tinha nenhum funcionário. Então você tinha a casa de cultura trancada, os prédios que eram alugados largados, os bens do patrimônio da cultura ao Deus dará. O Rogério só vai nomear o Juarez meses depois.

No primeiro mandato do Rogério ele ainda não teve pudores de se aliar ao PT A situação ainda não estava tão complicado mas na eleição ele muda de partido foi mais para centro direita e ele faz esse governo conservado conservador maquiado que ele tem aí não sei nem como Rogério não tem um tik Tok para ensinar maquiagem ele deveria ensinar meios para as pessoas e aí eu tomei posse na secretaria de urbanismo na superintendência de patrimônio urbanístico patrimônio edificado e aí cuidei disso até agosto de 2018 quando em julho junho acho que em julho o Ronaldo me exonera do cargo comissionado.

Só que eu tinha tomado posse Seropédica como professor. Eu já era desde 2016 professor em Caxias, aí eu tomei posse em Seropédica e fiquei com três matrículas. mas o tribunal de contas do Estado um dos órgãos mais honestos , com a enorme quantidade de problemas que o Brasil tem não tinha mais nada para fiscalizar e foi fiscalizar quem tinha três matrículas e aí em 2018 todo mundo que tinha duas ou mais matrículas foi mal 3 ou mais matrículas no estado do Rio de janeiro teve que pedir exoneração dos seus concursos e ficar apenas com duas.

E aí assim a materialidade diz que eu tinha três matrículas duas de professor uma de 15 horas e outras 16 horas e uma de agente administrativo com menor salário e a maior carga horária,40 horas, e eu tinha perdido o cargo que era o que valia a pena,o cargo era o dobro do salário. O salário de agente administrativo em Nova Iguaçu era de r\$ 1.200 e acho que não teve muito reajuste deve ter tido reajuste só do salário mínimo porque você não pode pagar menos de um salário mínimo para funcionário então o cargo de agente administrativo em Nova Iguaçu hoje em 2023 aos 24 de novembro a gente 2:40 horas de 2023 deve ser mais ou menos 1.320 esse é o agente administrativo concursado se ele não tiver cargo é isso que ele recebe fora o desconto do INSS que líquido deve ser vir uns r\$ 1000.

Isso não é um trabalho, não é não, desculpa é desonesto, é injusto, é cruel não tem nada que justifique que um trabalhador receba r\$ 1000 para trabalhar 40 horas por semana num quadro de pessoal inferior a demanda com um monte de cargo comissionado ganhando muito para nem pisar na prefeitura um monte de fantasma nomeado em todos os governos e não importa se o governo de esquerda ou de direita não importa secretaria porque tem os acordos políticos eleitorais e aí em 2018 Ronaldo me exonera e o tribunal de contas me foi a faca no pescoço ou dá ou desce e aí eu escolhi o cargo escolhi o cargo de 40 horas

Então sobre o preparatório eu não toquei muito no assunto, para falar do preparatório eu tenho que falar de mim um pouco fora da minha vida profissional na prefeitura eu entro na prefeitura em 2005 um cara que te ensino médio eu fiz o primeiro ano no estudo do Brasil e aí no fim do meu primeiro ano faço a prova para FAETEC e vou para o João Luiz do Nascimento e aí eu repito primeiro ano por opção e aí em 98 começa no João Luiz só que eu já trabalhava já era um aluno operário então eu estudava de noite no colégio João Luiz do Nascimento no turno noturno o turno noturno tinha os mesmos cursos de diurno que são os mesmos cursos até hoje.

O meu curso em 98, era o primeiro curso de eletrônica antes João Luiz Nascimento só tinha três cursos e hoje tem quatro sou da primeira turma do noturno de eletrônica. Então João Luiz de nascimento tem a administração, edificações, eletrotécnica, eletrônica desde 98 o meu irmão fazia eletrônica de dia e eu fazia eletrônica de noite, só que o curso de dia era integral, três anos e o noturno parcial em quatro anos. eu me alistei em 2000 e servi no meio de 2000 no meio do meu terceiro ano eu servi na Marinha e aí eu vou para Marinha em junho de 2000 e fico até julho de 4 de julho de uma baixa na Marinha de 2001.

E o que acontece eu saí do João Luiz em junho, no meio do terceiro ano. Na minha ignorância eu achei que quando eu voltasse da Marinha eu ia voltar no meio do terceiro ano em 2001. Como não foi a minha surpresa quando eu chego no João Luiz pedindo para reativar a minha matrícula e aí beleza a sua matrícula foi reativada. E aí eu pergunto posso voltar para sala de aula? - Não você volta em 2002 para fazer o terceiro ano.

Então, olha só...eu começo em 98 eu ia ter que fazer 98 e 99 parei em 2000 ia ter que voltar em 2002 eu ia até 2003 tá doido! Você quando é jovem não tem essa visão podia ter ficado não tinha pressa nenhuma em terminar o ensino médio. Mas, eu já era um aluno trabalhador, um aluno operário e o ensino médio é aquela obrigatoriedade no fim dos anos 90. Não tendo ensino médio para entrar no mercado de trabalho? Esquece! não vou nem falar de hoje, se nos anos 90 já era assim.

Então no início dos anos 2000 se você não tinha o ensino médio né você não tinha como conseguir emprego então, eu arrumei um trabalhinho de posso ajudar na Caixa econômica e no fim do ano eu fiz a prova do estado que é aquela prova que se você passar em tudo pega o certificado do ensino médio hoje chama Enceja mas antes tinha um outro nome que eu já

não lembro era o supletivo chamava de supletivo mas era o supletivo não sei de que do Estado mas esse Enceja mesmo.

Como eu tive na base boa mesmo no meu ensino fundamental sabia ler, sabia escrever e fazer conta sem usar vários dedos e sempre tive o hábito de ler. Então foi fácil passar na prova e dali eu terminei o ensino médio e comecei a trabalhar. Arrumava um trabalho aqui, ia para outro, para outro. Já tinha um relacionamento desde 97/98 com a mesma menina e a gente foi amadurecendo e ela fez o percurso pré-vestibular para negros e carentes em vila operária com o Renato o famoso Renatinho do pré-vestibular na escola 6 de janeiro ali na vila operária um pré-vestibular fantástico igual a esse seu.

E ela passou em todos os vestibulares que ela fez com exceção de um que foi o da Rural que era o primeiro ano do curso de história com pré-vestibular, então passou para a história na UFF, onde ela cursou. Na UFRJ, na UERJ e na PUC e como a fama e as notas de avaliação dizem isso mesmo no curso da UFF é a melhor curso de história do Brasil.

Mesmo sendo longe e tudo mais, ela foi para o melhor e ela fez uma boa opção. Você imagina o que era estudar em Niterói nessa época morando em Austin... e aí eu terminei o ensino médio, ela tava na faculdade a gente resolveu casar casou e aí em 2004, quando a gente casa em 2006 nasce nosso primeiro filho eu vou para a prefeitura.

no primeiro ano do Lindberg ele trouxe muita gente de fora para o Rio de Janeiro, de fora de Nova Iguaçu para Nova Iguaçu. Lindberg é um cara que veio do movimento estudantil um cara pintada e tudo mais. E ele tinha uma proximidade muito grande com movimento universitário. Obviamente, o movimento estudantil forte na universidade então ele trouxe algumas pessoas com esses ideais progressistas de inclusão na educação e aí formou essa ideia do pré-vestibular ainda não tinha Enem consolidado, já existia Enem mas não era porta de entrada para todas as universidades públicas tanto que quando eu fiz vestibular eu ainda fiz o vestibular para Rural e ainda não era a nota do ENEM ,era uma das notas possíveis para ajudar.

E aí em 2005, no fim de 2005 saiu o edital do contrato convênio entre a prefeitura de Nova Iguaçu e o PR sim da UFRJ. Eu não fazia ideia do que era o PR sim eu vi o processo de trabalhava em Nova Iguaçu vi o processo, não sabia o que o processo me afetava. E aí quando saiu conversando no setor eu ainda era do protocolo ,eu já era casado, com ensino médio feito nas coxas e a mulher fazendo faculdade na UFF que é a melhor faculdade de história

do Brasil e por mais inteligente, mais interessante, mais bonito e mais gostoso que eu fosse essa mulher ela não ia ficar comigo se eu me mantivesse naquele nível.

Porque ela ia conhecer gente mais interessante mais legal o mundo muda e quando você vai para universidade não tem jeito não tem amor que dure que resista uma pessoa no ensino superior e a outra na ignorância, não tem amor que dure, não tem relacionamento que se sustente. Olha, pessoas com esse desnível de formação que mantém a relação são raras, e eu posso não ser muito genial, não sou nenhum Nobel. Mas, eu não sou burro e logo me dei conta que eu não ia acompanhar essa mulher se eu ficasse estacionado onde eu estava.

Meu irmão fez Rural em 2005, ela tava terminando a graduação e meu irmão tava terminando a Engenharia florestal. Meu irmão entrou na graduação com uma namorada e saiu com uma mulher para casar. Então, assim por esse desnível tanto que a ex-namorada do meu irmão entrou na faculdade depois porque só o GAP se não estar na faculdade já gerou um ruído no relacionamento.

E eu fui observando isso e já pensei ou eu me enquadro ou sou enquadrado, não adiantou nada porque antes depois separamos por outros fatores. Mas, assim com certeza a gente não teria durado mais de 5 anos com esse desnível intelectual cultural social se torna um abismo e esse abismo impede a comunicação impede a relação. Isso é um fato que a gente já tá vendo no Brasil hoje as pessoas vão brigar agora no Natal por um descompasso geracional entre o Brasil até a década de 80 e o Brasil depois dos anos 2000 tem uma fossa social e essa fossa não vai ser preenchido com amor. Só conhecimento, conhecimento preenche esse buraco e a gente tá vendo as pessoas e no cada vez mais fundo nesse buraco das falsas Marianas da ignorância.

E aí quando saiu o pré-vestibular eu falei vou tentar e me inscrevi. O Davi, é um operário da prefeitura de Nova Iguaçu carregou muito processo de baixo do sovaco para as coisas acontecerem fico muito feliz de ver a gente ver a gente que trabalha vencer, falou: - Vai ter o pré-vestibular tenta conversa com a e b para te arrumar uma vaga. Falei:- não vou fazer a prova.

Fiz a prova me classifiquei na prova, me classifiquei bem e a primeira turma primeiro ano do projeto foi em 2006 no Monteiro Lobato, exclusivamente no Monteiro Lobato, bloco b. As aulas eram no bloco b no Monteiro Lobato, no bloco A funcionava Rural que tinha começado também naquele ano de 2016 funcionando concomitantemente na Monteiro

Lobato o pré-vestibular e o campus universitário da Rural à noite o pré-vestibular no bloco b e a Rural no bloco.

A o critério da formação de turma foi a classificação eu não lembro o número de vagas, mas formou três ou quatro turmas então deve ter tido 120 vagas no primeiro ano. Eu era da primeira turma então fiquei entre 40 primeiras vagas. Eu lembro de algumas pessoas da turma algumas estudaram, outras não, eu tenho um colega que fez Rural matemática tem duas meninas, uma cursou pedagogia e a outra eu não lembro o curso, todas as universidade pública.

Do pré-vestibular muitas pessoas foram para universidade no curso de história Ariane Batista fez Rural ela foi 2007.1 na Rural e eu 2007.2.

Então fui aprovado na Rural em setembro de 2006, ano do ano pré-vestibular, nasceu meu filho mais velho... lembro que fui assistir aula tinha tomado um porre e a professora de biologia usou meu porre para dar uma aula sobre o sistema renal como o alcool faz mal para o sistema renal, a questão da absorção de líquido e tudo mais e eu lembro bêbado da aula.

Ai mais muitas pessoas desse para vestibular inclusive passaram para a UFRJ e voltaram para dar aula para vestibular. Quando o pré-vestibular deixou de ser só no Monteiro Lobato dividiu com o colégio Rui Afrânio e com um colégio ali atrás do Extra em Santa Eugênia fragmentou foi lá para posse, porque a Rural cresceu e expulsou para vestibular. Mas, eu fiz o curso lá.

Na época tinham alguns professores que me marcaram um professor de Jesus, o nome dele era Jesus, não era apelido, de física. William que largou a docência. Porque a docência ninguém aguenta se não tiver juízo e puder sair, sai. William foi para São Paulo trabalhar na indústria química largou educação largou a matrícula de funcionário público para trabalhar na empresa privada. Professor Rafael de história e professora Ana Paula de história um dava aula de história do Brasil outro história geral. A Ana Paula foi para Minas gerais está dando aula na universidade federal em Minas, o Rafael pesquisa subúrbio carioca um professor bastante procurado assim por podcast por pessoas que querem conhecer o Rio de Janeiro. A Érica de biologia eram duas éricas de biologia, tinha a Fernanda que era coordenadora que era uma aluna da UFRJ e cuidava da burocracia dava paz entregava a camisa.

Tinha o passe para usar o transporte público à noite que era uma dificuldade absurda porque no primeiro ano nada funcionou direito, a camisa não saiu no início do ano, o passe estudantil

não saiu no início do ano, os motoristas não aceitavam o passe porque não conheciam um projeto, era um monte de coisa assim. O Pré vestibular era muito bom, mas no início teve muita dificuldade de a gente ter acesso aos benefícios previstos no projeto.

em 2006 eu tinha 25 anos,olha hoje com maturidade acadêmica como professor também eu vejo que o projeto tinha uma vantagem mas também desvantagem a vantagem que era noturno e era um projeto voltado para operário para pessoas que não tinham condição de acesso muitos jovens mas também é muito trabalhadores eram um perfil muito misto eu acho que se continuasse porque teve um hiato, eu acho que voltou mas teve um hiato.

Eu não sei qual é o perfil do aluno hoje mas eu imagino que tenha menos trabalhador, na verdade estou fazendo a leitura do processo o trabalhador tá cada vez mais sacrificado com a perda de direitos e tudo mais quem tá trabalhando de entrega por exemplo a melhor hora de ganhar dinheiro é de noite quem tá trabalhando de Uber a melhor hora de trabalho de noite a gente tava fazendo a leitura aqui em casa essa semana sobre a eja a eja que antes era a noite para atender o trabalhador hoje recebe muito mais aluno o problema do dia do que o trabalhador porque se você receber uma entrega do mercado livre vai ser depois das 18 horas porque a hora que eu saio do trabalho tô em casa de 6 a meio-dia na minha casa não tem ninguém.

Então o perfil do nosso trabalhador mudou por vários fatores de trabalho econômico-sociais da educação da intermetização do trabalho, da aplicatividade, mudou mais do que isso se você põe o critério da seleção por processo de conhecimento você vai excluir um cara que tá trabalhando,o menino que tá fazendo ensino médio e se preparando para o superior ele tá ali estudando se preparando ele vai passar no processo seletivo agora um homem e uma mulher que tiverem ali com umbigo no balcão trabalhando atendendo ele não vai passar.

Então, pensa que a gente tem que ver anda uma continuidade do projeto incorporar metodologia de inclusão para pessoas que estão no mercado de trabalho e essa inclusão tem que envolver não só o acesso o ingresso mas também é a permanência ou seja horário durante o dia de repente a modalidade EAD e olha que sou crítico da forma que funciona fui tutor do cederj por quatro anos larguei porque eu não tinha mais paciência nem estômago para os alunos do EAD os alunos do EAD só querem um diploma na média não querem estudar eu era tutor de TCC o cara chegava no TCC sem saber o que ele queria fazer para mim é frustrante sei que em alguns lugares lá no Acre lá no interior não sei da onde o EAD é

fundamental mas ele não pode ser feito de qualquer jeito mas eu não acho que seja justo entregar diplomas gratuitamente sem nenhum tipo de formação.

Mas, eu acho que é um processo como do pré-vestibular tem que se trocar de nome tem que ser para Enem agora né ele tem que ter acesso a diferentes modalidades procedimentos diferentes de acesso que garanta vagas para quem está no mercado de trabalho que não vai poder competir com jovem de 15 anos que está só estudando 16, 17 que só estuda e tem todo tempo e a é um monte de recursos, tem a IA. o cara de 40 anos está tentando voltar a estudar agora não tem.

Eu observo que tinha vantagem e a desvantagem ainda para vestibular a vontade de ser profissionais sem muita experiência o aluno de graduação é que esses caras estavam ali cheios de tesão para dar aula as aulas eram cheias de energia lembra do Roberto dando aula de geografia do Rafael que brincava ou teletubie acorda para brincar né para perturbar chamava os alunos de Teletubbies era um negócio que ainda não tava perto ali quem tava fazendo pré-vestibular tinha esse repertório todo, não era minha realidade não era a realidade do trabalhador mas o cara que era mais jovem pegava a referência e a gente também.

Mas ao mesmo tempo é um pré-vestibular que por essa questão de ser só professores alunos de graduação também carecem de experiência jogo de cintura malandragem que educação requer de um professor experimentado ele vai ter mais o jogo de cintura de olhar um cara que chegou do trabalho e tá dormindo na sala de aula ele não tá dormindo em sacanagem ele tá cansado ele tá com fome ele tá exaurido pegou o transporte público tá ferrado.

Às vezes dava uns conflitos por causa disso que o cara da graduação falava o cara desperdiçando minha aula, mas, não é. Não é o meu aluno do nono ano que pega o capuz coloca na cabeça para dormir, ele tá vindo massacrado comeu marmita, que andou de trem. Eu acho que o PR sim deveria formar melhor o aluno que ia dar aula. Eu vi o processo acontecer e vi que a culpa não era dos caras porque o carro era andando e trocando pneu.

Assim foi uma experiência para todo mundo acho que todo mundo para amadureceu muito no projeto eu não sei se tá funcionando nem como está funcionando a Sheila tentou recuperar em 2012 eu acompanhei até a Sheila tentando dar encaminhamento com a Rural e aí a Rural é regida por um orçamento pela FAPUR e a prefeitura tem uma dívida da cultura com a Rural que se eu conheço a prefeitura tem essa dívida até hoje e aí tinha como fator proibitivo de

construção de novo convênio com a prefeitura de Nova Iguaçu essa dívida em conta dívida não fosse paga Rural não poderia fazer novo convênio com o pessoal da prefeitura.

Eu tô falando de sacanagem mas,eu acho que pagou porque vi um convênio no fim do governo Rogério ou no fim do governo Bornier uma conversa de acordo com a Rural que que não sei se prosperou mas no governo Rogério foi construído uma aliança da Rural com a prefeitura para fornecer algum tipo de formação para educação especial com a professora Márcia Denise Plestch e é uma especialista em educação inclusiva agora como se deu se isso envolve valores pecuniários ou se transfere valores específicos para Rural.Se a a prefeitura tem que estar em dia com a Rural que é a FAPUR, então eu não sei como aconteceu esse processo.

Mas, eu sei que a Rural criou o próprio pré-vestibular que eu não sei em que pé está mas o legal é que o modelo é o modelo do Lindberg em que você pega o aluno da graduação e joga para a aula .Eu não tô falando o modelo Lindberg porque ele é maravilhoso, Deus grego,fantástico eu não tô falando porque porque é o que aconteceu em Nova Iguaçu que ele que implementou que é o aluno da graduação dando aula para gente que quer ingressar no ensino superior.

Então em Nova Iguaçu quer implementa isso através de poder público foi o Linderg isso é um fato histórico. Ah, não gosto de Lindberg, problema arranca as calças pela cabeça! Foi ele que fez você vai negar um fato real, não posso negar a realidade .Então nesse caso eu não sei se a Rural teria nem interesse em segurar um projeto desses com a prefeitura hoje porque ela tem o próprio pré-vestibular eu não sei se é UFRJ eu também voltaria eu tô jogando para o universo questões eu não sei como seria hoje.

Eu penso que não ter professor vinculado como funciona a iniciação adolescência porque o que acontece em Nova Iguaçu foi um pré Pibid que é o programa de iniciação à docência que o governo federal criou eu fiz parte do Pibid em 2011,foi quando começou já na universidade antes de me Formar fiz IC, que é a iniciação científica e fiz PIBID. O pré-vestibular na prática é um programa de iniciação a docência, onde você pega o cara de química de física lá na universidade federal do Rio de janeiro vai encontrar com um monte de professor de química e física os caras fodas da galáxia que não sabem dar uma aula mas que sabem muito de quartz ,de nêutron e o diabo que o parta mas, não sabe fazer um plano de aula não sabe o que é ter empatia com aluno que tá com fome, você vê pelo número de

reprovações que nas disciplinas exatas no nível superior porque os caras não conseguem se aproximar de ter uma relação próxima e humana, muito conteudistas, é porque eles são muito cartesianos, PH deuses e aí é didática dos caras são muito...não tem didática.

Então você pega um cara desse coloca no chão da fábrica para dar aula para trabalhador para pobre isso é o Eduardo Thompson um historiador inglês que é o cara principal da história vista por baixo e vai criar a teoria da história vista por baixo que vai mudar toda historiografia do mundo na segunda metade do século XX exatamente porque não é um cara de alto nível acadêmico um cara que dava aula na escola de operários noturno na Inglaterra e não era um cara que dava aula em wensex ou em Oxford, tava lá na porcaria de um curso fabril dando aula para operário que passou o dia todo apertando parafuso e aí vai entender a classe trabalhadora.

Para dar aula para classe trabalhadora você tem que entender a classe trabalhadora, e aí é a mesma coisa que Paulo Freire fala você tem que saber o que seu alunado conhece para você falar, por isso quando eu falo com os moleques na sala de aula eu falo sobre conflito de facção porque eles conhecem, sabem o que é um miliciano no bairro, sabem o que é uma barricata no bairro, não adianta vim com o mundo de flores eles não vão entender. Flores para eles é só enfeitando o caixão.

Então acho que esse modelo que eu chamei de pré-vestibular MDR é um pré Pibid movimento aí que o Lindberg, não acredito que foi Lindberg que pensou isso ele estava trabalhando com outras pessoas eu não lembro quem era exatamente a secretaria de educação que implementava. mas o governo Lindberg você vai ver ter bairro escola e a Maria Antônia que a ex-mulher dele que encabeçava e a prefeitura tava toda voltada para educação emancipadora, inclusiva, educação cidadã. Então pré-vestibular tava dentro do pacote do programa de governo educador, a educação estava em tudo não tinha um projeto de Nova Iguaçu que não passasse pela Educação, pelo bairro escola, pelas periferias e pela secretaria de educação.

Tanto que a secretaria de educação que eu não lembro quem era não lembro o nome mas é uma época foi o Ibraim e depois vai ser a presidenta do PT agora a Marli tudo atravessava a educação e aí o cara do esporte vinha discutir porque o bairro escola tava na praça aqui, tava ali e acolá. Fazia parceria com a igreja que tinha um galpão, fazia projeto fazia parceria com não sei quem para fazer não sei o que lá eles de educação física.

Então você tinha toda uma inclusão da célula urbana do entorno da escola com um processo educativo na teoria era lindo na prática funcionava muito pouco porque quando você inova você encara legislação que não prevê isso, uma sociedade que não entende. Não é Nova Iguaçu que tinha que implantar isso deveria ser o governo federal e implantada pelo país inteiro.

Quando você pensa na modalidade de educação isso seria uma educação transdisciplinar que é o sonho não multidisciplinar não multidisciplinar onde cada um tá dentro do seu quadrado é trans onde você transita entre o que é a disciplinar e avança numa educação autônoma onde o conteúdo de história de química tá todo mundo ali entremeadado.

O bairro escola foi muito rico aquele contexto foi muito rico para Nova Iguaçu educacionalmente onde estava chegando Campos da Rural houveram dois fóruns mundiais de educação eu participei do processo de gestão do Fórum Mundial de educação eu vi os processos de educação todos, eu trabalhava no orçamento eu vi a parte burocrática e quando veio o fórum da educação eu trabalhei no credenciamento no Monteiro Lobato, na vila olímpica. Um calor infernal, milhares de pessoas e eu tendo de credenciar as pessoas ali na hora foi um trabalho hercúlo.

Pior que isso só quando em 2006 teve uma enchente em Nova Iguaçu uma tempestade absurda e a gente foi trabalhar voluntariamente na vila olímpica para cadastrar pessoas que perderam tudo para fazer cadastro da assistência social, só isso foi mais trabalhoso que o Fórum Mundial da Educação.

O Fórum Mundial de educação foi um trabalho prazeroso por ser um ambiente positivo. Mas, só uma tragédia se você procurar na ata de Nova Iguaçu em 2006 por tempestade você vai ver como foi a serra do vulcão até hoje tem três marcas você vê lá foi de deslizamentos tem a marca até hoje em 2023 deslizamentos 2006.

Então, assim o pré-vestibular tem essa característica é um fenômeno isolado e uma cidade que estava se faltando programaticamente para educação e eu sou um indivíduo elo porque eu estava dentro da gestão, eu era objeto do projeto aluno e depois virei universitário da Rural e continuei militando e atuo hoje na política cultural e social da cidade tive o prazer de ser contemplado com alguns prêmios na cidade na área cultural e eu devo muito esse processo.

Eu brinco que o Lindberg é meu malvado favorito, assim como no Rio de Janeiro o pessoal tem o Eduardo Paes, para mim em Nova Iguaçu é o Lindberg. Porque assim não é porque o Lindberg seja malvado eu discordo decisões que ele toma na vida dele e aí ao discordar a gente acaba... Mas, ao mesmo tempo se o Lindberg fala amanhã vou ser candidato a prefeito de Nova Iguaçu olhando o cenário que a gente tem hoje, é meu voto.

Porque assim votar em quem o Eduardo Reina? Com todo respeito gosto do Eduardo, mas, ele não tem cacife para ser prefeito ele é papagaio do Rogério não tem cacife não tem capacidade é muito bom na articulação política com a com a mesinha ali é vereador de bairro, com todo respeito o trabalho que ele está fazendo. Não vai votar em quem? No Juninho do pneu? Dr Luizinho de pilantra em Nova Iguaçu já tá cheio na história da prefeitura.

Ah, o Lindberg e isso e aquilo procura a comunidade que mora na estrada de Madureira pega a estrada de Madureira até o 32 e olha em volta todas as ruas que você vê são asfaltadas eu sou defensor ferrenho anti- asfalto, eu acho que as faltam atrasos de vida é um dos piores eventos da política brasileira é o convencimento do pobre que asfalto é progresso. Porque é impermeabilização de solo, aumento de temperatura das casas é um inferno. Mas, se você for na população nessa região que eu acabei de falar e perguntar quem foi o primeiro prefeito que colocou o pé lá e realmente agilizou alguma coisa eles vão te responder.

E assim antes do Lindberg, o prefeito antigo Burnier que fez muito isso com dinheiro no governo garotinho pintava as ruas de asfalto botava bueiro fake e se você escavar a rua não tem ligação com as águas fluviais. Eu ando essa cidade, eu sou um sujeito e conhece a cidade, que vive a cidade, sou um sujeito que andava nos bairros para ver os processos que eu via na minha mão e assim você entrava em uma rua e você encontrava um buraco do tamanho de uma sala de estar fazendo caixa de passagem e depois que asfaltou nunca mais o bairro alagou e antes era sempre alagado porque a água ia direto para o valão do fim da rua ,que batia em outro valão, que batia em outro e quando via voltava a água dentro da casa da pessoa.

Você tinha uma rua com um bueiro fake, você pega coloca grade faz um buraco de 1 m de profundidade tu olha tem um buraco mas não tá ligada a nada e eu vi as obras acontecendo porque eu vi os processos e 70 80% de recursos era para o saneamento eu pegava minha bicicleta e andar pela cidade e eu caía quase dentro dos buracos de tamanho de uma sala de estar 3 por 3, 3 por 4 de profundidade e da altura de uma casa.

Discordo de coisas que o Lindberg o Lula que vacilou em vez de deixar o Lindberg ser governador deu a mão para reeleição do Cabral discordei na época, mas é da política, é o jogo. Lindberg foi senador e quando foi senador deixou de estar em Nova Iguaçu ,ocupando espaço que ele podia estar ocupando até hoje e a gente podia estar melhor enquanto sociedade não que isso seja só culpa do Lindberg porque a esquerda de Nova Iguaçu é desorganizado e nula sou filiado ao Psol, o Psol em Nova Iguaçu é nulo a última candidata de Nova Iguaçu pelo PSOL o discurso dela era solúvel, começa a falar e é um Deus nos acuda.

Eu acho que o pré-vestibular é um caminho para você voltar a falar de projetos coletivos, transformar o acesso do pobre no ensino superior deveria ser coletivo e não um projeto de sucesso individual, porque Deus quis, ou porque o coach disse tem que ser... coletivo porque cada filho de pobre que faz o nível superior ele aumenta a renda da família e é da família não é dele. Eu sou a prova viva disso a minha trajetória mostra que eu saio de desempregado em 2005 sem perspectiva, sem ensino médio, mal com ensino médio, hoje tenho minha matrícula pública em municípios que muita gente daria um dedo para estar nesse espaço.

A minha ex-mulher está indo para ser professora substituta na UFF é pela Educação, não é pelo rostinho bonito e nem indo para academia dando coice para ficar com a bunda na nuca. O que leva isso é a educação. É educação que transforma feita pela formação continuada.

E aí você tem os prefeitos te sacaneando eu não tô de licença, tô fazendo doutorado sem licença um prefeito simplesmente não deixa abrir o processo e o outro deixou e não responde. um é autoritarista Washinton Reis aqui de Duque de Caxias que não gosta de professor e quer que ele se fodam, 7 anos sem reajuste e beleza. E o outro é professor de Seropédica que se elegeu com a plataforma da educação e que está castigando a categoria. Cooptou todo o SEPE para ser membro do governo, todo SEPE que existir até a reeleição dele está nomeado. Deixou um outro gato pingado lá para compensar porque você dá esperança que eles serão nomeados em um próximo mandato é cruel essa situação.

O que te levou pro curso de história

: Então alguns fatores tudo fala sobre mim nesse caso fala sobre mim indivíduo primeiramente sou de uma casa fui criado em uma casa em que minha mãe é técnica de enfermagem de formação e meu pai torneiro e fresador mecânico. Eu sou de uma casa da classe operária típica de gente que fez ensino médio técnico nos anos 70 e 80 eu nasci em 81

e minha mãe faz estágio comigo pequeno eu sou mais cedo na zona Norte do Rio de Janeiro fiquei no Rio de Janeiro até 2 anos e uns meses e aí a gente veio para Nova Iguaçu em 84 porque Nova Iguaçu era mais barato.

Uma casa com duas crianças meus pais moravam em uma kitnet eu pequeno numa kitnet dava, mas, ia crescer. Eles moravam em colégio minha mãe formou, mas não foi trabalhar, meu pai é muito machista, muito racista, até hoje tenho muitas dificuldades com meu pai por isso. “Não, minha mulher não vai trabalhar enfermagem é coisa para piranha” nesse nível “trabalhar com enfermagem é para dar para os outros de madrugada” nesse nível de machismo, mas como era nos anos 70,80 meus pais tinham ensino médio técnico.

Só que os anos 80 não foram bem uma maravilha para a economia, o princípio de uma década perdida e a industrialização global no fim dos tigres asiáticos a gente chegou a estudar isso nos anos 90 na escola, o surgimento dos tigres asiáticos a gente via na escola. Vai ser percebido na escola nos anos 90, se chega na sala de aula é que já está acontecendo há uma ou duas décadas, não é à toa que a China superou os Estados Unidos no PIB no ano passado por essa corridinha. Por isso todo dia você vê falando mal da China os Estados Unidos estão com o cu na mão de perder a hegemonia, são 40 anos de crescimento regular médio 8, 9, 8, 9, 10 de PIB o resto do mundo oscilando quando muito ele entra em 1,5 e 2 então não dá para comparar 10% ao ano é muita coisa de dado, 40 anos disso.

E aí quando vira dos anos 80 para os 90 meu pai perde emprego na indústria, porque a indústria do Rio de Janeiro acabou, quem vem na Dutra que pega Brasil tudo em torno da Dutra e da Brasil que é favela hoje, era fábrica e fechou tiveram seus terrenos invadidos e virou comunidade. Então meu pai parte para a construção civil e eu bem pequeno começo ajudar ele. Peneirar areia, encher balde, bem pequeno 8 9 anos de idade. Primeiro trabalho leve, depois carregando, descarregando as coisas. Mas, meu pai dentro da ignorância e aí tô falando de ignorância nesse sentido social progressista ele era conservador meu pai sempre foi um cara do ler sempre vi meu pai com um livro lendo, coisa de interesse dele de mecânica, ele projetava coisas.

Meu pai devia ter feito engenharia, algum tipo de engenharia ele tem uma cabeça que funciona pra isso roda dentada de aço, era coisa de louca, as peças muito bem detalhadas, meu pai fazia os cálculos todos sem nível superior aquela coisa de Senai.

E aí a gente sempre foi do ler, eu tive a sorte de ter uma madrinha e um padrinho de classe média eram pais de um amigo do meu pai, ali no bairro do Rocha que tinha uma vida remediada uma pessoa que morava em apartamento e tinha telefone no início dos anos 90 para quem morava no Corumbá nos anos 90 eram ricos, chegava na casa deles tinha coca-cola signo de status social. Nos anos 90 eu tomava uma coca-cola por mês, se tornasse, era suco de caju e biscoito maria, era a merenda ,pão com ovo às vezes e a gente tinha vergonha levava a lancheirinha escondida não queria que os outros vissem o coleguinha comendo fandangos e você comendo biscoito maria com suco Maguary que fazia em casa e ele comprando coca-cola na cantina da escola.

Então essa minha relação com os meus padrinhos, meus padrinhos já é falecido e a minha madrinha está com 93/94 anos eles eram assinantes do Globo, ser assinante do jornal o Globo outro signo de status para essa época quando a gente ia visitar duas três vezes no ano ,no meu aniversário porque eu fazia aniversário junto com meu padrinho, e aí outra data às vezes na Páscoa, às vezes no Natal a gente ia duas três, vezes lá no ano e voltava com uma bolsa de jornal o Globo. E o caderno do meio que era o Globinho, tinha histórias em quadrinhos e pesquisas acadêmicas, meus trabalhos de escola todos eram feitos pelo globinho e ali naquele almoço a gente lia tudo.

Nos anos 90 um amigo do Brian conseguir um livro de RPG e a gente começou a jogar *Dungeons & Dragons* e até hoje a gente joga voltou a ficar na moda por causa de *stranger things* mas na época era *Dungeons & Dragons* os primeiro básico então eu me tornei leitor de coisas de aventura, de fantasia e aí nos anos 90 me tornei muito leitor eu tava no grupo jovem da igreja, jogava RPG, ao mesmo tempo comecei a andar de skate ouvir rock então, era uma pessoa muito plural não tinha grupo um grupo só, não parava num grupo só, essa questão do ler me acompanhou muito tanto que a minha ex-mulher que era uma menina muito estudiosa a gente se dava muito bem porque tinha muito assunto tinha muita coisa para falar.

Mas, nunca fui bom de matemática horroroso em exatas ,horroroso! aí quando fui para o João Luiz Nascimento escolhi logo eletrônica que ideia de girico! que burrice! que idiotice! não tem condição de acompanhar é matemática pura, física que é pior que é matemática, física pura ,física aplicada é muito pior que equação e inequação e aí eu não conseguia acompanhar o curso técnico. Mas, me dava bem filosofia, sociologia, história, geografia, na parte das humanas eu me dava bem. Em português eu não ia muito bem porque eu sou

péssima nos conceitos e não entendia o sentido. Hoje eu adoro conceitos, mas, eu tenho que sentar um dia para parar e estudar português pela lógica conceitual que assim eu aprendi a aprender. Só que a professora de português quando te ensino que amar mesoclise só quer te ensinar a regra, e aí só a regra é muito cartesiano, também é como se estivesse ensinando português pela lógica da matemática. E aí não funcionava para mim então eu tinha muita dificuldade com português nesse sentido da gramática. Mas, quando caia interpretação de texto eu arrebatava.

Quando chegou a hora de escolher a graduação teve um lance de teste vocacional eu achei horrível, mas, assim me direcionava para humanas. Só que assim eu fui fazer pré-vestibular velho comparada com a galera que tinha saído do ensino médio com 17, 18 anos eu já era casado e tinha filhos, já estava com outra maturidade minha mulher tava concluindo a graduação, meu irmão concluindo a graduação. Eu já sabia mais ou menos o que eu queria e o que eu não queria e ia dar conta, eu sabia que não ia dar conta nem de curso de exatas e sabia que não ia dar conta de nenhuma biomédica e nem tentaria porque não ia passar e o que sobrava os cursos de licenciatura que são os cursos mais baratos da faculdade você chega lá na faculdade é giz, lousa e saliva não tem laboratório, não tem não sei o quê é um professor te dando aula e você assistindo se você prestar atenção, entende. Se não prestar atenção, ferrou.

E aí geografia me interessa, eu gosto de geografia, mas a geografia humana e meu irmão fez Engenharia florestal ele estudava solos compartilhava disciplinas com geografia meu irmão me contava cada coisa que eu falava eu não tenho condições de dar conta da parte química, eu não tenho como dar conta da química da geografia, da matemática da geografia, que tem e aí o que sobra? Sobra história que é só ler e escrever.

Mais ou menos né, minha mulher briga comigo que eu falo que eu sou analfabeto funcional. Mas, eu sou analfabeto funcional. Eu sei ler e escrever pela prática se você me pergunta alguma coisa de gramática não te respondo nem amarrado. Eu não sei qual são os quatro Apocalipses do porquê, eu não sei como se faz, eu vou lá respondo e depois dou um Google do meu jeito. E a vida é hoje assim se tivesse que saber escrever para escrever, eu tava ferrado demais, mas para escrever como é em história eu dou meu jeito, eu sou analfabeto funcional dou meu jeito.

Agora não sabia que ia fazer história da Baixada Fluminense já sabia que existia minha mulher trabalhou no arquivo da procuradoria arquivando e digitalizando já conhecia Nielson, já conhecia Percival Tavares, uns pessoalmente os outros de nome. Mas, eu entrei na graduação achando que eu ia estudar Conan todo mundo conhece como mas pelos filmes mas eu conheci pelas HQs e o autor de Conan que se chama Eduardo ele é um texano que morre com 36 anos, morre muito novo e deixou o canoni do Conan tudo que se produziu de HQ depois 99,9% não foi feito pelo autor são pessoas usando a obra que ele deixou escrita e reproduzindo em grande escala mas o Eduardo está introduzido no universo literário em um lugar que a gente chama de Wars terror são aventuras bizarras, coisas esquisitas. então o war terror vai englobar desde o fim do século XIX até o meido...até hoje histórias bizarras por exemplo o Frankenstein, o Edgar Alan Poe era esse tipo de literatura e o Conan cinematográfico não tem nada a ver com as HQs o Conan é um personagem superinteressante porque o mundo do autor fala de uma era antes da nossa era.

Fala de um tempo antes da Atlântida afundar ele inventa o mundo que existia que é o nosso planeta antes da Atlântida e aí um catacrisma maluco afunda Atântidla e as civilizações regridem ao seu estado primitivo, e aí começa o nosso tempo só que esse mundo primitivo dele tem lá chinês, inglês, francês, só que com outros nomes e outros aspectos porque isso é fruto das ciências que estão surgindo no século XIX antropologia, sociologia e aí vai dando descrições narrativas muito perto da narrativa antropológica daquele tempo.

Então eu ia tentar enquadrar ele como personagem daquele tempo eu queria descobrir qual era o impacto do **Livestrô, Magnusvk**, Durkheim, Weber que geram a discussão nesse universo do dos Comamamaniacos só que na graduação eu descobri que a primeira coisa que é ter que aprender era a ler em inglês, eu odeio inglês ia ter que ler tudo em inglês. Porque o cara era texano e se correspondia com os caras da Inglaterra não é ter moleza nenhuma ia ter que ler inglês manuscrito de um texano e é ser um trabalho que eu não ia dar conta, aí preferi estudar Nova Iguaçu.

Então eu nasci na zona norte meus pais moravam antes de eu nascer no bairro colégio, bem na época que estavam construindo a linha 2 do metrô. Quando eu nasci eles ficaram um pouco, meu pai trabalhava na Klabin, uma fábrica de pisos, cerâmica, louça, essas coisas. Só que a Klabin era um modelo de fábrica fordista fabricava o piso, a caixa de papelão que embalava o piso. Então tinham todos os setores, a máquina que fazia piso quebrava do lado tinha um mecânico para consertar. Aí oficina mecânica que fazia a peça para consertar a

máquina, meu pai era da oficina mecânica então se quebrava uma roda dentada de 45 graus não podia parar a máquina o dia todo, máquina parada era milhares e milhões de dinheiro da época que deixava de entrar. Meu pai fazia a peça para máquina voltar a funcionar. Só que o aluguel um filho, aí vem outro filho a coisa fica apertada em Nova Iguaçu era a terra da oportunidade por causa dos loteamentos da ditadura.

o maior programa habitacional do Brasil é a minha casa, minha vida. Mas, antes do minha casa, minha vida o único programa habitacional foi BNH era o banco nacional de habitação que faziam casas para servidores públicos, principalmente federais não era para pobre. E aí o que aconteceu ali no bairro do Corumbá que fica em Nova Iguaçu lá no terceiro distrito construiu-se o conjunto dos automóveis, automóvel 1 e 2 e era destinada a militares da Marinha agora você imagina nem linha de ônibus tinha no lugar a esposa do camarada foi lá e disse eu não piso aqui jamais. Eu não venho morar aqui.

O cara recebeu uma casa da Marinha tava pagando as prestações, mas não ia poder morar lá porque a mulher não ia querer ir para lá, o cara que serve na Marinha serve perto da praia, do mar a não ser que você esteja no interior de Goiás. Imagina, o cara serve na praça Mauá ele vai sair do Corumbá que não tinha linha de ônibus, não tinha água não tinha padaria, imagina...uma mulher de militar dos anos 80 não vai! Ela tinha um padrão de vida muito melhor do que a maioria da sociedade simbolicamente. Ela não sentia igual ao resto da população, nos anos da ditadura o marido dela era alguém que tava por cima, ela ia sujeitar a ir morar no lugar que não tinha água? Jamais! E meu pai veio do nordeste qualquer coisa lucro. Barato, comprou então eu moro e me crio no Corumbá até casar com 23 anos em 2004, quando eu caso a gente construiu em Austin e fomos morar lá então eu migrei dentro de Nova Iguaçu.

Hoje como trabalho em duque de Caxias, eu aluguei uma casa, um apartamento em Duque de Caxias, mas, tenho um vínculo porque minha mãe vive em Corumbá. Então me divido, eu tô na Baixada Fluminense toda tô em Caxias, Seropédica, Nova Iguaçu. Até setembro do ano passado eu tava morando no Corumbá de novo, quando me separei fui morar na casa da minha mãe. Mas, aí entrei em outro relacionamento e alugamos o apartamento em Caxias e vivo nessa loucura de Nova Iguaçu por causa dos filhos, da família e é essa loucura aí.